FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13 3006

Diario de Lisbôa

DIRECTOR NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA | EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º | NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Mensagem

Da distancia no tempo, como presença espiritual que superou a passagem dos séculos e as suas transformações, a festividade do Natal traz nesta quadra a todos os homens a sua anunciação de amor, de ternura e de bondade. Repicam os sinos alegremente nas aldeias e nas cidades — mas é a alegria mais íntima e profunda de cada alma que se sente vibrar na atmosfera que todos respiram. Trocam-se votos de «festas felizes» sob fórmulas uniformes — mas é a originalidade sempre renovada do sentimento cordial, nos que enviam e recebem esses votos, que lhes confere um sentido humano para além de todas as fórmulas. Enchem-se de iguarias as mesas da consoada — mas é o alimento sentimental da generosidade e do bem-querer em cada consciência que imprime a esta quadra o seu melhor signo de abundancia.

É esse o Natal de hoje e o Natal de sempre: a mensagem «em espírito e em verdade» que aquece mais docemente os corações dos homens, que lhes faz sentir mais fundamente a comunidade efectiva do seu destino e a todos irmana na aspiração de um mundo mais humano.

Na simbólica realidade do Dia de Natal, de um só dia entre tantos dias, resgatam-se as ilusões, os erros e até os crimes de todos os demais: as ilusões das causas de desentendimento e incompreensão, os erros essenciais do egoísmo, da crueldade e da indiferença, os crimes que se geram na violência e no ódio. À lição triste da História, em que se retratam as divergências políticas e sociais, contrapõe a mensagem do Natal a perenidade das aspirações de harmonia e de paz; à experiência dolorosa da vida, que faz evocar as experiências amargas da incompreensão e dos desacordos quotidianos, substitui a festa da Natividade a experiência única mas resgatadora de um instante profundo de boa-vontade a que ninguém fica alheio. Sob o signo da boa-vontade universal se acende hoje no Mundo a luz suave em que tremula o que há de melhor e de

(Continua na pág. seguinte)

Diario de Lisbôa

PUBLICA HOJE **48**

PAGINAS

com colaboração de:

AQUILINO RIBEIRO

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

RAMADA CURTO

M. CALVET DE MAGALHÃES

ROGÉRIO PEREZ

URBANO TAVARES RODRIGUES

CÉSAR DOS SANTOS

VIDA LITERÁRIA

AUTOMOBILISMO

A cerimónia da entrega dos prémios a que presidiu o director do «Diário de Lisboa»

Foram anunciados os nomes

dos premiados no concurso de desenhos infantis

promovido pelo «Diário de Lisboa»

No salão da Casa da Imprensa (Rua da Horta Seca, 20), foi ontem inaugurada a exposição de arte infantil com obras apresentadas ao concurso «O Natal visto pelas crianças», iniciativa do «Diário de Lisboa». Num ambiente de cor e de movimento, foram anunciados os nomes dos vencedores do concurso, cuja lista publicamos nas páginas 24 e 25.

Estavam presentes o dr. Norberto Lopes, director do «Diário de Lisboa», dr. Ruela Ramos e eng. Pedro Manso, membros do conselho de administração da Renascença Gráfica, João Crisóstomo de Sá, chefe dos serviços administrativos, e dr. M Calvet de Magalhães, director

(Continua na página central)

Amanhã, como é de uso em igual dia dos anos anteriores, estão fechados todos os nossos serviços, não se publicando por isso o nosso jornal.

Eisenhower exortou

os Norte-Americanos

a auxiliar os povos na miséria

WASHINGTON, 24. — O presidente Eisenhower dirigiu á nação americana a tradicionad mensagem do Natal, cujo texto é o seguinte:

«Compariotas norte americanos, no país e no estrangeiro; amigos dos Estados Unidos; obreiros de uma paz justa, onde quer que estejais, seja qual for a vossa raça, bandeira, idioma ou credo:

«Mais uma vez, cabe-me o privilégio de acender as luzes da árvore da paz, na véspera da quadra do Natal — a quadra em que homens e mulheres de todos os credos fazem uma pausa e escutam, ganhando novo alento com a mensagem que encheu os céus de Belém há dois mil anos... Paz na Terra — boa vontade para os homens.

«Desde então, através da longa marcha dos séculos, a mensagem tem encontrado eco, todos os Natais, nas esperanças e nas orações da Humanidade.

«Este ano, para mim, pelo menos, as palavras dos anjos contêm sentido mais claro, significado

(Continua na 16.ª página)

Operado com êxito

aos 103 anos

MILWAUKEE (Wisconsin), 24 — Franklin Bentson, de 103 anos, foi submetido com êxito a uma operação cirurgica, no Hospital de Milwaukee, por fractura óssea.

A operação levou mais de duas horas. E' satisfatório o estado do doente. — (A. N. I.).

O meu Natal

há uns 50 anos

por Aquilino Ribeiro

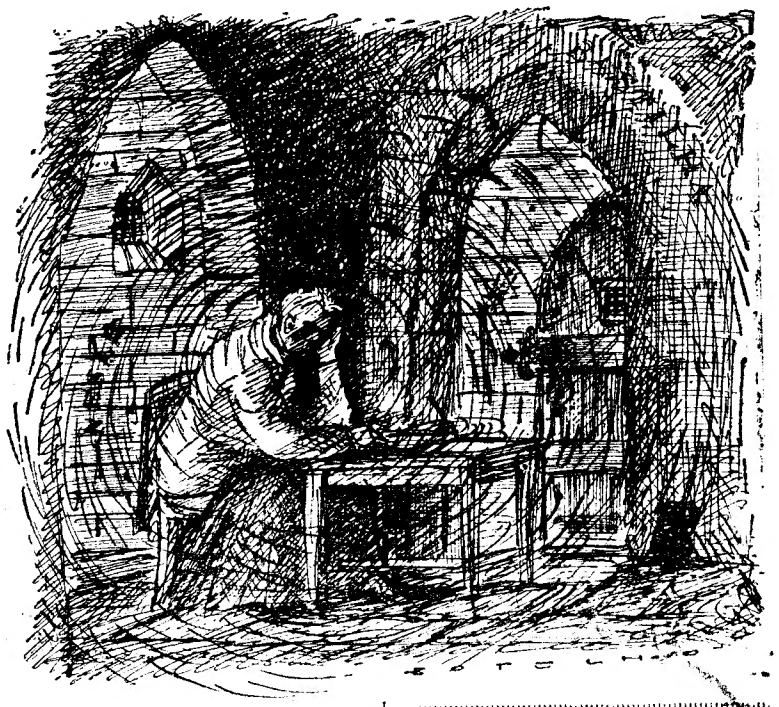
O Natal de 1907 passei-o no Caminho Novo. A esquadra era muito diferente do que é hoje. Compunha-se de um pequeno rectangulo sobre o oblongo, insulado entre o Posto de Desinfecção e a Rua João das Regras, térreo, com uma pequena videira á porta, de latada, entretenimento de guarda mais bucólico, lembrado das suas uveiras de enforcar. O calabouço ocupava a parte enterrada no solo, a cave. O seu único acesso era através do corredor que dividia o primeiro piso em dois compartimentos, um a saleta de expediente, com duas cadeiras de palhinha e uma mesa de pinho, tava a porta escancarada. Entrevi a barra de ferro, para pessoa só, cama feita com a sua coberta branca e travesseiro ao género das casas de hóspedes.

—É para mim?

—Não senhor. Tem ali em baixo mais á vontade. Já vai ver.

Era o estarim. Descia-se uma pequena escada, arrimada ao edifício e, á mão direita dum pátio, obra de cinco metros por cada face, com uma vespasiana ao fundo, contra a rua, topava-se uma porta espessa, cor de chocolate, com uma bruta fechadura e um ferrolho brutáceo de todo. Este ferrolho com a sua mudez rebarbativa de cão de fila,

(Continua na pág. seguinte)



outro o cubículo, com uma cama para o guarda de piquete. Quando transpus o limiar daquela casa, altas horas da noite, moído das muitas bolandas, es-

VISADO PELA CENSURA

VIDA ECONÓMICA

A evolução económica

de Portugal metropolitano

Os meios económicos melhor esclarecidos interrogam-se sobre o destino das suas actividades em face das perspectivas de um mercado que vai ser aberto progressivamente á concorrência internacional. As extraordinárias salvaguardas obtidas em Estocolmo sob a

(Continua na 7.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Mensagem

(Continuação da página anterior)

eterno no coração dos homens. Nas luzes dos presépios, das «árvores do Natal», das salas mais quentes onde se dissipam os frios hibernais, das ruas engalanadas, o que brilha verdadeiramente é a luz mais viva dos bons sentimentos. Por isso a festividade desta quadra está para além das crenças e descrenças, para além do tempo que tudo transforma e submerge, para além das diferenças de condição e de mentalidade. E' a festa de toda a gente, a imagem da universalidade intemporal, a vitória eterna da vida.

Da celebração com raizes imemoriais do renascer da Natureza, da legenda amorável do nascimento do Deus-Menino, gerou-se a Festa da Família — porque na família se representa, sob as formas mais directas, expressivas e constantes, a força eterna do amor humano. Da festa da família, alargando o seu significado e a sua irradiação sentimental e moral, gerou-se a jornada mais ampla dos bons desígnios de todos para todós. O Natal é presença de amor nos lares mas é também presença de boa-vontade em todas as relações humanas. As celebrações festivas, os votos que se permutam, os donativos que são distribuidos, envolvem no ambiente singular do bem-querer geral e da alegria generosa um mundo que não abdica das suas mais profundas razões de esperança. É a utopia do mundo melhor realizada num dia do ano — mas neste dia anunciando a promessa de um mundo melhor de todos os dias. Por isso importa conservar a tradição do Natal em toda a sua pureza, mas alargá-la sempre com as mil formas que podem tomar o amor e a generosidade nas relações humanas.

O «Diário de Lisboa» apresenta nesta data a todos os seus leitores e amigos, como família mais vasta que diàriamente se reune à volta das suas folhas em cada dia dispersas, os votos cordiais de boas-festas e Natal feliz.

Academia Brasileira de Letras

RIO DE JANEIRO, 24. — O dr. Austregésilo de Ataíde foi reeleito presidente da Academia Brasileira de Letras para o ano de 1960.

O dr. Luís Viana Filho foi eleito vice-presidente e os demais directores foram reeleitos. — (A. N. I.).

O meu Natal há uns 50 anos

(Continuação da pág. anterior)

que dorme ás suas horas, deu-me uma impressão angustiosa das temíveis idades bárbaras. A meus olhos ergueu-se o fantasma das casamatas, na Bastilha, Torre de Nesle, S. Julião da Barra, Junqueira, em que apodreceu muito filho de boa mãe. Aquele bicho, de facto, era para causar calafrios. Grosso como um braço, embainhava-se na parede com um rumor de marouço ou grunhido de fera estrangulado na glote. Por cima ficava o ralo, vinte centímetros quadrados repartido por vergas de ferro num xadrez em cujas casas mal caberiam dois dedos juntos. Em França chamam-lhe bem expressivamente «judas», pois que permite espreitar o preso sem que ele dê conta. Verdade seja que, na qualidade de traiçoeiro, também pode servir contra quem lhe encomendou tal missão. Ali estava destituido do seu papel, sendo mais cómodo espreitar o preso pela janela gradeada, que se abria á esquerda da porta, já sem caixilhos e sem coisíssima nenhuma, e ainda pelas lucarnas, ao rés do solo. Os guardas estavam a cada passo a servir-se da vespasiana, e vê-lo-lam mesmo que não quisessem. Também pelas lucarnas, embora rasteiras, atravessadas por um varão de ferro, o guarda que estivesse de plantão e que de ordinário amenizava o seu quarto com marchar de cá para lá, tinha-o sempre debaixo de olho.

O xelindró conservava apenas fora da terra a altura de tais frestas, duas sobranceiras á Rua dos Industriais, uma terceira, quase cega contra a parede das Inglesinhas, para lá do canal estreito por onde, momento a momento, entravam e saíam tonitruantes as carroças da desinfecção.

A mobília da cela, consistia por junto numa tarimba de casquinha, em plano inclinado, muito lisa, que tomava bem um quarto da superfície, e ao canto o infalível caneco das prisões portuguesas. Chão de betumilha, tecto de betumilha com uma viga de ferro ao meio, todas as frestas sem vidros, o vento podia entrar e bailar.

— Aqui tem o seu palácio...

Cama, roupa, água, cadeiras, dera-as Deus. Os cães tinham melhor. A unica misericórdia havida pelo preso, para não ter de alongar o corpo no frio pavimento, era aquele estrado de pinho.

«Tenho que largar daqui custe o que custar — foi o pensamento que imediatamente me veio á cabeça, — Como há-de ser?»

Passei o resto da noite a estudar o calabouço e a magicar. Depois de cem e um planos, mais loucos uns que outros, brotou a primeira ideia inspirada: o processo de abrir o ferrolho por dentro. Trazia uma gravata de seda ao pescoço que era sólida; atada a uma vara, com um laço no extremo, que passaria por um dos quadriculados do postigo, com um pouco de paciência devia agarrar o braço do ferrolho, o qual, não obstante a perpendicularidade, que não me parecia absoluta, era provável que cedesse ao empuxão. Para tanto, precisava de uma vara. Vara ou régua cortá-la-ia na aresta da tarimba com o hastil móvel da fivela do colete. Era uma questão de tempo e de paciência, factores de que um preso dispõe á farta. Portanto, mediante um preparo destes, posto que semelhante a um cego que lança a linha ao pego, milagre era se não pescasse o meu peixe.

Depois de ter feito esta descoberta, pareceu-me ela tão simples que disse com os meus botões: «mas é o ovo de Colombo!» Não seria para admirar que muitos presos tivessem chegado áquele resultado. O mais difícil eram precisamente os outros termos do problema.

A suprema aspiração do cativo, que não sabe o que o espera e ama a liberdade acima de tudo, é evadir-se. Os pássaros metem a cabeça, alucinadamente, pelas grades, segundo o instinto que lhes é mais imperioso. Fá-lo uma galinha, que é um animal aviltado, quando a mudam de capoeira. Compreende-se que me ocupasse desde logo com um plano de fuga, desenvolvendo a minucia e a porfia que um charadista põe a solucionar o seu logógrifo. O grande busílis era a fechadura, dado que não fossem insuperáveis os muros que circundavam aquele antro. Mas, pois que é pela porta que se entra e sai, de mais a mais que estava sempre debaixo de olho e não podia conceber arrombar a parede nem fazer uma mina por baixo da terra, por onde me esgueirasse como um rato, aliás não tinha com quê, era necessáriamente pela porta que havia de sair. Uma premissa já eu tinha, o domínio do ferrolho, o que para mim equivalia á conquista de uma praça forte. Garantida? Poderia cometer, ao primeiro ensejo, a experiência de tentear com mão cautelosa quanto o ferrolho teria de corrediço. Fui confiando.

Não tinha comigo mais que um lápis de tinta. Foi quanto me deixou nos bolsos o argos que me revistou. Com ele, naquela manhã de sol, de um Novembro como jamais o ciclo do tempo voltou a trazer a Lisboa, as varinas no vaivem a partir da Rua do Quelhas, a sua metrópole, alegrando os ares com os pregões de «vivinha a saltar» e quejandos para os pobres do bairro, escrevi na cal branca da parede, ao de leve, para o não gastar, «mutatis mutandis», em latim-latão, que decerto os meus esbirros não decifravam e me trazia desafogo:

«Eu, heu, me miserum, quando libertatem recuperavero?! Lapsus sum in gehennis, post hac quod agere nisi quaerere ut vincula rompere? Ita me dii juverint!»

Por alturas do Natal, ao perpassar diante de mim a primeira bandada de perus com o saloio de guarda-chuva pendurado do cachaço, carapuço verde, orla cor de fogo, botando um grito rouco parecido com o glu-glu das suas aves: «— Olha o casal de pirus»! «Isto é que é gado...» — já eu possuia os termos todos da minha equação. Todavia, nunca dali se tinham safado os tunos de mais alto bordo, destros de mão e ágeis de pé, incomparávelmente arteiros. Pois contava safar-se o filho de meu pai por ardil próprio e decisão, virtude e dinamica que todo o homem tem de reserva em si, pedidas á raposa, ao tigre, á serpente, e que o tornaram o soberano da espécie.

Essa noite de 24 de Dezembro, noite boa, em vez das filhoses da Consoada foi esperança o meu alimento de alegria. E na parede registei um hossana inebriado sem ter bebido vinho:

«Laeta spes fortitudo mea, evohe!»

AQUILINO RIBEIRO

(Do livro inédito: «Tempos do meu tempo»).

Regressou de Toulon

o draga-minas «Angra do Heroísmo»

Regressou esta tarde ao Tejo o draga-minas «Angra do Heroismo», proveniente de Toulon e sob o comando do 1.º tenente Rudolfo da Veiga Prata de Vasconcelos. A referida unidade naval esteve naquele porto francês, a fim de proceder á desmagnetização.

LACO

DISTINÇÃO E ELEGANCIA

GRAVATAS
CACHECOLS
LENÇOS DE ABAFO

LACO
HAMBURGO • ALEMANHA

PERFUMARIAS
PRODUTOS DE BELEZA
BIJOUTERIAS
NOVIDADES
BRINDES DA QUADRA DO NATAL
VISITE A
PERFUMARIA Zinália
R. AUGUSTA, 180 — LISBOA
BRINDES AOS CLIENTES DURANTE A ÉPOCA DAS FESTAS

PARA BRINDES

...um vinho qualquer...
É O FAMOSO ESPUMANTE NATURAL
ASSIS BRASIL
Da
Real Vinicola

FILIAIS:
LISBOA — R. S. Paulo N.º 80 — Telefone 22556
PORTO — Rua Entreparedes N.º 44 — Telefone 21440

FERROS ARTISTICOS
Serralharia Artística
Vicente Joaquim Esteves
FUNDADA EM 1889
SUCESSOR FILHO
João Luís Esteves

Mudou para as suas novas instalações na Rua de Campolide, 181 — Telef. 681738
LISBOA / PORTUGAL

CONSERVE-SE BEM BARBEADO POR MAIS TEMPO

Este novo produto para barbear, graças às suas qualidades de penetração e ao extracto de lanolina * nele contido permite escanhoar-se a fundo sem irritar a pele.

WILLIAMS LUXURY SHAVING CREAM
O melhor creme para barbear do mundo. Mentolado ou normal.

(*) Lanolina concentrada 25 vezes.

WILLIAMS GLIDER
Creme de barbear, aplicável sem pincel, que penetra fundo na pele; também contém extracto de lanolina.

Deseja Boas-Festas e um Ano feliz a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

JOIAS RELOGIOS
CASA ANIBAL TAVARES
R. DA PRATA 95-97
PRATAS ARTISTICAS

ARIPS-UNIPREÇO
RUA DE SANTA JUSTA, 109
RUA DO CARMO, 64
Desejam a todos os seus Clientes e a todos os seus fornecedores um Natal e Ano Novo muito feliz.

FESTAS DO NATAL

Nos hospitais e nas prisões

Graças á inlciativa do nosso prezado colega «Diário de Notícias», efectuaram-se hoje a exemplo dos anos anteriores, festas do Natal (em numero de 18), nos hospitais «nas prisões de Lisboa, nos quais colaboraram, gratuitamente, cerca de novecentos artistas que, desinteressadamente, deram a tanta gente enferma ou encarcerada, alguns momentos de alegria e de alivio.

No principal — que foi retransmitido pela Radiotelevisão Portuguesa e que começou ás 16 horas, no Hospital de São José — assistiram os srs. drs. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saude e da Assistência Social. Dirigiu-o o actor Erico Braga, coadjuvado pelo locutor Jorge Alves, e pelos maestros António Melo e João de Vasconcelos; e nele colaboraram: Alfredo Ruas, Maria José Valério, a «Escola do Samba», da companhia Maria Della Costa, o elenco da Adega Machado, Manos Alexandres, Ilda Isolina, maestro Cruz e Sousa, Elmano Gonçalves, Luís Mendonça, António Engénio de Almeida, orquestra «Dancing Lisboa», Lina Maria, Fernanda Borsati e companhia do Teatro ABC.

Mercê da valiosa colaboração de diversas entidades, foram instalados receptores de televisão em centenas de hospitais, asilos, escolas e prisões de todo o País, a fim de tão interessante espectáculo ser apreciado.

Em Lisboa, exibiram-se também, diversos artistas: nos hospitais de Santa Maria, de Miguel Bombarda, de D. Estefania, do Desterro, de Santo António dos Capuchos, de Arroios, de Santa Marta, da Estrela, da Marinha e Curry Cabral (Rego) —onde a Caritas Portuguesa colocou um presépio e um árvore de Natal; nas maternidades Alfredo da Costa e Magalhães Coutinho; no Asilo dos Velhos, de Marvila; no Sanatório D. Carlos I; e nas cadeias: Penitenciária, do Limoeiro, das Mónicas e de Monsanto.

Campanha do Bolo do Natal para os Pobres

A Campanha do Bolo do Natal para os Pobres, da iniciativa do nosso prezado colega «Diário Popular», teve, como no ano passado, carácter nacional, estendendo-se a mais de duzentas cidades e vilas do Continente, e subindo as inscrições, em todo o País, a mais de cinquenta mil.

Em Lisboa, foram distribuidos 3.500 bolos-reis, para a consoada desta noite, durante a tarde de ontem e o dia de hoje, por pessoas da organização, transportadas em furgonetas, a pessoas concentradas na Rua dos Bacalhoeiros, nas praças de Luís de Camões, da Figueira e de José Fontana e no Largo do Calvário. Assistiram á distribuição os membros das respectivas Juntas de Freguesia que colaboraram com a Campanha, indicando os nomes dos pobres que deviam ser contemplados.

Na Escola Machado de Castro

Comemorando a quadra festiva do Natal, houve na Escola Industrial Machado de Castro, a exemplo dos anos anteriores, a festa dos alunos com a distribuição de um bodo a mais de 350 famílias, protegidas pelas actividades de beneficência que têm vindo a desenvolver-se progressivamente na referida escola. O bodo constou de géneros alimentícios e agasalhos.

Antes da distribuição, procedeu-se á inauguração de uma exposição de presépios, entre os quais figura um falado e cantado pelos alunos, sob a direcção dos professores e mestres daquele estabelecimento.

Estiveram presentes, na cerimónia inaugural, os srs. dr. Bento Roque, inspector do Ensino Técnico Profissional, que representava a respectiva Direcção-Geral, capitão Chaves de Carvalho, delegado distrital da Mocidade Portuguesa, o director da escola, arquitecto Edmundo Tavares, o corpo docente, alunos e respectivas famílias, que enchiam a sala por completo. O director da escola proferiu uma pequena alocução.

Asilo D'Espie Miranda

Também na associação de beneficência particular Asilo D'Espie Miranda, em Campolide, haverá amanhã, uma festa de Natal, com almoço, lanche, distribuição de lembranças, na qual os internados se reunirão com familiares e benfeitores daquela instituição.

No Grupo Desportivo do Silvado

O Grupo Desportivo do Silvado (Odivelas), distribuirá amanhã, donativos pelas vrianças pobres do lugar, agasalhos e um pequeno lanche, com a presença de entidades oficiais..

No Hotel Eduardo VII

No Hotel Eduardo VII, realizou-se, por iniciativa do seu conselho de administração, uma festa dedicada aos filhos dos seus empregados, que se tornou extensiva aos filhos dos empregados do Hotel Continental de Luanda, propriedade da mesma empresa. As crianças, que receberam diversas lembranças, foram também obsequiadas com uma merenda, depois de assistirem a uma sessão de cinema.

Na Academia Dramática Familiar

Na sua sede, Rua da Praia de Pedrouços, 76-78, a Academia Dramática Familiar, promove amanhã, a sua festa de Natal. Às 10 horas, haverá distribuição de vestuário e calçado a 21 criancinhas pobres do bairro e de géneros alimentícios ás 8 pobres mais idosas, seguindo-se um pequeno almoço a todos os contemplados.

Às 16 horas, será distribuido um lanche aos filhos dos associados pelos quais serão sorteados dois prémios.

Junta de Freguesia da Graça

A Junta de Freguesia da Graça distribui hoje, ás 19 horas, na sua sede, um bodo aos pobres seus protegidos.

A festa para os filhos dos funcionários do Arquivo de Identificação

O Grupo Desportivo e Cultural do Pessoal do Arquivo de Identificação dedicou aos filhos dos funcionários daquele organismo, num do salões onde estão instalados os respectivos serviços, uma linda festa de Natal, que incluiu variedades por categorizados artistas, exibição de palhaços e outros atractivos. Foram distribuidos ás crianças brinquedos e merendas.

Assistiram á festa a sr.ª D. Maria Helena Antunes Varela, esposa do sr. ministro da Justiça, que procedeu á distribuição dos brinquedos; os srs. drs. Carlos de Matos Moreira, director-geral dos Registos e do Notariado e António Machado, director dos Serviços de Identificação; funcionários dos Serviços e suas famílias.

O grupo de crianças que assistiu á festa do Natal promovida pelo Grupo Desportivo da Casa Eng.º Nunes Correia

Foi muito apreciado um presépio, que está exposto numa sala anexa ao salão onde se realizou a festa, com figuras, em papel estanhado, que foi executado pela sr.ª D. Maria Helena Neves, funcionária dos Serviços.

Fundação GAM

A direcção da Fundação GAM (dos funcionários do Grémio dos Armazenistas de Mercearia) levou a efeito, hoje á tarde, na sua sede, na Avenida da Liberdade, 166, uma festa, dedicada aos filhos dos seus associados, constante de: exibição de filmes, distribuição de brinquedos e guloseimas, lanche, e apresentação dos palhaços Armand, Raulito & C.ª. Na sala, encontrava-se armado um presépio.

Sociedade Industrial Farmacêutica

Efectuou-se hoje, nos salões do «Espelho de Agua», em Belém, uma festa de Natal oferecida pela administração da Sociedade Industrial Farmacêutica aos filhos dos seus funcionários.

Constou de um espectáculo de palhaços, de distribuição de prendas e agasalhos a cerca de centena e meia de crianças e de uma merenda para todos os funcionários e as suas famílias.

Presidiram os administradores da Sociedade, srs. drs. Geraldo Matta, administrador-delegado e José Coelho da Cunha e José de Oliveira Miranda.

Casa das Beiras

Efectua-se amanhã, a partir das 16 horas, na Casa das Beiras, no Largo de S. Domingos, 14, 2.º, uma «matinée» dançante, durante a qual, numa sala anexa á do baile, serão distribuidos brinquedos aos filhos dos associados.

Estudantes goeses

Como de costume, os estudantes goeses que estão tirando cursos na Metrópole tiveram hoje a sua festa de confraternização do Natal, que decorreu no Largo de São Mamede, n.º 1. Estiveram também presentes monsenhores Martins e Graciano. O notável pianista goês Noel Flores, deu um interessante recital.

(Continua na 11.ª página)

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para podermos manter a eficiência dos nossos serviços e, assim, acompanhar o progresso de Lisboa e concelhos limítrofes, vemo-nos na necessidade de interromper no próximo Domingo, 27, a corrente eléctrica nas seguintes zonas:

1.ª ZONA — Rua dos Remédios a Alfama e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

2.ª ZONA — Ruas B e C ao Bairro da Liberdade. (Das 8 ás 12 horas).

3.ª ZONA — Rua Ilha Terceira, n.º 46 — pátio. (Das 8 ás 12 horas).

4.ª ZONA — Ameixoeira e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

5.ª ZONA — Charneca e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

6.ª ZONA — **OEIRAS: Laveiras, Murganhal, Reformatório de Caxias e Bairro Residencial.** (Das 8 ás 14 horas).

7.ª ZONA — **SINTRA: Belas, Idanha e Venda Seca.** (Das 7.30 ás 15 horas).

8.ª ZONA — **Carregado, Alenquer, Ota (Vila) e Base Aérea Militar, Abrigada, Aldeia Gavinha, Aldeia Galega, Merceana, Olhalvo, Pocariça, Labrugeira, Cerâmica Fortes, Cerâmica Cruz, Adega Cooperativa de Olhalvo, Quinta do Falou, Quinta dos Plátanos e toda a zona industrial entre Carregado e Abrigada (incluida).** (Das 7 ás 15 horas).

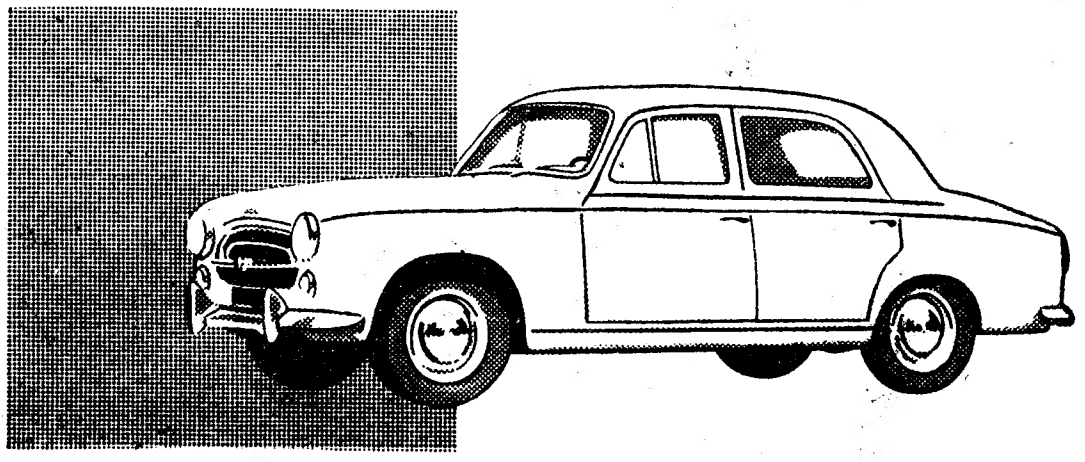
9.ª ZONA — **VILA FRANCA DE XIRA:** Rua Joaquim Pedro Monteiro, Rua Curado, Rua Sacadura Cabral, Rua Miguel Bombarda (parte), Bairro da Fábrica de Fiação de Lãs, Estrada da Pedra Furada, Rua do Jardim, Rua da Fonte Nova e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

Drogaria e Perfumaria
CEZAL
CASA FUNDADA EM 1910
Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Productos de beleza e reputação mundial sabonetes Franceses, Americanos e Ingleses Pinaud Camay, Palmolive, etc.
A célebre pasta dentifrica Colgate a 19$80 cada. Cremes de barba Ingram Colgate Palmolive. Gibbs Gillette de fabrico de origem, etc
RUA DO COMÉRCIO, 12 e 14
TELEFONE 26493 LISBOA

LAREIRA
RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
JANTAR DE NATAL
REVEILLON 1959-60
RESERVAM-SE MESAS
Praça das Aguas Livres, 8-1
Tel. 689627

O CASINO ESTORIL
apresenta amanhã em «matinée» e à noite o seu sensacional «show» com a vedeta internacional
JUNE RICHMOND
Na «matinée» chá completo, com todas as atracções 25$00
(MAIORES 17 ANOS)

HOTEL EMBAIXADOR
Apresenta amanhã em «matinée» e à noite o seu categorizado show
COM
IVY RODAN
E
LAURA MELLEC
NA «MATINÉE»: CHA COMPLETO, 25$00
(Maiores 17 anos)

403 Peugeot

Elegante — Confortável — Robusto
Representantes para o Sul
MOCAR, L.DA
Av. António Augusto de Aguiar, 19-A - LISBOA

AMANHÃ ESTREIA
ÀS 15,30 NO
ROMA
Telef.: PLATEIA 727778
BALCÃO 729192

UM AMOR DIFÍCIL...
UM MATRIMÓNIO SEM MEIOS...
UM HOMEM SEM TRABALHO...
OBSTÁCULOS SEM FIM...

Divertido!
Satírico!
Sentimental!

MATINÉE-MAIORES DE 6 ANOS
NOITE-MAIORES DE 12 ANOS

DOPERFILME

ASSISTEM A ESTREIA DESTE INCONFUNDIVEL FILME, NOS ESPECTACULOS DAS 15.30 E 21.45, OS SEUS PRINCIPAIS INTÉRPRETES: A «ESTRELA» ANALIA GADE E O REALIZADOR, PRODUTOR E ACTOR FERNANDO FERNAN GOMES, OS QUAIS SERÃO APRESENTADOS AO PÚBLICO POR FERNANDO PESSA

SÃO JORGE

TEM O PRAZER DE APRESENTAR

AMANHÃ

渡輪澳港

ÀS 15.15
ESTREIA EXCEPCIONAL

CURT **JURGENS**
ORSON **WELLES**
SYLVIA **SYMS**

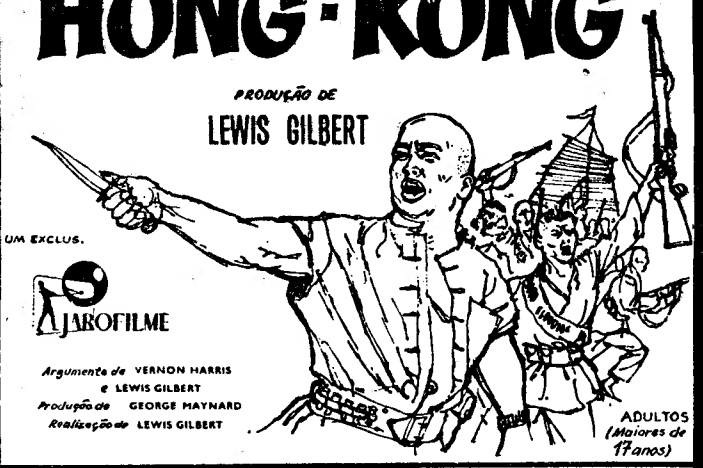
JEREMY SPENSER · NOEL PURCELL

CINEMASCOPE
EASTMAN COLOR

...O MAIS ESPECTACULAR!

PASSAGEM PARA HONG-KONG

PRODUÇÃO DE
LEWIS GILBERT



UM EXCLUS. JAROFILME

Argumento de VERNON HARRIS e LEWIS GILBERT
Produção de GEORGE MAYNARD
Realização de LEWIS GILBERT

ADULTOS (Maiores de 17 anos)

PARA COMODIDADE DO PÚBLICO E DADO O INTERESSE DESPERTADO POR ESTA ESTREIA, AS BILHETEIRAS ABREM AMANHÃ, EXCEPCIONALMENTE, AS 11 HORAS DA MANHÃ

AVIS

AMANHÃ-ESTREIA ÀS 21.45 NO

MAIORES DE 12 ANOS

A B C

Princesa DALILAH

Emp. Teatral ABC, Lda.

Tel. 36 67 45

ADULTOS M/ 17 ANOS

José Miguel apresenta

Às 20,30 e 22,45 h.

A POPULAR REVISTA

DELÍRIO em LISBOA

COM A SUPERATRACÇÃO
DALILAH
A' FRENTE DE UM GRANDE ELENCO

Amanhã, Sábado e Domingo
MATINÉE A'S 16 HORAS
BILHETES A' VENDA HOJE E DIAS SEGUINTES

Teatro Capitólio

SANDRO apresenta
ULTIMOS DIAS
MARIA DELLA COSTA
na comédia
Sociedade em Pijama

Atenção:
Hoje véspera de Natal o espectáculo terá início ás 21 horas prefixas.

Amanhã:
Grandiosa matinée ás 16 horas (Esp. Maiores 17 anos)

RETIRO

CALÇADA DE CARRICHE
ADULTOS

RESTAURANTE – BOïTE – FADOS

A GERENCIA COMUNICA AOS SEUS EX.mos CLIENTES E AMIGOS QUE NA VESPERA DE NATAL SE ENCONTRA ENCERRADO, PARA A CONSOADA DO SEU PESSOAL E SUAS FAMILIAS.

DIA DE NATAL, EMENTA ESPECIAL

GRANDIOSO REVEILLON DE FIM DO ANO—**T. 910168**

Márcia Condessa

(Restaurante Típico) PRAÇA DA ALEGRIA, 38
TEL. 36 70 93

A **MARCIA** DESEJA A TODOS OS SEUS AMIGOS, CLIENTES E COLABORADORES, FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO

— AMANHÃ, DIA DE NATAL, JANTAR ESPECIAL —
MARQUE A SUA MESA

Reveillon · Fados · Alegria · Surpresa

Em ALHANDRA o «DIARIO DE de CECÍLIO AUGUSTO COSTA. LISBOA» vende-se por intermédio

MÁRIA VITORIA

EMP.ª «E. SALVADOR e R. MARTINS, LT.ª»

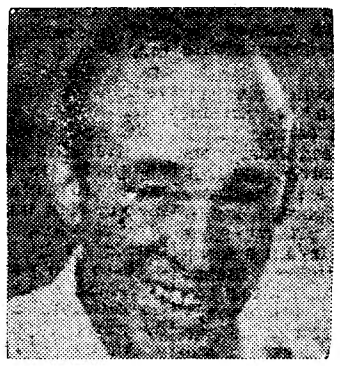
2 SESSÕES ÀS 20.30 E 22.45

AMANHÃ

ESP.ª À TARDE ÀS 16 HORAS

ADULTOS — M/17 ANOS

SALVADOR



E TODOS OS SEUS COLABORADORES NA REVISTA POPULAR

TUDO NA LUA

SAÚDAM TODO O PÚBLICO E A TODOS DESEJAM

NATAL FELIZ

MAXIME

A FIRMA GALIANO & SANTOS, L.DA

DESEJANDO A TODOS OS SEUS EX.mos CLIENTES E AMIGOS

UM NATAL FELIZ

E UM ANO NOVO PRÓSPERO

INFORMA QUE O «MAXIME» ENCERRA AS SUAS PORTAS NA NOITE DE 24 PARA 25 DE DEZEMBRO, A FIM DE PODER PROPORCIONAR A SEUS COLABORADORES UM NATAL COM SUAS FAMÍLIAS, E AOS ARTISTAS ESTRANGEIROS, SEUS CONTRATADOS, UMA NOITE EM AMBIENTE FAMILIAR, NA «COVA DO GALO» (O BAR DOS ARTISTAS).

TRINDADE

HOJE VESPERA DE NATAL NÃO HÁ ESPECTÁCULO

AMANHÃ DIA DE **NATAL**, ÁS 15.30 E ÁS 18 H., DOIS ESPECTÁCULOS PARA **MAIORES DE 4 ANOS**

ESTREIA EM PORTUGAL DA FAMOSA COMPANHIA DE

MARRIONETTES

de JACQUES CHESNAIS

OS COMEDIANTES DE PAU

UM PROGRAMA MARAVILHOSO PARA PEQUENOS E GRANDES

As crianças até 10 anos acompanhadas têm entrada grátis

Á NOITE, ÁS 21.30 (17 ANOS) — O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

12 HOMENS FECHADOS

de REGINALD ROSE, tradução de LUÍS GALHARDO (Filho)

A abrir o espectáculo — A FARSA de GARCIA LORCA

AMOR DE D. PERLIMPLIM

HOTEL VALE DE LOBOS

REVEILLON 1959/60

O mais animado, o de melhor ambiente e o de boa ementa, com serviço esmerado, só no

HOTEL VALE DE LOBOS

Reserve sem demora uma das poucas mesas que restam

CONJUNTO YORKE MELODIES

com FERNANDO REIS **ao microfone**

Informações e reservas pelos telefs. 094846, 094843 e 726111 —— Maiores 15 anos

Restaurante A GONDOLA

O seu Proprietário cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes FELIZ ANO NOVO.

Este restaurante encontra-se aberto no dia de Ano Novo

AVENIDA DE BERNE, 64 — TELEFONE 770426 — LISBOA

ATENÇÃO AO CARTAZ DE SABADO

UM NOVO ELENCO EXCEPCIONAL

COM A ESTREIA DE UMA

SUPER-ATRACÇÃO ITALIANA

Parapoga

Telef. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

NOITE FIM DO ANO: O MAIS SENSACIONAL

REVEILLON

COM MUITAS E NOTÁVEIS SURPRESAS

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

com os cantores ANTÓNIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172

15.00, 18.15 (p. r.) 21 h. (M/12 anos)

Um filme que evoca os feitos quase lendários da famosa batalha de Nova Orleãs

O CORSÁRIO LAFITTE

com **Yul Brynner, Charlton Heston e Charles Boyer**

A fim de terminar antes da meia-noite, o espectáculo começa ás 21 horas

EDEN — Telefone 70768

15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)

A MIUDA

c/ **Romy Schneider**

Um espectáculo cheio de graça e de encanto

ALVALADE — Telefone 763080

15.15 (p. r.) 21 h. (M/12 anos)

A heroica e generosa aventura de **Jean Lafitte** o ultimo dos corsários

O CORSÁRIO LAFITTE

com **Yul Brynner, Charlton Heston e Claire Bloom**

A fim de terminar antes da meia-noite, o espectáculo começa ás 21 horas

CONDES — Telefone 22523

15.15, 18.15 (p. r.) e 21.15 (M/6 anos)

Uma história de intriga... espectacular como o próprio circo!

O MAIOR CIRCO DO MUNDO

com **Victor Mature, Red Buttons e Ronda Fleming**

O espectáculo termina antes da meia-noite. Amanhã, o mesmo programa

ODEON — Telefone 26283

15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

Zully Moreno e **Alberto Glosas** em

ABRIL EM PORTUGAL

Uma comédia, com ar de comédia, intenção de comédia e...

TIVOLI — Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9,30 da noite (M/17 anos)

2.ª SEMANA

O maravilhoso filme em Tecnirama e tecnicolor

LUA DE MEL

com os célebres bailarinos **António e Ludmilla Tcherina**

Os admiráveis bailados: **«O Amor Bruxo» e «Os Amantes de Teruel».**

POLITEAMA — Telefone 26305

A's 21.30 horas: **Grandioso êxito**

Uma extraordinária realização do famoso mestre Howard Hawks

RIO BRAVO

com **John Wayne, Dean Martin, Richy Nelson e Angie Dickinson**

Technicolor — (Maiores 12 anos)

Hoje, ás 18.15 Ses. da Série **«Os grandes romances de amor»** (M/12 anos)

AVIS — Telefone 47163

15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)

Um filme de acção e suspense

MOEDA FALSA

com **Ray Danton, Leigh Inowden e Grant Williams**

Amanhã, ás 21.45, ESTREIA **«A bailarina e o bom Deus»** (M/12 anos)

RESTELO — Telefone 610375

21.15 (M/12 anos)

Um dos maiores êxitos

AMORES REAIS (DONDE VÁS, ALFONSO XII?)

com **Paquita Rico**

O espectáculo termina antes da meia-noite

TERRASSE — Telefone 20917

21.00 (M/12 anos)

OS DEZ MANDAMENTOS

LIZ — Telefone 48560

21.00 (M/17 anos)

CARMEN (La de Ronda)

GATUNOS ROUBADOS

CASINO ESTORIL

GUINGUETTE

21.30 (M/17 anos) com Zizi Jeanmaire

IMPERIO — Telefone 55134/5

21.00 (M/17 anos)

Sophia Loren e Cary Grant

num filme feliz, aberto á alegria do coração

QUASE NOS TEUS BRAÇOS

— Technicolor —

O espectáculo termina antes da meia-noite

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54157

15.15, 18.15 e 21.15 (M/17 anos),

Josff Chandler Jack Palance Martine Carol

em

A UM PASSO DO INFERNO

A história de seis homens que realizaram um pacto macabro!

O espectáculo termina ás 23.30

Amanhã, ás 15.15, ESTREIA: **«Passagem para Hong-Kong»** (M/17 anos)

ROMA — Telefone 727778

15.30 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

A maior revelação do cinema francês LINO VENTURA num excitante filme de «suspense»

AGENTE SECRETO N.º 1

com **Charles Vanel e Lella Darvi**

O espectáculo termina antes da meia-noite

Amanhã, ás 15.30

MONUMENTAL — Telefone 55131

A's 15.15 e 21.30 (M/6 anos)

3.ª SEMANA

A mais linda história de amor, contada na obra-prima de **Walt Disney**

A BELA ADORMECIDA

Falado em português

Em complemento: **«O grande Canion»**

Plateia, 1.º e 2.º balcão

O espectáculo termina antes da meia-noite

Peça o programa do «REVEILLON»

CINEMA IDEAL — Telefone 24194

21.00 (M/17 anos)

POLICIA INTERNACIONAL A LOUCURA DO ROCK

ROYAL — Telefone 845037

21.00 (M/6 anos),

JOSELITO (O PEQUENO PASTOR) AVENTURAS DO SR. SAGRO

DOÇARIA CASEIRA

UMA PEGA 6$50 — CAFÉ DE BALÃO

NO **BAR RIBATEJO** — PRAÇA DO AREEIRO, 11 D

TEATROS E CINEMAS

No Monumental

Dois grandes filmes de Walt Disney

O Monumental apresenta um verdadeiro programa de Natal oferecendo a todas as crianças um espectáculo Walt Disney: o grande desenho animado «A bela adormecida» e o documentário «Grande Canyon». Estes dois filmes são projectados em supertechnirama de 70 m/m, um processo idêntico ao Todd-AO, em condições que só o Monumental pode oferecer ao publico português.

No Trindade

Amanhã, estreia dos «Comediantes de Pau»

Jacques Chesnais, um dos grandes nomes do mundo das «marionettes», apresenta-se, amanhã, em dois espectáculos, ás 15 e 30 e ás 18, no Teatro da Trindade, com os seus famosos «Comediantes de Pau». Na primeira parte do programa, veremos a deslumbrante parada de «O grande circo» e, na segunda, uma série de quadros encantados como «Fantasia submarina», Flores encantadas», «Bolas Misteriosas», etc. Os preços não foram aumentados e os «Comediantes de Pau» estarão entre nós até ao Ano Novo.

Primeiras exibições

«Abril em Portugal», no Odéon

«Una gran señora» chegou a Lisboa com o título «Abril em Portugal», e muito justificadamente porque tem por motivo musical a famosa canção e a maior parte da acção se passa no Estoril, constituindo bom cartaz até para o vinho da Madeira, frequentemente celebrado por Jesus Tordesillas, um dos excelentes intérpretes do filme. Este, Isabel Garcés, há largos anos mimada no «Infante Isabel», e Alberto Closas, um dos novos valores do teatro espanhol, constituem trio estimado em Espanha, ainda reforçado por Zully Moreno, a bela argentina que vimos na versão cinematográfica de «Deus lhe pague». Yvette Lebon e Lopez Vazquez contribuem para a boa representação do filme, realização graciosa de Amadori, dialogado, espectáculo agradável e com um bom documentário do Alaska, desenhos animados e um jornal de actualidades. — *Visor 70.*

«Quase nos teus braços», no Império

O Império ofereceu ontem o brinde do Natal aos seus espectadores: chama-se «Quase nos teus braços» («Hanse boat», no título original) e foi apresentado por Cary Grant, Sophia Loren, Marta Hyer, Charles Herbert e três temíveis e adoráveis garotos. O brinde — a história feliz contada em «Quse nos teus braços» — foi encerrado na caixa mais original que imaginar se pode: uma casa flutuante que faria a felicidade do mais exigente morta!

Alegria e sensibilidade, graça e ternura, felicidade e amargura alternam-se neste romance em *VistaVision* realizado por Melville Shavelson, em que abundam belas canções e as situações mais picarescas, das que fazem explodir as gargalhadas.

Cary Grant domina como grande senhor, mas Sophia Loren dá-lhe a melhor réplica e não raro lhe arrebata o ceptro de rei do magnífico espectáculo que é «Quase nos teus braços». Martha Hyer, com o talento habitual, é uma tia... divinal. Os três rebentos de Cary Grant não têm qualificação possível. Mas arriscamo-nos a dar uma ideia: um será o diabo; dois constituem um tribunal; os três deixam-nos antever o Inferno.

Um autêntico brinde de Natal oferecido ao publico que ainda não perdeu o gosto pelos bons espectáculos.

Os complementos são muito interessantes. — *Visor 55.*

As estreias de amanhã

No S. Jorge

Título — «Passagem para Hong-Kong».
Produção — Inglesa.
Interpretação — Orson Welles, Curt Jurgens, Sylvia Syms.
Argumento — O drama de um apátrida nos mares da China.
Processo — Cinemascópio e Eastmancolor.
Classificação — Maiores de 17 anos.

No Avis

Título — «A bailarina e o bom Deus».
Produção — Italiana.
Realização — Leonviola.
Interpretação — Wera Cecova e Vittorio de Sica.
Argumento — Uma história enternecedora.
Processo — Normal.
Classificação — Maiores de 12 anos.

No Roma

Título — «O amor e uma cabana».
Produção — Espanhola.
Realização — Fernando Fernan Gomez.
Interpretação — Analia Gade, F. F. Gomez, José Isbert.
Argumento—Como poderá um casal viver sem casa? Eis o problema!
Processo — Normal.
Classificação — Maiores de 6 anos.

O Natal no Coliseu!

ALEGRIA DAS CRIANÇAS

Maravilha das maravilhas. Hoje, num espectáculo a que podem assistir crianças de todas as idades, a Grande Companhia de Circo do Natal com as maiores atracções da actualidade. Amanhã, Dia de Natal, à tarde, dois espectáculos: o 1.º às 14,30 e o 2.º às 17,15

Natal festa das famílias. Natal, encanto do Mundo — Natal, Paz nas almas e nas consciências. Rir! Rir! Rir! A vida são dois dias. Todas as crianças e adultos, no Coliseu! Hoje, num espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos, a Grande Companhia de Circo do Natal. Parada maravilhosa de novidades: Kinito, o «Rei» dos palhaços e malabaristas, ciclistas, escada aérea, saltadores acrobatas, pêndulo humano, trapezista, ursos japoneses, corda tensa, parodistas musicais e duas originalíssimas e engraçadas parelhas de palhaços. Amanhã, Dia de Natal, á tarde, dois espectáculos, ás 14,30 e 17,15. Á noite, ás 21,30 a que podem assistir crianças de todas as idades.

«Music-hall»

Laura Mellec, no «Terraço das Estrelas»

Revelando apreciáveis qualidades de intérprete e uma voz agradável, quente e comunicativa, a simpática cançonetista francesa Laura Mellec estreou-se com muito êxito no «Terraço das Estrelas» do Hotel Embaixador.

Laura Mellec é uma artista de requintada sensibilidade, que nos transmite todo o encanto e doçura dos motivos franceses. Canta, vive e palpita com as suas canções.

ANALIA GADE

Está em Lisboa

a artista espanhola Anália Gade

De Madrid, no avião da TAP, chegou hoje a Lisboa a insinuante artista do cinema espanhol Anália Gade, que vem assistir á estreia do filme «O amor e uma cabana», marcada para amanhã, no Cinema Roma. Anália Gade é a principal intérprete desse filme, juntamente com Fernan Gomez, que é esperado amanhã em Lisboa.

DISCOS

RCA

CORRADO EI 93

ÚLTIMOS SUCESSOS

Microgravações de 45 rpm EP

EPB 9677 - 1
Sarra'chi sa... — Guarda che luna
Per um bacio d'amor — Padrone d'o mare

EPB 9677 - 2
Carina — Parlami d'amore, Mariu
Non partir — Brivido blu

Microgravações de 45 rpm Single

47 - 9260
Sarra'chi sa... — Guarda che luna

47 - 9261
Per um bacio d'amore — Padrone d'o mare

47 - 9270
Carina — Parlami d'amore, Mariu

47 - 9271
Non partir — Brivido blu

VIDA MUSICAL

O 11.º Concerto do Outono

Dois dias antes da entrada molhada do Inverno, terminou a serie de concertos sinfónicos organizados pela Emissora Nacional de colaboração com o Teatro de S. Carlos. As honras do programa de despedida recaíram sobre o maestro alemão Ferdinand Leitner, que vinha pela primeira vez actuar em Portugal e que quis dar-nos uma bem germanica Sinfonia de Anton Bruckner, e de novo, sobre um solista norte-americano, o pianista Gary Graffman, para o Concerto n.º 1, op. 15, em ré menor de Brahms, também acentuadamente germanico.

Um programa só com esta Sinfonia de Bruckner, n.º 4, em mi bemol, e na primitiva versão (mais ingénua do que a segunda, com certeza), não era possível, naturalmente: mas ela não é só bastante grande como ainda parece maior por causa das suas preocupações de construção que a levam a encadeamentos e repetições menos compatíveis com os hábitos modernos, o 1. e o 4. andamento, principalmente, e necessita de parte do ouvinte de uma frescura que outra obra relativamente maciça já gastou anteriormente. No entanto, na versão agora ouvida, confirma-se uma obra de mérito e de bastante elevação; é de facto (como o sublinha a nota do programa), acentuadamente wagneriana, mais que episodicamente, mas também é ainda beethoveniana, nos seus efeitos de claro-escuro; há, porém, no 2.º andamento uma inesperada modulação que anuncia Prokofieff — e é porventura o mais formoso dos quatro andamentos, apesar da passagem inutilmente bombastica antes do período final; ainda muito mais do que Prokofieff, Chostakovitch não deve tão-pouco ter ignorado Bruckner, e ate Ruy Coelho se deve ter inspirado para o seu prólogo Camoneano da fanfarra do ultimo andamento desta 4.ª Sinfonia, traçada, afinal, na linha do grande sinfonismo, com uma instrumentação de feitos felicissimos. Quanto á personalidade e á competência técnica do maestro Ferdinand Leitner, ficaram definidas, sem que seja necessário pormenorizar, por esta interpretação, que serviu cabalmente a obra e levou a Orquestra Sinfonica Nacional a uma prova que de um modo geral a enaltece.

Brahms teve de contentar-se com um trabalho muito menos apurado da parte da orquestra. O solista pôde, no entanto, brilhar abertamente, com uma qualidade de som sempre vigiada e uma técnica soberba; no 1.º andamento, logo que o texto lho permitiu, usou de uma agilidade e de uma leveza que ultrapassaram o carácter verdadeiro da obra, e pôde vincar-se melhor o Adágio; mas o solista impôs-se soberanamente no 3. andamento. Na «Campanella» (em extra), de Liszt, começou por elevar-se á altura dos grandes virtuoses, mas depois deixou-se comprometer por um entusiasmo em que a técnica se turvou. Contudo, que soma de talento e de trabalho os trinta anos de Gary Graffman não representam já! E como gostariamos de ouvir estes executantes norte-americanos tocar musica norte-americana!

FRANCINE BENOIT

Exposição «La Carimali»

A FIRMA EURICO & ROSA, LD.ª acaba de inaugurar no seu Stand, na Rua das Pretas, 18, 20, uma Exposição dos ultimos modelos, acabados de chegar de Itália, de máquinas de café creme «La Carimali» de que é representante e distribuidora exclusiva em Portugal.

A Exposição tem sido visitada por grande numero de proprietários e gerentes de cafés, restaurantes, bares, hoteis e pensões que se têm inteirado do funcionamento e dos predicados da máquina de café creme que continua a conquistar, sem paralelo, a Itália e os mercados estrangeiros para que é exportada.

Da Exposição consta um modelo de máquina de café creme para uso doméstico que tem despertado o interesse e a atenção de centenas de pessoas pela excelência do café que extrai.

No próprio local da Exposição está organizado um serviço destinado a fornecer café a todos os clientes que desejem certificar-se da alta qualidade do café extraído pela máquina «La Carimali».

A Faurel
LISBONENSE
(Casa Varela)
321-A — Rua da Rosa — 325
A casa que desde 1891 se mantém na vanguarda em todos os artigos para pintura e desenho

ACABA DE SAIR
AS AVES DA MADRUGADA
de URBANO TAVARES RODRIGUES
um livro inquietante, amargo e comovedor
Esc. 25$00
LIVRARIA BERTRAND

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
PIANOS — ÓRGÃOS — INSTRUMENTOS
PICK-UPS — DISCOS — RÁDIOS
9 — RUA DO CARMO, 13 — LISBOA
Desejam Boas-Festas aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

Marcelino Ilídio Pereira & C.ª (Irmãos)
IMPORTADORES DE BACALHAU
ARMAZENISTAS DE MERCEARIA
Telefone 26792 — 12, Rua do Corpo Santo, 20
Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, um Natal Feliz.

De ontem para hoje

ARTISTAS E PUBLICO

AMÉLIA Rey Colaço sentiu ontem á noite vibrar em uníssono os seus artistas e o publico tão intensamente como raras vezes terá acontecido. Não houve tiradas retóricas e altissonantes, mas flores, muitas flores, tantas que em determinada altura a capa alva de filha espiritual de Santa Teresa que ora veste se confundia com o branco das pétalas das rosas, em monte. Depois aquele gaiato que vimos actuar no «Lugre» e morria no mar, ressuscitava «á paisana» para, na qualidade de elemento mais novo da companhia dizer da sua admiração por Amélia Rey Colaço que amparava seus primeiros passos no tablado. Afinal João Mota é o sucessor de tantos outros artistas feitos no Nacional nestes ultimos trinta anos. Vomo João Mota, Maria Lalande, Alvaro Benamor, Leonor d'Eça, Maria Barroso... Mais palavras do escritor dr. Luís de Oliveira Guimarães e palmas que não mais findavam de artistas, de assistentes, de todos. Com os aplausos dos presentes estavam também a admiração e o agradecimento de todos aqueles que nestes ultimos trinta anos foram ao Nacional ver o que é teatro. E tão calorosa foi a manifestação que Amélia Rey Colaço teve de recorrer a intérprete para formular o seu sentir. São trinta anos de uma dignidade profissional e nível artístico que gostaríamos de ver continuados «ad multos annos».

FEIXE DE NOTÍCIAS

NA barragem de Santa Luzia, da Hidro-Eléctrica das Beiras, o electricista Adelino Franco Redondo, de 23 anos, reparava uma avaria. Desequilibrou-se e, na queda, atingiu um dos cabos, caindo no solo fulminado. Vieram médicos, enfermeiros e o carinho de todos os seus companheiros de trabalho, mas nada lhe valeu que o fluido eléctrico o beijara de morte; e morto estava quando chegou ao banco dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

*** Segunda vítima de ontem em choques eléctricos. O Luciano José Ribeiro Agostinho, de 13 anos, estava na Casa da Mocidade, em Castelo Branco. Inadvertidamente mexeu no quadro da luz eléctrica. Nesse quadro se poderá marcar uma cruz como a que no cemitério assinala a campa do Luciano José...**

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu no Palácio de Belém, o sr. dr. Rafael Duque. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos, a sr.ª D. Alice Costa Pinto de Andrade, reitora do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, e os srs. dr. Joaquim José Gomes Belo, director-geral do Ensino Primário, e capitão de fragata Agostinto Ferreira Roriz. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou a comissão executiva da União Nacional. * Aurora Carrilho, de 42 anos, casada com Joaquim Lopes Vergasta, trabalhador, do lugar dos Engarnais Cimeiros, Mouriscas, concelho de Abrantes, ao tirar água de um poço caiu dentro deste e morreu afogada.

CORRIJA A ACIDEZ DEPRESSA

Se tiver algumas Rennie na algibeira os ardores de estômago, a azia ou a indigestão podem ser dominadas com rapidez. Basta chupar duas pastilhas Rennie — uma a seguir à outra — para sentir alívios.

A medida que as chupa os seus anti-ácidos são dissolvidos pela saliva e imediatamente levados até ao estômago, onde corrigem as secreções ácidas, sem perturbar o processo digestivo As Rennie não lhe causarão qualquer incomodo.

Se as Rennie não lhe derem alívios, consulte, sem demora, o seu médico.

As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.

PASTILHAS
RENNIE
Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50

Em ALCANENA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

VIDA ECONÓMICA

(Continuação da 1.ª página)

forma de adiamentos diferem os problemas capitais para mais longos prazos, mas não os resolvem. Representam, antes, uma concessão confiante, para que Portugal possa empenhar-se a fundo na solução das suas tradicionais deficiências e subalternidades. E há a convicção arreigada de que as actividades produtoras e comerciais, só por si, e sem os esforços e sacrifícios do Estado, não conseguirão levar a cabo as decisivas reformas da estrutura económica. Da realidade dos problemas tradicionais e actuais, assim como das expressas ou implícitas aspirações dos seus remédios, fala com singular eloquência, objectividade e presença viva da experiência o relatório agora apresentado pela Associação Industrial Portuguesa.

O «clima» de inquietação e de expectativa reflecte-se, igualmente, no longo e documentado estudo de análise geral que constitui a abertura, pode dizer-se científica *do relatório, como nos capítulos de especialidade preenchidos com os depoimentos das várias «secções» da Associação. Aquele estudo é um dos mais notáveis e percucientes trabalhos de diagnóstico conjuntural e de sugestão positiva que, até hoje, têm sido realizados sobre a economia portuguesa e as suas possibilidades futuras no enquadramento das contemporaneas realidades mundiais. A mão firme de uma cultura económica verdadeiramente científica e moderna está presente em todos os seus passos, apontando não só os rumos necessários do conhecimento essencial da nossa economia como as linhas gerais da sua indispensável transformação.*

Como se exprimem os traços dominantes da evolução recente da economia portuguesa metropolitana? O primeiro dado a considerar é o do rendimento nacional a preços correntes, representado por 42,6 milhões de contos em 1953, por 49,2 milhões em 1956, por 51,6 milhões em estimativa para 1958. O relatório da Associação Industrial Portuguesa constata expressamente que «não é muito rápido o ritmo de expansão, sobretudo depois de tentada a correcção para valores reais (deflacionados) em relação com o crescimento demográfico (capitações)». Observados objectivamente os dados da evolução do consumo, da acumulação do capital fixo e do produto interno; intentada uma interpretação mais directa e sucinta, desses dados, com a introdução adicional do valor de depreciação do capital fixo — conclui-se que a aplicação dos rendimentos portugueses em 1958 terá sido dirigida no montante de 47,2 milhões de contos para as exigências do consumo privado, de 6,8 milhões para o consumo publico e de 6 milhões para a formação de novo capital fixo; e que estes 60 milhões de contos de despesa nacional, em conjunto, puderam ser aplicados porque se obtiveram rendimentos de várias origens: não só do trabalho realizado durante o ano (produção intensa) mais os rendimentos de factores externos, como do desinvestimento em «stocks», cuja variação foi negativa, e da capacidade de importar que excedeu largamente as receitas de exportação.

O que há de mais importante nesta análise, que o estudo prévio do relatório desenvolve em síntese documentada, é a conclusão que a remata: que o País despendeu mais rendimento do que as suas possibilidades de actividade económica própria consentiriam. *E este facto não teria grande gravidade se fosse meramente circunstancial e transitório. Mas não: trata-se de um dado da nossa estrutura económica, segundo a opinião fundamentada que se demonstra no referido estudo e que já se confirmou nos estudos preparatórios do 2.º Plano de Fomento. «Bem necessário vai sendo encará-lo e alterá-lo com decisão, a isso devendo visar primacialmente a acção fomentadora», afirma-se; mas reveste, também, importancia primordial o confronto destas observações tão seguramente autorizadas com os problemas nacionais — e essenciais — que surgiram com a inevitável participação de Portugal na ordem nova de integração de mercados em que se lançou a Europa como inexorável movimento da sua evolução histórica. Despender em excesso, não investir em capital reprodutivo no ritmo que as necessidades impõem, não ter coragem para as decisões draconianas que o ingresso no «ritmo europeu» reclama, constituiria abdicação fatal perante o futuro que se avizinha. Os meios económicos melhor esclarecidos estão inquietos. Têm para isso muito fortes razões.*

FACTOS E PROBLEMAS

● Concluiu-se nos ultimos tempos a construção de um celeiro com capacidade para 500 toneladas em Almeida e outro em Reguengos de Monsaraz, para 1.400 toneladas. Ambas as instalações se destinam ao armazenamento de trigo, integrando-se no plano de desenvolvimento da rede de selecção e armazenagem que vem sendo realizado pela F. N. P. T. Entretanto, anunciou este organismo ter recebido até 10 de Novembro passado nos seus celeiros 368.427 toneladas de trigo, mobilizando a verba de 1.105.283 contos; 16.624 toneladas de milho, pagas com a verba de 36.565 contos; 2.931 toneladas de cevada dística, pelo valor de 8.598 contos; e 10.222 toneladas de centeio, por 24.125 contos. Estes factos e estas cifras são os testemunhos de uma obra fundamental de apoio á lavoura — mas sob eles subsistem problemas cruciais da nossa economia cerealífera que algum dia será indispensável encarar com renovadora energia.

● No acto oficial da entrega de prémios a criadores de gado afirmou recentemente o sr. secretário de Estado da Agricultura que «o esforço dos serviços oficiais depende da forma como os criadores colaborem com eles, procurando melhorar técnica e económicamente as condições da produção, para que seja possível levar a todas as classes de consumidores o hábito do consumo de produtos de origem animal». Palavras de incontestável oportunidade — mas que não deixam esquecer a questão decisiva do processo de comercialização desses produtos no nosso País, que priva os criadores de compensações estimuladoras do seu esforço, que os encarece numa trajectória invadida por especulações intermediaristas multiformes e que os leva até á massa consumidora (de baixo poder de compra) por preços que não são acessíveis á maioria, num consumo amplo. Mas estes problemas, sem duvida, já não são da alçada do Secretariado da Agricultura.

● A revisão da pauta aduaneira ultimamente decretada caiu sobre o comércio da importação e venda de automóveis como um cataclismo acabrunhador. Os agravamentos de tributação, objectivamente analisados, revelam acréscimo de 4.500 e 5.700 escudos nos direitos sobre os automóveis de modelos pequenos, entre 730 e 850 quilos de peso; de 10.500 a 12.500 sobre os veículos de peso médio; de 18.000 a 39.000 escudos sobre os carros de maior peso. Os *chassis* de autocarros para 40 passageiros sofreram um agravamento de 28 contos. E as taxas sobre peças e sobresselentes também incorreram em aumentos de 6 %. O custo dos transportes rodoviários (e não apenas a utilização sumptuária do automóvel), que já acusava tendência a agravar-se, sofrerá certamente um impulso muito mais acentuado, com reflexos em muitas actividades económicas e sociais que interessam á grande massa da população. A nova pauta vai envolver problemas que em prazo mais ou menos próximo poderão ser reconhecidos em toda a sua extensão.

● Salienta-se nos meios da especialidade que a Espanha está a derrotar-nos nos mercados compradores de vinhos de mesa com a forte concorrência de produtos tecnicamente mais apurados e de melhor «afinação». Longos anos de esforços na assistência enológica pelos serviços vitivinícolas do Estado e pelos da Junta Nacional do Vinho não foram ainda bastantes, como se verifica, para assegurar aos produtos nacionais nesse ramo a firmeza de posições qualitativas que é indispensável ao seu êxito exportador. Esse mesmo facto, porém, deve constituir motivo para que se reforce energicamente a acção empreendida, na altura em que aborrecem as novas perspectivas dos mercados europeus; para que se evitem a todo o custo as contrafações, desmazelos e incapacidades. São ainda muito numerosas, infelizmente, como assinalava há pouco o qualificado especialista na matéria reg-agrícola Octávio Pato, as casas exportadoras que continuam a ignorar a existência de técnicos de enologia e continuam a mandar, barra fora, os seus vinhos tratados segundo uma prática avoenga. Não sabemos, mesmo, como é possível progredir-se deste modo. O facto não implica apenas com a posição destas organizações rotineiras, cristalizadas num atraso que aflige. Porque, afinal, o progresso geral da exportação de vinhos interessa a todos — aos exportadores, á lavoura e á economia do País.

● Criou-se em 1937 a Junta de Colonização Interna, com o objectivo principal de facilitar o acesso dos produtores-rendeiros á propriedade, ou seja, de desonerar o efectivo trabalho e assim impulsionar a produção. Passaram 22 anos. Nesse intervalo longo e para esse fim despendeu o Estado 34 000 contos entre 1955 e 1958, estabilizando nas terras em que há muito tempo trabalham 1548 famílias. Há relação equilibrada entre a grandeza dos fins e a limitação dos meios? A interrogação responde a Junta (dentro do condicionalismo dos meios que são postos ao seu alcance) anunciando que promoverá em 1960 a aquisição de mais 24 propriedades abrangendo a área de 3000 hectares e permitindo o benefício de 2050 famílias trabalhadoras. Admite-se, ainda, a aquisição de mais duas propriedades em regime de colónia, para êxploração por 44 famílias e encontram-se estudo mais 18 aquisições cujas características não estão ainda determinadas.

"Darbel" e Alfaiataria Veríssimos

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C e 15-A

DESEJAM A TODOS OS SEUS CLIENTES, FORNECEDORES E AMIGOS, UM NATAL MUITO FELIZ E UM NOVO ANO CHEIO DE PROSPERIDADES.

BRINDES
DESTA QUADRA!
●
RETALHOS PARA CONFECÇÕES A BAIXOS PREÇOS
●
SECÇÃO DE
CONFECÇÕES
PARA PRESENTES
●
NOVIDADES
●
Malhas a metro
ROLI - RUA NOVA DA TRINDADE, 6-A LISBOA

A exposição dos trabalhos

de "O Natal visto pelas crianças"

está patente ao público na Casa da Imprensa

(Continuação da 1.ª página)

da Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda.

O primeiro premiado, Francisco Morais Pires, de 12 anos, da Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, um sorriso tímido e dois vastos olhos rasgados para a magnífica bicicleta «Vilar», os chocolates «Regina», um estojo de desenho da Papelaria Vasconcelos e livros da Bertrand, recebeu muitos aplausos. As 2.ª e 3.ª premiadas, Isabel Ferreira Ponciano e Dalila Maria Queiroga, respectivamente, da Escola Industrial Josefa de Óbidos e do Jardim-Escola João de Deus de Chaves, que não estavam presentes, foram aplaudidas, pelos seus magníficos trabalhos. O Américo Duarte Barata nos seus dez anos azougados recebeu o 4.º prémio. Outro jovem artista, Fernando José Vilaça Cardoso, sentiu-se submerso numa onda de aplausos. Com mais á-vontade, o Jorge Manuel da Silva Ferreira, muito direito nos seus sólidos 12 anos, agradeceu os aplausos. A pequena Maria Isabel Prazeres fez-se representar por um irmão, de palmo e meio, muito simpático. Eduardo Francisco veio do fundo, nos bicos dos pés, porque só tem 6 anos. Mas como é um artista de talento recebeu um magnífico prémio e muitas palmas. As meninas Palmira Mariana de Sousa Guerra, de 6 anos, e Ana Catarina San Payo Araujo, esta de uma família que conquistou há um ano, uma mão-cheia de prémios, foram as 9.ª e 10.ª classificadas.

Foram depois entregues dezenas de prémios a parte dos autores dos trabalhos expostos. Os artistas de palmo e meio que não foram receber as suas recompensas podem levantá-las na administração do «Diário de Lisboa» (Rua da Rosa, 57).

EM 3 LINHAS

O padre Raul Cassis Cardoso foi nomeado capelão, com a patente de alferes graduado, da Força Aérea.

///

Foi nomeado presidente da Camara Municipal de Loulé o sr. Francisco Guerreiro de Barros.

///

O prazo para a apresentação do relatório da comissão nomeada para orientar o estudo na generalidade do problema da poluição, fluvial e do solo na Metrópole, foi prorrogado até 30 de Abril de 1960.

///

Vai ser construída em Évora uma cadeia comarcã. A base de licitação é de 1.744 escudos.

COOPERATIVISMO

A Sociedade Cooperativa Almadense vai festejar, de forma condigna, o seu 69.º aniversário em 3 de Janeiro próximo.

No domingo, 27, haverá distribuição de brinquedos e um acto de variedades no salão de festas da Incrível Almadense. Na terça-feira efectua-se um torneio relampago de ténis; em 3 de Janeiro, haverá uma sessão solene para distribuição de taças e medalhas ás equipas e jogadores concorrentes ao torneio de ténis de mesa.

Finalmente no dia 5 de Janeiro, ás 21 e 30, o prof. Tomás da Fonseca realiza uma conferência, enquadrada num sarau cultural que encerra as comemorações do 69.º aniversário.

NATAL TRISTE

PLYMOUTH (Inglaterra), 24 — Um Natal solitário e triste é o que aguarda as guarnições dos faróis instalados ao largo da costa da Cornualha, que há algumas semanas não são rendidas por causa do mau tempo.

Os homens já estão a raçionar os víveres. As autoridades garantem que o pessoal não corre perigo. — (A. N. I.).

O tempo que faz

Informação de Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal Continental, o vento era fraco a moderado de Oeste. O céu estava muito nublado e caíam aguaceiros nas regiões ao Norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela, por acção de uma massa de ar marítimo, transportada na circulação de uma depressão centrada a Norte da Irlanda.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS — Porto, 9°; Coimbra, 8°; Lisboa, 10°; Faro, 12°; Funchal, 15°; Portalegre, 10°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL—Na atmosfera, 12°,7; na água do mar, 13°,1.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS — Máxima, 15°,9; mínima, 9°,6. No mesmo dia do ano passado: máxima, 13°,9; mínima, 7°,0.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, vento moderado a forte de Oeste, passando a moderado de Sudoeste, durante a noite. Aguaceiros durante a tarde de hoje, chuvas e chuviscos durante a noite.

A execução do novo plano de casas econ

inicia-se já em princípio do pr

— anunciou o ministro da Presidência numa entrevist

O plano de construções de casas económicas na área de Lisboa definido por um decerto-lei publicado em Agosto pela Presidência do Conselho, iniciar-se-á já em 1960, com a edificação de 2.300 fogos de rendas a partir de 200$00, segundo declarou numa notável e oportuna entrevista concedida ao director-adjunto do nosso prezado colega «O Século», sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, o ministro da Presidência.

Abre aquela entrevista, publicada hoje, com uma brilhante evocação da acção desenvolvida pelo sr. dr. Teotónio Pereira, desde o dia já distante em que lançou as bases do corporativismo português, cujos melhores frutos, salienta o sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, estão para colher-se. Perante o leitor passa, sucessivamente, em sínteses incisivas, a actuação do actual ministro da Presidência como representante de Portugal junto do Governo do generalíssimo Franco, a inteligência posta na resolução de duvidas e dificuldades porventura suscitadas pela naturalidade portuguesa em contraste com a intervenção brasileira no ultimo conflito mundial e, mais adiante, o aprumo e a dedicação com que desempenhou as funções de embaixador do nosso País em Washington e Londres.

Características do novo plano

Logo no início das perguntas e respostas, o sr. dr. Teotónio Pereira apontou as novidades e características principais da nova legislação:

«1.º) Impôs o princípio da coordenação de esforços em presença das necessidades e recursos com que tenhamos de contar; 2.º) Assegurou á Camara Municipal de Lisboa através de um empréstimo do Ministério das Finanças os fundos necessários para adquirir e urbanizar os terrenos de que é indispensável vir a dispor para realizar tamanho esforço; 3.º) Orientou a construção dessas novas habitações de forma a dar prioridade ás casas para gente com recursos mais modestos e, portanto, mais necessitada de auxílio».

Tendo recordado que o sr. dr. Teotónio Pereira lançou em 1933 o regime de casas económicas de pro-

priedade re
promulgaçã
lho Nacion
Pereira da
nistro da P
dida se har
com as me
ponder, o s
salientou q
do novo de
ria tão imp
medidas de
muito, pois
nossas ma
dem sempr
forços e
Continuará
n.º 23.052,
riante —
custo dos t
orientar na
a propried
centou que
trução de
logo que e
da plano r
rendas mai

Como se

A nova
métodos q
realização
tro da Pre

«Mediant
Camara po
escala ter
cução do
cento dos
ra constru
nizadas se
tidades es
no fomento
ou mensal
tam entre
tituições d
Instituto N
lo Fundo d
que já fiz
que visam
o pessoal
funcionalis
viços Socia
criados re
mos encar
á política
para funci
nistério da
avultados
caso, as ha

(Cont

TROCOU

DOIS CONTOS

por 50 notas de 20 escudos

Hoje, de manhã, o sr. Eduardo Martinho Guerreiro, empregado da Sociedade Tipográfica, Lda., deslocou-se ao Banco Burnay, para fazer diversos trocos com vista ao pagamento de salários da firma onde trabalha e recebeu notas de 20$00 novas. Uma pessoa que tinha ido ao banco para trocar notas velhas por novas, vendo que o sr. Eduardo Guerreiro tinha já as notas que ele desejava, pediu-lhe para trocar com ele as notas velhas, para não perder tempo nas bichas.

O empregado da Sociedade Tipográfica acedeu, mas, ao entregar um maço de 100 de 20$00 recebeu 50 notas. Pelo engano, só deu quando chegou ao seu escritório.

Pede-se á pessoa que beneficiou do referido troco o favor de entrar em contacto com a dita tipografia, na Rua D. Estefania, 195-A.

Vilar

A BICICLETA IDEAL

BiC

A esferográfica da actualidade

Desperdiçai nada e grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. DA PRATA, 257

Alinde a sua mesa nesta quadra com...
uma novidade
EXPOSIÇÃO
FEIRA
IMAL
RUA CASTILHO, 235-A
Aberto das 10 às 24

Lanalgo
RUA DE SANTA JUSTA, 42
TELEFONE P. P. C. 36 63 45
Cumprimenta os seus Estimados Clientes, Fornecedores e Amigos agradecendo-lhes as atenções recebidas, desejando-lhes
FELIZ NATAL E UM NOVO ANO
muito próspero

Vinho puro... ...rôlha de cortiça

ARRAIOLLOS
Magnífico sortido de tapetes de ponto miudo e de ponto largo
QUINTÃO
CASA ESPECIALIZADA
30 — RUA IVENS — 34

A Grande Ourivesaria da Moda
RUA DA PRATA, 257
Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores, desejando-lhes um Natal cheio de Alegria e um Novo Ano repleto de Felicidades.

OFEREÇA UM PRESENTE ORIGINAL!
Vá ainda hoje á
DECOR
Av. Alvares Cabral, 46, r/c. Esq.
e ficará surpreendido com a grande variedade de artigos suecos e dinamarqueses que a DECOR apresenta

JÓIAS ANTIGAS
E MODERNAS
compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

Ourivesaria Portugal
Deseja boas festas aos seus Clientes e Amigos e um Novo Ano muito feliz.
ROSSIO, 122

OS SÓCIOS GERENTES DA OURIVESARIA
«BARATEIRO DE S. DOMINGOS»
56 — Rua Barros Queirós — 56
ALÍPIO DE OLIVEIRA, JOSÉ DA SILVA e ANTÓNIO GOMES
Desejam um feliz Natal e Ano Novo aos seus Ex.mos Amigos e Clientes.

casas económicas

cípio do próximo ano

numa entrevista a «O Século»

2.º) Asse-
pal de Lis-
réstimo do
os fundos
r e urba-
e é indis-
ra realizar
rientou a
habitações
e ás casas
mais mo-
necessita-

o sr. dr.
em 1933 o
cas de pro-

ONTOS
escudos
r. Eduardo
pregado da
da., deslo-
para fazer
a ao paga-
irma onde
s de 20$00
tinha ido
tas velhas
sr. Edua-
notas que
ara trocar
, para não

dade Tipo-
entregar
00 recebeu
deu quan-
rio.
beneficiou
de entrar
tipografia,
-A.

priedade resoluvel, paralelamente á promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, o sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa perguntou ao ministro da Presidência em que a medida se harmoniza o novo diploma com as medidas existentes. Ao responder, o sr. dr. Teotónio Pereira salientou que o principal objectivo do novo decreto é impor em matéria tão importante um conjunto de medidas de coordenação, o que é muito, pois é bem sabido que as nossas maiores dificuldades residem sempre na coordenação de esforços e providências em acção. Continuará em acção o decreto-lei n.º 23.052, de 1933, mas com a variante — imposta pela escassez e custo dos terrenos — de ter de se orientar na maioria dos casos para a propriedade horizontal. E acrescentou que se intensificará a construção de casas de renda limitada logo que esteja executado a parte da plano referente a habitações de rendas mais modestas.

Como será realizado o plano

A nova pergunta, agora sobre os métodos que vão adoptar-se para realização do plano, disse o ministro da Presidência:

«Mediante a ajuda do Estado, a Camara poderá adquirir em grande escala terrenos destinados á execução do novo plano. Setenta por cento dos terrenos disponíveis para construção e em zonas já urbanizadas serão distribuidos entre entidades especialmente interessadas no fomento da habitação de renda ou mensalidade económica. Avultam entre essas entidades as instituições de previdência social, o Instituto Nacional do Trabalho pelo Fundo das Casas Económicas (a que já fiz referência) e aquelas que visam favorecer especialmente o pessoal das forças armadas e o funcionalismo civil: isto é, os Serviços Sociais das Forças Armadas criados recentemente e os organismos encarregados de dar execução á política de construção de casas para funcionários civis, a que o Ministério das Finanças vai dedicar avultados capitais. Num e noutro caso, as habitações poderão ser de

(Continua na 11.ª página)

Um aspecto da cerimónia da entrega do prémio

Foi descerrada uma lápide

no mais belo prédio

construído este ano em Algés

Algés tem-se desenvolvido extraordinàriamente nos ultimos anos e de entre os seus modernos traçaços urbanísticos destacam-se alguns prédios de linhas dinamicas e certa elegancia arquitectónica. Assim, com 25 mil habitantes, Algés possui hoje bons estabelecimentos, «cafés» e belos jardins, além da sua praça de touros.

No intuito de fomentar este incessante desenvolvimento, a Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés, fundada em 1912, de que é presidente o antigo desportista Serra e Moura, instituiu um prémio a conceder á melhor propriedade construida durante o ano, com a colaboração da Camara Municipal de Oeiras. Este prémio, além de constituir uma homenagem ao proprietário do edifício em questão, é ainda um preito de admiração rendido ao prof. dr. Matos Romão, ilustre cientista e antigo director da Faculdade de Letras, que lhe dá o nome.

Este ano, o prémio instituido, constou de um trofeu, uma taça de prata com o respectivo diploma e uma placa de mármore colocada na fachada do prédio com a seguinte legenda: «Prémio Prof. Matos Romão», instituido pela Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés— propriedade melhor classificada em 1959».

Coube o prémio ao prédio n.º 22 na Rua Damião Gois, em Algés, de que é proprietária a sr.ª D. Virginia Duarte Pedroso Matias.

Efectuou-se uma cerimónia muito simples, para descerramento da placa. O presidente da Camara Municipal de Oeiras fez-se representar pelo vereador sr. Pinheiro de Freitas, que procedeu ao descerramento da lápida, depois de o sr. Serra e Moura ter salientado o significado da cerimónia e de o sr. dr. Oliveira Charrua haver traçado o perfil do prof. Matos Romão.

Estavam presentes entre outras pessoas o engenheiro responsável pela construção da obra, sr. Eduardo Augusto Fonseca; o presidente da Junta da Freguesia de Cruz Azul, sr. Oliveira Cunha; e um representante da proprietária do prédio, a quem foi entregue a taça de prata, o trofeu e o respectivo diploma.

A Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés distribuiu a 180 pobres um bodo de 10$00 a cada um.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O «Jornal do Fôro» transcreveu no seu ultimo numero, referente a Julho-Dezembro do ano findo, com palavras de concordancia que muito nos sensibilizam, um artigo que o «Diário de Lisboa» publicou, oportunamente, acerca da liberdade de Imprensa. O mesmo jornal transcreve e aplaude uma «Nota do dia» sobre o divórcio e a moral. Agradecemos a amabilidade e o aplauso que estas transcrições envolvem.

E' pouco provável

que a reunião proposta pelos Quatro proporcione um entendimento entre os dois grupos económicos europeus

PARIS, 24.—O conflito latente entre os «Seis» e os «Sete» fica em «hibernação» até á Conferência Leste-Oeste. E' esta a impressão de muitos observadores a respeito da reunião oficiosa que os quatro dirigentes ocidentais, na sua reunião recente, combinaram para resolver o problema que resulta de haver agora na Europa dois grupos económicos rivais, e para estudar o problema do auxílio aos países subdesenvolvidos.

A impressão desses observadores resulta em especial do facto de uma questão tão delicada como a harmonização entre o Mercado Comum e a Associação Europeia de Livre Cambio não poder resolver-se numa conferência de doze participantes, quando os quatro dirigentes ocidentais não chegaram a esboçar as bases de um entendimento. As posições dos «Seis» estão solidamente fundadas na doutrina da liberalização do comércio internacional dentro do G. A. T. T., enquanto que os «Sete» parecem continuar a preferir o projecto de associação multilateral europeia, que há um ano falhou na sala de conferências do palácio de La Muette.

Nas esferas ligadas á O. E. C. E. dizem, a propósito, que o comunicado «económico» de 21 do corrente apenas dá uma certeza: os Estados Unidos pretendem tomar parte, daqui por diante, em todas as deliberações em que se jogue a orientação da Europa. Este desejo de Washington explica-se facilmente com o receio de que uma associação económica de todos os países europeus agrave as discriminações contra as importações da zona do dólar, acentue o *deficit* da balança de pagamentos e aumente o perigo de desvalorização do dólar. Os Estados Unidos não parecem desejar ligar-se a uma zona de livre cambio «atlantica», para manterem toda a sua liberdade de acção em relação aos países terceiros, especialmente os da América Latina. As suas relações com as nações europeias só podem entrar no quadro de um sistema mais elástico que preveja a igualdade de tratamento entre todos os participantes.

Nas esferas económicas europeias, afirma-se que os Estados Unidos só poderiam reivindicar essa igualdade se abrandassem muito a regulamentação americana que dificulta a entrada de mercadorias estrangeiras no território americano. Essa regulamentação, dizem nas referidas esferas, é tão proteccionista como a pauta aduaneira, especialmente no que se refere aos produtos vegetais. E é pouco provável que este problema possa discutir-se no Congresso americano antes das eleições presidenciais.

Os efeitos contemporizadores das decisões aprovadas pelos quatro dirigentes em matéria económica podem, no entanto, ter repercussões prejudiciais nos debates parlamentares da ratificação do Tratado de Estocolmo, ratificação que, em princípio, deve estar feita em 31 de Março. A Pequena Zona de Livre Cambio foi apresentada á opinião dos países membros como a maneira de apressar um arranjo com o Mercado Comum. Se a reunião de 13 de Janeiro e o Conselho de Ministros da O. E. C. E., a realizar no dia seguinte, não der nenhumas esperanças a esse respeito, pode ser grande a decepção em países que, como a Áustria, a Dinamarca e a Suíça têm laços comerciais tão estreitos com os «Seis» como com os seus parceiros do grupo dos «Sete». —(France Presse).

RONDA = Monte Estoril

MANUEL OUTERELO COSTA, reabre no próximo dia 31, o Restaurante-Bar-Boité «Ronda», com a colaboração técnica de JILIO DE SOUSA

Especialidades do «Grill-Service» — Cozinha Portuguesa — Musica diária durante a hora do cocktail — Chás aos domingos

GRANDE RÉVEILLON

Reserva de mesas e informações pelos Tels. 060965 e 042339

MAIORES DE 15 ANOS

Barbosa, Esteves & C.ª

OURIVES — JOALHEIROS

293 — Rua da Prata — 295

Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

Aos Ex.mos Clientes e Amigos FESTAS FELIZES, ANO NOVO PRÓSPERO.

São os desejos sinceros da

Meia de Vidro

R. Augusta, 159 LISBOA

Tedante de cortiça... ...tedante ideal

Restaurante Típico Ribatejano

— DE —

SALVATERRA DE MAGOS — Telef. 14

DIA DE NATAL * Almoços e Jantares com Ementa Especial

NOITE DE S. SILVESTRE * O maior REVEILLON do Ano no ambiente mais castiço de Portugal, no coração do Ribatejo

2 — CONJUNTOS MUSICAIS — 2 * Figueira Padéiro — Ribatejano de Acordeons de Alpiarça

3 — RANCHOS FOLCLÓRICOS — 3 * AVIEIROS — Pescadores do Tejo e CAMPINOS DE SALVATERRA

DIA DE ANO-NOVO * Almoço regional com o mesmo programa da Noite de S. Silvestre e o famoso grupo folclórico «FAZENDEIROS DE MONTEMOR-O-NOVO» em típicas danças e cantares da sua Região

N. B. — Este Rancho também se exibirá aos jantares

Informações e Reservas em Lisboa: Tabacaria Freitas — Rua 1.º de Dezembro, 85, ou telefone 77 03 20 (15 anos)

DESPORTOS

AMANHÃ, NO ALVALADE

O Sporting defrontará
o valoroso First de Viena

Chegou hoje a Lisboa a equipa austríaca do First de Viena, que amanhã defrontará a turma do Sporting, no Estádio de Alvalade, ás 15 e 30.

Não é demais realçar o valor do «team» que nos visita, constituído quase apenas por «internacionais» e que está actualmente á frente da classificação do campeonato austríaco. O «First» é, aliás, um clube de fortes tradições no futebol do seu país. Já foi seis vezes campeão da Áustria, quatro vencedor da «Taça da Áustria», uma da «Taça da Europa Central», uma do «Trofeu da Europa» e uma da «Taça da Alemanha» (1943). Qualquer destas vitórias mostra o valor da turma vienense, que também foi sete vezes finalista da «Taça» e participou oito vezes na «Taça da Europa», batendo o «record» do Juventus, do Bolonha e do Ferencvaros.

Está agora em grande forma e, no decurso do campeonato, interrompido nesta quadra, como é hábito, todos os anos, devido aos rigores do Inverno austríaco, só sofreu uma derrota, frente ao Rapid, empatando dois encontros. Venceu os restantes, incluindo o Austria e o Wien Sport, este campeão do ano passado, nos seus próprios campos.

O First de Viena deverá alinhar com: Schmied; Kosich II e Nickerl; Webora, Rockl e Koller; Koisser, Somokowitsch, Buzek, Grohs e Pichler. A' excepção de Webora e Koisser, todos são internacionais, sendo Kosich II e Pichler da equipa «B» e os restantes da equipa «A» da Áustria. Recentemente, contra a França, em Paris, jogaram Schmied, Nickerl, Koller e Senekowitsch, figurando Grohs como suplente. A Lisboa deslocam-se também Kraushofer e Grasserbauer (ambos «internacionais» B), Padivy, Medveth e Gelegs.

Por seu lado, o Sporting conta com todos os seus «ases» portugueses e estrangeiros, entre os ultimos Seminário. Mas também há outra novidade que certamente agradará aos seus incondicionais admiradores: «Vadinho», o categorizado Brasileiro há tempos afastado, regressa ao «team».

Um grande jogo em perspectiva, em que o Sporting procurará mostrar, mais uma vez, a sua actual boa forma e o First de Viena a sua reconhecida capacidade internacional.

O guardião Schmied e o médio Koller, do First de Viena e da selecção austríaca

O treinador dos juniores do «Vasco da Gama» no Torriense

RIO DE JANEIRO, 24 — Os jornais cariocas informam que Pellegrini, o treinador brasileiro dos juniores do «Vasco da Gama», não renovou o contrato com aquele clube, dando-se como certa a sua ida para Portugal, a fim de treinar e orientar as equipas do Torriense. Não se sabe qual o montante da proposta que o clube português ofereceu ao técnico Pellegrini. — (A. N. I.).

O PORTO PELO TELEFONE

Quarenta casais de trabalhadores
legalizaram a sua situação
contraindo matrimónio na Sé Catedral

PORTO, 24 — Com a presença do ministro das Corporações, governador civil, procurador da Republica, delegado do I. N. T. e de muitas outras pessoas, efectuaram-se hoje, na Sé Catedral, os casamentos de quarenta casais de trabalhadores.

Presidiu ao acto religioso o administrador episcopal da diocese, D. Florentino de Andrade e Silva. Entre os consórcios efectuadaos contam-se os do operário têxtil António Félix Pereira, de 77 anos, e sua mulher Maria da Conceição, de 69 anos, assim como o do metalurgico Manuel Barbosa, de 20 anos, e Maria Lucinda Pereira, de 22, respectivamente os mais velhos e mais novos. Do ultimo casamento efectuado, o do ourives António Ribeiro e de Angelina Rosa, foram testemunhas o ministro das Corporações e o chefe do distrito. Após as cerimónias o representante do bispo do Porto celebrou missa e proferiu uma homilia alusiva ao acto que foi acompanhado pela Orquestra do Sindicato dos Musicos, sob a regência do maestro Raul de Lemos. O delegado do I. N. T. P. ofereceu aos nubentes um almoço na F. N. A. T., ao início do qual assistiu o sr. dr. Veiga de Macedo. Aos brindes falaram o dirigente sindical sr. Ventura Duarte e o jovem consorciado Manuel Martins de Pinho que agradeceu a oportunidade para a legitimação da situação em que todos se encontravam.

Ceia dos trabalhadores

A F. N. A. T. tomou a feliz iniciativa de promover na noite do próximo dia 27 uma grande ceia, que denominou Ceia do Natal do Trabalhador, e a que presidirá o ministro das Corporações.

Corajosa intervenção dum polícia

No bairro de S. João de Deus, em Campanhã, manifestou-se incêndio na casa n.º 14, habitada por José Maria da Costa. Ao sinistro acorreu o guarda n.º 354 da P. S. P. que arrombou a porta da casa e de lá retirou a filha do locatário, Aurora Ferreira da Costa, de 12 anos, que se encontrava inanimada pelos efeitos do gás carbónico de um fogareiro que provocou o sinistro.

O cívico, com alguns baldes de água, extinguiu as chamas. Os prejuízos são de pequena monta.

Um que não pode ter boas festas

Com as mãos caídas e possuído de forte nervosismo, entrou numa esquadra da P. S. P. o agricultor Manuel de Jesus, de Macedo de Cavaleiros. Momentos antes, numa das artérias da cidade, fora abordado por dois indivíduos bem falantes que lhe apanharam sete mil escudos em troca de um vigésimo que diziam premiado com trinta contos. Quando foi rebater o pequeno papelinho verificou que o vigésimo estava branco.

Morte dum ferroviário

Quando trabalhava na estação das Devesas, em Gaia, foi colhido mortalmente por uma locomotiva o servente da C. P. Joaquim de Sousa Pinto, de 24 anos, de Lousada.

CARTAZ DO PORTO

SÃO JOÃO — Ás 21 e 30 — «Viuvinha indomável».
SA DA BANDEIRA — Ás 21 e 45. — «Gata em Telhado de Zinco Quente».
NUNO ALVARES — Ás 21 e 30 — «O Crime da Aldeia Velha».
RIVOLI — Ás 21 e 30 — «O Primo Basílio».
COLISEU — Ás 21 e 30 — «História de uma freira».
BATALHA — Ás 21 e 30 — «O maior circo do Mundo».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Pequeno Polegar».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Safira».
VALE FORMOSO — Ás 21 e 30 — «O teatro do crime».
JULIO DINIS — Ás 21 e 30 — «Nascido em Março».

BASQUETEBOL

A derrota do Belenenses
apressou o triunfo do Benfica
no campeonato regional

A grande surpresa da jornada foi, sem duvida, a segunda derrota do Belenenses frente á meritória equipa do Liberdade, novo divisionário, que tem vindo a desempenhar papel de relevo neste torneio regional, afirmando, assim, o valor dos grupos da 1.ª Divisão lisboeta e dando, ao mesmo tempo, uma aragem diferente ao panorama da modalidade. Depois deste incidente (...) há que salientar a dificuldade dos benfiquistas perante a impetuosidade dos jogadores do Tabacos, a fugirem á zona de baixa de divisão, e a nota de equilibrio posta por ambos os grupos na partida Campo de Ourique-Nacional. O Sporting já afastado do título, mercê da derrota do Belenenses, passou com facilidade o obstáculo dos «alcantarenses», que firmaram no seu «carnet» mais uma derrota.

Depois da ronda de ontem, antecipada de dois dias devido á quadra de Natal, a classificação geral ficou, assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Marc.	P.
Benfica	11	11	—	—	627-389	33
Belenenses.	11	8	—	3	599-455	27
Sporting ...	11	8	—	3	564-452	27
Liberdade..	11	5	—	6	420-464	21
C. A. C. O.	11	4	—	7	436-491	19
Tabacos	11	3	1	7	441-581	18
Nacional ..	11	3	—	8	401-482	17
Atlético ...	11	1	1	9	358-532	14

* * *

No primeiro encontro da ronda, a vitória do Liberdade sobre o Belenenses, não pode sofrer contestação, visto que os «azuis», mais uma vez não puderam anular a boa ordenação e orientação das jogadas do vencedor. Verdade se diga, que três homens no Liberdade foram os grandes obreiros do triunfo, cabendo a cada um papel distinto, mas de efeito colectivo. Nuno «secou» Fernandes do Belenenses, que tem sido até aqui o ariete do grupo do Restelo; Ildebrando, fugindo á marcação que lhe fizeram pôde lançar com eficácia a sua «meia-distancia» e, finalmente, José Maria, com boa «mão», obteve uma boa porção de cestos na zona fatal. Na parte dos «azuis» o congelamento de Fernandes, que nem sequer marcou um ponto produziu nos restantes elementos uma apatia enervante. Franco não foi além de 11 pontos, creditando-se Delgado («meia-distancia») como o melhor marcador do grupo (14). O Liberdade, nunca esteve em inferioridade no marcador, o que é por si só um sinal como a equipa actuou.

* * *

Na segunda partida da noite, os «encarnados», com uma boa primeira parte, jogada no sistema de entreajuda, puderam arrecadar uma vantagem preciosa que lhes chegou para suster a impetuosidade aplicada pelos jogadores do Tabacos, no segundo tempo. O Benfica, apontecorreu, portanto, mais em ritmo de treino, do que numa partida de campeonato com a baixa de divisão a espreitar.

Os «leões» aproveitaram o encontro para ensaiar sistemas e vários jogadores, alinhando, assim, nove elementos!

O Sporting-Atlético
para o «nacional»
realiza-se a 1 de Janeiro

As direcções do Sporting e do Atlético vão solicitar da Federação Portuguesa de Futebol autorização para se defrontarem no dia de Ano Novo, a contar para o Campeonato Nacional, em vez de no dia 3, visto que nesse domingo haverá outro encontro em Lisboa, o Belenenses - Benfica.

O Sporting vai a Bilbau jogar em 6 de Janeiro

No dia 6 de Janeiro, a equipa do Sporting defrontará, em Bilbau, a famosa turma do Atlético local.

A delegação sportinguista, que será constituida por 16 jogadores, um dirigente, o treinador, o médico e o maçagista, num total de 20 pessoas, deverá partir de Lisboa após o encontro com o Atlético.

Para os nossos pobres

Recebemos da Companhia Vidreira Nacional, Ld.ª, «Covina», a quantia de 250 escudos, destinada aos nossos pobres, em nome dos quais agradecemos.

CAMISARIA MODERNA

ROSSIO, 110

Pedimos a todos os nossos Ex.mos Clientes, aos quais seja possível, que efectuem as suas compras na parte da manhã, em virtude da aglomeração que se verifica da parte da tarde não nos permitir dispensar-lhes a costumada boa atenção.

A Gerência

Aberto durante as horas de almoço e até às 21 h.

FUTEBOL INTERNACIONAL

ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE

DIA DE NATAL

Amanhã, 25 de Dezembro às 15.30

SPORTING CLUB DE PORTUGAL

CONTRA

FIRST VIENNA

VENCEDOR DA TAÇA DA AUSTRIA

PREÇO DOS BILHETES

BANCADA CENTRAL	35$00
BANCADA LATERAL	25$00
SUPERIOR	20$00
PEÃO	11$00

SÓCIOS — Terão entrada para os seus lugares habituais mediante a apresentação da sua documentação em ordem e de um bilhete especial de Esc 10$00.

LOCAIS DE VENDA — Rua Barros Queiroz, 18; Rua dos Fanqueiros, 71; Séde do Sporting e Agências.

ESPECTACULO PARA MAIORES DE 6 ANOS

As declarações do ministro da Presidência a "O Século"

(Continuação da página central)

aluguer ou de propriedade resolúvel, aproveitando-se a boa experiência recolhida com os vinte e cinco anos que já se completaram do regime de casas económicas para sócios dos sindicatos nacionais e funcionários publicos».

Rendas desde 200$00

Mais adiante, o ministro da Presidência confirmou terem sido efectuados demorados estudos para elaboração do plano e manifestou a certeza de que as baixas rendas previstas serão viáveis.

E acrescentou:

«Para se ver a intenção que houve em dar o predomínio ás habitações de categorias mais modestas, basta dizer que devendo ser 70 % da totalidade dos fogos (a construir nas zonas urbanizadas por força do novo diploma) das categorias nele expressamente definidas, nada menos de outros 70 % desse numero terão de ser obrigatóriamente das categorias I e II. Ou seja com rendas mensais de 200$00 a 300$00 e de 400$00 a 600$00, respectivamente.

Deixou-se á Camara a possibilidade de dispor para venda em hasta publica dos primeiros 30 % restantes, justamente para lhe permitir alguma compensação para os preços tão limitados quanto possível dos terrenos destinados ás habitações de renda mais barata. Do que vende em hasta publica terá ainda que reservar metade para casas de renda limitada das categorias definidas pela nova lei. Fez-se porem, excepção para a primeira categoria por se considerar que essa não poderia ser incluida no regime de renda limitada.

QUEM PERDEU ?

Relação dos achados e entregues ontem no Governo Civil de Lisboa: uma bicicleta, uma nota, uma bolsa de prata, um tampão de roda e outro de depósito de gasolina de viaturas automóveis, um bivaque de soldado, um «alcaxe», um porta-moedas, o bilhete de identidade de Jorge Nuno Lopes da Silva Pinheiro, um dente, um chapéu de chuva, uma pequena pele, a cédula marítima de João Ponce, uma corda, dois pares de luvas de senhora e luvas desirmanadas, um cão, diversas argolas com chaves.

Também no Sindicato Nacional dos Motoristas se encontra o seguinte: chapéus de chuva, três sombrinhas, um embrulho, uma mala de viagem, uma pasta de carneira, uma boneco de borracha, umas luvas de pele de porco, uma pasta lancheira, um relógio de bolso com corrente e argola com 3 chaves, um breviarium romano, uma carteira, um saco com uma equipa de futebol, uma bolsa de cabedal, um saco, um rolo com plantas do «Grande Hotel da Torre», uma gabardina para criança, uma chapa de metal, dois pares de óculos graduados dentro de um estojo.

A elevada compreensão do Municipio de Lisboa

A entrega pelo presidente da Camara Municipal de Lisboa na Presidência do Conselho, em 27 do mês transacto, do «plano de utilização de lotes de terreno urbanizado e já disponível para construções», permito que o Município da capital inicie já em 1960 o cumprimento do novo plano de construção, esclareceu o sr. dr. Teotónio Pereira:

«Trata-se pois de uma antecipação que nem por ter sido prevista a sua possibilidade no decreto que estamos examinando, deixou de ser um facto digno de registo. Trazendo os terrenos já disponíveis para dentro do plano principal, a Camara Municipal de Lisboa demonstra a sua elevada compreensão do problema e torna possível que o programa para 1960 englobe já 2.300 fogos».

Não haverá segregação dos bairros económicos

Tendo-se referido á comissão que funcionará junto da Presidência do Conselho e que coordenará todos os recursos e necessidades em presença e ajudará a solucionar um grande numero de problemas ligados com a execução do plano, o ministro da Presidência vincou que não haverá segregação dos bairros económicos, o que nos parece especialmente significativo. Disse o sr. dr. Teotónio Pereira:

«As áreas urbanizadas implicam já o estudo do aproveitamento dos terrenos, implantação dos novos edifícios e os projectos tipo para estes ultimos. Haverá necessáriamente que ter em atenção não só o lado funcional mas também o aspecto estético das novas construções. O espírito da lei é contrário a toda a ideia de segregação. Deverão harmonizar-se as diversas categorias de edifícios e não se deverá esquecer que se trata de novos bairros de uma grande capital».

E a terminar as suas importantes declarações:

«Começaremos a trabalhar na entrada do novo ano e 1960 verá já o início da construção deste primeiro programa anual. Mas será em 1961 que o novo plano entrará em pleno rendimento. Todos temos pressa de o ver frutificar».

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Séde — Calçada do Duque, 20 — Lisboa

ADMINISTRAÇAO

Pagamento do juro das obrigações de 3 1/2 % relativo ao 2.º semestre de 1959

São avisados os portadores de obrigações de 3 1/2 %, da emissão de 1946, de que o pagamento do cupão n.º 26, líquido de impostos, será efectuado a partir de 2 de Janeiro de 1960, aos preços de:

Esc. 14$17 — para títulos ao portador.
Esc. 13$93 — para títulos nominativos.

O pagamento efectuar-se-á:

Em Lisboa:
na Séde da Companhia
no Banco Fonsecas, Santos & Vianna

No Porto:
na Filial do Banco Lisboa & Açores

O pagamento na séde da Companhia efectua-se todos os dias uteis, desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas, e aos sábados desde as 10 ás 12 horas.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Festas do Natal

(Continuação da 3.ª página)

Na freguesia de S. João da Praça

A Junta de Freguesia de São João da Praça distribuiu, hoje, um bodo a 250 pobres, incluindo dois protegidos do «Diário de Lisboa», em nome dos quais agradecemos.

A Sociedade de Beneficência da Freguesia da Sé e São João da Praça distribuiu vestuário completo e calçado ás crianças e agasalhos e géneros alimentícios, aos velhos, protegidos pelo Refeitório «Santa Maria», privativo da benemérita instituição.

Metalurgica Luso-Italiana, Lda.

A Metalurgica Luso-Italiana, Lda., distribui amanhã, nas suas instalações em Cabo Ruivo, á semelhança dos anos anteriores, roupas e agasalhos aos filhos dos seus empregados.

Comissão de Melhoramentos de Valejas

A exemplo dos anos anteriores a Comissão de Melhoramentos de Valejas (Carnaxide) promove, no domingo, uma festa infantil, organizada por uma comissão da qual fazem parte as sr.as D. Amélia Marques dos Santos, D. Odete Lucas Rodrigues, D. Maria Rodrigues Pestana e D. Debora dos Santos.

Haverá recitativos e canções alusivas ao Natal pelos alunos da escola primária de Valejas, com a colaboração da orquestra da Sociedade «Os Fixes», de Queluz de Baixo. Serão distribuidos brinquedos e guloseimas ás crianças.

Grupo Desportivo da Casa Contreras

No domingo, ás 15 e 30, no salão da Juventud Galícia, o Grupo Desportivo da Casa Contreras organiza a sua festa de Natal, cujo programa inclui sessão de cinema, exibição de palhaços e distribuição de brinquedos, guloseimas e merenda aos filhos dos empregados daquela firma.

Patronato da Infancia

A benemérito instituição Patronato da Infancia, que educa, ampara e protege centenas de rapazes, luta com grandes dificuldades, as quais só poderá enfrentar por meio de auxílios. Assim dirigiu um apelo no sentido de conseguir novos subscritores ou ofertas de donativos ou artigos de utilidade que possam beneficiar os seus educandos, contribuindo para a continuidade de uma obra de assinalado valor social.

A festa da «Favorita» na Voz do Operário

No salão de festas da Voz do Operário, promovida, como nos anos anteriores, pela direcção da Fábrica de Chocolates «Favorita», efectuou-se hoje de tarde uma interessante festa, dedicada aos filhos do seu pessoal, que constou de actuação dos palhaços Noel e Zézé, dos artistas Pão Viana e Teresinha do Montijo Cardinale e da Orquestra Bambinos. Houve também uma sessão de cinema, com desenhos animados e filmes culturais. A todas as crianças, foram distribuidos agasalhos, brinquedos e guloseimas primorosamente fabricados na «Favorita». Ao todo foram contempladas trezentas e vinte e cinco crianças de ambos os sexos e de várias idades.

A festa dos filhos do pessoal da Fábrica Nally Atlético Clube do Cacém

A secção de beneficência do Atlético Clube do Cacém distribui amanhã, ás 10 horas, um bodo aos pobres daquela freguesia e enviou-nos vinte escudos para os nossos protegidos.

Reuniu mais de cem crianças a festa dedicada aos filhos dos empregados e operários da Fábrica Nally, promovida pelo respectivo conselho de administração. Numa ampla dependência daquele estabelecimento fabril, vistosamente ornamentada, efectuou-se um espectáculo infantil, com palhaços e numeros de variedades em parte desempenhados com muita graciosidade, pelo pessoal de ambos os sexos.

Estiveram presentes, além dos srs. Frederico Abecassis e Rolf Lynche, sócios gerentes, e suas esposas; os srs. Luís Mendonça Belo, drs. Eduardo Correia de Barros e Simões Pedro, capelão da Força Aérea Antero Sousa, prior do Campo Grande, Leal e Francisco Salgado, respectivamente chefe da esquadra da P. S. P. e representante da Junta de Freguesia do Campo Grande, etc. Também assistiram, entre os funcionários superiores da fábrica, as sr.as dr.as D. Maria José Mota Capitão e D. Maria Augusta Cativo, ambas técnicas.

Terminado o espectáculo — que muito agradou á assistência — foram retirados de uma grande árvore de Natal muitos brinquedos que foram entregues ás crianças pelas sr.as D. Maria Piedade Abecassis e D. Mirita Abecassis que, auxiliadas pela antiga encarregada da fábrica sr.ª D. Maria Lopes, procederam também á distribuição de agasalhos e guloseimas.

Ao pessoal da fábrica e ás suas famílias, foi igualmente servida uma merenda, e aos convidados, foi oferecido no gabinete da direcção, um «Porto de honra».

Grupo Desportivo da Casa Eng.º J. Nunes Correia

A Casa Eng. J. Nunes Correia, por intermédio do seu Grupo Desportivo, com a colaboração da administração, promoveu na Academia de Santo Amaro, a festa de Natal, que decorreu num ambiente de alegria e confraternização. Exibiram-se os palhaços Emiliano, Kinito & C.ª, procedendo-se em seguida á distribuição de brinquedos e merenda a 120 crianças.

O presépio do quartel do Carmo

O presépio ontem inaugurado, pelo general Aníbal Vaz, comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, na Companhia de Engenhos, no quartel do Carmo, estará patente, todos os dias, das 10 ás 21 horas, até 6 de Janeiro.

Festa infantil na empresa Capristanos

CALDAS DA RAINHA, 24. — A empresa Capristanos dedicou uma festa aos filhos dos seus empregados, em numero de 337.

Houve exibição de palhaços, uma gincana á qual concorreram crianças de quatro a sete anos, que tiveram prémios entre 100$00 e 1.000$00.

Festa dos funcionários da Camara de Mafra

MAFRA, 24. — Por iniciativa do sr. capitão Pereira de Almeida, presidente da Camara Municipal de Mafra, vão efectuar-se, pela primeira vez, as festas de Natal dedicadas aos seus servidores.

Na quadra festiva haverá uma reunião de toda a família muncipal, no dia 29, com a presença dos presidente, vereadores e membros do Conselho Municipal. Serão distribuidos agasalhos, brinquedos e guloseimas aos filhos dos empregados da Camara e Serviços Municipalizados, e também, lembranças ás famílias dos servidores mais necessitados. Abrirá a exposição de um grande presépio, montado numa das salas dos Paços do Concelho, com cerca de 100 figuras em cerâmica regional, que será, sem dúvida motivo, de grande interesse.

Para esta festa contribuem o Município, os próprios funcionários e os fornecedores habituais da Camara.

Máquinas de escrever **HERMES**
De somar e calcular **PRECISA**
De franquiar **FRANCOTYP**
De calcular **MADAS**
Duplicadores **REX ROTARY**
Balanças **INCA**
Ferros e torradeiras **JURA**
Material fotográfico **ILFORD**
Aparelhos de cinema **PAILLARD**
Camaras fotográficas **EXAKTA e BALDA**

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES

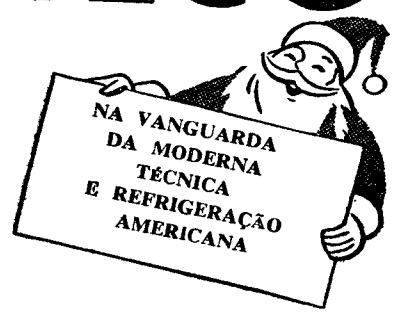
M. Simões Jr.ª Lda.

COM OS MELHORES CUMPRIMENTOS DE
BOAS FESTAS

RUA DA CONCEIÇÃO, 46-48-50 • RUA DA PRATA, 68 • TELEF. 31545/8 • LISBOA

O MELHOR PRESENTE PARA TODA A FAMÍLIA

PHILCO



E PRECISO TER VISTO UM
PHILCO
PARA SABER O QUE É UM VERDADEIRO
FRIGORÍFICO
REPRESENTANTES GERAIS:
PORTO — 117, R. Santa Catarina
LISBOA — 7, R. Alexandre Herculano

O GRANDIOSO REVEILLON
— do —
BARRETE VERDE
EM BENAVENTE

O mais luxuoso original e típico Restaurante do Ribatejo
2 ORQUESTRAS — 1 CONJUNTO MUSICAL — 3 RANCHOS FOLCLÓRICOS — FANDANGO — CANTARES REGIONAIS — O «TRIO BOREAL» — ETC.

*

DIA DE NATAL e DIA DE ANO NOVO
Almoços e Jantares com Ementas Especiais
N. B. — Nestes dias, entre várias atracções, exibe-se o RANCHO FOLCLÓRICO INFANTIL DA CASA DO POVO DA CHAMUSCA, composto por 42 crianças

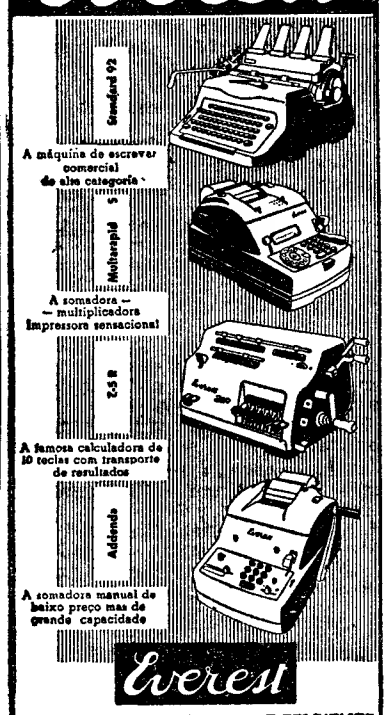
*

AMBIENTE DE DISTINÇÃO E ALEGRIA NO CORAÇÃO DO RIBATEJO
(MAIORES DE 15 ANOS)
Marcações de mesas pelo telf. 74 — BENAVENTE
Em Lisboa, para transporte e marcações com tudo incluído, na
LUSANOVA
AVENIDA JOÃO XXI, 9-A — TELEFS. 726116 E 726115
Podem também ser feitas marcações no Largo Martim Moniz, 14 (Pavilhão das Malas) — Telef. 86 45 12

HAVAS

VINHOS
Messias
Amadurecidas pelo Sol generoso da nossa terra, as boas uvas portuguesas produzem os famosos VINHOS MESSIAS, de pureza e qualidade incomparáveis.
VINHOS DE MESA • ESPUMANTES • VINHOS DO PORTO • AGUARDENTES

Everest



Everest
A GAMA MAIS COMPLETA E EFICIENTE DE MÁQUINAS PARA ESCRITÓRIO
REPRESENTANTES: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, L.DA
Av. Fontes Pereira de Melo, 45
Telef. 733111 — LISBOA

O RELÓGIO DAS HORAS EXACTAS

AUTOMÓVEIS USADOS...
...MAS EM BOM ESTADO

DAS MAIS VARIADAS MARCAS E PARA TODOS OS PREÇOS. REVISTOS NAS N/ OFICINAS E NAS MELHORES CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

COMAL
ESTAÇÃO DE SERVIÇO — AGÊNCIA GOGGOMOBIL
Av. Álvares Cabral, 45-B — Telef.: 680160 - 688525

A. SILVA LEANDRO
Conta própria

SOUTIENS – CINTAS
LINGERIE – GABELIN

Deseja as Boas Festas aos seus estimados clientes.

Rua Carlos Mardel, n.° 59 c/v. Dt.° — Telefone 57052

CASA
DAS
GRAVATAS
RUA DO OURO, 121

Deseja Bots-Festas e um novo ano feliz aos Ex.mos Clientes.

CACHE-COLS
Echarpes de Lã
Mohair
TORRE EIFFEL
104—Rua do Carmo—106

Já viu a EXPOSIÇÃO da R. DO TELHAL, 74-D LISBOA?

VISITA AO ALGARVE E SEVILHA

Com vista a proporcionar aos Srs. Passageiros maiores facilidades para se poderem deslocar ao Algarve e a Sevilha durante as quadras festivas do NATAL e ANO NOVO a C. P. fará circular diàriamente os comboios semidirectos 8011 e 8012 (os conhecidos rápidos do Algarve) nos seguintes períodos:

— o c.° 8011 (sentido Lisboa-Algarve), de 18 a 23/12/959 e de 30/12/959 a 6/1/960..

— o c.° 8012 (sentido Algarve-Lisboa), de 19 a 24/12/959 e de 31/12/959 a 7/1/960.

São asseguradas, nos referidos períodos, também diàriamente as respectivas ligações de barco e de autocarro de, e para, Ayamonte, Huelva e Sevilha.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Séde — Calçada do Duque, 20 — Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento do juro de obrigações relativo ao 2.° semestre de 1959

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao 2.° semestre de 1959, será efectuado a partir de 2 de Janeiro p.° f.°, aos preços abaixo indicados:

EMISSÃO «C. P.» 4 % — 1951
Esc. 22$50 — para títulos ao portador ou nominativos
EMISSÃO «C. P.». 4 — 1951
Esc. 20$00 — para títulos ao portador ou nominativos
EMISSÃO «NORTE» 5 % — 1937
Esc. 2$50 — para títulos ao portador ou nominativos
EMISSÃO «GUIMARÃES» 4 1/2 % — 1905
Esc. 1$62 — para títulos ao portador
Esc. 1$60 — para títulos nominativos
EMISSÃO «GUIMARÃES» 5 % — 1896
Esc. 1$80 — para títulos ao portador
Esc. 1$78 — para títulos nominativos
EMISSÃO «MIRANDELA A BRAGANÇA» 4 1/2 % — 1903
Esc. 1$64 — para títulos ao portador
Esc. 1$62 — para títulos nominativos

O pagamento efectuar-se-á todos os dias uteis, desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas, e aos sábados desde as 10 ás 12 horas:
em Lisboa, na séde da Companhia,
no Porto, na Tesouraria da Companhia (estação de S. Bento).

Lisboa, 16 de Dezembro de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

pequeno MAGAZINE

O presente desejado

— «Peneiras» não lhe faltam.
— Pudera, vai á missa do Galo.

DIZ QUEM SABE

A vida dos campos, a vida perto da terra é a verdadeira; e a nossa civilização urbana e industrial é talvez um terrível erro da humanidade ocidental.

JULES LEMAITRE

*** Se começarmos a ver o Mundo tal qual é, a poesia acaba toda.**

CAMILO C. BRANCO

*** A eterna poesia existe apenas nas rosas e nas estrelas.**

A. HOUSSAYE

O sapatinho da Gata Borralheira

QUEM CANTA seu mal espanta...

Natal, na província neva
Nos lares aconchegados
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados

Coração oposto ao mundo
Como a família é verdade
Meu sentimento é profundo
Estou só e sinto saudade

E como é branca de graça
A paisagem que não sei
Vista através da vidraça
Do lar que nunca terei.

FERNANDO PESSOA

O falso príncipe

O romanesco surge com mais frequência na vida do que nos próprios romances. O romancista desconfia mais do extraordinário do que o homem vulgar. Assim, o historiador Jacques le Berger Carriére desenterrou do pó dos tempos e publicou na revista «História» a narração de um facto verídico ocorrido em Spa no século XVIII. Um falso príncipe aí desembarcou num formoso dia de Junho e preste ganhou a estima da melhor sociedade flandrina. Até o arcebispo de Liège o aceitou na sua intimidade. Tais artes o falso príncipe desenvolveu que a jovem e bela condessa Charlotte de Lévignen lhe ofereceu a sua mão. Foi, por fim, desmascarado o embusteiro. Mas já nessa altura a pobre o amava tão forte e sinceramente que o casamento não deixou de se consumar. E, o que é mais, foram felizes, tiveram muitos filhos e o falso príncipe soube ser tão príncipe como qualquer outro que nesse estado houvesse nascido. E' afinal na vida a mesmíssima história de «Los intereses creados».

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL Gravador

R. Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

Peter Stuyvesant

Cigarros com Filtro Milagre
TABACOS RICOS E ESCOLHIDOS
Com embalagem própria para presentes de

NATAL

IMPORTADORES: **Tabacaria Daniel Barbosa & C.ª, Lda.**
Rua dos Clérigos, 2 — Tel. 23918 — PORTO

SANTOS & NOGUEIRA, LDA.

RELOJOEIROS E OURIVES FABRICANTES
Caixas para relógios — Reparações — Vidros de forma — Mostradores
PLAQUEADOS COM GARANTIA

Telef.: 26854 — Rua dos Correeiros, 101, 4.º D.
LISBOA

Apresentam aos seus estimados Clientes e Amigos sinceros votos de Feliz Natal e um próspero Ano Novo.

Nem mais nem menos!...

Em calçado
Nem se faz melhor
Nem se vende mais barato
SAPATARIA SÃO CARLOS

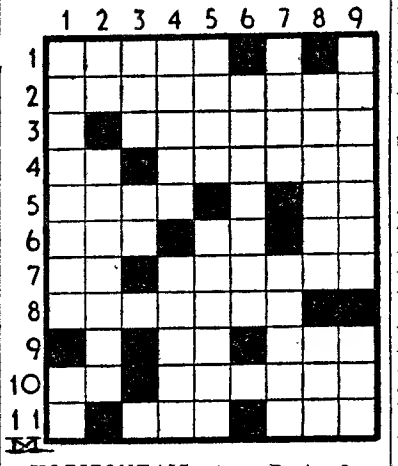
Rua Ivens

Depois do jantar
visite as nossas montras
CASA MAX
193-A — R. D. Estefania — 193-F

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1814



HORIZONTAIS: 1 — Praia. 2 — Imortalizar. 3 — Parteira (fam.). 4 — Nada. Posteriormente. 5 — Caminhando. Antes de Cristo. 6 — O qual. Laço. Símbolo químico do neóbio. 7 — Grito de dor. Fendeu. 8 — Comprimi o bagaço das uvas para lhe extrair o vinho. 9 — Símbolo químico do escandio. Fuido aeriforme. 10 — Pertences. Criança. 11 — Cajado. Preposição e artigo (pl.).

VERTICAIS: 1 — Agasalhe. Pronome pessoal. 2 — Acusada. Condecendemos. 3 — Acredita (inv.). Ofereça. 4 — Qualificação pessoal desfavorável. Vinte mãos de papel. 5 — Governo. Veio ao Mundo. 6 — Fécula da raiz da mandioca. 7 — Todas as coisas. Deusa grega da saude, filha de Esculápio. 8 — Língua que serviu de base imediata e comum ao sanscrito e ao persa. Espaço de tempo. 9 — Desenvolveu-se. Ermos.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1813

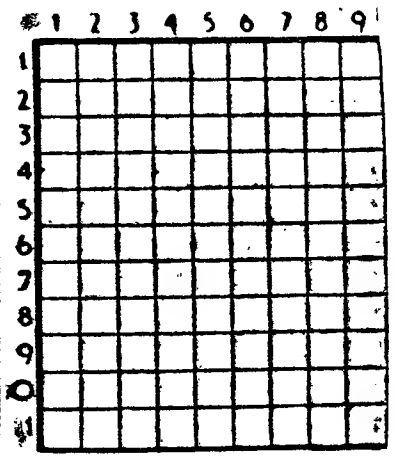
HORIZONTAIS: 1 — Deas. Pest. 2 — Islado. Ir. 3 — Atem. Rege. 4 — Fó. Ao. Vis. 5 — Vir. Mil. 6 — Acabe. Tom. 7 — GALINHA. 8 — Essa. Ar. 9 — Ás. Na. 10 — PEDRÊS. 11 — Caloirada.

VERTICAIS: 1 — Diafragma. 2 — Estoica. Spa. 3 — Ale. VALE. El. 4 — Sama. Bis. Dó. 5 — Ens. Ri. 6 — POR. Haver. 7 — Evita. Sá. 8 — Sigilo. An. 9 — TRÊS. Morada.

(Provérbio: GALINHA PEDRÊS VALE POR TRÊS).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3862



HORIZONTAIS: 1 — Ilha italiana no Mediterraneo. 2 — Limpo com areia. 3 — Preposição; Eia-; Prefixo de negação. 4 — Artérias; Fronteira. 5 — Amarrais. 6 — Algum; Nome de mulher; Nota musical. 7 — Origem; Misericordiosa. 8 — Remeteriam. 9 — Gemidos; Sapo do Amazonas. 10 — Mitra papal. 11 — Pronome pessoal, (pl.); Parte do Mundo a que pertence o Malabar.

VERTICAIS: 1 — Olor; Uma das virtudes teologais. 2 — Mulo; Alimento que Deus mandou aos Israelitas no deserto. 3 — Frequentava; Em partes iguais; Impede. 4 — Tira o mel da colmeia; Divindade egípcia. 5 — Moeda japonesa; Garupa. 6 — Ataria; Invulgar. 7 — Satélite de Jupiter; Artigo definido; Crisois. 8 — Segundo; Voz de gato. 9 — Gostariam muito de; Nota musical.

Solução do problema n.º 3861

HORIZONTAIS: 1—Acta; Amor. 2 — Raer; Data. 3 — Ar; Rei; Ai. 4 — Lacem. 5 — Pag; Tal. 6 — Paroquiar. 7 — Ura; Rode. 8 — Aquem. 9 — As; Aru; II. 10 — Polo; Irra. 11 — Elas; Aias.

VERTICAIS: 1 — Aral. Rape. 2 — Carapau. Sol. 3 — Te. Carro. Lá. 4 — Arregoa. Aos. 5 — Em. Ar. 6 — Adi. Turquia. 7 — Má. Caiou. Ri. 8 — Ota. Ladeira. 9 — Raiz. Remias.

Os homens negócios e as doenças de coração

Setecentos homens de negócios assistiram em Londres a um colóquio, dedicado á «Saúde dos directores de empresa», que foi presidido por sir Stanley Davidson, professor da Universidade de Edimburgo.

— A gordura é o pior inimigo do homem de negócios, declarou aquele. Recomendou o exercício físico e a alimentação racional, acrescentando: — Comer e beber o mínimo possível é a melhor maneira de evitar a doença e atrasar o fim.

Um cardiólogo célebre, sir Daniel Davis, apresentou aos ouvintes um «Pequeno Manual do Perfeito Cardíaco»:

— Trabalhe durante o fim-de-semana, leve para casa os «dossiers» do escritório, não recuse nenhum convite para banquetes e recepções, telefone durante as refeições, não delegue poderes em ninguém, dirija todos os seus negócios, não tenha confiança nos colaboradores: eis a melhor maneira de adquirir uma doença de coração.

FATOS USADOS

Vamos a casa, e compramos ao balcão todo o vestuário para homem e rapaz, calçado, etc. e pagamos aos melhores preços.

R. S. Bento, 58-60 — Tel. 663031

NASCEU UM

PARAÍSO

PARA A DECORAÇÃO DO SEU LAR

RUA DA VITÓRIA, 44

BRONZES SUPER

TÊM O PRAZER DE OS CONVIDAR A VISITAR O

PARAÍSO

ONDE PODERÃO ADMIRAR A SUA COLECÇÃO DE
LUSTRES — LANTERNAS — ESPELHOS — VITRINES E BIBELOTS

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Helena Gonçalves Dias

Faleceu hoje a sr.ª D. Helena Maria Xavier Gonçalves Dias, casada com o sr. Alfredo Gonçalves Dias, funcionário dos escritórios da Companhia Nacional de Navegação

O seu funeral efectua-se amanhã, ás 11 horas, da igreja da Encarnação para o cemitério de Benfica

D. Maria Bernarda Moreira Salgado do Carmo

Na residência de seu filho Hernani Teles Salgado do Carmo, na Rua Elias Garcia, letras G N G, em Rangel-Amadora, faleceu hoje a sr.ª D. Maria Bernarda Moreira Salgado do Carmo, de 79 anos, viuva, natural de Alhos Vedros. A extinta era também mãe dos srs. João Heliodoro Salgado do Carmo, Rogério Osvaldo Salgado do Carmo, Diógenes Nery Salgado do Carmo, Guilherme Tell Salgado do Carmo e Vítor Hugo Salgado do Carmo. O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 16 horas, da igreja da Amadora para o cemitério local.

Manuel Pereira

Faleceu o sr. Manuel Pereira, de 84 anos, natural de Penso (Melgaço), proprietário, casado com a sr.ª D. Ermelinda Magalhães Pereira, pai da sr.ª D. Amélia Rosa de Magalhães Pereira Vilarinho e dos srs. eng. Henrique Manuel Pereira, administrador dos C. T. T. e Humberto de Magalhães Pereira, comerciante. O funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da sua residência, Avenida D. Carlos I, 35, 1.º, direito, para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de corpo presente ás 10 horas. Os serviços funebres foram confiados á Agência Salgado.

Joaquim José de Carvalho

PORTO, 24. — (Pelo telefone). — Na sua residência, faleceu esta manhã, com 74 anos, o conhecido capitalista sr. Joaquim José de Carvalho. Era presidente do conselho de administração da Companhia de Seguros «Garantia», da Empresa Artística, Ld.ª, proprietária do Coliseu do Porto, obra que a cidade lhe deve inteiramente, sócio da casa bancária Sousa Cruz e ainda de outras importantes empresas. Deixa viuva a sr.ª D. Maria Fernanda de Matos Carvalho, e era pai dos srs. José Nuno Matos Carvalho e dr. Rui Octávio Matos Carvalho. O funeral, a cargo da Casa Alberto Pereira, efectua-se amanhã, ás 10 e 30, no templo da Lapa

A família enlutada apresentamos pesames

SUFRÁGIOS

Dr. Rodolfo Xavier da Silva

Recordando o 10.º aniversário do falecimento do dr. Rodolfo Xavier da Silva, será rezada, amanhã, ás 10 horas, no altar-mor da igreja de Nossa Senhora de Fátima, uma missa de sufrágio mandada dizer por sua viuva.

Encontrado morto

num ribeiro

VILA REAL, 23. — Foi encontrado morto num ribeiro e com a cabeça submersa Alfredo Pereira, casado, de 59 anos, jornaleiro, natural do lugar e freguesia da Paia, concelho de Baião e residente no lugar de Fortunho, freguesia de S. Tomé do Castelo deste concelho A G. N. R. tomou conta da ocorrência e averiguou que o Alfredo tinha ido a uma taberna e comprado um garrafão de vinho e mais tarde voltara ali e comprara outro, dizendo que o primeiro se tinha partido. Como não aparecesse em casa durante a noite a esposa ficou em sobressalto participando o caso aos vizinhos que depois o procuraram e o encontraram morto no ribeiro.

CARREIRAS AÉREAS

De Lisboa a Paris em 2 horas e meia, num avião dos T. A. P.

Um avião dos Transportes Aéreos Portugueses, pilotado pelo sr. comandante Schultz, percorreu ontem a rota Lisboa-Paris no tempo «record» de 2 horas e 30 minutos, á velocidade horária de 605 quilómetros.

Reunião das companhias aéreas que operam em Portugal

As companhias de aviação que operam em Portugal (F. A. L.), promovem no dia 30, no Restaurante Folclore, o «cocktail» anual, para o qual foram convidadas também diversas entidades ligadas aos meios de aviação civil e comercial portugueses. O «cocktail» iniciar-se-á ás 18 e 30.

MANOEL PEREIRA

FALECEU

Confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Ermelinda Rosa de Magalhães Pereira, Amélia Rosa de Magalhães Pereira Vilarinho, seu marido e filhos, Henrique Manuel Pereira, sua mulher e filhos, Humberto de Magalhães Pereira, sua mulher e filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 11 horas, da sua residência Av. D. Carlos I, 35, 1.º, Dto., para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de corpo presente ás 10 horas.

AGÊNCIA SALGADO

MANOEL PEREIRA

FALECEU

MARCELLINO ILIDO PEREIRA & C.ª (IRMÃO) cumpre o dever de participar o falecimento do seu antigo sócio e fundador sr. Manoel Pereira e que o funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 11 horas, da sua residência Av. D. Carlos I, 35, 1.º, Dto., para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de corpo presente ás 10 horas.

AMADORA

Maria Bernarda Moreira Salgado do Carmo

FALECEU

João Heliodoro Salgado do Carmo e esposa, Hernany Teles Salgado do Carmo, esposa e filha, Rogério Oswaldo Salgado do Carmo, esposa e filho, Deósnes Nery Salgado do Carmo, esposa e filha, Guilherme Tell Salgado do Carmo, Victor Hugo Salgado do Carmo, esposa e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida e chorada mãe, sogra, avó e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas, da Igreja da Amadora para o cemitério local.

AGÊNCIA RODRIGUES (Amadora)

MANOEL PEREIRA

FALECEU

EVARISTO DOMINGUES, LDA. cumpre o dever de participar o falecimento do seu antigo sócio e fundador sr. Manoel Pereira e que o funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 11 horas, da sua residência Av. D. Carlos I, 35, 1.º, Dto., para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de corpo presente ás 10 horas.

MANOEL PEREIRA

FALECEU

PEREIRA & ROCHA, LDA. cumpre o dever de participar o falecimento do seu antigo sócio e fundador sr. Manoel Pereira e que o funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 11 horas, da sua residência Av. D. Carlos I, 35, 1.º, Dto., para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de corpo presente ás 10 horas.

MANOEL PEREIRA

FALECEU

SOCIEDADE DE PESCARIAS ARRÁBIDA, LDA. cumpre o dever de participar o falecimento do seu antigo sócio e fundador sr. Manoel Pereira e que o funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 11 horas, da sua residência Av. D. Carlos I, 35, 1.º, Dto., para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de corpo presente ás 10 horas.

MANOEL PEREIRA

FALECEU

SOCIEDADE LISBONENSE DE PRODUTOS ALIMENTARES cumpre o dever de participar o falecimento do seu antigo sócio e fundador sr. Manoel Pereira e que o funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 11 horas, da sua residência Av. D. Carlos I, 35.º, 1.º, Dto., para jazigo no cemitério dos Prazeres, sendo celebrada missa de corpo presente ás 10 horas.

MANOEL PEREIRA

FALECEU

VENTURA, PEREIRA & RODRIGUES, LDA. cumprem o dever de participar o falecimento do Pai e Tio dos seus sócios, D. Amélia Rosa de Magalhães Pereira Vilarinho e seu marido, Eng.º Henrique Manuel Pereira, Humberto de Magalhães Pereira e Raul Pereira da Rocha e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 25, ás 11 horas, da sua residência Av. D. Carlos I, 35, 1.º, Dto., para o cemitério dos Prazeres.

Manuel Pereira

FALECEU

O Pessoal da firma Marcellino Ilídio Pereira & C.ª (Irmão) cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu exemplar Patrão e que o seu funeral se realiza no dia 25, pelas 11 horas da sua redência, na Av. D. Carlos, I, 35, 1.º, Dto.

Manuel Pereira

FALECEU

O Pessoal da firma Evaristo Domingues, Lda., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu exemplar Patrão e que o seu funeral se realiza no dia 25, pelas 11 horas, da sua residência, na Av. DD. Carlos I, 35, 1.º, Dto.

Bolsa Predial de A. F. RAMALHO

R. dos Fanqueiros, 65-1.º Telefs.: 28730 - 31772 — LISBOA

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES TRESPASSES E HIPOTECAS

Apresenta a todos os seus estimados Clientes e Amigos os melhores votos dum FELIZ NATAL e dum PRÓSPERO ANO NOVO 1959/60

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«GANDA» 16 de Janeiro	Com escala por **Leixões**, para: **Funchal, S. Iomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.**
«LUANDA» 22 de Janeiro	Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.**
«LOBITO» 5 de Fevereiro	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia (se necessário).** Carrega em Lisboa até 3 de Fevereiro.
«UIGE» 6 de Fevereiro	Com escala prévia por **Leixões: para: S. Tomé, Luanda, Lobito e Moçâmedes.** Carrega em Lisboa de 28 a 31 de Janeiro.
«VERA CRUZ» 13 de Fevereiro	**Para: Luanda e Lobito.** Carrega até 11 de Fevereiro.
«PÁTRIA» 17 de Fevereiro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala** (se necessário). Carrega em Lisboa até 14 de Fevereiro.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 14 de Janeiro (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 7 de Janeiro 8 de Fevereiro (ás 18 horas)	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades** (Miami).

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telef. 23342

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 24 de Dezembro de 1929 um numero de 32 páginas assinadas pelo dr. Joaquim Manso, Artur Portela, Norberto Lopes, Norberto de Araujo, Rogério Perez, Maurício de Oliveira, Félix Correia, Manuel Nunes, António Lopes Ribeiro, Vítor Falcão e pelos poetas Silva Tavares e Américo Durão.

E, como informação: «Espalhou-se pela cidade que os perus andavam atacados de «vesperias». Ora os perus não têm nenhuma doença, a não ser a de serem caríssimos nas vésperas do Natal».

EFEMERIDES

No dia 24 de Dezembro de 1525 morreu, em Cochin, Vasco da Gama.

TELEVISÃO

Hoje, ás 16 horas, abertura; 16 e 2, «Natal dos Hospitais», transmissão directa, do Hospital de S. José, da festa de Natal promovida pelo «Diário de Notícias»; 21, reabertura; 21 e 2, «Telejornal» (1.ª edição); 21 e 20, teatro: «Badalim chegou ao Céu», de José António Ribeiro, pela companhia do Teatro de Gerifalto, interpretação de Eduardo Silveira, Fernanda Alves, Luís Horta, Maria Albergaria, Morais e Castro e Rui Mendes, encenação de António Manuel Couto Viana; 21 e 50, conjunto de Marino Marini; 22 e 10, «A vida e obra de Rembrandt»; 22 e 40, «The Golden Gate Quartet»; 23, «No Mundo do Bailado»; 23 e 30, «Telejornal» (2.ª edição); 23 e 45, «Natividade» e 24, missa do galo, transmitida directamente da igreja do Cristo-Rei, do Porto.

PROGRAMAS DE RADIO

(HOJE)

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 45, Musica de Natal; 19, Desdobramento; 20, Junção dos emissores.

Programa «A»—Ás 19, Revista de revistas estrangeiras; 19 e 10, Concerto, pelo sexteto de cegos, dirigido pelo violinista Augusto Coelho; 19 e 30, Alvorada, programa juvenil; 20, Jornal sonoro; 20 e 20, Orquestras ligeiras; 20 e 35, O orfeão escalabitano; 21 e 5, Varanda da Europa; 21 e 30, Os nossos compositores; 21 e 50, Canções de Natal da Europa pelo coro do Seminário de Évora; 22 e 12, Concerto, por um quarteto de trompas; 22 e 30, Concerto, pelo coro «Polyphonia» dirigido pelo cantor-mor Mário de Sampaio Ribeiro; 23, Solos de orgão: «Canções de Natal»; 23 e 15, Natal português, programa pela Orquestra Ligeira, coro feminino e sexteto vocal masculino; 23 e 45, Noticiário; 0, Missa, transmitida do Mosteiro de S. Bento de Singeverga.

Programa «B»—Ás 19, Viagens ao mundo da arte; 19 e 30, Vozes imortais: baixo Nicola Rossi Lemeni: «Fica imóvel», da ópera «Guilherme Tell», de Puccini; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE—Ás 17 e 30, Cançonetas; 19, Melodias; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Conjuntos; 22 e 40, Melodias; 23 e 30, Musica do Brasil; 23 e 45, Noticiário.

Estação de Miramar—Ás 18 e 32, Ritmos de baile; 19 e 15, Intermédio musical; 19 e 45, Cançonetas; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Orquestras e vocalistas; 20 e 30, Curso de lingua inglesa; 21, Noticiário; 21 e 15, Melodias; 21 e 30, Palestra de língua portuguesa; 21 e 45, Programa «jazz»; 22 e 15, Leitura; 22 e 45, Cozinha alentejana; 23, Rua Larga; 23 e 30, Orquestras ligeiras; 0, Baile.

RÁDIO RENASCENÇA—Ás 18 e 15, Musica seleccionada; 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Cartaz de Paris; 19 e 45, Chuva de estrelas; 20 e 15, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, As ultimas novidades; 21 e 30, Quando o telefone toca; 22, Programa da estação do Porto; 22 e 20, Composições escolhidas; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, A 23.ª hora; 0, Missa, da natividade.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

PROGRAMAS DE RÁDIO

(AMANHÃ)

EMISSORA — Ás 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — Ás 14: As ideias e os livros; 14 e 10: Album musical; 14 e 40: Canções de Natal; 15: Onda musical; 17: Raul Nery e o seu conjunto de guitarras; 17 e 20: Orquestras ligeiras; 17 e 45: Trechos em piano; 18: Noticiário e danças; 18 e 45: Melodias; 19: Orquestras ligeiras; 19 e 20: Actualidades musicais; 19 e 40: As nossas canções; 20: Mensagem de Natal, por S. E. o cardeal-patriarca de Lisboa; 20 e 20: Concerto, pelo grupo vocal feminino Harmonia, dirigido pelo prof. Verner; 20 e 40: A Orquestra Kostelanetz; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Musica de tecla; 21 e 30: Concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Carlo Zecchi, em que colabora o pianista André Tchaikowsky; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — Ás 14: 1.º acto da ópera «Rigoletto», de Verdi, cantado por Tito Gobbi, Giuseppe Stefano, Maria Callas, Plinio Clabassi, Nicola Zaccaria e coro e orquestra do Scala de Milão, sob a direcção de Tullio Serafin; 15: «Variações e fuga sob um tema de Purcell», de Britten, pela Orquestra Sinfónica de Minneapolis, dirigida por Antal Dorati; 15 e 18: «Cantata n.º 152», «Para o Natal», de Bach: 15 e 39: O pianista Backhaus: «Trinta e três variações», sobre uma valsa de Anabelli, de Beethoven; 16 e 25: «Sinfonia n.º 2», de Gounod, pela Orquestra dos Concertos Lamoureux, sob a direcção do maestro Warkevitch; 17: Concerto, pelo com Polyphonia, dirigido pelo cantor-mor Mário Sampaio Ribeiro; 17 e 30: Musica de arco; 17 e 40: Programa de Natal, pela cantora Madalena Anderson, acompanhada pelo organista Karl Heinz Muller; 18: Teatro: «A Luz e a Sombra», de Maria da Paz de Barros Santos, inspirado num conto de Stephanie Fone; 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto romantico: Concerto n.º 2», de Liszt, para piano e orquestra, por Robert Casadessus e a Orquestra Sinfónica de Cleveland, sob a direcção de Georges Szell; 20 e 20: «Quarteto n.º 7, op. 59, n.º 1», de Beethoven, pelo Quarteto Paganin.; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Que quer ouvir?; 21 e 50: Concerto ligeiro; 22 e 20: Variedades em disco; 22 e 40: Vozes do Mundo; 23 e 10: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — Ás 16 e 30: Conjuntos; 16 e 45: Fados e guitarradas; 17 e 15: Melodias; 17 e 45: Solistas; 18 e 30: Orquestras; 19: Cançonetas; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 45: Brasil; 21: Imagens por musica; 21 e 50: Curso de lingua inglesa; 22 e 10: Trechos recreativos; 23 e 17: Mahalia Jackson; 23 e 30: Orquestras; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — Ás 18 e 15: Paisagem infantil; 18 e 45: Musica regional portuguesa; 19 e 15: Cançonetas; 19 e 45: Solistas, 20: Boletim informativo; 20 e 10: Uma orquestra e uma voz; 20 e 45: Curso de lingua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Variedades; 21 e 45: Fados da Severa; 22 e 47: Musica de salão; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Musica de operetas; 0: Baile.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18 e 15: Eventual; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina; 19 e 55: Boletim do S. C. R.; 20: Alocução do Natal, pelo cardeal-patriarca; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Melodias de Natal; 22 e 20: Composições escolhidas; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: A 23.ª hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 ás 19 e 30: Voz de Lisboa; das 19 e 30 ás 22: Rádio Peninsular; das 22 á 1: Voz de Lisboa; da 1 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

FARMACIAS DE SERVIÇO

(HOJE)

TURNO B — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel 772397; Aeroporto (Do) — Avenida do Aeroporto, lote 318, loja-D, (á Avenida D. Rodrigo da Cunha), Tel. 722384; Alvalade — Avenida da Igreja, 18-B, Tel. 777170; Vera Cruz — Praça Afranio Peixoto, 2-B (á Avenida São João de Deus, Tel. 724941; Farmácia Gasparinho—Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 710465; Nova Iorque — Rua António Patrício — lote 347 — Av. Estados Unidos da América, Tel. 760658; — Onilda — Avenida João XXI 13-A, Tel. 726848; Miranda — Campo Pequeno, 36-B/C, Tel 770776; Vale — Avenida Marquês de Tomar, 45-49, Tel. 773043; Cosmos — Avenida João Crisóstomo 44-C, Tel. 40592; Cruz Nunes — Praça Duque de Saldanha, 14, Tel 41845; Novais — Avenida Luís Bivar, 11-13, Tel. 44324; Jaime José da Costa — Rua Conde Redondo 68-72, Tel. 54342; Ascensos, Ld.ª — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Marvila (De) — Rua Direita de Marvila, 25, Tel 381612; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C 720703-728395; Nova Luz — Rua D Domingos Jardo, á Av. D. Afonso III, 28-A, Tel. 843439; Martins Ld.ª — Rua Fernão de Magalhães 33, Tel. 849448; Arnaut — Rua das Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; Morão — Largo da Graça, 63, Tel 860700; Simões — Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 842518; Nobel — Rua Actor Vale, 53, junto á «Fonte Monumental», lado Sul, Tel. 842152; Oriental de Lisboa — Rua de Arroios, 215, Tel. 45079; Colonial — Rua Forno do Tijolo, 40, Tel 841122; Intendente (Do) — Largo do Intendente Pina Manique, 50 Tel. 47838; Central de Campolide — Rua General Taborda, 17, Tel 680304; Soares — Avenida Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; Urbano de Freitas — Rua Silva Carvalho, 1-9 Tel. 662838; Porfírio — Rua Francisco Metrass, 59, Tel. 663349; Paivas & Parente — Rua de Santo António, á Estrela, 96-98, Tel. 665196; Martins — Calçada da Estrela, 167 Tel. 660823; Ocidental — Rua D Jerónimo Osório, JPM, 8, Tel 610256; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; J. A. Silva — Avenida da Igreja, 31-C, Telef. 776905, São João de Deus—Rua Pedro Ivo, 1-A/B, Tel. 725140; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Fátima—Avenida de Berna, 24-B (junto á Igreja de Fátima), Tel 763107; Avenida (Das)—Avenida Miguel Bombarda, 14-D T. 763669; Império, Lda.—Rua Filipe Folque, 40-A-B, Tel. 48002, Universal—Rua Actor Taborda, 5-7, Tel 44158—A—; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Te. 389216, Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição—Calçada D. Gastão, 30-32, Tel 381279, Pereira, Suc. —R. do Paraíso, 98-100, Tel. 863224; Silva—Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074, Branquinho—Rua dos Sapadores, 87 Tel. 842725; Luzmar —Rua 2, 16-A—Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda), Tel 728277; Bastos — Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 844350; Délio — Rua Açores, 32, Tel. 52388; Castro —Avenida Almirante Reis, 76 A/B, Tel 44373; Peninsular—Campo dos Mártires da Pátria 117-118, Telef. 53308; Vicente de Jesus—Largo do Rato, 3-C/D, Tel. 681947; Salutar—Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade Tel. 683694; Judice de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A, Telef. 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 686640; Janeiro — Av. Alvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes, Tel. 661453; Tagus—Praceta Possidónio da Silva—lote 3, Tel. 669485; Bom Sucesso—Rua Bartolomeu Dias, 63, Tel. 611454; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira 326, Tel. 638193; Dilena—Rua Aliança Operária, 49-A-B, Tel. 636620; Costa—Rua dos Lusíadas, 32, Tel. 636704; A. Cesar—Rua Prior do Crato, 74, Telef. 660187; Guerreiro da Costa — Rua das Janelas Verdes, 90, Tel. 662327; Mota Capitão—Rua de S. Félix, 45-A/B, Tel. 660720; Fénix—Rua da Cruz dos Poiais, 52, Tel. 21031; Sanitas — Praça Luís de Camões, 24, Tel. 22798—A—; Liberal—Avenida da Liberdade, 217-219, Tel. 43641; Portugal — Rua Augusta, 216-218, Tel. 22073—A—.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

(AMANHÃ)

TURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Vitex — Estrada de Benfica, 373-B, Tel 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35 Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—Rua Filipe da Mata, 160-162 Tel. 761035; Santa Maria—Avenida 5 de Outubro, 283-A (próximo á Avenida 28 de Maio), Tel. 763016, Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Alameda—Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Telef 779942; Brasil—Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A, Tel. 722368; Sanex

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 24 — 22 e 40 (3m,49).
Dia 25 — 11 e 9 (3m,59); 23 e 53 (3m,64).
Dia 26 — 12 e 18 (3m,73).

BAIXA-MAR

Dia 25 — 4 e 48 (1m,39); 17 e 20 (1m,23).
Dia 26 — 5 e 50 (1m,23); 18 e 18 (1m,07).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
VARIEDADES — Ás 20 e 30 e ás 22 e 45 — «Isto é delas».
A B C — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Delírio em Lisboa».
CAPITÓLIO—Ás 21 e 45—«Sociedade em pijama».
COLISEU—Ás 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Lua de mel»
S. LUÍS — «O corsário Lafitte».
S. JORGE — «A um passo do inferno».
IMPÉRIO — «Quase nos teus braços».
EDEN — «A Miuda».
POLITEAMA—«Rio bravo».
MONUMENTAL — «A bela adormecida».
ODEON — «Abril em Portugal».
ALVALADE—«O corsário Lafitte».
CONDES—«O maior circo do Mundo».
ROMA — «Agente secreto n.º 1».
AVIS — «Moeda Falsa».
RESTELO — «Amores reais».
JARDIM — «Uma rapariga em fuga».
IDEAL — «Polícia internacional».
PROMOTORA — «Preciso de dinheiro».
CAMPOLIDE — «O ballet de Moscovo».

A assistência que prestamos aos nossos amigos

representa auxílio e vigor para a causa da liberdade nos Estados Unidos e no Mundo

— disse Eisenhower na mensagem do Natal

(Continuação da 1.ª página)

mais definido, conselho mais urgente.

«Ontem, á noite, regressei a casa depois de uma viagem que me levou a três continentes — África, Ásia e Europa. Visitei onze países cujas populações perfazem um quarto da Humanidade.

«Desejaria que todos os Norte-americanos — decididamente todos os Norte-americanos reconhecidos pelos seus compatriotas como um guia, e todos os guias dos países do Ocidente — pudessem ver e ouvir o que eu vi e ouvi. A compreensão mutua que assim se gerou poderia contribuir imenso, por si só, para dissolver os problemas que dividem o Mundo.

O Mundo confia nos Estados Unidos

«A minha viagem não foi empreendida como episódio separado das vias diplomáticas normais. Não era meu propósito, quer buscar acordos especificos, quer estimular a criação de novas relações sob a protecção de tratados. Propunha-me, sim, melhorar o clima em que a diplomacia possa operar com maior êxito — a diplomacia que procura, como objectivo fundamental, a paz com justiça para todos os homens.

«Nas multidões que acolheram a minha comitiva e a mim, vi de perto os rostos de milhões de pessoas — muitas, a maioria mesmo, eram pobres, fatigadas, gastas pelo trabalho, mas entre elas havia mulheres e homens jovens, enérgicos, ansiosos, e crianças, vivas e excitadas como sempre.

«Algumas vestiam roupas tão modernas como as de Paris e da Nova York de hoje; outras, trajos tão antigos como as vestes de Abraão, muitas vezes sujos e esfarrapados, outras pitorescos e romanticos para o olhar norte-americano.

«Eram Budistas e Muçulmanos e Hindus e Cristãos.

«Mas vendo-os apinhados ao longo das estradas do campo e das ruas da cidade, desde a orla oriental do Atlantico até Carachi e Nova Delhi, pareceu-me que três coisas os uniam numa grande família.

«Primeiro — a sua amizade pelos Estados Unidos e pelos Norte-americanos. Segundo — a esperança fervorosa, há muito irrealizada, de melhor vida para si e seus filhos. Terceiro — a profunda avidez de paz e liberdade.

«Desta ultima parte, permiti que vos fale em primeiro lugar. Deve vir em primeiro lugar. A garantia da paz na liberdade é a chave do desenvolvimento dos povos em toda a parte; e com uma paz justa a amizade entre os povos florescerá.

«Asseguro-vos que todos os povos que vi e visitei querem a paz — nada pode ser mais certo em assuntos humanos.

«Conversei com reis e presidentes, chefes de Governo e homens e mulheres humildes, em casas modestas e choças de barro. Um denominador comum os ligava — a sua fé em que os Estados Unidos ajudarão a encaminhar o Mundo para a paz justa».

«Estão convictos de que nós trabalhamos para e aguardamos o dia em que desaparecerá o uso da força para atingir objectivos políticos ou comerciais — em que cada país possa beneficiar livremente da cultura, sabedoria e experiência de outros países e adaptar ás suas próprias necessidades e aspirações o que julgar melhor e mais adequado.

«Compreendem que nós trabalhamos para e aguardamos o dia em que seja possível a associação pacífica e aberta; a comunicação; o intercambio de mercadorias e de ideias entre todos os povos; para o dia em que cada povo concorra com a sua contribuição máxima em prol do progresso e da prosperidade do Mundo.

Não basta a simples coexistência

«Tal é a situação mundial que eu e todos os povos que visitei esperamos ver e para a concretização da qual formulamos votos.

«O nosso conceito de vida não requer o conflito inevitável entre os povos e os sistemas, que um triunfe obrigatoriamente sobre o outro, nem tão-pouco propõe a simples coexistência como estado satisfatório para a Humanidade.

«No fim de contas, uma coexistência intranquila pode ser tão infrutífera e estéril, destituída de alegria e insípida como a coexistência dos companheiros de cela numa penitenciária ou num campo de trabalhos forçados.

«Nós acreditamos que a história, arquivo da vida humana, constitui um grande e largo rio a que devem afluir a riqueza e a diversidade de muitas culturas, de que brotam as ideias e as práticas, os ideais e os propósitos válidos para todos.

O combate à miséria

«Todavia, reconhecemos — devemos reconhecer — que há países desesperadamente necessitados de auxílios, no combate quantas vezes feroz e traiçoeiro, até, pela sobrevivência contra o clima, a doença e a miséria. Recusando-se-lhes esse auxílio, podem muito bem chegar a tal extremo de desespero que desencadeiem uma catástrofe mundial.

«Em derradeira instancia, as nações devem alcançar, por si, o nível de vida e a força necessários a fim de ascenderem á paz, com justiça e em liberdade. Mas quando faltam os recursos adequados e o treino técnico, impõe-se a assistência alheia — de contrário, todo o Mundo sofrerá.

«Os Estados Unidos mostraram-se generosos no passado. A nossa generosidade tem sido acolhida com gratidão e amizade. Milhões de pessoas o testemunharam, com lágrimas e aclamações, durante a minha viagem.

«Em nenhum dos países que visitei escasseia o mais importante capital — os jovens de bom coração e de vontade enérgica. Em quase todos nota-se a insuficiência de conhecimentos técnicos, ofícios especializados, máquinas, treino — e fundos — indispensáveis para que os jovens possam explorar convenientemente os recursos naturais das suas terras.

«Só o dinheiro não pode, é certo, promover o progresso. Contudo, os interesses mais intrínsecos dos Estados Unidos — o nosso próprio desejo de paz — exigem que continuemos com o nosso auxílio e os nossos investimentos financeiros e que persuadamos todas as outras nações livres a associarem-se a nós, até ao esgotamento das suas possibilidades, num programa a longo prazo, de termos e duração variáveis.

«Mais importante ainda — de harmonia com o espírito do Natal, que prega a paz na Terra e a boa-vontade entre os homens — incumbe-nos o dever, como indivíduos, organismos, sindicatos de trabalhadores, associações profissionais e comunidades, de multiplicar o nosso interesse e o nosso cuidado por esses povos, que são, agora, nossos calorosos amigos. E serão nossos sócios, firmes e fortes, na paz e na amizade em liberdade, se lhes for dispensado o socorro adequado dentro do espírito adequado».

A defesa contra a agressão

«Protegidos pela nossa força defensiva contra o desmoronamento violento dos nossos esforços pacíficos, procuramos produzir um programa prático e viável que, em espírito e realidade, mais e mais aproxime da mensagem do primeiro Natal cada Natal que passa.

«Não se trata de caridade aos desvalidos nem de tranquilizar a nossa consciência com esmolas aos indigentes. A assistência que prestamos aos nossos amigos representa auxílio e vigor para a causa da liberdade — liberdade nos Estados Unidos, bem como em todo o Mundo.

«Ao proporcioná-la, devemos manter o raciocínio claro, mas conservar o espírito de compreensão; conscientes dos nossos próprios interesses, mas generosos e condescendentes quanto aos interesses dos nossos amigos.

«Juntos deveriamos estudar todas as vias e formas que esse auxílio pode assumir.

«Faço votos ardentes para que cada um de vós, que celebra mais este Natal, pense no que poderá fazer por outro ser humano, semelhante a vós quanto á sua origem e ao seu destino divinos, embora afastado em distancia geográfica e em habitação no seu estado terreno.

«E' com essa esperança, essa prece, que a todos vós desejo paz e felicidade nesta quadra, ao acender as luzes da árvore de Natal da Nação, com uma flamula de paz». — (A. N. I.).

DEU À LUZ

o 6.º par de gémeos

ROCHESTER, 24. — Uma mulher de cor, de 38 anos, deu á luz o sexto par de gémeos, numa maternidade de Rochester (Nova York).

Um médico local afirmou que as probabilidades deste parto eram da ordem de 433.000.000.000 para 1, considerando-o os estatísticos «práticamente fora do domínio das probabilidades».

Os recém-nascidos estão bem de saude, bem como os gémeos que têm agora 4 e 10 anos. Os três primeiros pares de gémeos faleceram pouco depois do nascimento. — (F. P.).

Adenauer

sofreu um resfriamento

BONN, 24 — O chanceler Adenauer teve de renunciar, devido a uma «ligeira indisposição», a participar, como é costume, na festa de Natal num asilo de crianças.

Indica-se, na Chancelaria, que o dr. Adenauer sofreu um pequeno resfriamento na viagem de regresso de Paris, onde assistiu á conferência quadripartida ocidental. Não sai da sua residência de Rhoendorf, mas não recolheu ao leito. — (F. Presse).

Crime de um louco

BIRMINGHAM (Inglaterra), 24 — Um desconhecido assaltou um pensionato para estudantes, em Edgebaston, perto de Birmingham, decapitou uma rapariga e feriu gravemente outra. Esta salvou-se de ser também degolada por usar cabelo comprido, o que lhe protegeu o pescoço.

A Polícia procura o assassino, que julga ser um louco. — (A. N. I.).

24 mortos

numa mina de ouro

JOHANESBURGO, 24. — Uma explosão de gás metano originou ontem 24 mortes na mina de ouro do presidente Steyn, no Estado Livre de Orange.

Dois dos mortos são europeus. Foram imediatamente organizadas brigadas de socorro para procurar os eventuais sobreviventes. — (F. Presse).

Temporal violento flagela a França

PARIS, 24. — Desde ontem que chove torrencialmente no Sudoeste do país, nomeadamente na região de Bordeus, onde a chuva é acompanhada de trovoadas.

Perto de Chateauneuf, na Charente, dois carros cujos motoristas perderam a visibilidade em virtude da chuva, chocaram violentamente, havendo um morto e dois feridos.

Há cheias no Lot-et-Garonne. Algumas estradas estão cortadas. — (France Presse).

No norte da Itália

MILAO, 24. — Há neve, chuva e nevoeiro, outra vez, no Norte da Itália, onde a temperatura baixou consideràvelmente nas ultimas 24 horas. Além disso, na Lombardia, nomeadamente, o nevoeiro agravou a situação, paralisando a circulação e provocando muitos acidentes. — (France Presse).

Perdeu-se um barco

NAPOLES, 24. — Não se receberam mais notícias do barco de carga turco «Semhi», de 3.194 toneladas, que ontem lançou um S. O. S. anunciando estar em perigo iminente no Mediterraneo, sob um grande temporal.

Vários barcos partiram em socorro do «Sesmhi», mas, até agora, não o localizaram. Receia-se que se tenha afundado com a tripulação. (A. N. I.)

UM PRESENTE... ALTO lá com o charuto!

À VENDA EM TODAS AS TABACARIAS

Imo. Vuva Contreras & F.º

Sucr. Apolinar Contreras

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 7 LISBOA-2

PELES LAURA CAMPOS

Cumprimenta as suas Ex.mas Clientes com os melhores votos de Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

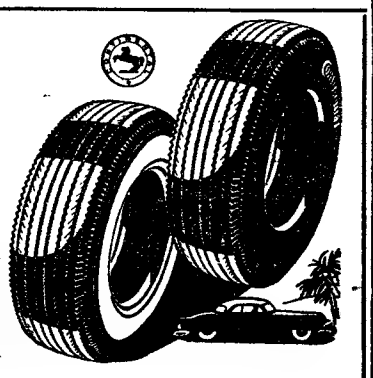
AV. ALMIRANTE REIS, 2-1.º LISBOA

AOS BANCOS, COMPANHIAS E EMPRESAS:

1.ª EDIÇÃO DOS LUSÍADAS, DE LUÍS DE CAMÕES, PRESENTE PRINCIPESCO E DE ALTA RARIDADE. VENDO — RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 593

VÁ AMANHÃ AO Restaurante «IMPERIAL» do Carregado

PRATO DA CASA: «Ensopado de Enguias» (diferente de tudo) — DIA DE NATAL: Peru á Imperial (outra delícia) — (todas as salas aquecidas) TELEFONE 21



Máximo rendimento
Alta qualidade
Maior segurança

Continental

SIMEL
Rua Rodrigo da Fonseca, 103
Tel. 68 1224
LISBOA

Restaurante A CHOUPANA

ÚNICO SOBRE O MAR

Comunica aos seus Ex.mos clientes que hoje, véspera de NATAL, encerra as suas portas, ás 22 horas, para a consoada do seu pessoal.

Amanhã, Dia de Natal, e no Ano Bom

EMENTAS ESCOLHIDAS

S. JOÃO DO ESTORIL TELF. 068099

GAMBRINUS

Deseja BOAS FESTAS de NATAL e um ANO NOVO muito feliz aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

LISBOA

A Ourivesaria da Guia

Casa fundada na Rua Martim Moniz, em 1875

RUA D. DUARTE, 4-B Telefn. 863936

(no edifício do Hotel Mundial)

Apresenta a todos os Ex.mos Clientes e Amigos os melhores votos de Boas Festas e Ano Novo Feliz.

Diario de Lisbôa

Natal 1959

Aumentou este ano o interesse pela iniciativa de «O Natal visto pelas crianças»

Num ambiente admirável de vibração e calor humano, decorreu ontem, na Casa da Imprensa, a festa de distribuição de prémios aos jovens concorrentes a «O Natal visto pelas crianças» e da inauguração do certame de arte infantil montado com algumas centenas dos melhores trabalhos que nos foram enviados.

Ultrapassaram a nossa expectativa os resultados do concurso «O Natal visto pelas crianças», iniciativa que o «Diário de Lisboa» repetiu, este ano em moldes mais vastos. Na linha de uma acção de divulgação cultural, no prosseguimento de uma actividade interessada pelos problemas infantis, o «Diário de Lisboa» realizou um concurso de inegável valor artístico e pedagógico, apoiando-se em especialistas de arte infantil.

Participaram no concurso cerca de duas mil e trezentas crianças de todo o País, de liceus como os de Gil Vicente, Maria Amália Vaz de Carvalho, D. Filipa de Lencastre, de D. Manuel II, de Leiria, de Bragança, de escolas comerciais e industriais como as de Castelo Branco, de Gondomar, de Faro, Josefa de Obidos, de Lisboa, escolas Técnicas Elementares como as de Francisco de Arruda, Pedro de Santarém, António Costa e Eugénio dos Santos, colégios particulares como «A Colmeia», Lar da Criança, Nossa Senhora de Fátima, Latino Coelho e tantas outras. Um juri, presidido pelo dr. Norberto Lopes director do «Diário de Lisboa», de que faziam parte Calvet de Magalhães, director da Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, a escritora Alice Gomes, arq. Antunes da Silva, Tossan, orientador do «Diário de Lisboa Juvenil» e Artur Portela (Filho), nosso camarada de redacção seleccionou as melhores obras entre as milhares que nos foram enviadas, trabalho que se revelou extremamente difícil, dado o invulgar nível artístico de grande parte dos concorrentes.

A exposição, ontem inaugurada na Casa da Imprensa, revela o valor das obras dos participantes no concurso que o «Diário de Lisboa» promoveu.

A série de artigos sobre arte infantil, da autoria do dr. Calvet de Magalhães, que interessaram vivamente pais e professores dos concorrentes, analisando e defenindo uma matéria tão pouco conhecida entre nós, muito deve ter contribuido para a elevação do nível artístico dos trabalhos apresentados. O certame, montado pelos professores do Ensino Técnico arquitectos Antunes da Silva, Francisco Keil e escultor Gil Perdigão, está aberto até ao dia 26, das 14 ás 19 horas.

Compreendendo plenamente o álcance da nossa iniciativa, numerosas casas comerciais decidiram colaborar connosco. Assim, forneceram-nos valiosos prémios a Ciclo Areeiro; as Fábricas Regina, S. Boaventura e Paupério; Confeitaria Lisbonense Vitória; as Editoras Portugália, Ouro, Marânus e Ibis; as Livrarias Portugal, Bertrand, Clássica Editora, Civilização e Romano Torres; a Majora; a Favrel Lisbonense; Fomento Eborense; Ferreira & Vasconcelos; Aliança Comercial Quinquilharias, Lda.; as Papelarias Carlos, Vasconcelos e Emílio Braga; Walter Schmidet; C. Lousada, Lda.; Laforest, Lda.; Dominguez & Lavadinho e Companhia de Seguros Union Assurance.

Todas as crianças que ainda não receberam os seus prémios podem fazê-lo na nossa administração, na Rua da Rosa n.º 57.

2.º **PRÉMIO — Isabel Ferreira Ponciano, 13 anos, da Escola Industrial Josefa de Óbidos**

A lição do concurso

por M. CALVET DE MAGALHÃES

Porque se resolveu fazer este concurso? Desde há muitos anos o desenho das crianças constitui em todo o Mundo o objecto de inumeras exposições, de conferências, concursos, ensaios e colóquios. A arte da criança anda cercada de atenções e cuidados sem precedentes. Foi o culto da infancia, o *baby-worship*, que provocou a irrupção triunfal da criança na arte, que penetrou e revolucionou a pedagogia e criou novos ramos na psicologia. Parece que o mundo moderno, que ameaça o homem em tudo quanto ele tem de original, pretende salvar com esse culto algumas amostras de uma actividade criadora mais autêntica e aproximada ás fontes secretas da vida. E seguramente entre as descobertas mais expressivas do nosso tempo figura aquela que estabeleceu que todos os homens, sejam quais forem, são dotados de qualidades criadoras e que cada um de nós possui dons inatos de expressão artística.

Pode dizer-se que se operou uma revolução na educação artística das crianças. Com o desenvolvimento da psicologia, pais e professores a pouco e pouco reconheceram o papel capital que representa na formação da personalidade a necessidade que as crianças têm de exprimir os seus talentos de artistas. A arte infantil, dom precioso da Humanidade, transformou-se de modo surpreendente; de um trabalho escolar de costumeira passou a ser um factor fundamental da educação da juventude.

Os esforços tentados no mundo de hoje para a educação pela arte são extraordinários: criaram-se institutos para revelar, por assim dizer, as vibrações da arte infantil, fundaram-se museus de desenhos constituindo-se abundante documentação sobre a criança e a sua arte. Não se afirma «artes pelas crianças», porque não se procura habilitar aprendizes artistas, e por conseguinte artistas. Deseja-se sómente auxiliá-las a criar uma arte própria. Não se pretende ensinar «a arte pela arte», mas realizar ao máximo o desenvolvimento estético de cada criança. Por isso desejamos com o concurso contribuir activamente para o estudo desse inconsciente infalível de que fala Jean Cocteau: «Na criança não existem nem a ideia de êxito, nem de verificação, nem de temor do ridículo. Ela exprime-se sem obstáculo. O inconsciente infalível não atravessa alguma camada deformadora. E' provável que um dia os nossos moços artistas se envergonhem das suas obras-primas. Adoptarão o riso do publico perante a audácia. Seja o que for mas um grande pintor se orgulharia desses achados que precedem a investigação».

*

A educação artística das crianças deve equilibrar as forças racionais da inteligência acrescentando-lhes forças morais em justa proporção. Por isso devemos sustentar e aumentar os recursos criadores das crianças, durante a adolescência e para além, reconhecendo o valor educativo da arte, dando aos moços a experiência e o conhecimento que os tornem capazes de emitir um juízo pessoal residindo aí o valor e o fim da pedagogia.

Para alcançarmos essa finalidade é necessário abandonar práticas pedagógicas viciosas, exposições e concursos mal orientados que vão de encontro aos fins e métodos da educação artística infantil.

As crianças sentem a necessidade íntima de se expressarem plásticamente e sem intuitos de ganhar qualquer prémio que as dividam entre si em emulações mal provocadas.

Pode entravar-se sériamente o desenvolvimento da perfeita educação artística infantil por meio de exposições mal organizadas; tornando a criança tributária dos caprichos dos juris constituídos por pessoas cuja profissão não é educar pela arte; quando se apreciam produções infantis segundo as normas dos adultos fixadas por desconhecidos, quando é certo que os trabalhos têm que ser apreciados em relação á própria criança que os criou; quando se insiste para que as crianças produzam trabalhos sem relação alguma com a sua fase de desenvolvimento; quando se cria o «academismo do boneco» e se esteriotipa os «erros» do desenho infantil.

E' pela colaboração e não pela concorrência que se deve animar a educação pela arte das crianças. Ao procurar o talento nato da criança, torná-lo conhecido e demonstrar que ele, a despeito e contra tudo, deve nascer, educar-se, florescer, ser reconhecido e protegido, salvando-se, pela revelação do mundo mágico infantil, esforçarmo-nos por apresentar a todos que se interessam pelo «milagre da infancia» a atestação de um juri que para além mesmo da preocupação de criar uma emulação sadia entre os nossos pequenos leitores, procurou auxiliar o conhecimento desse paraíso perdido de que guardamos irresistível saudade.

Procurou-se aceitar todos os esforços e todas as tendências, considerando o material artístico á disposição das crianças, pois a qualidade dos utensílios facilita por vezes a expressão. A escolha não foi feita sobre a técnica das produções, mas sobre as que reuniam melho-

(Continua na 24.ª página)

1.º **PRÉMIO — Francisco Morais Pires, 12 anos, aluno da Escola Técnica Pedro de Santarém**

O presidiário e os passaros

Condenado ao cumprimento de uma pena prisional, Robert Stroud transformou a sua cela num aviário! — esta é a história curiosa e cheia de simbolismo que nos relata um jornal de Buenos Aires.

O comportamento exemplar de Stroud, após a condenação, levou os directores do presídio a permitirem que ele tivesse dois canários, na cela. Ràpidamente, os pássaros multiplicaram-se e chegou a possuir cinquenta e três.

Um dia, um dos canários apareceu morto e os outros, a pouco e pouco, seguiram a mesma sorte. Baseado em conhecimentos adquiridos em livros da especialidade, Robert Stroud realizou a autópsia dos canários e anotou as suas observações, actuando ao mesmo tempo como veterinário, bacteriólogo e químico.

As conclusões deste trabalho têm hoje em dia o nome de «específico Stroud». Através dele, salvou-se a vida a mais de um milhão de canários, segundo se calcula.

Entretanto, o livro de Stroud sobre as enfermidades dos pássaros atingiu 10 edições.

Está paga a dívida deste homem para com os canários que lhe fizeram companhia na prisão.

No ano passado, a boneca mais desejada das lojas americanas de brinquedos exibia um casaco de «vison» e um colar de diamantes. Luxuosa e «hollywoodesca», imitando uma estrela de cinema, o seu sucesso transferiu-se agora para a boneca doente que as crianças possuidoras devem tratar. Umas têm a perna partida e usam muletas; outras têm sarampo; outras ainda devem apanhar duas injecções por dia.

Os fabricantes da «boneca doente» dizem que ela faz desaparecer o medo das doenças, nas crianças, estimulando ao mesmo tempo as suas qualidades de devoção e altruismo.

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ALCACER DO SAL na Agência de JOÃO ANDRE' MONRAIA.

No centenário de Mahler

por ERWIN RATZ

Gustavo Mahler nasceu a 7 de Julho de 1860 em Kalischte, pequena vila na fronteira boémio-morava. Revelou muito cedo a sua musicalidade e, aos 15 anos, vinha com seu pai para Viena e ingressava no Conservatório. Finalizados seus estudos e obtido o diploma, concorreu, com seu «Klagendes Lied», a um prémio de composição, mas não viu as suas esperanças realizadas, o que o fez resolver-se então pela carreira de regente. Depois de passar os primeiros anos de luta e privações em pequenos teatros (Bad Hall, Laibach, Olmütz), obteve o seu primeiro trabalho na Opera de Cassel (1883-1885). Em 1885 fez uma viagem a Praga e logo em seguida a Leipzig, onde conheceu o tio de Carlos Maria von Weber, que o induziu a completar, na base dos esboços já existentes, a ópera de Weber «Die drei Pintos». Em 1888, em razão das condições desfavoráveis que se lhe apresentaram na ópra de Leipzig demitiu-se do seu cargo, ficando em situação extremamente crítica, já que a sua saude enfraquecera notàvelmente. Não precisou, porém, esperar muito por um novo trabalho, pois logo depois teve a oportunidade de mudar-se para Budapeste, como director da Opera Real recentemente fundada. Paraela Mahler trabalhou intensivamente, dando-lhe um grande impulso. Brahms ficou tão profundamente impressionado assistindo a uma representação de «Don Giovanni», que exclamou: «Quem deseje ouvir um autêntico «Don Giovanni» deve ir a Budapeste». Em 1891, quando os acontecimentos políticos ocasionaram uma mudança na direcção da Opera, Mahler conseguiu desfazer o seu contrato e viajou para Hamburgo, agora como 1.º regente, onde ficou até 1896, sob a direcção de Pollini. Em Hamburgo teve á sua disposição uma orquestra excelente e cantores de primeira categoria, alguns dos quais, mais tarde, chamou para solistas da Opera Real de Viena.

Também Bruno Walter veio nesses anos para a Opera de Hamburgo, surgindo entre eles uma cordial amizade. Quando Bülow, que admirava profundamente a Mahler, adoeceu, confiou-lhe a direcção dos seus concertos sinfónicos. Pouco antes de abandonar Hamburgo, Mahler converteu-se ao catolicismo. Em 1897 voltou a Viena como director interino da Opera Real; logo depois, porém, após o afastamento de Wilhelm Jahns, da direcção da Opera, foi nomeado seu director, conseguindo então, como tanto aspirara, ser intérprete de grandes obras-primas. Trabalhando sem descanso e com a colaboração dos seus colegas, Mahler levou a cabo representações de tal perfeição como desde então nunca mais chegaria a alcançar. Ele fez da Opera de Viena, que até então só era lugar de divertimento da aristocracia, cenário das mais elevadas manifestações artísticas. Mahler obteve, como cenógrafo. Alfred Roller, que compreendia e realizava de maneira genial todas as suas intenções. Excelentes cantores, como Bertha Förster-Lauterer, Marie Gutheil-Schoder, Anna v. Mildenburg, Leopold Demuth, Richard Mayr, Theodor Reichmann, Erik Schemedes, Leo Slezak, Friedrich Weidemann, mantiveram-se a seu lado. Sua luta contra toda a imperfeição e desorganização, tanto na parte técnica como na artística, levantou contra ele o ódio da mediocridade. Finalmente, cansado das intrigas, despediu-se em 1907 do cenário dos seus maiores triunfos.

Os meses de Verão eram o unico período de que Mahler dispunha para a sua própria obra. Até á morte de seus pais em 1889, passou as suas férias em Iglau; e a partir de então, em Steinbach, no lago Atter, onde escreveu a 2.ª e 3.ª sinfonias. Mais tarde adquiriu um terreno em Maiernigg, no lago Wörther, que serviu como lugar de descanso para ele, sua esposa Alma, filha do pintor Schindler, e suas duas filhas. Em Maiernigg compôs nos anos 1901-1906, da 5.ª á 8.ª sinfonia. Em 1907 foi um ano difícil para Mahler. Em Julho morreu uma das suas filhas, apenas com cinco anos de idade. Simultaneamnte os médicos diagnosticaram nele uma doença cardíaca, pelo que se viu obrigado a modificar os seus hábitos de vida. Acostumado como estava a fazer longas excursões a pé e a escalar montanhas, teve de impor-se então os maiores cuidados. Por isso renunciou á direcção da Opera Real de Viena, onde regera pela ultima vez em Outubro desse ano. Pouco depois da sua demissão foi-lhe oferecido um esplêndido cargo no Metropolitan de Nova York, que aceitou, dizendo que desejava reger ainda mais tempo, até que as suas condições financeiras lhe permitissem retirar-se por completo dos cenários para então concentrar-se só na sua obra. Durante poucos meses regeu a Orquestra Filarmónica de Nova York, alcançando, não obstante, grande êxito. Em Toblach, onde passava agora as suas férias, compôs o «Lied von der Erde» (Canção da terra), a nona sinfonia e os esboços para a décima. Depois da estreia triunfal da oitava sinfonia em Outono de 1910, Mahler viajou novamente para a América. Logo depois uma angina muito séria agravava o seu estado de saude, devendo viajar a Paris, onde se julgou poder salvá-lo com um tratamento especial. Porém, todos os esforços foram inuteis e, por sua própria vontade, foi levado para Viena, onde faleceu a 18 de Maio de 1911.

Para fazer justiça á personalidade de artística de Mahler, que foi, depois de Anton Bruckner, o sinfonista austríaco mais importante, devemos ter presente o momento histórico no qual ele actuara. Mahler viveu num momento de transição decisiva na história da humanidade, que naturalmente reflectiu-se também na musica. A radical mudança da linguagem musical no começo do século, que levou, por profunda necessidade, ao abandono da tonalidade, foi consequência da nossa entrada nesta época de inquietudes e desassossegos.

Se bem que Mahler, para expressar-se, remontasse á época pré-wagneriana até apoiar-se na tonalidade, contribuiu porém, decisivamente, ao desenvolvimento da nova corrente. A transparência da sua instrumentação, que só quer servir á nitidez da construção musical—desprezando todo o ornamento — a concentração do seu estilo e a severidade de muitas linhas melódicas, constituiram os fundamentos para o desenvolvimento da «escola vienense». Arnold Schönberg, Alban Berg e Anton Webern, que professavam uma profunda admiração pela personalidade e obra de Mahler, foram partidários das sugestões que este fizera para a escola vienense.

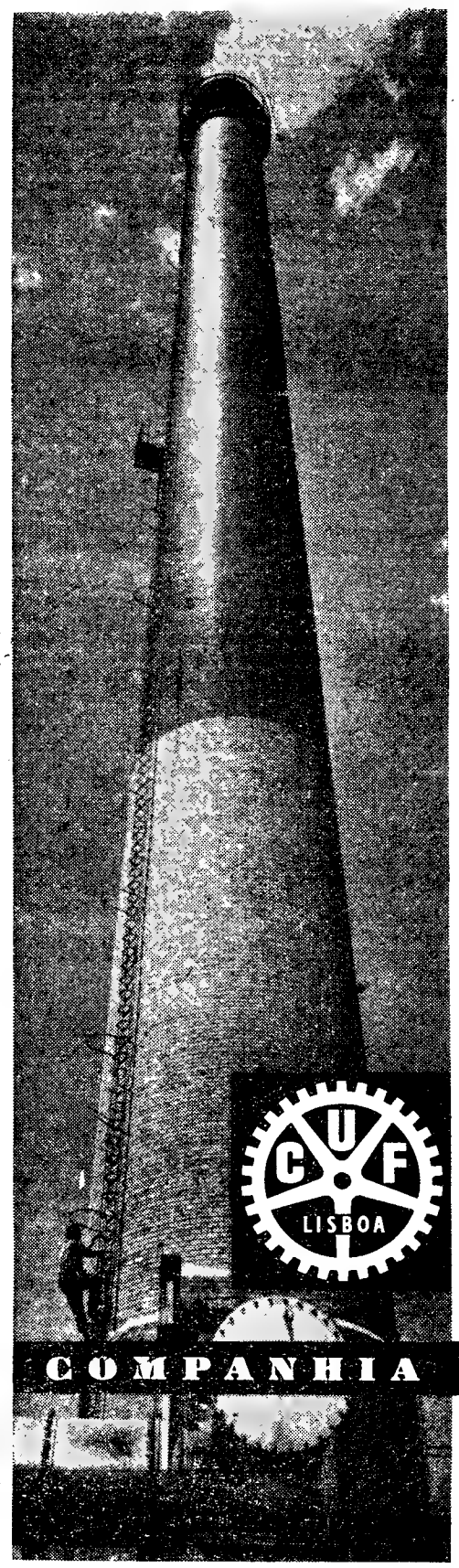
Mahler, profundo idealista, era ameaçado frequentemente por penosas visões, que procurou enfrentar. A realização artística da experiência mística mais profunda, forte amor pela natureza, sinceridade intransigente e profunda religiosidade são as características essenciais da personalidade e obra de Gustavo Mahler. Os pensamentos mais complexos apresentavam-se a Mahler com uma simplicidade prodigiosa, a qual o levou a encontrar com segurança instintiva o verdadeiro termo para o conteudo representativo. Já nas primeiras obras a linguagem de Mahler aparece com as suas particularidades inconfundíveis: A melodia popular, o ritmo de marcha, a combinação característica do modo maior e menor, retardos e outras relações harmónicas (típicas de Hahler), e a mudança dos tons liturgicos (como por exemplo o frígio).

Precisamente porque Mahler teve novas ideias a expressar, as quais requeriam também novas formas, a linguagem musical, para maior exactidão, precisou tornar-se a mais simples possível. A técnica amplamente desenvolvida do trabalho temático e motivista e da variação, sobre a qual é fundada a riqueza interior da sua musica, requereu uma relativia simplicidade dos materiais temáticos para que o limite da compreensão não fosse excedido.

Uma característica da sua musica é a discreta introdução de melodias populares. Ele foi capaz, como outros mestres do nosso tempo, de assimilar com tanta força o carácter da melodia popular, que não só conseguiu escrever canções que trazem a sua nota pessoal sem perder, porém, o carácter da canção folclórica primitiva, como também esteve em condições de introduzir esses elementos na sua musica sinfónica. O profundo carácter simbólico dos motivos de marcha foi também indicado por Mahler. Os motivos de marcha não só representam a expressão das forças activas que corajosamente se opõem ás forças inimigas, senão também a expressão de coordenação de forças numa actuação sobre-human, no sentido positivo ou negativo. Assim, esse elemento encontra-se na musica de Mahler em estreita relação com o novo e o característico do século vinte.

A série de grandes sinfonistas que vai desde Haydn, Mozart, Beethoven até Schubert e Schumann, foi enriquecida essencialmente pela personalidade de Mahler; mas também no que respeita á sua pro-

(Continua na 31.ª página)



INDÚSTRIA QUÍMICA

INDÚSTRIA TÊXTIL

METALURGIA DOS METAIS NÃO FERROSOS

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS

FUNDIÇÃO DE FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES METALO-MECÂNICAS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

RUA DO COMERCIO, 49 - TELEF. 30551 - LISBOA

O Natal de 1859 não teve a assinalar a sua tradicional celebração, fora do recolhimento feliz dos lares, quaisquer acontecimentos de especial relevo. O País, que recordava ainda a tragédia colectiva da epidemia do cólera-morbo em 1856, deixando em muitas famílias o vazio inconsolável dos mortos, envergava ainda nessa altura outro luto, também marcado por um signo de saudade: poucos meses antes falecera a rainha D. Estefania, que soubera despertar no coração do povo uma ternura rara; e o rei D. Pedro V, irremediàvelmente ferido, divagava como sombra saudosa como se esperasse a morte que o levaria em breve. O Natal foi nesse ano uma festa exclusivamente familiar, recolhida e simples. A corte não tinha alegria que a aquecesse; e as principais famílias que davam o cunho mundano e social á vida de Lisboa acompanhavam na sua discreta reserva esse ambiente de tristeza que a perda da rainha jovem e frágil tinha deixado.

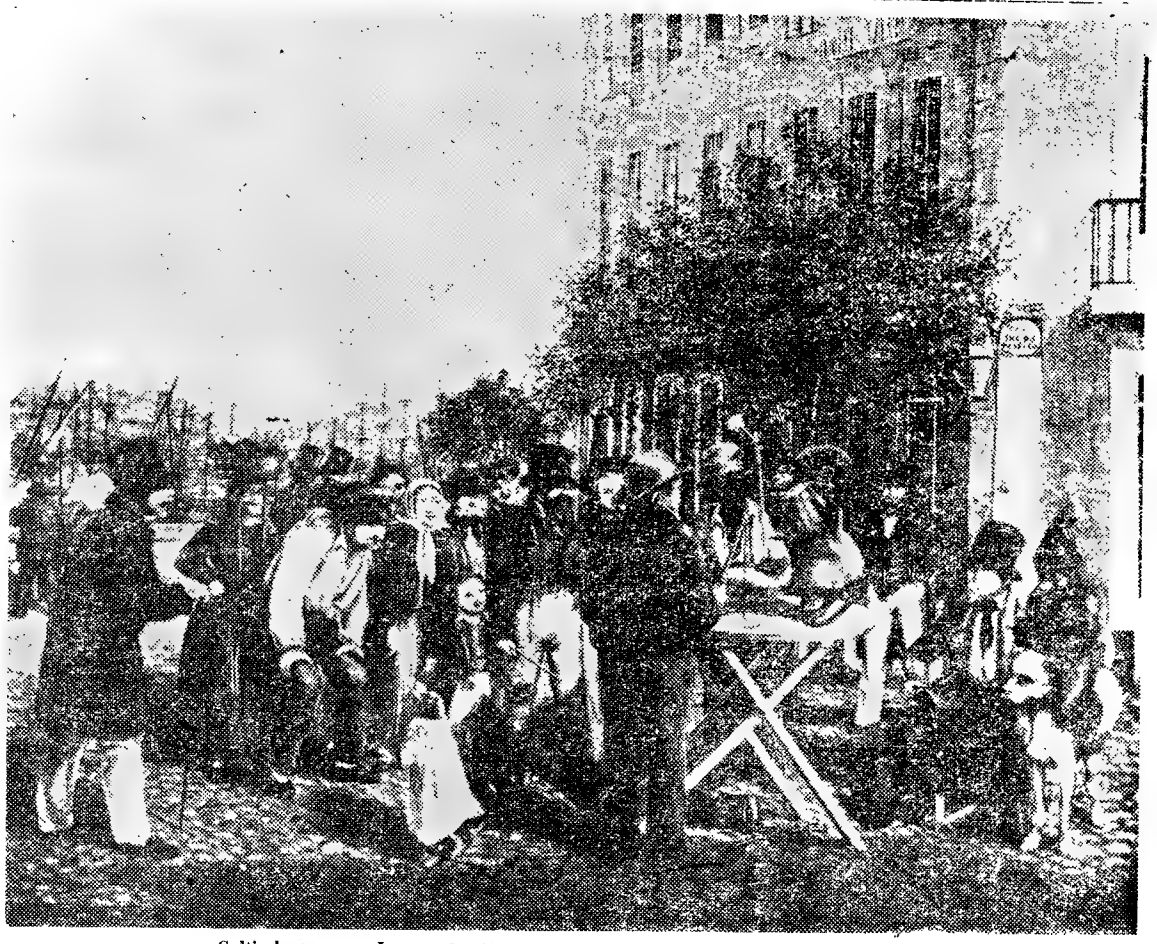
A noite de 24 de Dezembro de 1859 só teve a destacar publicamente o seu significado festivo o êxito espectacular da representação da ópera «A Favorita», de Donizetti. Para o publico conhecedor e atento da capital já essa ópera havia sido cantada em S. Carlos por artistas famosos: os tenores Ferretti, Nery-Baraldi e Tamberlick, as primas-donas Alboni e Stoltz. Mas a interpretação do tenor Fraschini e da Tedesco, nessa noite de Natal, deixou profundo eco nos meios mundanos e artísticos. Os artistas foram chamados ao proscénio no final do 3.º acto, entre ovações estrondosas; e, já depois de corrido o pano, a Tedesco e Fraschini foram ainda chamados cinco ou seis vezes para receber mais ardentes aplausos. Foi esse o grande acontecimento da noite, para os que assistiram a ele — enquanto a pequena burguesia e o povo celebravam familiarmente a consoada tradicional

No ambiente político da época nem a data do Natal consentiu tréguas. Estavam á porta as eleições. O Governo regenerador no Poder, sob a égide absorvente e dinamica de Fontes Pereira de Melo, pugnava fortemente pela continuidade do mando. A oposição progressista acusava-o de ter violado a lei eleitoral, ordenando ditatorialmente que fossem negados aos eleitores as garantias de recurso contra a divisão das assembleias eleitorais; e, também, de consentir que as autoridades locais regeneradoras usassem abusivamente da força publica para deturpar a genuinidade da campanha de propagandas em debate por todo o País. Falava-se muito nos centros de discussão política do ameaçador indicio que se verificara na Régua: esgotados os recursos normais para fazer vingar a candidatura governamental, as autoridades de Lisboa tinham ordenado que seguisse para aquela vila uma força armada de 40 baionetas, posta á disposição do presidente da comissão de recenseamento para apoiar as suas manobras eleitorais. O próprio Ministro do Reino, considerando perdida a sua eleição em Lisboa, transferira tardiamente a sua candidatura para Viana do Castelo. Entretanto, o Partido Progressista não se limitava a protestar, nos locais de conversa acesa e na Imprensa. Organizava activamente a sua campanha de candidaturas. Em 25 de Dezembro, precisamente, eram anunciados como candidatos progressistas por Lisboa os parlamentares Anselmo José Braamcamp, António de Sá Nogueira, Carlos Bento, José Maria Frazão, Alvaro Saraiva do Vale, José Joaquim Chaves e Manuel Vellez Caldeira Castelo Branco. Os regeneradores ripostavam, denunciando conluios eleitorais suspeitos dos progressistas com a acção miguelista, ainda poderosa na capital como em várias regiões do País.

Eram essas as preocupações dominantes no escol político por ocasião do Natal de há um século. Nos meios literários discutia-se, então, com acesa calor a ousadia do filólogo e crítico Jerónimo Soares Barbosa de quem tinha sido publicada póstumamente pela Imprensa da Universidade de Coimbra uma «Analyse dos Lusiadas de Luiz de Camoens», formulando opiniões muito severas ou mesmo agressivas, entre outras de manifesta justeza, contra o poema nacional. Havia quem chamasse blasfémia á audácia crítica de Soares Barbosa. Havia quem a defendesse, como Mendes Leal, asseverando na Imprensa que não há autor nem obra impecáveis e que a recta severidade em nada diminuia o prestígio do épico. «As boas almas indignadas desta incompreensível temeridade, para maior expressão de horror vão esconder a face inflamada em pejo nas folhas dos *Lusíadas*, que nunca abriram...» — escrevia Mendes Leal. Mas havia quem lhe retorquisse que a apreciação de Soares Barbosa era dogmática e estreita, não se justificando senão como testemunho de épocas literárias já ultrapassadas. O romantismo estava ainda em flor, nesse Natal de 1859 — e a chamada «geração de 70» mal despontava da infancia.

Nos meios populares, ávidos do relativo sensacionalismo possível na época, corria a notícia de que o administrador do concelho de Rezende, com o apoio do governador civil de Viseu, conseguira aprisionar dois temíveis bandidos — o célebre ferrador de S. Martinho de Mouros conhecido por «O dez réis», e Inocêncio Lima, que aterrorizavam o centro do País com as suas malfeitorias. Mas a vida na capital decorria tranquilamente, apesar da agitação política que as eleições a realizar em 1 de Janeiro motivavam, e o ambiente de modesto desafogo gerado na paz da Regeneração alimentava entre o publico anónimo outros interesses.

No dia de Natal, precisamente, abriu ao publico com larga propaganda o armazem de vinhos no Largo do Rato n.º 25, com esquina para a Rua de S. Filipe Néri, apresentando vinhos da própria lavra e servindo «comida com asseio» A afluência deve ter sido grande e motivou referência nos jornais. Também nesse dia foi posto á venda na Rua Augusta n.º 195 o livro «O cozinheiro completo», com todas as indicações de «modernas receitas para preparar diferentes sopas, variadíssimos manjares, modo de fazer massas, doces, bolos, compotas, licores e vinhos generosos, precedidas do método para trinchar e servir bem á mesa». A obra custava 600 réis. E o mercado devia estar bem abastecido para que nas cozinhas folgadas não faltassem os ingredientes. Tinham sido despachados para consumo na cidade, durante a quadra do Natal, algumas centenas de caixas, sacos e barricas de açucar, 25 caixas de chá, 14 sacos de café, 25 caixas de genebra; e entraram de diversos portos do reino navios de vária tonelagem para descarga de vinhos, amendoas, figos, etc. O rendimento da Alfandega de Lisboa na véspera de Natal quase atingira 5 contos de réis...



Saltimbancos no Largo do Corpo Santo (quadro a óleo de A. E. Hoffman)

Nos estabelecimentos bem fornecidos da Baixa estavam á venda nesse Natal de 1859 linguas fumadas inglesas, presuntos de Chaves e da Westfália, salames da Itália e de Hamburgo, queijos londrinos, parmesão, gruyère, Hamburgo e preto, sardinhas de Nantes, trufas e cogumelos em latas, baunilha do Peru, bocetas de doce de Coimbra e Elvas, biscoitos ingleses, conservas e mostardas inglesas e francesas. Na Rua dos Algibebes vendiam-se «plum-puddings» e cerveja preta de Londres. E anunciava-se expressamente para as festas do Natal que tinha chegado ao novo armazem do Boqueirão da Moeda, próximo do Aterro, a quinta remessa de cascos do excelente vinho da Trafaria, «para ser aberto nesta ocasião». O armazem do Centro Comercial, na Rua das Portas de Santa Catarina, apresentava para brindes de Natal, com abatimento de preços, serviços excelentes de porcelana, bengalas com punho de marfim, copos especiais para champanhe e inumeras quinquilharias para crianças.

Também não faltavam, como sombra triste, notícias da invernia, que fez naufragar á entrada da barra de Viana, em 24 de Dezembro, o iate «Senhora das Neves»; e apareciam nos jornais apelos de «famílias infelizes» á caridade publica, queixas da gente da lavoura «cada vez mais sobrecarregada e oprimida de tributos excessivos e odiosos», pedidos de emprego no comércio para «chefes de familia desamparados».

A *sorte grande* do Natal de 1859 saiu no numero 1.622. O prémio maior era de 7 contos de réis, seguindo-se outros de 2 contos e 1 conto e vários entre 600 e 100 mil réis. O total da extracção era então de sete mil numeros.

Assim passou, na cadeia do tempo, o Natal de 1859. A vida continuou com as suas alegrias, esperanças e dores

A Praça da Figueira, há um século, apresentava este aspecto pitoresco, com a presença dos soloios, que traziam géneros e criação para vender na capital

Vilarinho & Sobrinho, L.da

JANELAS VERDES LISBOA

ARMAZENISTAS IMPORTADORES

— DE —

PRODUTOS ALIMENTARES

PREPARADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

— DO —

AFAMADO E ANTIGO LOTE

— DE —

CAFE' CHAVE D'OURO

CHAVE D'OURO · ANTIGO LOTE ·

Cumprimentam os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes
UM FELIZ NATAL E UM NOVO ANO MUITO PRÓSPERO

PHILIPS

S. MUCZNIK, LTD.

AGENTE OFICIAL

37 — R. Assunção, 39 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal alegre e um Novo Ano Feliz.

Tele-receptores, rádios, frigoríficos, aspiradores, enceradoras candeeiros, etc.

Algumas Edições da Câmara Municipal de Lisboa

PUBLICAÇÕES DO 8.º CENTENÁRIO DA CONQUISTA DA CIDADE

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE LISBOA: — Livro I de Místicos e Livro II del Rei D. Fernando; Livro I de Místicos de Reis e Livro II dos Reis D. Diniz, D. Afonso IV e D. Pedro I; Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El-Rei Nosso Senhor do ano de 1565, 4 volumes; Livro I do Tombo das Propriedades Foreiras á Camara desta mui insigne cidade de Lisboa. 2 volumes; Cabido da Sé, Sumários de Lousada... (IX e ultimo volume).

GRADES DE LISBOA — pelo Dr Jaime Lopes Dias.

LISBOA — OITO SÉCULOS DE HISTÓRIA — Em 21 Fascículos, sob a direcção de Gustavo de Matos Sequeira e com a colaboração literária de escritores da especialidade.

SÃO JOÃO DE BRITO — pelo Dr. Marinho da Silva.

OUTRAS PUBLICAÇÕES CULTURAIS

Casas da Camara de Lisboa — por Luís Pastor de Macedo e Norberto de Araujo.
A Freguesia de São Tiago (2 volumes) — por Ferreira de Andrade.
A Freguesia de São Cristóvão (2 volumes) — por Ferreira de Andrdade.
A Freguesia de Santa Cruz da Alcáçova de Lisboa — por Ferreira de Andrade.
As Freguesias de Lisboa — pelo Eng.º Augusto Vieira da Silva.
Dispersos (1.º volume) — pelo Eng.º Augusto Vieira da Silva.
Colectanea Olisiponense (1.º volume) — por J. M. Cordeiro de Sousa.
Ensaios de Kant a propósito do Terramoto de 1755 — tradução de Luís Silveira.
História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa — 1.º vol.
Inventário de Lisboa (fasc. 1 a 12) — por Norberto de Araujo.
Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira — por Cassiano Neves.
Lisboa Seiscentista — por Fernando Castelo Branco.
O Poema de Lisboa — por Augusto de Santa Rita.
Lisboa Antiga — O Bairro Alto (volumes 1.º e 2.º) — por Julio de Castilho.
Revista Municipal — da direcção do dr. Jaime Lopes Dias.

EMPRESA AGRO-INDUSTRIAL DE ANGOLA (EMANGOLA)

S. A. R. L.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º, Dt.º

TELEFONE 20232 LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas, e um Ano Novo muito feliz.

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO COMÉRCIO

CONCURSO PARA ADMISSÃO DE PESSOAL

A Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, com sede em Lisboa, na Alameda D. Afonso Henriques, 82, anuncia que se encontra aberto concurso pelo prazo de 20 dias para preenchimento de vagas de contabilistas de 2.ª classe.

Só serão admitidos individuos devidamente habilitados com concurso de admissão para a referida categoria.

Os concorrentes deverão apresentar, na sede da Caixa, requerimento elaborado em papel comum azul de 25 linhas, com a indicação de todos os elementos de identificação (nome completo, filiação, idade, estado, naturalidade, residência, habilitações literárias e classificação no concurso de admissão para a respectiva categoria).

Lisboa, 23 de Dezembro de 1959.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

CLUBE NAVAL DE LISBOA

CAIS DO GAZ — **Tel. 29354**

REMO — VELA — NATAÇÃO MOTOR-TURISMO e CULTURA FÍSICA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

A pedido do Conselho Director convoco a reunião, na Sede do Clube, de todos os sócios, que a tal tenham direito, para o dia 9 de Janeiro de 1960, ás 20 horas, a fim de, em Assembleia Geral Extraordinária, se pronunciarem e deliberarem sobre o seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS:

a) Proposta do Conselho Director regulando o determinado no artigo 83 do Estatuto;
b) qualquer outro assunto de interesse para a colectividade.

Se por falta de numero legal de sócios a Assembleia não puder funcionar, fica a reunião aprovada em segunda Convocatória para o mesmo dia e local, ás 21 horas, e com a indicada ordem de trabalhos.

Lisboa, 22 de Dezembro de 1959.

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral
(a) **Alberto António May Totta**

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas
Dr. Romão Lobo — Doenças nervosas electroterapia — As 14 horas.
Dr. Antonio Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, figado, intestinos e doenças ano-rectais — As 18 horas
Dr. Mário Jacques — Fisioterapia — As 16 horas
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Dr. Luis Malheiro — Pele e sifilis — As 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h.
Prof. Dr. Alen Saldanha — Raios X — As 16 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta nariz e ouvidos — As 16 horas

VISITA AO ALGARVE E SEVILHA

Com vista a proporcionar aos Srs. Passageiros maiores facilidades para se poderem deslocar ao Algarve e a Sevilha durante as quadras festivas do NATAL e ANO NOVO a C. P. fará circular diáriamente os comboios semidirectos 8011 e 8012 (os conhecidos rápidos do Algarve) nos seguintes períodos:

— o c.' 8011 (sentido Lisboa-Algarve), de 18 a 23/12/959 e de 30/12/959 a 6/1/960.

— o c.' 8012 (sentido Algarve-Lisboa), de 19 a 24/12/959 e de 31/12/959 a 7/1/960.

São asseguradas, nos referidos períodos, também diáriamente as respectivas ligações de barco e de autocarro de, e para, Ayamonte, Huelva e Sevilha.

HIPOTECAS

QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTANCIA
QUALQUER TEMPO
Sobre automóveis

RUICAR

RUA SANTA MARTA, 27-G, 1.º
Telefone: 53884

GIRA - DISCOS

Dual

Estereofónicos com amplificação
Cabeças e agulhas para «pick-ups» de todos os tipos
FAZEM-SE TROCAS!

CASA J. GONÇALVES

Rua António Enes, 14
Tel. 43576 — LISBOA

ARTIGOS DE SPORT E JOGOS

SPRIL

Rua do Carmo, 21
LISBOA

Deseja a todos os Clientes e Amigos Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Em ALHOS VEDROS e PINHAL NOVO o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por MANUEL DE SOUSA MELRO.

Figura 1

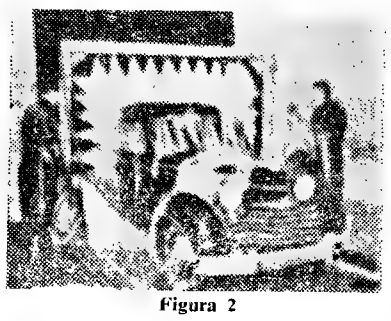


Figura 2

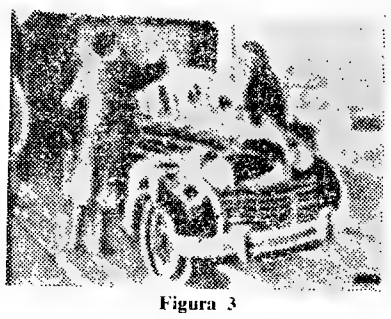


Figura 3

Figura 4

Figura 5

Rigorosas punições para quem infringe *as regras de trânsito* que vigoram em França

O novo Código da Estrada francês determina medidas drásticas que são aplicadas aos automobilistas que trangridam.

Do referido código, respigamos algumas das punições que os automobilistas sofrem quando infringem as regras do transito.

Condução ou tentativa de condução em estado de embriaguez e delito de fuga, 50.000 a 500.000 francos, um mês a um mês e meio de prisão ou uma ou outra destas duas penas. Em caso de homicídio ou ferimentos as penas serão duplas.

Entrave ou embaraço de circulação, 100.000 a 2 milhões de francos, 3 meses a 2 anos de prisão.

Falta de placas de matrícula ou peças administrativas, 50.000 a 600.000 francos de multa, 10 dias a 6 meses de prisão ou uma ou outra destas duas penas.

Infracção de sentido oposto ou da circulação, velocidade, cruzamentos e ultrapassagens, intercepção de estradas e prioridade de passagem, uso dos dispositivos de iluminação e sinalização, estacionamento com visibilidade insuficiente, 6.000 a 36.000 francos de multa e 8 dias de prisão ou mais, em caso de reincidência.

O Brasil lança-se á conquista do imenso espaço de que dispõe. E, para isso abre estradas, por vezes, em condições pouco propícias, como pode ver-se pela gravura de cima. Mas vale a pena todo e qualquer esforço quando se consegue realizar uma obra tão radiosa como a que fica documentada na foto de baixo — a auto-estrada que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, ao longo de quatrocentos quilómetros

Em seis meses Portugal importou 78.412 pneus

De Janeiro a Junho do corrente ano, Portugal importou 78 412 pneus, no valor de 13 394 contos. A origem dos pneus importados é a seguinte: Holanda (23 616); Inglaterra (18 082); Alemanha (13 900); França (11 090); Itália (7119); Bélgica (3389); Estados Unidos da América (843). Restam, ainda, 433 pneus de várias outras origens.

Modernas máquinas facilitam o trabalho *nas estações de serviço*

As estações de serviço aperfeiçoam de dia para dia, os seus sistemas de lavar carros no sentido de conseguir uma maior eficiência e rapidez. Recentemente, apareceram modernas máquinas de lavar carros, uma das quais de descreve no ultimo numero da «Revista do Revendedor» (Shell) num artigo que transcrevemos parcialmente.

Diz o referido artigo:

«Depois da limpeza interior da corroçaria, feita como é usual, o carro é colocado sob o arco móvel, e á mangueira, também como é normal, são os guarda-lamas lavados inferiormente, só com a diferença de neste caso serem utilizadas duas mangueiras, uma de cada lado, em vez de uma, como é vulgar.

A cuidadosa lavagem inferior dos guarda-lamas que em algumas regiões do País faz parte da lavagem simples, é noutros lados apenas considerada superficialmente, o que torna a lavagem simples, neste e noutros pontos, até no preço, bastante diferente de uma região para outra. Uma vez feito êste esclarecimento voltamos á descrição da lavagem.

A seguir, o arco que se encontra ao fundo da cabina de lavagem inicia um primeiro percurso banhando o carro em todo o seu comprimento, por intermédio de uma série de bicos de que sai água a uma pressão de aproximadamente 6 atm. (Fig. 1).

No percurso seguinte o jacto de água é substituido por uma mistura de água e Teepol (champonização (Fig. 2), findo o qual é todo o carro passado á esponja (Fig. 3) por dois homens, um de cada lado.

Depois, o arco passa mais duas vezes (Fig. 4) sobre o carro esguichando água, a primeira para retirar o Teepol e a segunda para mais uma passagem com água limpa e para que o arco volte a ficar ao fundo da cabina.

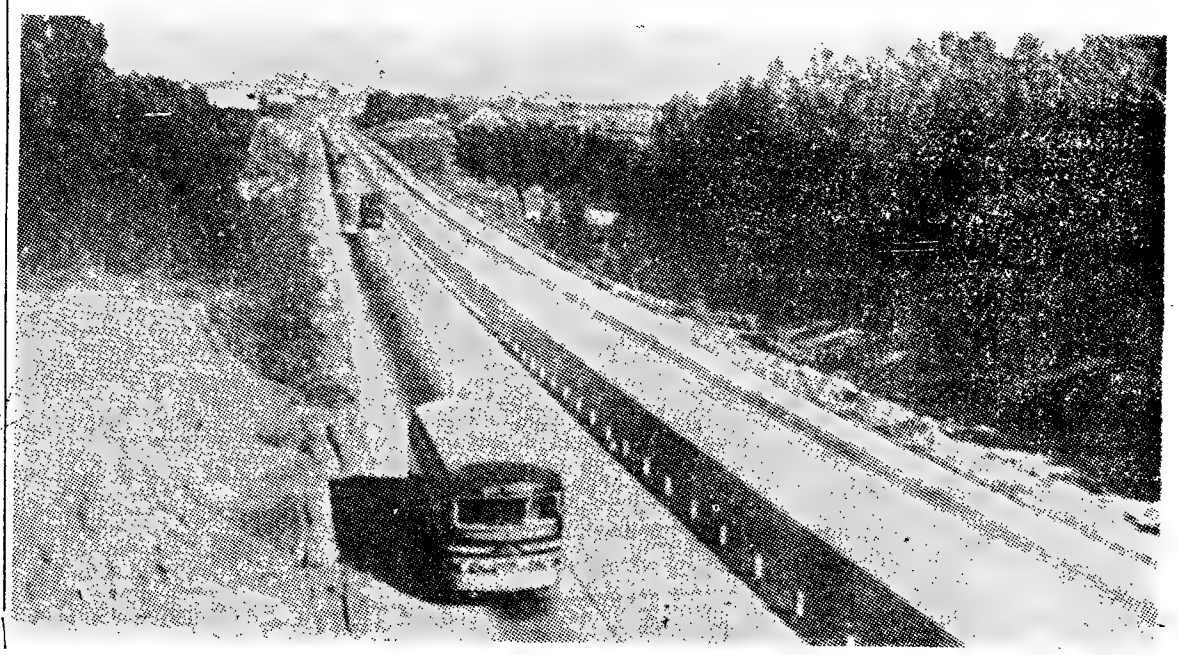
Depois os frisos são soprados com ar e o carro enxuto á esponja e camurça como é costume.

Este sistema pode ser utilizado com ou sem tunel de lavagem, suprimindo no primeiro caso a passagem com Teepol por intermédio do tunel.

Uma fábrica italiana lançou há alguns anos uma ponte de lavagem bastante melhorada e de que faz parte um turbo-ventilador-centrífugo que atira sobre a carroçaria uma corrente de ar com a velocidade de 130 kg/hora e que deixa o carro práticamente seco, necessitando apenas de um acabamento superficial na pintura, vidros e cromados (Fig. 5).

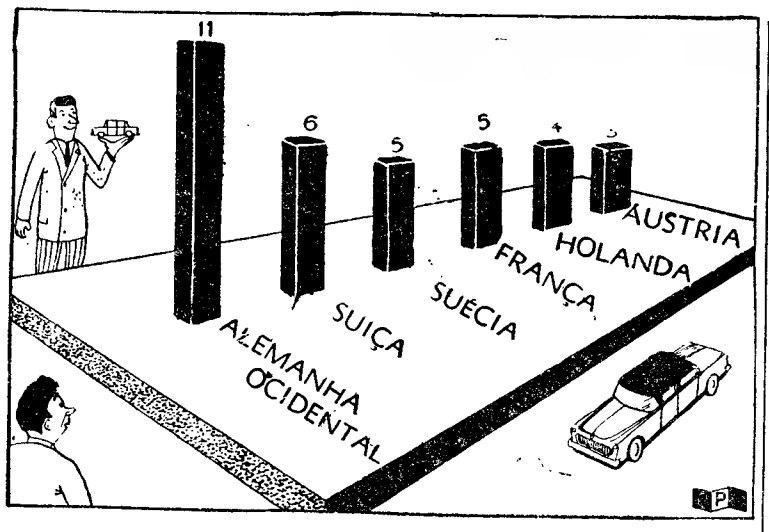
Mas o preço elevado deste aparelho torna a sua aplicação económicamente proibitiva.

A mesma fábrica lançou também um tunel de lavagem de características muito interessantes e quase completamente automático. Neste, a passagem manual da esponja é substituida por alguns rolos rotativos de fios de algodão que funcionam automáticamente.



do Mercado Comum

Nos seis países que formam o Mercado Comum Europeu, ou sejam a França, Itália, Alemanha Ocidental, Luxemburgo, Bélgica e Holanda, funcionam actualmente nove importantes fábricas de automóveis, de onde saem veículos conhecidos e usados em todo o Mundo. A produção dessas fábricas, durante o ano passado, cifrou-se em 2.614.005 unidades, assim distribuidas pelas respectivas fábricas: Wolkswagen, 553.399; Renault, 409.185; Fiat, 341.252; Opel, 315.945; Citroen, 248.305; Mercedes, 221.922; Simca, 206.751; Peugeot, 188.714; e Ford, alemã, 128.532.



Pela presente gravura, os nossos leitores podem comparar o numero de automóveis por quilómetros de estrada existentes nos países citados. Estes numeros dão-nos uma ideia exacta da intensidade de tráfego, que é directamente proporcional ao numero de viaturas existentes e inversamente proporcional ao numero de quilómetros de estradas

Um «chassis» para automóveis, todo construido de plástico e fabricado em Israel, foi aprovado pelo Instituto de Investigação Técnica e Desenvolvimento, segundo anuncia a agência A. N. I.

Este «chassis» foi expressamente feito para a fábrica «Autocars Ld.» construtora de um carro com motor de 10 cavalos-vapor e corpo em fibra de vidro. A firma construtora informa que vai desenvolver as aplicações desta fibra para uso caseiro, «stations-vagons», gira-discos e carrinhos de mão e que receberá encomendas do estrangeiro dentro das suas disponibilidades.

Comprador ou vendedor

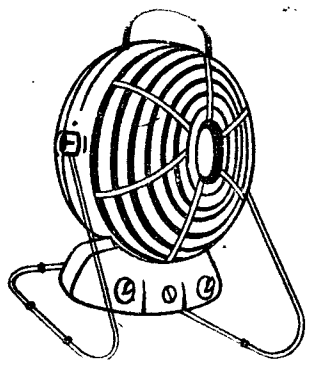
Antes de realizar qualquer transacção, veja o nosso «stock» de automóveis e furgonetas.

GARAGEM SANTA LUZIA
R. D. Estefania, 109-111

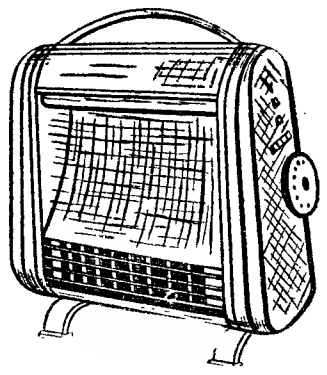
PONTO MORTO

- **Em dois anos e nove meses a Vauxhall Victor produziu 250 mil unidades daquela marca.**
- **O Grupo Leyland, fabricante de veículos como o «Tiger Cub», «Albion» e «Scammell», firmou um acordo com a Jaguar Cars Inc., dos Estados Unidos, para a venda dos produtos Leyland na América do Norte.**

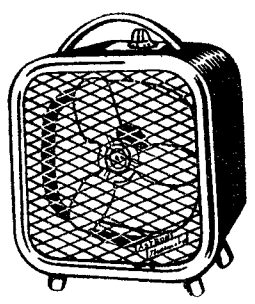
A MAIS COMPLETA LINHA DE AQUECEDORES-VENTILADORES
A MAIS ALTA QUALIDADE E RENDIMENTO TÉRMICO



ASTRO-SILENTA
Potência regulável de 1000-2000 W
Termostato regulável
Ventilador de 4 velocidades
Comandos independentes



ASTRO-DUPLEX
Potência por infra-vermelhos 500 W
Potência por ar quente 750+750 W
Termostato regulável
Ventilador centrífugo
Comando por teclas



ASTRON-THERMOBOX
Potência 1000-2000 W
Termostato regulável
Ventilador protegido
Comando rotativo
2 velocidades

SÃO APARELHOS PARA TODO O ANO E PARA MUITOS ANOS

Soc. Comercial Mattos Tavares, Lda.—R. dos Sapateiros, 39-2.º—Tel. PPC 31101/04

Secção de Ventilação e Condicionamento de Ar

VALMAR-ESTORIL

DESEJA AS BOAS FESTAS AOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES

E tem o prazer de informar, de que acaba de receber directamente da origem, um completo sortido das conceituadas marcas

PERUGINA
SAROTTI
DROSTE'S
CADBURY-FRY
NÉSTLÉ
SUCHARD

A fama inconfundível destas qualidades, são a garantia do bom gosto de quem oferece os presentes de BOAS FESTAS

Metalúrgica Luzo-Italiano, Lda.

VENTILAÇÃO — AR CONDICIONADO — AQUECIMENTO INDUSTRIAL — SECAGEM ARTIFICIAL — QUEIMADORES A FUEL-OIL
MATERIAL OLEÍCOLA E VINÍCOLA
TORNEIRAS MAMOLI — ESQUENTADORES CARLONI

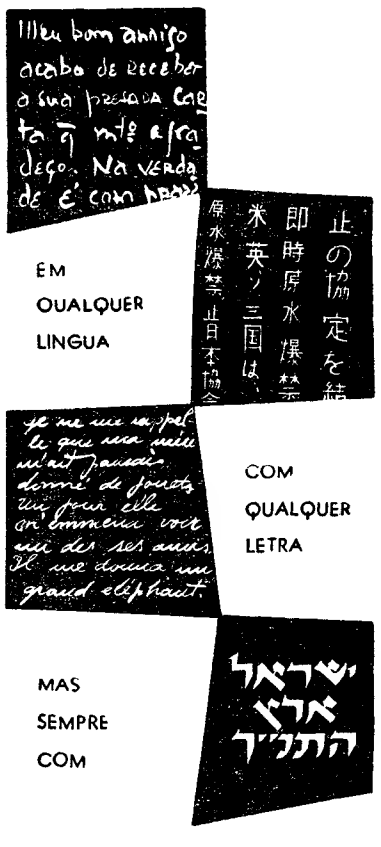
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, um Natal Feliz e um Novo Ano muito próspero.

2.ª Circular, a Cabo Ruivo, Lote 10
Telef. P. C. P. 38 28 71-74 LISBOA

SECIL

SECIL - Companhia Geral de Cal e Cimento, S. A. R. L.
Rua do Comércio, 56-3.º — LISBOA — Telef. 28201/2/3

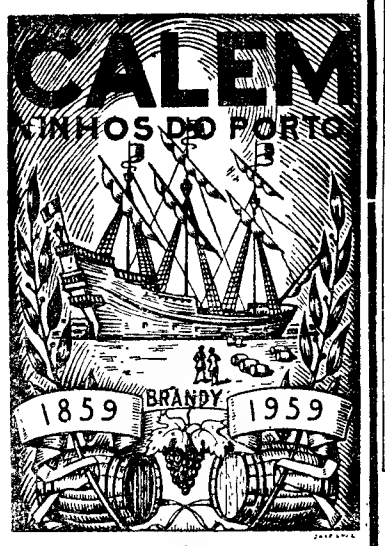
COMUNICA AOS SEUS EX.mos CLIENTES QUE OS SERVIÇOS DOS SEUS ESCRITÓRIOS DE LISBOA ENCERRARAM, HOJE, 5.ª FEIRA 24, ÀS 13.00 HORAS, E SÓ REABRIRÃO NA PRÓXIMA 2.ª FEIRA, 28 DO CORRENTE, ÀS 9.30 HORAS



TINTA ESTILOGRÁFICA
CISNE 1950
TRIC

M. Martins
(HERDEIRO)
CASA FUNDADA EM 1897
FORNECEDOR DOS HOSPITAIS CIVIS E MILITARES E DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
APARELHOS ORTOPÉDICOS E PROTÉTICOS ● FUNDAS CINTAS MEDICINAIS ● MEIAS ELÁSTICAS, ETC.
RUA DA MADALENA, 172 ● TELEFONE 866535
NÃO CONFUNDIR, N.º 170

HORÁCIO ALVES, L.da
43-RUA AUGUSTA-51
LISBOA



ANO CENTENÁRIO

QUINTA DOS LOMBOS — Tel. 044048 — Carcavelos
FLORA DE CARCAVELOS
DE
LUCIANO DE MATOS

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

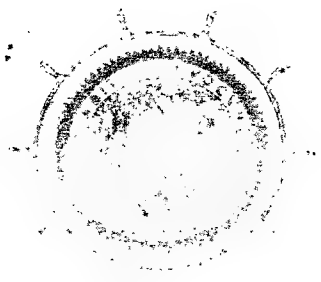
PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, L.da
95, Rua Nova do Almada 95
LISBOA

H. Parry & Son, L.DA

SEDE: 6, AVENIDA 24 DE JULHO—LISBOA

Telef.: 64187 (4 Linhas) 66065

Teleg.: NAVIOS-LISBOA



Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc.**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

Estaleiros Navais de Viana do Castelo

S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL REALIZADO: ESC. 37.250.000$00

SEDE: VIANA DO CASTELO — PORTUGAL

Telef.: 281-302

Teleg.: NAVAIS-VIANA DO CASTELO

Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc.**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

Quadro de honra

Primeiros classificados no concurso o «Natal visto pelas crianças»

1.º, **Francisco Morais Pires,** 12 anos, aluno da Escola Técnica Elementar de Santarém.

2.º, **Isabel Ferreira Ponciano,** 13 anos, da Escola Industrial Josefa de Óbidos.

3.º, **Dalila Maria Queiroga Rodrigues Alves,** 5 anos, do Jardim-Escola João de Deus, de Chaves.

4.º, **Américo Duarte Barata,** de 10 anos da Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém.

5.º, **Fernando José Vilaça Cardoso,** de 10 anos, da Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda.

6.º, **Jorge Manuel da Silva Ferreira,** de 12 anos, da Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém.

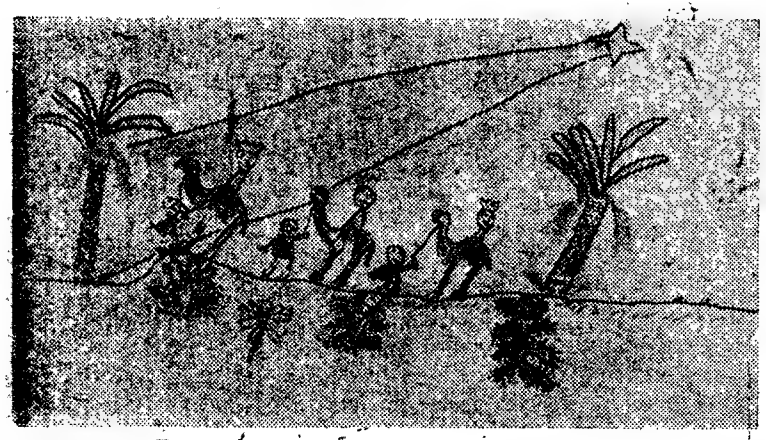
7.º, **M. I. Prazeres,** de 7 anos, do Externato «O Lar da Criança».

8.º, **Eduardo Francisco,** de 6 anos, do Jardim-Escola João de Deus, do Porto.

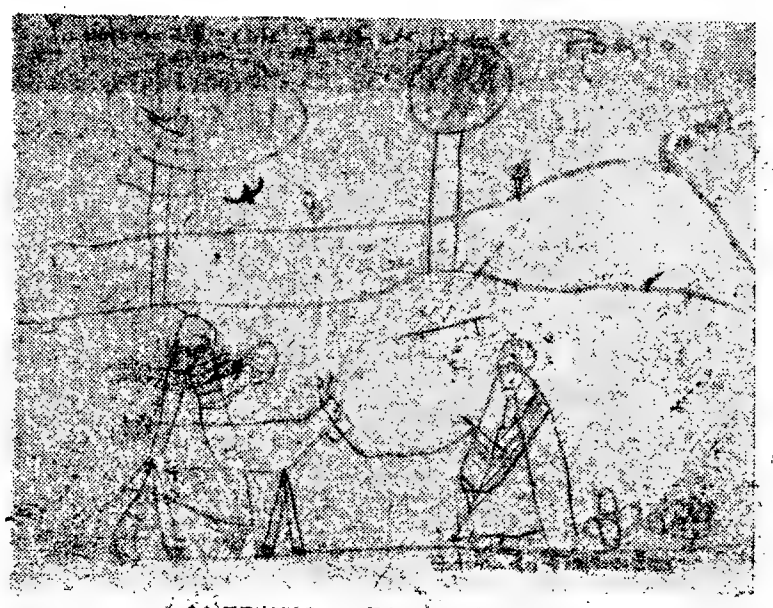
9.º, **Palmira Mariana de Sousa Guerra,** de 6 anos, do Externato Paula Vicente.

10.º, **Ana Catarina San Payo Araujo,** de 7 anos, da Escola Alemã.

7.º PRÉMIO — M. I. Prazeres



5. PRÉMIO — Fernando José Vilaça Cardoso



8.º PRÉMIO — Eduardo Francisco

A lição do concurso

(Continuação da 17.ª página)

res características, expressivas e firmes, e definiam melhor a psicologia e a sensibilidade infantis em cada grupo constituído (3 a 7 anos, 8 a 10 anos, 11 e 12 anos, 13 a 15 anos).

*

Os «erros» dos desenhos infantis que muitos olham com desprezo, podem ser considerados erros de *técnica* mas nunca de lógica.

Cada criança começa por sua conta o seu trabalho; como se se tratasse do primeiro desenhador que tivesse havido no Mundo. Essa carência absoluta de cultura artística, o total desconhecimento de qualquer representação, fazem com que a criança se sirva da própria imaginação para figurar as coisas que a cercam e no-las explique não com as vê, mas como ela crê que são. E' por isso que os primeiros desenhos são ideográficos e quase *escrita* inventada por ela própria. A lógica infantil deve, portanto, ser compreendida e respeitada e tida na maior consideração, se se quiser fazer obra de elevação do espírito.

Observava Rousseau com razão que: «a infancia tem o seu modo de ver, de pensar e de sentir que é insensato pretender substituir pelo nosso...».

Com o seu realismo intelectual (a criança visa deliberada e conscientemente reproduzir da cena a representar não apenas o que pode ver-se, mas tudo que nela «existe», e dar a cada um desses elementos a sua forma exemplar) a criança leva os seus desenhos a resultados bem singulares. Em muitos desenhos os turbantes dos reis, cabelos e barbas são transparentes e deixam ver as linhas do semblante. Numa cena de enterro, vemos o morto assistir, atrás do caixão, ao seu próprio funeral.

A criança demais não é a unica a desenhar assim. Todos os povos antigos têm dessas representações. Nos egípcios os olhos e o peito são desenhados de frente, a cabeça, os braços e as pernas de perfil. O faraó é sempre maior. A este «erro» chama-se a exemplaridade (frontalidade), isto é, o desenho de coisas pelo seu lado mais característico, quase sempre de frente, para melhor o reconhecer.

Para desenharem a Nossa Senhora e o S. José, as figuras foram quase sempre rebatidas (mudança de ponto de vista, para desenhar de frente as figuras). Alguns elementos ficaram transparentes, como por exemplo o burro e a vaquinha, pois, para fazer ver o que deveria estar oculto, a criança desenha as figuras situadas atrás dos corpos opacos. Muitas vezes aparece a utilidade e a finalidade, isto é, a criança não desenha o que considera inutil, diminui ou suprime o que não é util e aumenta o que lhe parece importante (exemplo, as palhas da cama do menino Jesus). A repetição de motivos (automatismo) é muito frequente nas fugas para o Egipto; e as linhas inclinadas oblíquamente (inclinação) são evidentes em quase todas as palmeiras. Estes ultimos «erros» são vestígios grafoidistas (imitação da escrita).

Na anarativa gráfica do Natal sómente apareceram dois tipos: o de *Epinal* (cena contada por várias imagens, cada uma das quais figura um momento da cena e formando um todo completo) e o *sucessivo* (uma unica imagem).

Os pretendidos erros de desenho na criança não são portanto erros. Se a mesa é redonda, é preciso fazê-la redonda; o que não é manco de um braço, tem dois braços: são, portanto, indispensáveis, dois olhos e dois braços. Se a aparência discorda da sua concepção, é decerto a aparência que fica a perder.

*

O concurso «Natal visto pelas crianças» representou em relação ao anterior um passo em frente, tanto na integração adequada das crianças nas actividades criadoras que se estimularam como na acção dos educadores.

Numa época de excepcional carinho pelo semelhante e de amor familiar as crianças encontraram motivos para pintar e foram de facto bem orientadas. Como se sabe, a orientação é dada para ajudar as crianças a dizerem o que querem dizer e da maneira que o querem dizer.

Aprende-se a compreender e a reconhecer o que a criança pensa, aprendendo a compreender o que ela procura comunicar nos seus trabalhos, dando-lhe inspiração, entusiasmando-a com certas ideias.

Este concurso revelou ainda que embora se hajam feito inumeros progressos e algo se tenha esclarecido, está muito ainda por fazer no domínio do desenho infantil. E primeiramente convém modificar a atitude preconcebida que ainda alguns pais e professores adoptam a respeito da actividade artística das crianças. Alguns pais e professores mais bem intencionados têm opiniões perfeitas estabelecidas sobre «arte» e julgam normal impô-las ás crianças. Ora a criança, sofre mais do que se julga por não poder exprimir os seus dons artísticos e pode supor-se que muitas crianças teriam vindo a ser bons artistas se os educadores não lhes houvessem destruido confiança em si próprias. Porque se há-de acolher tantas vezes com um encolher desdenhoso de ombros a balbuciação de um ser que se procura? Quantas obras de infancia terão sido assim afogadas antes de nascer?

Num mundo que vive debaixo do embate ameaçador da técnica, tendendo cada vez mais para o racionalismo e o materialismo, animar a sensibilidade e activar a capacidade criadora, constitui função primordial na educação escolar e de adultos. A crescente atmosfera de sobressalto e de angustia preocupa não apenas os filósofos, escritores e personalidades culturais, mas constituem um factor de que se tem de ocupar o educador. E' a educação artística a que pode desempenhar uma importante função no restabelecimento e na mantença da dignidade humana individual e integra. Já que, ao criar, toda a personalidade se encontra presente no processo criador.

Sabemos perfeitamente as dificuldades com que deparam os educadores pela arte, a ausência de um programa aceitável no ensino primário (e percam-se as esperanças na futura reforma do programa de desenho) e no ensino liceal. O caso do ensino técnico é uma singularidade e um acaso na nossa educação pela arte. Mas considere-se o que no ensino pré-primário se tem feito por iniciativa particular, o que se vai fazendo nalgumas escolas primárias oficiais e particulares e num ou noutro liceu.

E' necessário admitir que uma reforma no domínio da educação pela arte não é em primeiro lugar de ordem material mas ideológica. Não existe, e isto é de maior importancia, um unico método eficaz de educação artística aplicável a todos os estabelecimentos de ensino. A perfeição, a uniformidade e o formalismo são qualidades que testemunham a excelência do mesmo. O poder proporcionar métodos flexíveis é talvez um dos maiores proveitos que possui a educação artistica entre as disciplinas escolares.

O educador não tem que esperar que as coisas mudem inesperadamente no seio do ensino se por acaso fosse possível dotar a educação da criança com programas adequados, pois a mudança só surgirá se tiver nascido um espírito novo. E' com a actualização profissional, estando ao corrente dos problemas, que se poderá fazer reinar o espírito da educação pela arte antes das realizações práticas.

A educação pela arte fará a sua entrada em todas as escolas quando os espíritos estiverem formados e quando iniciativas como o «Natal visto pelas crianças» aumentarem o numero de participantes activos nas funções artísticas. A educação pela arte é um repto a todos nós.

M. CALVET DE MAGALHÃES

Lista das recompensas

1.º **Prémio** — Uma bicicleta «Vilar» no valor de 900$00; uma caixa de chocolates da marca «Regina» no valor de 300$00; um estojo de desenho da Papelaria Vasconcelos no valor de 130$00; 5 livros da Livraria «Bertrand» e a publicação do trabalho no numero do Natal do «Diário de Lisboa».

2. **Prémio** — Um estojo completo para pintura «FAVREL» com tintas «Belarte» da Favrel Lisbonense (Fabricação Portuguesa de Tintas e Materiais para Artistas) no valor de 400$00; um cavalete para pintura da «FAVREL LISBONENSE» no valor de 200$00; uma caixa de «drops» da Fomento Eborense no valor de 130$00; 5 livros da Editora Portugália e a publicação do trabalho no «Diário de Lisboa».

3.º **Prémio** — Um lote de livros a escolher na Livraria Portugal até ao valor de 200$00; uma caixa de «drops» da Fomento Eborense no valor de 130$00; uma caixa de aguarelas com paleta, oferta de «Au Petit Peintre» no valor de 100$00; um estojo das Papelarias Emilio Braga no valor de 60$00 e a publicação do trabalho.

4.º **Prémio** — Uma caixa de bombons da marca «Regina» no valor de 200$00, um lote de livros a escolher na Livraria Portugal no valor de 150$00; uma caixa de gouaches francesas no valor de 85$00, oferta da «Au Petit Peintre»; uma panela em vidro com compota da Lisbonense Vitória no valor de 38$00 e a publicação do trabalho.

5.º **Prémio** — «Oh! Yes — Curso Alegre de Inglês», das edições Ouro, Ld.ª; uma caixa de bombons da marca «Regina» no valor de 100$00; compras de livros a escolher na Livraria Portugal no valor de 100$00 e a publicação do trabalho.

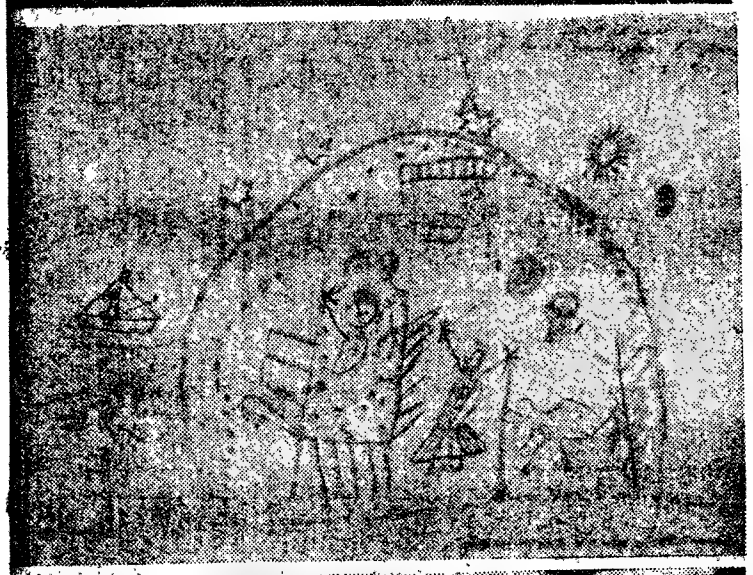
6. **Prémio** — Uma caixa de «drops» da Fomento Eborense no valor de 130$00; um lote de livros a escolher na Livraria Portugal no valor de 50$00; uma panela artistica em vidro com compota da Lisbonense Vitória no valor de 38$00 e a publicação do trabalho.

7.º **Prémio** — Livros á escolha na Livraria Portugal no valor de 50$00; um estojo de desenho da Papelaria Carlos no valor de 40$00; uma panela em vidro com compota da Lisbonense Vitória no valor de 38$00; dois livros da Livraria «Bertrand»; uma esferográfica «Bic» e a publicação do trabalho.

8.º **Prémio** — Livros á escolha na Livraria Portugal no valor de 50$00; uma caneta de tinta permanente da marca «Luck» das Papelarias Emilio Braga no valor de 45$00; uma esferográfica «Bic»; uma colecção de gouaches em pó com caixa e pincel da marca «Favrel»-Varela no valor de 20$00, oferta da Casa Favrel Lisbonense; uma lata de compota da Lisbonense Vitória no valor de 20$00 e a publicação do trabalho.

9.º **Prémio** — Uma boneca que anda, diz mamã e move a cabeça ao andar, oferta da Aliança Comercial de Quinquilharias, Ld.ª; Livros á escolha na Livraria Portugal até 50$00; uma colecção de gouaches em pó «Favrel»-Varela no valor de 20$00 da Favrel Lisbonense e a publicação do trabalho.

10.º **Prémio** — Um estojo da Papelaria Carlos no valor de 40$00; uma caneta da marca «Luck» das Papelarias Emilio Braga no valor de 45$00; livros da Editorial Ibis; uma colecção de gouaches em pó «Favrel»-Varela, com caixa e pincel no valor de 20$00; duas esferográficas «Reynold's»; um apara-lápis de fantasia da casa C. Lousada Ld.ª e a publicação do trabalho.



Mais cem classificados

* *Ana Luísa de Sousa Lucas, 6 anos, aluna do Externato Paula Viecnte* * *Maria, Jacinta Inês Miranda, 8 anos, aluna da Escola de Aplicação de Évora* * *Joaquim Manuel de Sousa Ribeiro, 10 anos, aluno da Escola Técnica Elementar Gomes Teixeira, Porto* * *Luís António dos Santos Nascimento, 10 anos, aluno da Escola Técnica Francisco Arruda, Lisboa* * *António de Sousa e Silva, 14 anos, aluno da Escola Técnica Pedro de Santarém, Lisboa* * *Maria Dulce da Silva Beato, 13 anos, aluna da Escola Técnica Francisco Arruda, Lisboa* * *Margarida Fernanda da Fonseca Correia de Lacerda, 13 anos, aluna da Escola Técnica Elementar Clara de Resende, Porto* * *António Carlos Vitória, 13 anos, aluno da Escola Industrial e Comercial de Santarém* * *Gabriel Antunes Miguel, 12 anos, da Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Manuel António, 12 anos, da Escola Industrial e Comercial de Vila Nova de Famalicão* * *Maria Bernardo dos Santos, 12 anos, Escola Industrial Josefa de Óbidos, Lisboa* * *Ilda Maria de Almeida Canilhas, 12 anos, Escola Industrial Josefa de Óbidos, Lisboa* * *João António da Silva Graça, 11 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Lourenço Fernando da Silva Santos, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *José Manuel Gama da Cruz, 11 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Ana Maria Macedo das Neves, 13 anos, Escola Industrial Josefa de Óbidos, Lisboa* * *Isaura Armelina de Oliveira, Escola Industrial Josefa de Óbidos, 12 anos, Lisboa* * *Maria Rosalina de Oliveira Barreiros, 13 anos, Escola Industrial Josefa de Óbidos, Lisboa* * *Margarida Helena Madeira Santos, 16 anos, Escola Industrial Josefa de Óbidos, Lisboa* * *Maria Teresa Faria Pinto, 13 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Bernardino Rafael Andrês Cassiano, 13 anos, Casa Pia de Lisboa, Secção Pina Manique, Lisboa* * *Carlos Alberto Gonçalves Antunes, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Luís José Louro Pedroso dos Anjos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, 13 anos, Lisboa* * *Maria Adelaide de Vaz Rodrigues, 13 anos, Escola Industrial Josefa de Óbidos, Lisboa* * *Maria Ivone Caeiro de Oliveira Pinto, 13 anos, Escola Técnica Elementar Marquesa de Alorna, Lisboa* * *José Manuel da Costa Reis, 11 anos, Liceu Gil Vicente* * *Josefina Tavares Conrado, 12 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Luís António Severino Albino, 12 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Gilberto Luís Soares das Chagas, 12 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Ana Luísa, 8 anos, O Lar das Crianças, Lisboa* * *João Manuel dos Reis Rodrigues, 10 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Manuel Augusto da Fonseca Serrano, 11 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Cláudio Fernandes de Jesus, 12 anos, Escola Técnica Elementar D. António da Costa Almada* * *Jaime Manuel Simões Nunes, 13 anos, Curso D. Cecília Menano* * *Jaime Manuel, 8 anos, Curso Infantil D. Cecília Menano* * *Carlos Alberto dos Reis Trindade, 10 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *José Carrilho Martins, 10 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Domingos Heitor, 6 anos, Jardim-Escola João de Deus, Porto* * *Isabel P. Nogueira e Laura Luzes, 8 anos, O Lar da Criança, Lisboa* * *Cecília Maria Malheiros Costa, 6 anos, Jardim-Escola João de Deus, Porto* * *Maria Helena Meira, 7 anos, O Lar da Criança, Lisboa* * *Raul Canadas Ferreira, 14 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Carlos Augusto Rodrigues Monteiro, 13 anos, Escola Técnica Elementar Gomes Teixeira, Porto* * *Ana Luise, 8 anos, O Lar da Criança, Lisboa* * *Jorge Manuel de Oliveira Gomes da Costa, 10 anos, Escola Técnica Elementar Gomes Teixeira, Porto* * *Rodrigo José de Sousa Penicheiro, 7 anos, Escola Conde Ferreira, Ovar* * *Maria Rita Moura, 6 anos, O Lar da Criança, Lisboa* * *Edite Marques Norberto, 7 anos, O Lar da Criança, Lisboa* * *Maria Gabriela, 7 anos, O Lar da Criança, Lisboa* * *Vítor Manuel Borges Ramos, 6 anos, Escola de Aplicação de Évora* * *Ilda Isolina Alves de Araujo, 12 anos, Escola Industrial Josefa de Óbidos, Lisboa* * *Maria José da Cunha Jota, 11 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Ilda Asolina Alves, 12 anos, Escola Industrial Josefa de Óbidos, Lisboa* * *José Manuel Nunes Guerreiro, 12 anos, Rogério Augusto Rodrigues Ferreira, 12 anos, João Duarte Baptista Fernandes, 11 anos e Álvaro Joaquim Ferreira Veiga, 12 anos, Esc. Téc. Elem. D. António da Costa, Almada* * *Maria Gracinda Alves de Sousa, 13 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Guilherme Francisco Vieira Laudes, 13 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Joaquim Henrique Lira Sobreira, 15 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Irene Amaral Salvado, 13 anos, Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco* * *João Luís Salgado Barreiros, 13 anos, Esc. Téc. Eelementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *João Manuel Dias Martins, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Maria Emília dos Reis Cravo, 13 anos Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *António dos Santos Jorge, 13 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Margarida Fernanda, 12 anos, Escola Técnica Elementar Clara de Resende, Porto* * *João Osório dos Santos, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *João Pedro Duarte Azinheiras, 11 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Jaime Manuel Nina, 7 anos, curso de Pintura Infantil D. Cecília Menano* * *António Iria Chambel, 12 anos, Esc. Téc. Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Carlos Alberto Delfim Leitão, 12 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Maria Fernanda Paixão Rosa, 11 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Luís Manuel Nunes Sebastião Nortadas, 11 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Maria Emília Delgado, 11 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Maria Helena Pereira, 12 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *José Joaquim Lopes Cameiro, 13 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Maria Amélia da Silva Cruz, 13 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Adelino João da Fonseca Martins, 11 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *(Ouvinte I) Carlos Juvelino Pires da Silva, 14 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Maria Fernanda Martins da Silva, 11 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Manuel Francisco Andrade Baptista, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Fernando Henrique de Jesus Costa, 12 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Alberto Carrola de Carvalho, 12 anos, Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco* * *Maria Manuela de Jesus Santos, 12 anos, Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco* * *Fernando da Cruz Delgado, 12 anos, Escola Indust. e Comercial de Castelo Branco* * *Rosa Amélia Pereira de Sampaio, 12 anos, Escola Técnica Elementar de Clara de Resende, Porto* * *Rui Manuel Pereira Puga de Sousa, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *António Manuel San Payo Araujo, 5 anos, Escola Alemã, Lisboa* * *Mário Elisário Barata Gomes, 13 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Leonel Fernandes Malta, 13 anos, Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco* * *António Costa, 13 anos, Casa Pia de Lisboa — Secção de Pina Manique* * *José Adelino Felino Portugal, 13 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *João Charrua, 13 anos, Casa Pia de Lisboa — Secção Pina Manique* * *Eduardo Júlio Belo Pereira, 12 anos, Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, Lisboa* * *Esmeralda Calvário, 13 anos, Escola Técnica Elementar Clara de Resende, Porto* * *José Antunes, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Manuel de Sousa Damião, 14 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Joaquim Henrique Lira Sobreiro, 15 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *José Guilherme dos Santos Silva, 13 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Eugénio Jorge Ferreira, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Hélder José Alves Mendes, 11 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *Ernesto Augusto Afonso de Carvalho, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa* * *José Luís Beja Pacheco Afonso, 12 anos, Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, Lisboa.*

DE CIMA PARA BAIXO: 10.º PRÉMIO — Ana Catarina San Payo Araujo; 3.º PRÉMIO — Dalila Maria Queiroga Rodrigues Alves; 6.º PRÉMIO — Jorge Manuel da Silva Ferreira. AO LADO DA ESQUERDA PARA A DIREITA: 4.º PRÉMIO — Américo Duarte Barata; e 9.º PRÉMIO — Palmira Mariana de Sousa Guerra.

CASA CESAR
TELEF. 40245

CUMPRIMENTA OS SEUS EX.mos CLIENTES, FORNECEDORES E AMIGOS
DESEJANDO-LHES UM NATAL FELIZ E UM NOVO ANO MUITO PRÓSPERO

FAZENDAS DE LÃ — SEDAS — ALGODÕES — MALHAS — MEIAS — CAMISARIA — GABARDINES — PULOWERS — PEÚGAS — GUARDA-CHUVAS

C. S. MATOS, LDA.
6-C, Av. Almirante Reis, 6-E

Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau

ORGANISMO CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei número 26.106, de 23 de Novembro de 1935, ao qual compete Fomentar a Indústria da Pesca do Bacalhau

Rabotti
PRODUTOS de QUALIDADE
BANCOS de ENSAIO
electricidade e Diesel
aparelhos de controle - testers - prensas -

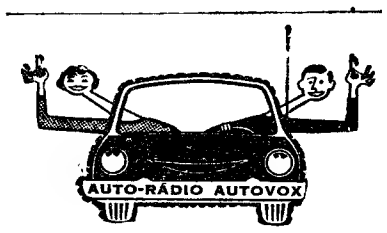
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

LUIZ BATISTA, SUCESSORES, LDA.
Fabricantes de escovas de todas as espécies em cabelo e em arame para máquinas, tubos, garrafas, estradas, etc.
Casa Fundada em 1883

PARA MOAGEM

PARA TUBOS

ARAME OVAL
Para tubos
Telefone 2 8807
49 – Rua da Fé – 49-r/c. LISBOA
Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo próspero.



A Pernambucana, L.da
IMPORTADORES E ARMAZENISTAS
CAFÉS
Calçada Carriche, 95 — LISBOA
Telefones 791055 - 791056 - 791057
(Casa especializada em fornecimento pâra «Cafés»)
Felicita os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um Natal Feliz e um Ano Novo muito próspero.

C. N. N.
COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
Uma frota ao serviço da Nação e do Império
MOÇAMBIQUE — ANGOLA — NIASSA
ÍNDIA — TIMOR — ROVUMA
MOÇÂMEDES — SOFALA — QUANZA
ZAMBÉZIA — SAVE — LURIO
S. TOMÉ — NACALA — TAGUS
CHINDE (em construção) — ANGOCHE (em construção) — 6 REBOCADORES — 33 BATELÕES
Num total de cerca de 200.000 tons.
LIGANDO PORTUGAL
À ÁFRICA E AO ORIENTE

Auto Cais Sodré, Lda.
Praça Duque da Terceira, 9
Telefone 2 6733
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.

Restaurante PALMEIRA
RUA DO CRUCIFIXO, 69 a 73
Telefone 28372
A Gerência e empregados cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

SENA SUGAR ESTATES, LTD.
— SEDE EM LONDRES —
Plantações e Fábricas de Açucar em Luabo e Marromeu
Província de Moçambique
Direcção local: Avenida da India, 8 — Lisboa

Casa Rio de Janeiro
de ROSAS & CARVALHO, LDª.
Camisaria — Malhas — Meias
264, Rua Augusta, 266
Desejam Boas Festas e Ano muito próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

COMPANHIA DE SEGUROS
SAGRES
Sede em Lisboa
(Edifício próprio)
RUA DO OURO, 175 a 191
Telefones: P. P. C. A. — 24171 - 24172 - 24702 - 30217
DELEGAÇÕES
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 142-1.º — Tel. 25913/4
COIMBRA: Praça 8 de Maio, 25-2.º — Tel. 24592
AGENTES EM TODO O PAÍS
Seguros dos seguintes Ramos:
ACIDENTES PESSOAIS — ACIDENTES DE TRABALHO — AÉREOS — AGRÍCOLAS — AUTOMÓVEIS — CRISTAIS — FOGO — MARÍTIMOS — POSTAIS — RESPONSABILIDADE CIVIL — ROUBO — TRANSPORTES TERRESTRES E AÉREOS — VIAGENS E VIDA

A DROGARIA
Marchal, Lda.
20-A — Rua dos Bacalhoeiros
Telefone 2 5497
Vernizes, alvaiades, ácidos nitricos comerciais e puros Perfumarias, hervanária, etc.
Aos seus Clientes e Amigos, deseja Boas Festas e Ano Feliz.

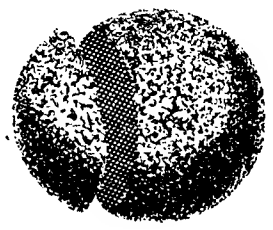
ESTABELECIMENTOS
Jerónimo Martins & Filho, L.da
Rua Garrett — LISBOA
Cumprimenta todos os seus Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo feliz.

José Santos, Lda.
Compra e venda de propriedades
Empréstimos hipotecários
RUA DOS CORREEIROS, 101 1.º — LISBOA 2 — Telefs.: 27616/30707/23662
Deseja Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

Pinheiro
Ourivesaria-Relojoaria
Ourivesaria Pinheiro
A Gerência cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Natal Feliz e um Ano Novo próspero.
Praça do Duque de Saldanha, 24 — Telefone 58005
LISBOA

A NOVA ESFEROGRÁFICA

GRIP-TIP



* A nova esfera porosa agarra-se ao papel como o rastro do pneu à estrada.

* Não derrapa, não falha, não se apaga.

* O corpo triangular adaptado aos dedos permite escrever com segurança e perfeição.

* GRIP-TIP escreve mesmo sobre nódoas de gordura, manchas de transpiração, etc.

* Modelos à escolha nas cores: vermelho, verde, azul e preto.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL

VIALGA, Representações SARL

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 90 · 7.º · TEL. 733254 · LISBOA

IDEIAS OCASIONAIS

A evolução dos problemas estéticos e artísticos tem dado ao nosso País um lugar á parte, se a confrontarmos com o sucedido em outras nações sobretudo da Europa Caminhamos com passo acertado em muitas modalidades das artes plásticas, da musica, da literatura e da cultura em geral, o que documenta a existência de novas gerações com um sentido compreensivo e louvável de que a evolução é a vida em movimento. No campo da instalação de museus e de adaptação de edifícios históricos a salas de pintura e de escultura e outras variantes das artes plásticas, muito se tem conseguido em prol e aproveitança da arte como sói dizer-se em linguagem vernácula. Confinando portanto á instalação de novos museus as nossas frágeis considerações e comentários, vamos glosar a possível existência e criação dum novo museu, originalíssimo e sem rival em qualquer país europeu e americano. Trata-se pura e simplesmente da criação dum futuro museu de condecorações de heraldica-honorifica, no fundo a museoficação da insígnia.

Como nasceu a ideia desse museu? Foi uma iniciativa felicíssima do arqueólogo e investigador histórico dr. António do Valle-Domingues que lhe deu forma e realidade, depois duma fatigante e insistente luta para conseguir concretizar o seu ideal: dotar Lisboa com um museu de condecorações. O dr. António do Valle-Domingues, licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa e doutor «honoris causa» em Filosofia e Ciências Económicas pela Faculdade de Ciências e Artes do Rio de Janeiro e que foi consul honorário do Chile em Lisboa, preencheu toda a sua existência coleccionando condecorações, até que conseguiu esta coisa rara e quase inacreditável: dar existência palpável e real a uma colecção digníssima, já hoje referenciada e conhecida em vários países estrangeiros e visitadíssima por técnicos e curiosos de heraldica histórica e de estudos de ordens e condecorações. Possui uma vasta bibliografia sendo algumas obras em várias línguas datadas desde 1658 e todos os regulamentos das Ordens Militares portuguesas (Cristo, Avis, Sant'Iago, etc.) impressos em 1694, 1671, 1746 e 1747 e essa valiosa biblioteca é a mais completa no género e que poderia ser um dia cedida á Chancelaria das Ordens Militares portuguesas, o que constituirá um recheio inestimável. Dedicou também uma atenção especial á heraldica municipal, visto que uma grande parte das vilas portuguesas foram comendas das ordens militares, conforme se pode ver ainda hoje, nos brasões de armas das vilas de Avis, Garvão, Crato, Niza, Calheta, Grandola, Arrifana de Sousa, Arruda, etc. Acrescem a essa bibliografia já de si tão completa livros de pedras de armas, brasonarias, genealogias, cartas de brasão, o livro do Armeiro-Mor, Tratado de Nobreza, «Blasons des Corporations» e trabalhos sobre heraldica ingleses, franceses, espanhois, alemães, suecos e sobretudo tudo o que existe em língua portuguesa sobre um assunto já tão generalizado

O dr. António do Valle-Domingues tem encetado esforços para restaurar a Ordem Militar de N.ª S.ª da Conceição de Vila Viçosa, que é a rainha e padroeira de Portugal e que foi extinta em 1910. Tem em seu poder uma larga lista com as divisas de todas as ordens militares de todo o Mundo, actuais e extintas, incluindo as do Santo Império Romano Germanico, mais tarde a Confederação Germanica.

Nesse campo a matéria é vastíssima, pois existiram ou supõe-se terem existido várias ordens, Ala de S. Miguel, criada por Afonso Henriques quando da Ala dos Namorados; a Ordem de cha ou da Flecha, criada por D. Sebastião em homenagem ao seu Santo preferido S. Sebastião-Mártir; a Ordem da Alá das Namoradas: a Ordem de SS. Trindade por D. João V, etc.

Todo este aliciante conjunto harmoniza-se ainda, com a instalação provisória do seu Museu de Condecorações, que tem um recheio indiscriminável, tal é a abundancia e pormenorização de todo o conteudo museográfico. Está em plena evolução um clima nacional de valorização artística e a influência moral e estética que daí deriva, dá ao nosso povo um maior sentido estético e sensorialista, educando-lhe os sentidos e preparando-o para outras compreensões e outros sentidos de análise. Será de facto um acontecimento de alta importancia a criação originalíssima dum Museu de Condecorações pelo que ele representaria e pelo que ele seria. A ideia da integração dum museu ou duma colecção particular num museu público e nacional deve a nosso ver ter todo o apoio das esferas oficiais e de todas as pessoas sensíveis aos problemas da história, da heraldica e do bom gosto. Instalado esse Museu num edifício com todas as condições de luz e de harmonia, imagina-se imediatamente o campo de estudo e de observação que ele encerraria. De toda a parte chegariam peritos e especialistas e assim essa matéria histórica seria um corpo vivo, como matéria humana de análise e comentário e o património da Nação ficaria enriquecido com esse conjunto inimitável Estas são as ideias gerais e o plano de fundo duma obra de tão vasto alcance mas para além deste plano de fundo existe uma necessidade histórica, um novo capítulo a preencher na vasta história da nossa cultura.

O apelo irresistível da arte e da história, da parte documental e da parte gráfica justificam todos os sacrifícios duma nação como a nossa em pleno progresso e caminhando a passos largos a estrada da redenção e da realização. Arautos desse sonho realizável apraz-nos revelar o que ele valerá como material histórico e o que ele seria como conjunto cultural, proporcionando estudos de toda a ordem e uma riqueza didáctica que se enriquecerá de ano a ano. Só o Museu da Legião de Honra em Paris, se pode enquadrar, no mesmo nível histórico com o nosso futuro Museu Nacional de Condecorações. A heraldica honorifica e a história dar-se-iam as mãos num dos mais exigentes conjuntos de museu, de que nos poderíamos justamente ufanar. E a série dos museus que a capital possui seria completada por um museu de especialidade de vastíssimo alcance.

A educação estética dum povo avalia-se pela sua capacidade de compreensão artística. E' e deve ser desde a escola primária, desde o liceu e a escola de ensino técnico elementar, que o estudante necessita de ser conduzido para um clima de compreensão artística, estética e plástica. Simultaneamente o povo da oficina e dos campos devia ser também conduzido para a compreensão dos museus e da lição que eles encerram. Os estudantes das escolas primárias francesas, vimo-los nós várias vezes frequentar acompanhados pelos professores e professoras os museus em dias determinados, para que o sentido estético e a harmonia da arte seduzam e eduquem a sua compreensão em desenvolvimento. Esse grande movimento de inciativa escolar e artística devia também generalizar-se entre nós, além de visitas guiadas a museus, o que já se faz em Lisboa, sobretudo no Museu de Arte Antiga. E assim a pouco e pouco a arte teria uma função social e educativa e o sentido da arte teria maior ambito e revelação, já que os museus são grandes direcções vivas de cultura e de arte verdadeira. Um Museu de Condecorações constituiria portanto, mais uma prova da nossa evolução intelectual e histórica e em tudo digno da ciência da heraldica de tão nobres e seculares tradições e teriamos novas salas abertas para os entendidos e para o povo. Alguma coisa fica sempre dum alvitre ou duma iniciativa. E o que devia ser absolutamente justo é que o plano dum Museu de Condecorações e de Heraldica Honorífica e de Insígnias fosse uma realidade tangível e uma realidade exequível, o que no fundo seria um benefício para todos nós.

CORREIA DA COSTA

Os proprietários do

Restaurante Leão d'Ouro

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes felizes festas e um Ano Novo muito próspero.

Matos & Rosa, Lda.

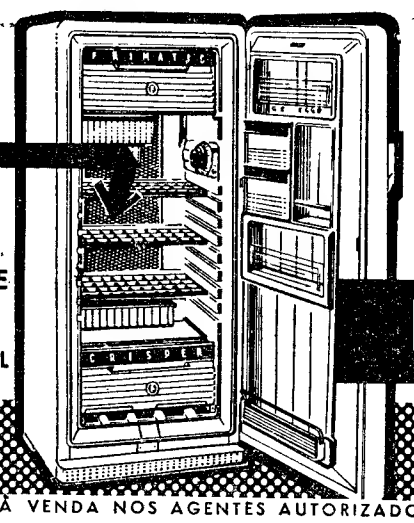
Estancia de Madeiras, Serração e Materiais de Construção

RUA NOVA DO LOUREIRO, 33
CALÇADA DO TIJOLO, 41-43
Telefone 20928

Deseja um feliz Natal e um Ano Novo muito próspero aos seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores.

O FRIO AO ALCANCE DE TODOS "Blizzard-Flap"

40 %



de economia

DUPLA ORIGEM DE FRIO

5 MODELOS DE 100 A 260 LITROS

CORES ALEGRES E ATRAENTES

* FRIO CONSTANTE E REGULAR

* FRIO HÚMIDO DISTRIBUIÇÃO RACIONAL DA TEMPERATURA

FRIMATIC INTERNACIONAL

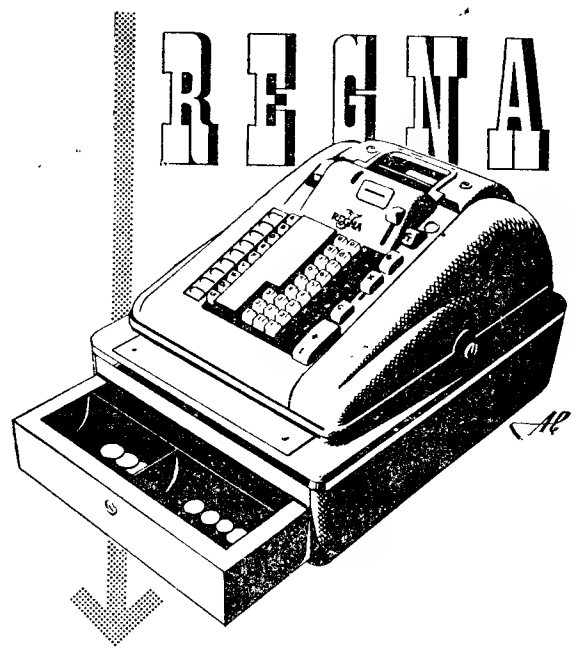
À VENDA NOS AGENTES AUTORIZADOS

Representantes exclusivos
REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA.
Rua da Emenda, 66, r/c., Fte.
Telef. 29016-7-8 P.P.C.A. 3 linhas
LISBOA

Concessionário exclusivo no Norte
J. ROCHA
Rua Santo António, 173
Telef. 25575 PORTO

Concessionários exclusivos no Centro
PEDROS-IRMÃOS, LDA.
Rua da Sofia, 141 a 171
Telefs. 25493-25494 COIMBRA

REGNA



CAIXAS REGISTADORAS
manuais e eléctricos

O melhor,
mais simples e mais moderno
sistema de controle

Peça uma demonstração, sem compromisso, aos representantes em Portugal

Coporel

AV. DUQUE DE AVILA, 42-B • TELEF. 47274 • LISBOA

Sensacional!

É A PALAVRA CERTA PARA DEFINIR O CONCURSO DOS VINHOS DAS

Caves Aliança

EIS OS PRÉMIOS

UM AUTOMÓVEL VOLKSWAGEN · TELEVISORES E RÁDIOS SIERA · MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA SCHARPF · MÁQUINAS DE COSTURA KAISER FOGÕES KNEFT · ASPIRADORES ELECTROSTAR MÁQUINAS DE BARBEAR LUMIAR · RELÓGIOS DE PULSO MAGNAT · FERROS ELÉCTRICOS · PANELAS DE PRESSÃO VAPOREX. MÁQUINAS DE BARBEAR THORENS.

BEBA VINHOS ALIANÇA E PEÇA A SENHA PARA ESTE Sensacional! CONCURSO

QUE O HABILITA AO SORTEIO FINAL, 2 DE JANEIRO DE 1960

O SORTEIO FINAL, QUE ESTAVA MARCADO PARA 31/12/1959, FOI TRANSFERIDO PARA 2 DE JANEIRO DE 1960

PELOS TELEFONES 381596 E 382155 SERÃO FORNECIDOS TODOS OS ESCLARECIMENTOS NECESSÁRIOS

AOS AUTOMOBILISTAS

O prazo para a troca da carta de condutor para PROFISSIONAL, termina já no fim do ano.

A falta de apresentação do atestado médico de revisão, dentro dos prazos que a Lei determina, torna-os indocumentados e, por tal, sujeitos a prisão e multa de 1.000$ a 2.000$. Portanto, verifique a alínea 7 da carta de condução (pag.ª onde está colada a fotografia).

Destes e de todos os assuntos relacionados com condutores e viaturas, trata:

CERCEL, LIMITADA

Rua Rodrigues Sampaio, 78, 2.º — Lisboa
Telef. 731594 e 53442

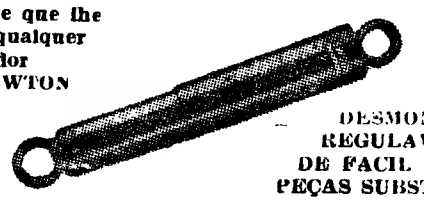
António Moreira Rato & Filhos, L.da

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
MÁRMORES — CANTARIAS
CRÉS — LOIÇA SANITÁRIA
FIBROCIMENTO «NOVINCO»

Telefones: 660879-663708 — Telegramas: «Ratofilhos»
AVENIDA 24 DE JULHO, 54-F
LISBOA

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor
Exija NEWTON



DESMONTAVEIS
REGULAVEIS
DE FACIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUIVEIS

Representante:
AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 56

Carlos de Sá Pereira, Lda.

Rua dos Sapateiros, 115-2.º, D.º

Deseja Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

LOUIS DUTSCHMANN JR

AGENTE DE NAVEGAÇÃO

LINHAS REGULARES – FRETAMENTOS

CAIS DO SODRÉ, 8-1º
Telefs. 36 62 91 e 36 62 92 Telegramas: DUSHIPS.
LISBOA

Ourivesaria Algés

OURO, JÓIAS, PRATAS E RELÓGIOS — OFICINAS PRÓPRIAS
Avenida dos Combatentes, 13-A — Telef. 012523 — ALGÉS
Deseja aos seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores, Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

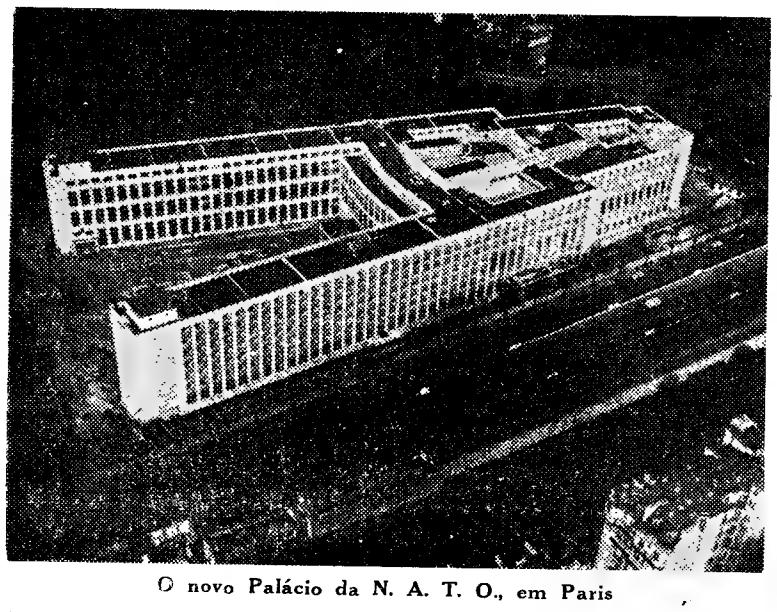
Moinho de Ouro
E
AFRICANISTA
DA
CASA DO CAFÉ
Rua da Palma, 39-41 — LISBOA
Deseja aos seus Ex.mos Amigos e Clientes Festas Felizes e um Novo Ano com muitas prosperidades.

ARMAZEM DE FAZENDAS
DE
Calado & Sequeira, Lda.
279, 281, Rua dos Fanqueiros, 283, 285
Praça da Figueira, 14
Telefone 23826 LISBOA
Cumprimenta os seus clientes e amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Figuras, factos, hipóteses, vaticínios e apontamentos da rua e da arte

por URBANO TAVARES RODRIGUES

A revisão do Pacto do Atlantico, com certo carácter dramático de polémica euro-americana, sucede-se a reunião dos Quatro Grandes, em Paris, nesse imenso edifício de vidro e de cimento, que é a nova sede da N. A. T. O., na Porta Dauphine e em cuja forma há quem veja o A simbólico da palavra Atlantico. Uma semana febril: comunicados, discursos, conferências de Imprensa, realidades amargas, susceptibilidades nacionais, distinções orgulhosas em torno de fórmulas verbais, e cifras indesmentíveis (as da incapacidade das nações europeias para cumprirem os seus programas militares). E sobre todas as duvidas, dissenções e ve-



O novo Palácio da N. A. T. O., em Paris

rificações uma verdade se impõe, luminosa. E nela o dia de amanhã sorri. Agora que a ameaça da guerra mundial tanto se atenuou que parece desaparecida do horizonte político—vai o autentico combate travar-se lógicamente no terreno económico-social. É aí que as nações do Pacto do Atlantico têm um papel a cumprir, do qual o futuro do Universo depende.

* * *

Reunem-se em Paris os Quatro Grandes do Ocidente. Apura-se uma data a propor ao Kremlin para essa já tão procrastinada Conferência Leste-Oeste, que terá como tópico primacial o desarmamento e que porventura será o prólogo de um ciclo novo deste século.

A acção decorre em Paris e o «maitre de céans» é o general Charles de Gaulle, cuja posição «nacionalista» tem criado não poucas arestas ao problema da integração das forças da N. A. T. O. Este militar altivo, a quem se pode dar, sem escrupulo, a palavra «grandeza», que não é propriedade de nenhum sector (conquanto sirva ás vezes de cobertura dos meros lucidos sentimentalismos ou violências), tem feito, no entanto, a menos «nacionalista» das políticas ultramarinas, se se quiser entender o termo no seu sentido pejorativo. O homem que, há poucos dias ainda, em Dakar, numa jornada emocionante e triunfal, saudou, em continência, a bandeira do Mali, assim inaugurando, com a independência da Mauritania e do Senegal (não contra a França, mas com a França) o novo Commonwealth francês, e que tudo tem feito para conseguir o termo da infelicidade da Argélia — é de todos os chefes militares o mais respeitador dos direitos civis. Figura paradoxal, na qual se encontram todas as bandeiras maiores da França eterna: Joana d'Arc e Bayard, como os revolucionários de 89.

Ousei profetizar nestas colunas, há cerca de um ano, que o cidadão Charles de Gaulle de 45 não iria fácilmente contra a legalidade democrática; e o facto é que o general elevado ao Poder pelos insurrectos extremistas do 13 de Maio se vê hoje paradoxalmente mais estimado em França (á margem das divergências ideológicas) pelos socialistas e pelos radicais do que pelos próprios gaullistas. O povo, sobretudo, os camponeses e os operários, querem-lhe bem. De Gaulle é para eles a rectidão e a coragem: o porta-estandarte da França Livre e da Resistência nos anos sombrios da ultima guerra. De Gaulle tem um passado claro e liso, nenhuma mácula caiu ainda na lamina da sua vida. O que o povo ingénuo dele espera é vigilancia, justiça e liberdade. Mas os tempos coam-se difíceis e os «ultras» espreitam a sua hora.

* * *

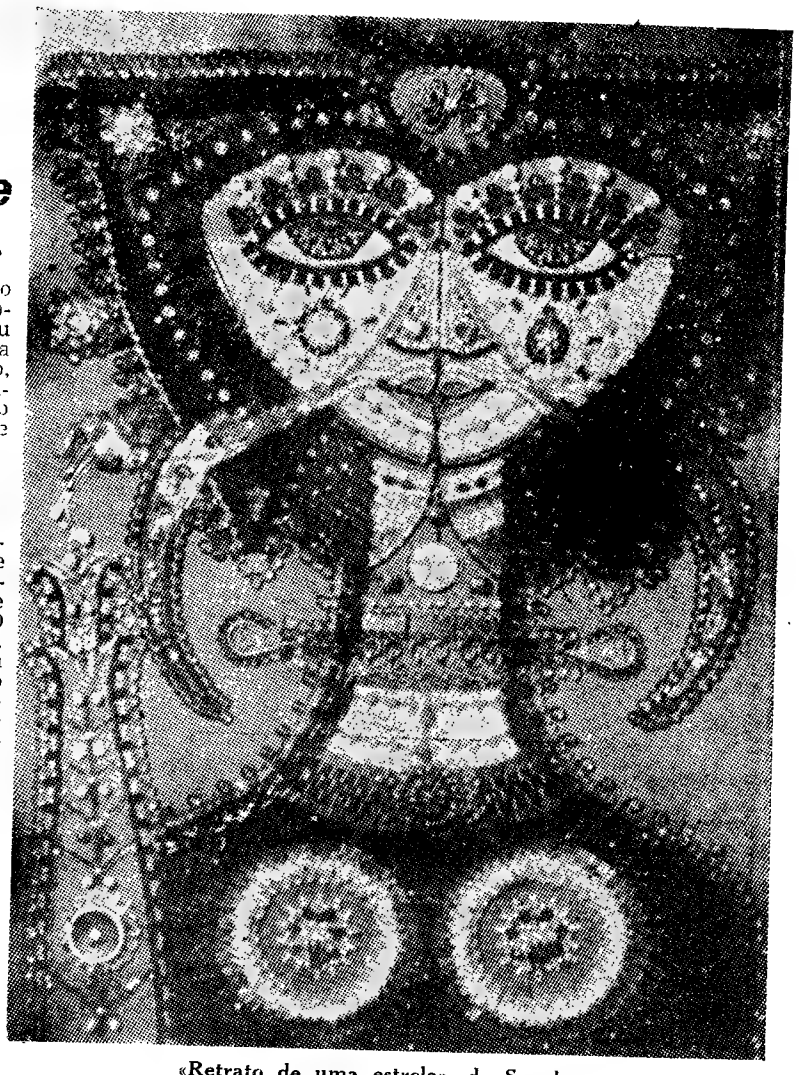
Com os desenhos á pena dos «marroniers» do *rond-point* dos Campos Elíseos nestes dias de mármore invernais, cada minuto de Paris altera em mim as categorias do tempo. Exposições nas galerias da *rue de Seine*, da *rue de Miromesnil*, e as escuras, amplas, *portes cochères*, as residências de uma imutável dignidade arquitectural, com os mesmos espelhos, as mesmas chaminés de há cem anos, a vida, nítida como a prosa francesa, através do licor amarelo das luzes, por trás das vidraças, das cortinas. As mesmas frases: uma filosofia e uma gramática, uma forma de ser precisa, económica, inteligente. Dia de mármore. Tudo cinzento e fixo na rua, e nas *terrasses*, nas livrarias, nas lojas, onde há gente, eu sinto quanto aqui ficou intacta a minha juventude de estrangeiro, ansiosa e amante, mas sempre diversa deste Paris a que eu tanto queria. E assim aqui ficou porque parti. Jovem no Bairro Latino sempre jovem.

* * *

Que salto no espaço e no tempo! Quase um traumatismo. Sobre o Atlantico os nimbos resplandecentes, as sépalas, as pétalas, de uma alvura suave e venturosa. O magnifico «Super-J.» da T. A. P. ronronando levemente, já á vista de Nantes, da Bretanha verde, o choque do mar com a terra em espumas de origem, lá em baixo, o movimento transformado em repouso; e os campos da doce França, a ubiquidade do amor transposto nesses bosques como flores mutiladas, de longe, até a visão harmoniosa de Paris, milhares de raios diurnos petrificados, e o Sena, correndo entre poemas de Baudelaire, entre cais de pedra antiga, cantando já dentro de mim...

Daí aos *boulevards*, aos cinemas: a novidade de processos (um cinema que toma enfim em conta a totalidade temporal de cada instante) e a *plaidoyrie* pela Humanidade em «Hiroshima, mon amour»; Fréjus, a imagem lacerante de todos os documentários; a arte de Vadim e o ultimo sorriso, ainda exaltante, de Gérard Philipe, a pesada sensualidade de Jeanne Moreau, nas «Liaisons Daugereuses», obra tão bela e tão francesa, na ironia, na limpidez, na própria *grivoiserie* em que a libertinagem se dilui, por muitas liberdades que Vadim e Roger Vailland se tenham permitido com as cartas de Choderlos de Laclos.

E já que vêm a propósito os autores «perversos» do séc. XVIII, falarei na Galeria Cordier, onde, neste momento, transformada toda ela em caverna mágica para a Exposição Internacional do Surrealismo (pouco lograda, mas com interesse documental), reina a sombra «venerada» do marquês de Sade.



«Retrato de uma estrela», de Svanberg

Na antecamara funebre do banquete — que poderia resultar melhor com musica concreta adequada —, o seu testamento, as suas máscaras, o seu brasão, os seus ferros, o sol negro, etc. Afora isso, um quadro inesquecível de Tanguy («Nombres Imaginaires»), a passagem de Kandinsky pelo surrealismo, grandes nomes — Max Ernst, Chirico, Duchamp, Miro, Dali, Wifredo Lam, Bona, Magritte, Svanberg, Meret Oppenheim, e os novos: Giacometti, Wolfgang Paalen, Yves Elléon, Robert Lagarde... Tema: o erotismo. Mau grado o interesse apaixonante de uma boa duzia de telas e esculturas, o resultado é literário e por vezes apenas «afrulant». O que se pretendeu foi a reafirmação do surrealismo no mundo da tentação carnal. Considerando-se irredutível esse surrealismo aos critérios técnicos de julgamento crítico, combinava-se uma retrospectiva com uma exposição do mais actual. E entendeu-se que se o senso do pudor e do estético devem ser negados na erótica, tal não pode suceder com o senso da vida e do sagrado, pois negá-los seria suprimir o sentido de toda essa erótica. Assim os versos de Pieyre de Mandiargues aqui vizinham com a pintura de Toyen, com textos sócio-políticos de Fourier, com pensamentos e definições de André Breton, etc.

* * *

E já que citámos Max Ernst, concluiremos estas notas apressadas com uma referência á exposição das suas obras no Museu de Arte Moderna (a exposição numero um de Paris neste Dezembro plásticamente tão rico, que vê reabrir a Galeria Charpentier com uma curiosíssima e polémica selecção de jovens e o Museu Jasquemart-André apresentar espectacular e espirituosamente, através de Guys, Nadar e Worth, toda uma época brilhante e sensível da vida francesa).

O génio de Max Ernst reside essencialmente na tradução da observação e na plástica da vertigem. Esta sua retrospectiva, onde todos os seus processos se documentam — a escrita automática, o *frottage*, até á sua grande pintura, ás suas «Pombas azuis e cor-de-rosa», ao «Combate de Peixes», aos «Deuses Obscuros», á «Noite Renana», mostra-nos o seu poder de sonho e de exercício ludico, a sua diabólica e fascinante ironia a afrontar a incongruência do real. São obras das que ficam para sempre as suas largas e majestosas fantasias vegetais, minerais, solares e marinhas — alucinações em que a cor atinge o seu máximo de expressão e de liberdade. É a iniciação na vertigem. É a aventura no infra-real ou, contrariamente, no supra-real, posto que Max Ernst, herdeiro do fantástico do Romantismo alemão, é precisamente o grande escafandrista dos mergulhos pictóricos nos reinos submarinos do sonho e da vesania, aquém da água turva da subconsciência. Os seus quadros procuram não os gestos, mas as suas raizes; não as formas aparentes, mas os seus fantasmas mais reais do que elas, funéreos, obscenos, grotescos, mas por detrás dos quais estão as nascentes da vida e da morte, do amor e do riso. Monstros, pesadelos, florestas indecifráveis, cidades mágicas, cidades emblemáticas, tais os temas e os padrões de imperecível beleza da pintura trágica e irónica de Max Ernst.

Um hotel português com uma verdadeira categoria internacional em pleno coração de Lisboa

Todos os quartos possuem casa de banho privativo, chuveiro, rádio e telefone

No 10.° andar a boïte «terraço das estrelas» -- Cocktail-bar – Snack-bar – Cabeleireiro – Bar – Solário Miradouro

Avenida Duque de Loulé – Telefone 730171

LISBOA — PORTUGAL

PONTO DE ENCONTRO DAS CELEBRIDADES DE TODO O MUNDO

O Carnaval do Estoril é o maior cartaz do turismo português

Clima privilegiado – Jogo – Música – Ambiente de élite

Arcadores e cenários da vida do nosso teatro

XCIII — Augusto Rosa

Ha dinastias de artistas, como se provou com a família Bordalo Pinheiro. Também a família Rosa marcou uma época intelectual na vida portuguesa.

Filho de um grande actor, Augusto Rosa não desmereceu do apelido. Seu pai, simultaneamente pintor, escultor e actor, elevou a cena portuguesa ás culminancias da glória. O filho, dedicando-se apenas á ultima profissão, não foi menos pintor nas sùas composições das célebres figuras do «Amigo Fritz», de «Henrique III» e de tantas outras personagens. Quando se escrever um dia a história do teatro português no ultimo quartel do século XIX, o nome ilustre de Augusto Rosa será dos primeiros a ser citado.

Temos nas nossas mãos um contrato em que o empresário do teatro do Ginásio se obrigava a pagar trinta mil reis mensais ao distinto artista. Como tudo isto vai longe! Quanto ganharia actualmente este renovador, director e mestre de artistas, espírito cultíssimo do seu tempo?

* * *

Augusto Rosa não tem grande tradição anedótica, mas é fértil em episódios a sua longa vida artística. Só a sua idade é que era difícil saber-se qual era. Um velho admirador disse-lhe certa vez:

— «O senhor está sempre bem conservado e, pelos meus cálculos, deve te aí uns... (e disse a idade calculada).

Resposta do actor: «Olhe, meu amigo, já nasci há muito tempo para lhe dizer ao certo a idade, mas tenho a certeza de que sou mais novo que o senhor...».

Já o pai Rosa, sempre que aparecia algum indiscreto a perguntar-lhe quantos anos tinha, respondia invariávelmente:

— «Porquê? Você quer-me comprar alguns? Não vendo!».

* * *

Augusto Rosa estreou-se no Porto em 1872. O seu êxito foi logo enorme. Interpretou o «Morgado de Fafe», de Camilo Castelo Branco. Mais tarde, as suas noites brilhantes sucediam-se ininterruptamente no Teatro do Ginásio. Foi ali que o grande actor Taborda, conhecendo a esposa de Augusto Rosa, lhe ofereceu um retrato, que teve uma dedicatória curiosa. Dizia assim: «Oferece, para a sua colecção de antiguidades, o velho actor Francisco Taborda».

Foram sempre dois inalteráveis camaradas.

* * *

Madame Ratazzi que ficou célebre na vida mundana e literária de Paris, ofereceu certo dia no seu luxuoso palácio, um banquete a imensos convidados. Apenas se esqueceu de indicar o numero ao seu *maitre d'hotel* e lá apareceram todos... menos o jantar!

Todos passaram fome e resolveram ir a um restaurante próximo atenuar a debilidade. Augusto Rosa foi um dos convivas e, como nos jardins de Ratazzi se representou uma comédia numa noite chuvosa, o Rosa e um amigo fizeram uma cadeira com as mãos, a fim de a transportar do jardim para o palácio.

Esta madame Ratazzi, que o escritor Pailleron ridicularizou numa comédia, esteve também em Portugál e tão levianas foram as suas apreciações que Camilo afirmou que ela viu a nossa terra «á voo da pássara»...

* * *

Quando se ensaiou o «Doente de Bisma», de Moliére, o visconde de Castilho, o tradutor, assistia ao ensaio e não concordou com uma inflexão de Augusto Rosa, para a qual lhe chamou a atenção. Perguntou Augusto a Castilho: «Então como deseja V. Ex.ª que eu diga?».

— Talvez — dizia Castilho — seja melhor... de outro modo... Sim... a inflexão não está bem... Não é assim... E calou-se.

O grande actor continuou a dizer como sempre dissera, insinuando que era fácil, mesmo aos grandes homens, achar uma coisa má, sem indicar a forma de ela ficar boa.

* * *

Quando Jeanne Hardiny esteve em Lisboa, o visconde de São Luiz de Braga convenceu o actor, com bastante custo, a intervir num dos actos da peça «A Estrangeira». Se ele tão bem criara o papel do «Duque de Septmonts» em português, porque não havia também de o representar em francês? Não se calcula o espanto da ilustre actriz, quando ouviu Augusto Rosa declamar, no mais puro francês parisiense, esse papel tão cheio de dificuldades.

Nessa noite, a plateia entusiasmada ouviu um actor português contracenando com a eminente intérprete do teatro francês.

Augusto Rosa ganhara mais uma batalha e esta difícil.

Já com o célebre «D. Cezar de Bazan», ele vencera outra, pois insistira em representar uma peça que já outros tinham representado. Mas a sua interpretação foi notável. Estamos a vê-lo, de capa traçada, olhar altivo, chapéu da época, enfrentando o publico, que nunca pôde esquecer esta criação, fixada para a posteridade numa aguarela do grande Columbano.

L. R.

Casa Hipólito, L.da

(FUNDADA EM 1900)

TORRES VEDRAS

Aos seus amigos e clientes apresenta os seus cumprimentos de BOAS FESTAS e feliz ANO NOVO.

CORREIAS — MANGUEIRAS — COLAS

GOODYEAR

O MAIOR NOME NA INDÚSTRIA DA BORRACHA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CANELAS & FIGUEIREDO, LDA.

RUA DOS FANQUEIROS, 46 — LISBOA

A CAFÉEIRA, L.da

CASA CHINESA
CASA CHINESA BAR
CAFÉ RIBATEJANO
MONTE CARLO

Cumprimenta os Ex.mos Clientes e Amigos, Colegas, Fornecedores e o Publico em geral, desejando-lhes um Natal e Novo Ano de prosperidades.

ARMAZEM: Rua dos Sapateiros, 213 e 215 — Telef. 28565
ESCRITÓRIO: Rua dos Anjos, 13-A, 13-C — Telef. 49661

TODOS OS TABACOS
— DA —
COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

Vera Cruz CT filtro Tap Tip Top
Vic Sporting Tagus Provisórios
Aviz Francês Superior
Impala — CT extra longo

são fabricados, pelos processos mais modernos, com tabacos escolhidos das melhores procedências

ANTIGOS ARMAZÉNS DO BAIRRO AMÉRICA

CASA FUNDADA EM 1913

de GODOFREDO D'ASSUNÇÃO DIAS, LIMITADA

Av. Almirante Reis, 3 — Lisboa — Telef. 43239

Tecidos de lã algodão e seda ■ Malhas ■ Meias ■ Camisaria ■ Rouparia ■ Sapataria ■ Chapelaria ■ Alfaiataria Peles, etc.

ARMAZÉM DE FAZENDAS DE
CALADO & SEQUEIRA, LDA.

CAMISARIA—GRAVATARIA—MODAS E CONFECÇÕES—ETAMINES PARA CORTINADOS — ARTIGOS DE NOVIDADE — ALGODÕES, LINHOS, LÃS E SEDAS

279, 281, RUA DOS FANQUEIROS, 283, 285
PRAÇA DA FIGUEIRA, 14

Telefone 2 3826 LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e Novo Ano próspero.

CAMBISTA TESTA

CÂMBIOS — LOTARIAS

74, RUA DO ARSENAL, 78

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, e deseja-lhes um Natal Feliz e um Novo Ano de prosperidades.

SE QUER FESTA . . .
JOGUE NO «TESTA»

Prefiram sempre Conservas TENORIO

ATUM TENORIO

à venda nos bons estabelecimentos

"Sociedade de Pedreiras Serra da Mira, Lda."

Pedreiras: Serra da Mira — Tel. 960116
Escritório: R. Elias Garcia, lote 16, r/c., Drt.º — AMADORA
TELEFONE 931763

Deseja aos seus estimados clientes e amigos, um FELIZ NATAL E ANO NOVO PRÓSPERO.

A fábrica dos relógios ASTIN de La Chaux de Fonds Suiça e seu representante JOÃO MARQUES CAETANO desejam a seus clientes e amigos Feliz Natal e Novo Ano Próspero.

PASTELARIA BIJOU

A. C. ALVES, SUCS. LDA.

84-88 — AVENIDA DA LIBERDADE — 87-89

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano Feliz.

Pérola de S. Domingos

Rua Dom Antão Almada, 5-D

Vende-se os melhores cafés e chás, também o maior sortido em plantas da Flora Nacional e tropical que são a nossa saude. E a natureza ao nosso serviço. Procure ser saudável, sentir mais energias e melhor disposição.

(DEFRONTE DA IGREJA)

Mandamos á cobrança as nossas especialidades.

Lopes & Lopes (Filho), L.da

ARMAZÉM DE SOLAS E CABEDAIS

Praça da Figueira, 12-C e 12-D

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Feliz Natal e Ano Novo muito próspero.

No centenário de Mahler

(Continuação da 18.ª página)

dução de *lieder*, situa-se ele junto aos grandes mestres: Schubert, Schumann, Brahms. A profundidade do sentimento e a naturalidade da expressão musical de Mahler reunem-se muito subtilmente para uma realização da mais alta originalidade. A maioria dos *lieder*, com excepção dos da época juvenil, foram orquestrados por Mahler para ter, pela instrumentação, o colorido avivado. Os textos de todos os seus *lieder*, redigidos por ele, foram extraídos, alguns da colecção de Arnim e Brentano «Des Knaben Wunderhorn» (A corneta prodigiosa do menino), o comovente «Kindertotenlieder» (Canção para crianças mortas) e os cinco ultimos, das poesias líricas de Rückert.

Uma manifestação de grande artista é a capacidade de pressentir factos que só muito depois são compreendidos pela Humanidade. Assim, na VI sinfonia, completada em 1904, que é também chamada «Sinfonia trágica», anunciava antecipadamente a catástrofe que, em 1914, abateu sobre a Humanidade. O domínio soberano da forma ,que dá a todos os movimentos tanta clareza, é especialmente introduzido no grandioso final que, apesar da sua invulgar extensão (tem 822 compassos e dura aproximadamente mei hora), não apresenta qualquer vazio e, na proporção das partes isoladas assim como na construção organica da forma, difícilmente conhece um equivalente. Como na III sinfonia, expressa também Mahler, na VII, o seu profundo amor pela natureza, só agora num grau muito mais elevado e artístico.

A VIII sinfonia, em que Mahler volta a utilizar a palavra, foi considerada por ele o ponto culminante da sua produção e, de facto, não nos podemos subtrair á forte impresão que ela exerce. A excelente técnica do mestre é colocada então ao serviço do mais elevado ideal humano. O primeiro movimento tem como tema o antigo hino ao Espírito Santo «Veni creator Spiritus». O segundo movimento baseia-se na cena final da segunda do «Fausto» de Goethe, cuja ultima parte se inicia, num coro místico, com as significativas pálavras: «Alles Vergängliche ist nur ein Gleichnis» (Tudo o que passa é uma ficção).

Novas perspectivas seabrem para nós na IX sinfonia. O homem parece não mais estar envolvido pela força do destino; paira acima das coisas e vê-as como simples espectador. A isso corresponde também a inabitual disposição da sucessão dos movimentos da sinfonia. Os dois movimentos lentos aparecem em agudo contraste com as duas agitadas partes centrais. Sentimos o primeiro e o ultimo movimentos como uma despedida triste e melancólica de um mundo que se entregou á vertigem da vida material (no 2.º movimento), e batalha destruidora dele próprio (no rondó-burlesco), não foi capaz de se tornar consciente do seu verdadeiro destino.

Gustavo Mahler morreu quando trabalhava na X Sinfonia. A unica parte concluida, um Adagio maravilhoso, figura, co o 1.º movimento da IX Sinfonia, entre as maiores belezas que no terreno da musica possuimos. O que nos faz lamentar duplamente o facto doloroso desta sinfonia ter ficado inacabada.

A Inglaterra propõe «ervas» aos países subdesenvolvidos. É preciso explicar que por «ervas» se deve aqui entender: as proteinas indispensáveis ao organismo humano que se encontram em certas plantas e folhas de árvores, de que carecem os países africanos e asiáticos das zonas tórridas. Sucede, porém, que o aspecto dessa proteina, de um verde negro pouco agradável, desanima bastante os que dela necessitam. Pensam, entretanto, os filantropos britanicos que o arroz de caril ajudará a atenuar essa repugnacia...

*

Trinta e sete vedetas e trinta e sete advogados estão em contacto constante com o sr. Howard Cady, director literário das edições Putnam, para que sejam substituidos por vogas iniciais os nomes próprios das personagens reais do livro — ao que parece sensacional — que Errol Flynn deixou inédito: «A minha vida perversa». Os assistentes literários da casa Putnam pensam que se trata de um verdadeiro «best-seller» e afirmam que «depois de Casanova ninguém ainda escreveu as suas memórias com tanta franqueza, sabor e talento».

Durante a guerra, os S. S. alemães, que muitas vezes aliavam ao hábito da violência a vocação da pilhagem, teriam roubado em Viena de Áustria quatro caixas recheadas de ouro, de platina e de joias — o tesouro da antiga dinastia hungara. No tumulto dos bombardeamentos e das rusgas, três oficiais das S. S. e dois oficiais hungaros esconderam, ao que se confirma, esse tesouro no leito de um braço do Danubio. Aconteceu, porém, que nenhum dos cinco sobreviveu, varrido o rio, no regresso deles, pela metralha. Apenas um marinheiro do Danubio resta para descrever a aventurosa expedição nesse barco carregado de reflexos mágicos. As pesquisas já iniciadas parecem destinadas ao êxito pleno, dado que as sondas ultrassónicas já localizaram o fabuloso tesouro ou o que se supõe sê-lo. Começam ao mesmo tempo as discussões entre as autoridades austríacas e o Governo hungaro pela posse das quatro caixas...

*

O «Evening Standard» revela que «sir» Winston Churchill submete habitualmente os seus manuscritos a um juizo crítico, o do prof. A. L. Rowse, um dos historiadores mais conhecidos do Reino Unido. Encarregado embora de rever os textos do antigo primeiro-ministro britanico, o prof. Rowse nunca lhe risca as frases: limita-se a pôr anotações á margem (e confessa, a brincar, que o faz, por vezes, com deleite). Quando os períodos de Churchill lhe parecem demasiado longos, o que sucede com certa frequência, ele escreve ao lado: «Emendar».

*

Um invento aperfeiçoado na Universidade de Melbourne, na Austrália, promete vir revolucionar o mundo da medicina e, em especial, das investigações oncológicas. Trata-se de uma minuscula camara de televisão, que os doentes em observação terão de engolir. Essa minuscula «camara» da TV, que pesa apenas 7 gramas, projecta num «écran» imagens muito nítidas dos orgãos internos. Onde nos levará a ciência médica por este caminho? Enfim, eis, pelo menos, mais uma esperança na luta contra o cancro.

*

A primeira estação de rádio dirigida por religiosas vai surgir agora em Cincinnati (Ohio). As irmãs de caridade dessa cidade norte-americana propõem-se difundir musica, fazer conferências sobre medicina preventiva, puericultura, discussões de interesse publico, etc. As freiras de Cincinnati desejam fortemente participar na vida da comunidade e estão persuadidas de que poderão prestar grandes serviços, sobrepondo as intenções sociais ás intenções catequéticas.

*

O cura nota com surpresa que o bebé se deixa baptizar sem gritos.

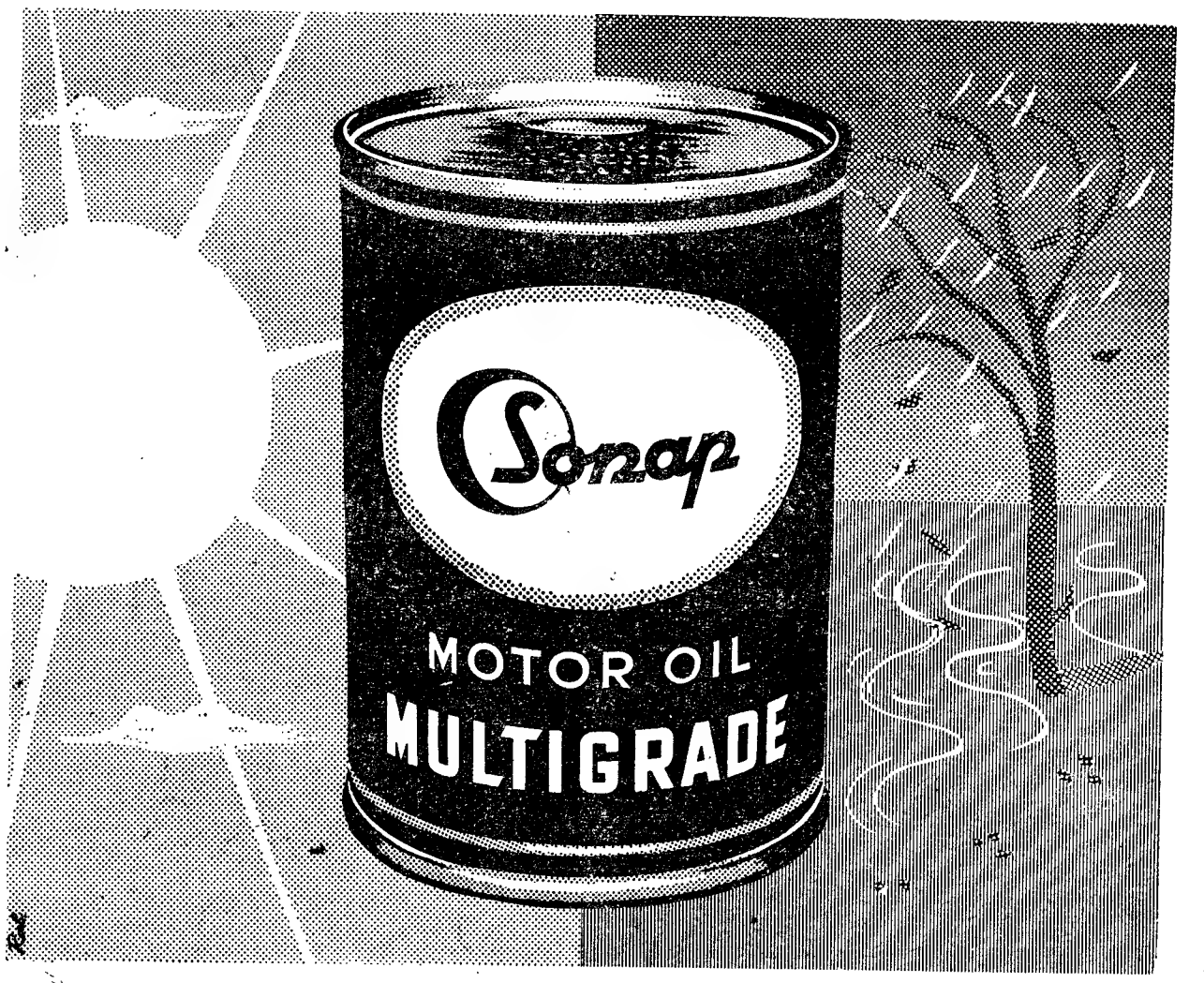
— As minhas felicitações, minha senhora — diz ele á mãe da criancinha. — É o bebé mais sereno que eu me lembro de ter baptizado em toda a minha vida.

— Não admira, senhor padre; treinámo-lo em casa durante uma semana inteira.

— Treinaram-no?... Como?

— Com um regador.

EM QUALQUER ESTAÇÃO DO ANO use:



o óleo que vence o tempo!

62-176

OS PRÉMIOS DO CONCURSO "O Natal visto pelas crianças" são constituidos por variados artigos fornecidos pelas seguintes firmas

Av. do Aeroporto, 3-A
Activa organização de representações, distribuidora da famosa bicicleta «Vilar», que tem marcado a sua posição pela variedade e qualidade de acessórios para velocípedes.

Rua Sá de Miranda, 2
Uma fábrica cujo nome é um símbolo de qualidade na produção de chocolates.

Rua das Taipas, 131 — Porto
Conhecida fábrica de brinquedos, jogos e construções, que muito tem contribuido para desenvolver entre nós este ramo de actividade.

Sede em Évora. Filial na Av. Madrid, 28-A
Casa que goza de amplos créditos pela óptima qualidade dos seus produtos alimentares.

Rua de S. Boaventura
Organização que se tem dedicado ao fabrico de todos os artigos de confeitaria em cujo sector ocupa uma posição de relevo.

Rua Sousa Paupério, 21-25—Valongo
Fábrica de bolachas e biscoitos com excelente experiência e larga clientela.

Rua Alves Torgo, 19
Casa que se dedicou á produção de artigos de confeitaria, conservas de frutas e compotas, conhecidas pela sua excepcional qualidade.

Rua da Prata, 270
Conhecida papelaria que possui todas as novidades da sua especialidade.

Porto
Casa editora que se tem dedicado a edições de divulgação de línguas estrangeiras.

Rua de S. Nicolau, 104
Estabelecimento especializado em artigos de pintura, com larga variedade de papelaria.

Rua da Rosa, 321-A
Casa que fornece o País de todos os artigos de pinturas, tradicionalmente conhecida pela qualidade dos seus produtos.

Rua do Ouro, 36
Papelaria das mais antigas da capital que tem uma larga clientela.

Rua da Assunção, 79-85
Grande armazenista de produtos destinados ás papelarias.

Rossio, 93, 2.º
Conhecida casa de representações que fornece um largo mercado

Av. Almirante Reis, 89, 5.º
Firma importadora e exportadora de diversos e conhecidos produtos.

Av. da Liberdade, 140
Casa que representa as apreciadas e populares esferográficas BIC.

Travessa Nova de S. Domingos, 2
Grande armazenista de óptimos artigos para crianças.

Rua de S. Rezende, 318 — Porto
Estabelecimento muito bem fornecido que se dedica ao comércio de artigos infantis.

Rua dos Bacalhoeiros, 139, 1.º
Uma das mais antigas companhias de seguros que trabalha em colaboração com a firma Roca Leão.

Rua da Madalena
Poderosa organização com filiais em várias zonas da cidade, com a mais ampla variedade de artigos de papelaria.

Av. da Liberdade, 13, 3.º
Editora a quem se deve a publicação de magníficas obras de literatura juvenil.

Av. Duque de Ávila, 65, r/c.
Editora que lançou livros muito apreciados pelas crianças.

Rua Mártires da Liberdade, 178 — Porto
Organização que tem publicado, entre outras, obras de grande interesse para a gente nova.

Rua do Carmo, 70
Uma das mais importantes livrarias do País, á qual se deve uma publicação para a divulgação da cultura.

Rua Garrett, 73
Casa editora e livraria muito conhecida, pela sua notável obra no domínio vivo da vulgarização cultural e expansão do livro.

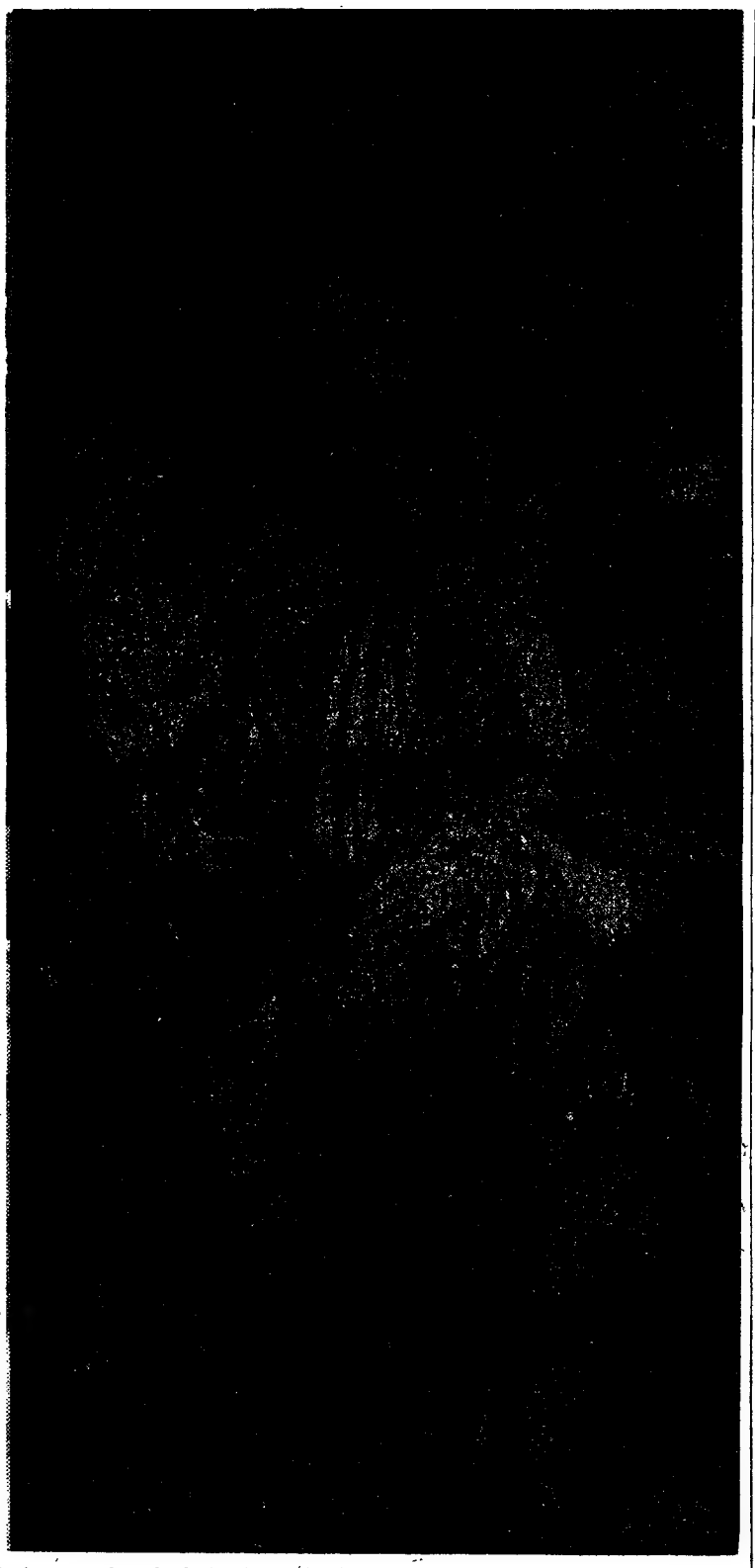
Porto
Casa que, entre outras iniciativas, lançou obras de divulgação cultural aconselháveis a todos os jovens de Portugal.

P. Restauradores, 17
Uma das melhores livrarias de Lisboa, que é também uma excelente editora, com notável contribuição no domínio cultural.

Rua Alexandre Herculano, 70
Casa conhecida pelas suas edições populares, com a larga acção no que se refere á expansão do livro no País.

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» NÚMERO 74



A figura admirável do Anjo da Anunciação, símbolo da manhã radiosa que se ergue sobre o Mundo

Encontro de Verão lembrado no Inverno

por JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

O sol rutilante, o céu azul, os pátios do liceu claros e tranquilos áquela hora e na época dos exames, as árvores verdes e ainda maneirinhas: e da cantina vinha o cheiro misto de café, limão, carapinhada e pão com fiambre. As portas e janelas, todas abertas, bebiam o ar abrasado e consolador de Julho. Reinava um silêncio imponente, cortado de murmurios.

O rapazinho intimidado subiu a uma das salas do primeiro andar, onde outros estudantes esperavam sentados, na companhia de famílias, camaradas e amigos. O juri funcionava: caras desconhecidas — olhou-as uma por uma, como a indagar se os examinadores seriam «severos»...

Pouco depois, num breve intervalo, alguém informou que um deles era um romancista de quem se murmurava o nome com respeito. Os seus primeiros livros andavam já de mão em mão, e contavam-se os detalhes duma biografia acidentada — a fuga rocambolesca, o exílio, a Sorbonne, a fulgurante revelação novelesca, depois o regresso aureolado.

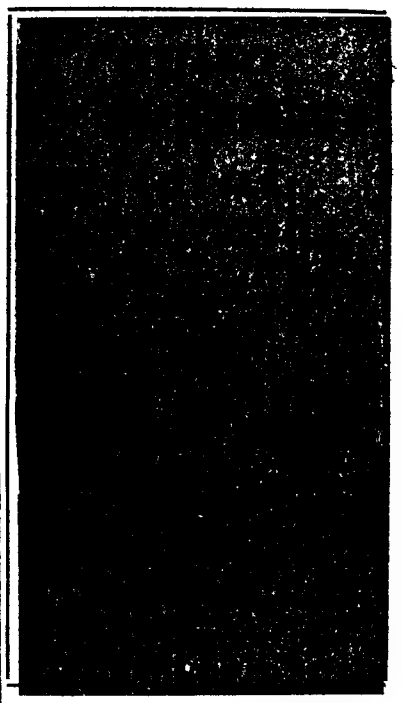
Era um moderno, um neonaturalista, pintor do terrunho e do povo serrano, das suas comédias e dramas, ibérico como o Camilo, mas — admirador de Anatole — polido pelo contacto das ideias e do asfalto de Lutécia: um «bárbaro», em suma, que bebera o leite da civilização de Fradique, mas lhe preferia o «cru» das serras do Príncipe da Grã-Ventura. Preenchia o largo vão que, depois do Eça, se abrira no romance português, e mostrava-se isento da amargura boémia e malsã de Fialho, como da nebulosa fantasmagoria de Raul Brandão.

Diziam-no «regionalista», mas o qualificativo era-lhe talvez tão avesso como o de «realista» o fora ao Eça. A sua linguagem, castiça como a dos Clássicos, e brunida como a do seu grande precursor, trazia á nova literatura o pitoresco vernáculo dos rusticos, ao mesmo tempo que a purificava dos embrechados, do dandismo licoroso do Chiado, e da água-chilra dum nacionalismo de convenção. A sua obra era uma fonte viva de renascimento dos temas, da língua e da arte de contar; o reingresso triunfal do Povo na litetura.

Tanto bastava para deslumbrar o fedelho ignorante, mas já leitor incipiente. De volta á sala, observou o Mestre: era ainda novo, talvez trinta anos, branco e rosado, a testa alta e luzente, o cabelo fino e sobre o claro, os olhos risonhos e vivos, com uma cintila de ironia tolerante e cepticismo bondoso. Tinha um leve sotaque beirão, e o seu á vontade e bonomia tornavam-no simpático. Que fazia ele ali, entre aqueles insossos mestres de liceu? (De todos, só a imagem dele ficou).

Chegada a sua vez, o garoto entrou a perguntas. Não lembro quais, era em 1914, isso vai longe! Passou de mão em mão e, á altura do Português, o Mestre acolhedor mandou-o ler... Aposto que o não palpitam? — Pois foi o «Frade de Trezentos Anos», do p.' Manuel Bernardes! Seria o coração que lhe inspirou a escolha daquele distante confrade, ou teria lido nos olhos do petiz o começo duma aspiração? Não sei. O examinando leu, narrou e comentou. Por sinal (memória perciuciente!) deu uma silabada que era um coice no fradinho: em vez de clausura leu «cláusura», por indução de cláusula! O Mestre interrompeu-o, e ele corrigiu-se logo, envergonhado. Mas satisfez, com certeza, porque o examinador recostou-se, com aquele modo sorridente e qua-

(Continua na ultima pág.)



Um grande escritor polaco

Poeta, ensaista, romancista, dramaturgo, Jaroslaw Iwaszkiewicz é hoje uma das mais prestigiosas figuras literárias da Polónia. Na visita que fez recentemente a Paris para assinalar com a sua presença o aparecimento da tradução francesa do romance «Mère Jeanne des Anges», afirmou á Imprensa que a vida literária está em pleno florescimento no seu país. Há na Polónia uma forte corrente de poesia hermética, difícil de entender e, mais ainda, de traduzir. Mas há também, em escala crescente, poetas que escrevem para as multidões, teatros satíricos de estudantes, escritores que renovam a arte eslava do romance. Sartre, Aragon, Roger Vailland, são os escritores mais influentes na Polónia de hoje. Iwaszkiewicz está a dedicar-se cada vez mais ao teatro e as suas peças «Um Verão em Nobant» e «O casamento do sr. Balzac» são actualmente exibidas em teatros de Varsóvia.

Quem fará parte da Academia dentro de vinte anos?

Prossegue o nosso inquérito entre os escritores portugueses sobre os componentes da secção de Letras da Academia das Ciências dentro de vinte anos. Estamos a ouvir figuras das mais diversas tendências e formações interessando-nos recolher opiniões de nomes significativos das nossas leiras.

Um «Fauteuil» para Augusto Abelaira — pede Joaquim Paço d'Arcos

Sou a pessoa menos indicada para responder ao seu inquérito. Maltratado pela Academia há vinte e um anos, quando esta, numa atitude excêntrica, decidiu premiar-me e castigar-me simultaneamente, reagi contra a impertinência em termos inequívocos. Desde então mantive-me sempre intransigentemente afastado da Instituição que, por eu não o ter consentido, não me chegara a ofender. A's vezes, nos meus livros, como ainda recentemente em «Carnaval e outros contos», que o vosso entrevistado Augusto Abelaira criticou num jornal, mas, pelos vistos, não leu, continuo a marcar essa nota de intransigência, tratando com ironia mas sem azedume a velha Instituição. Portanto, nenhum voto deveria formular. Abro, porém, excepção para reservar ao dito Augusto Abelaira o *fauteuil* que irónicamente me destinou. Terá nele a consagração dos seus modestos méritos de crítico e de romancista.

«E muitos homens superiores tem passado pelas Academias» — lembra David Mourão Ferreira

Que se pretende? Uma resposta irónica? Uma troça á Academia? Sem duvida merecem troça, e em todo o Mundo, as Academias, — por alguns ou muitos dos seus aspectos, em certos casos mesmo por quase todos os seus aspectos. Mas de tal modo se tornou *académica* a troça á Academia que não menos risível me parece esta outra forma de *academismo*.

Por outro lado, bem arriscadas se me afiguram as previsões nessa matéria. E lembro-me, irresistivelmente, de um suave e amarrotado lírico português, residente em Londres, o qual, falando há alguns anos acerca de um filme, assegurava, perante a crédula plateia do Tivoli, que o autor do dito filme, esse, era dos bons — dos que jamais seriam académicos. Meses depois (e não teria havido acinte pessoal no caso?) o referido autor apresentava a sua candidatura á Academia Francesa. E lá foi recebido. Tratava-se, como é óbvio, de Jean Cocteau.

Tudo depende, aliás, em ultima análise, do espírito com que cada um apresenta a candidatura a essas doutas agremiações. Valéry, por exemplo, fê-lo para mostrar que *também* um homem superior pode ser académico. E muitos homens superiores têm passado pelas Academias. E alguns homens superiores se encontram na própria Academia das Ciências de Lisboa. Em contrapartida, não consta, no entanto, que alguém se tenha tornado superior pelo facto de haver entrado em qualquer Academia. Se assim fosse, seria desejável o ingresso de muita gente. Mas, não sendo assim, nem vale a pena vaticinar. E muito menos pôr empenho no vaticínio.

(Continua na ultima pág.)

Os pobres na gravura entre os séculos XVI e XX

por FERNANDO RAU

Repelidos ou enjeitados pela sociedade, vêm os pobres, durante séculos, integrar-se progressivamente no seu património artístico, em expressões mais ou menos definidas da sua condição social. O visitante estranhará porventura o interesse que tem suscitado este tema na interpretação de tanto artista e em tão variadas circunstancias. Levados insensivelmente além dos limites de uma simples análise estética e sem nos desviarmos por demais do propósito desta exposição, apenas pretendemos focar aqui alguns aspectos mais pertinentes deste vasto e momentoso problema de significação da obra de arte e das relações entre a ética social e a criação artística.

Não é fácil julgar-se da vária atitude do indivíduo ou da sociedade perante o fenómeno social da miséria. Não é apenas um problema sucinto de causa e efeito, que regula as reacções do artista e que determina o mérito da obra de arte conforme o interesse ou a indiferença com que é visto ou sentido.

Se pode parecer-nos á primeira vista que um sentimento humanitário estaria na origem de toda a figuração de «pobres», teríamos de entender, pelo menos, tão genérica premissa em dois sentidos: interpretando por um lado a variedade de atitudes e situações que se deparam e, por outro lado, analisando a consciência do problema, na expressão que lhe é dada. A ideia tanto pode ser um produto do meio, como uma reacção contra ele. Pode até ser «vista» no sentido inverso do propósito que a dirigiu. Uma «Caridade» de Brueghel, por exemplo, tanto pode focar as virtudes e benesses de uma classe que distribui, como a carência da que recebe. E nem tudo fica dito, se encararmos a simpatia não ideológica que envolve vagabundos, saltimbancos, vendilhões ou cantores da rua, até mesmo ébrios e loucos, como resul-

(Continua na ultima pág.)

Horário cumprido

...por JOSUÉ A. SILVA

— Paulo, são oito e um quarto. Apressa-te...

— Sim, mãesinha!

Mergulha as mãos na água. «Ui, que fria!» Hesita. Por fim, corajoso, baixa-se e leva as mãos em concha ao rosto. «Que fria! Que fria!» Esfrega-se, aliviado, com a toalha. Tremelica. Não gosta do Inverno. Não gosta. Dias negros, de chuva, de neve, de aprisionamento. Ná. É estação feia. A Primavera, o Verão, sim — alegria, Sol, liberdade. E depois as flores, os grilos, os frutos e... as férias. As férias grandes, sem a voz rude e a carranca rude do professor: «Quantos metros quadrados...» E os jogos de bola no adro e as corridas, ao domingo, na feira. Deus só devia ter feito a Primavera e o Verão. Bom... e um bocadinho do Outono. Mas o Inverno... Ah! Havia o Natal! O Natal com brinquedos, filhós, luzes, satisfação. O Natal era bonito. Era a única coisa bonita que o Inverno tinha.

— Então, Paulo? Tornas a chegar tarde, rapaz! Nunca mais encarreiras a cumprir o horário. Lá o professor chama o teu pai e lá apanhas outra vez.

— Eu corro, mãe.

— Cuidado ao atravessar a estrada.

— Eu sei, mãesinha.

O pedaço de pão com manteiga, a sacola dos livros. «Ui, que fria manhã!» Sopra vento de estalar. Paulo endireita ao Nordeste, muito enfolhido no sobretudo velho. «Depressa! Depressa!»

Anda com desgosto enorme dentro de si. Um desgosto enorme. Diante da turma inteira o sr. professor chamara-lhe, naquela voz

os nossos contos

grossa e ordinária: «Madraço! Saiu-me o maior madraço que jamais vi em trinta anos de ensino». O maior madraço! Que vergonha! Num mês chegou sete vezes atrasado. Mora longe. Não, mas não é o morar longe. São as distrações do caminho. Ele gosta tanto de pássaros, de flores e de grilos. Gosta. Passa horas a cheirar, a olhar, a ouvir. Gosta, porquê? Não sabe. Gosta, pronto. E por causa disso é que chegava atrasado ás aulas. E só por isso chamaram-no madraço e o pai bateu-lhe e agora os outros meninos riem-se e também o alcunham: «Madraço! Gazeteiro!»

Anda com um desgosto enorme dentro de si. Mas hoje não se atrasará. Despreza os pássaros e as flores e o cri-cri dos grilos, cheio de pena. «Corre! Corre, madraço!»

Há o caminho comprido, entre pinheiros e eucaliptos. Há a estrada de alcatrão luzidio. E na estrada passam carros, carros bonitos, rápidos, reluzentes. Ele tem pressa: «Não! Madraço, não!» E não olha.

— Cuidado! — grita-lhe da berma um vagabundo.

O automóvel derrapa, guina, e apanha-o em cheio. Paulo logo tomba longe. Sente um estranho calor no corpo, na cabeça. Um calor bom. Distante, depois perto, mais perto, penetra-o a doçura da música dos sinos que adorava ouvir pelo Natal. E á sombra que se debruça carinhosa, comovida, sobre si, Paulo murmura: «Eu hoje... che...guei a horas».

"Naufrágios e combates no mar"

naquelas duas obras um dos seus melhores espelhos».

A distribuição da obra comple-

Está concluida a publicação, em fascículos, da obra «Naufrágios e Combates no Mar», promovida pela Editorial Sul e coordenada e anotada por António Sérgio. Por motivo de doença já não pôde o grande ensaista escrever o anunciado «estudo final» que seria o coroamento interpretativo, sociológico e crítico dessa obra de profundas sugestões historiográficas e sociais. Em seu lugar e a seu pedido redigiu o ilustre historiador dr. Jaime Cortesão um breve mas clarividente trabalho intitulado «Sobre as viagens da carreira da India», que remata o ultimo fascículo do relevante empreendimento editorial.

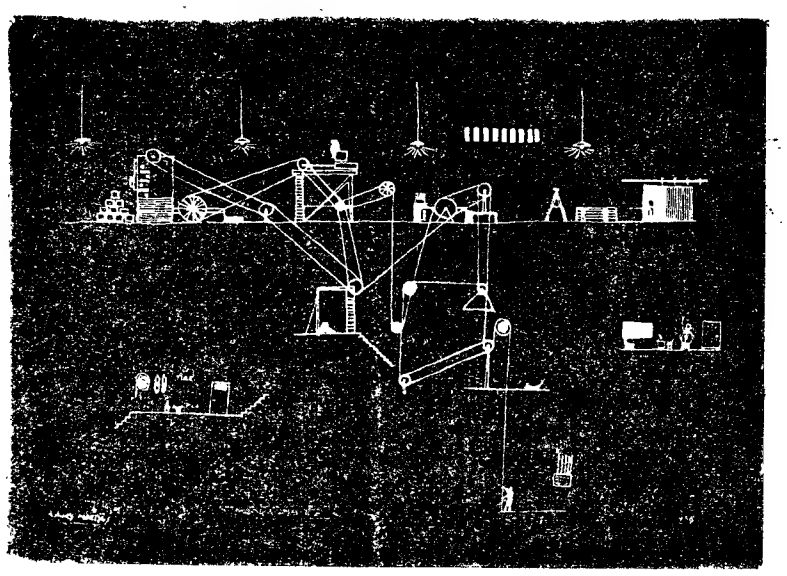
Na abertura dessas páginas escreve Jaime Cortesão:

«António Sérgio, organizando uma edição popular da *História Trágico-Marítima* e, a seguir, uma nova compilação de *Naufrágios e Combates no Mar*, complemento indispensável da primeira, tudo acompanhado de notas explicativas, prestou mais um dos seus inestimáveis serviços de educador máximo do cultura e iniciação humanística do seu tempo. Inteiramente votado á povo, procurou dar-lhe, com um balanço crítico do passado, uma regra moral para o futuro. Portugal tem ta, com os seus dois volumes amplamente ilustrados, está a cargo da organização Livros Horizonte.

FLASHES

■ *Mário Henrique Leiria está preparando para a Arcádia um volume antológico dedicado aos «angry young men» e á «beat generation», no qual analisará as gerações inglesa e americana que pensam ter criado uma nova problemática de vida.*

■ *No actual programa da nossa literatura é necessário contar com Vasco Branco, a quem devemos um estilo sóbrio e incisivo, mantendo simultaneamente um carácter de universalidade raro nas letras portuguesas, o que será evidenciado no seu livro «As regras do jogo», a publicar em breve na «Colecção de Autores Portugueses», da Arcádia.*



Desenho de Alves Martins

Gravura de Julio Pomar

Mundo literário

Trinta anos de poesia de Murillo Mendes

A obra poética de Murillo Mendes, o grande lírico brasileiro cujo casamento com Maria da Saudade Cortesão trouxe mais perto de Portugal e dos interesses vivos do povo português, foi agora apresentada num só volume que abrange todo o período de criação de 1925 a 1955. Pode assim apreciar-se na flagrante unidade de um livro a evolução profunda e densa do escritor, desde os «Poemas» publicados em 1925-1929 até «Siciliana», editado em 1955, envolvendo outras obras de larga irradiação, como «O Visionário», «Tempo e Eternidade», «A poesia em Panico» e «Mundo Enigma». Trinta anos de expressão de um grande poeta, que tão importante lugar ocupa no moderno lirismo brasileiro, constitui ampla dimensão para o gosto literário e para a apreciação dos que quiserem conhecê-lo na sua integralidade.

Teatro de Gorki

No Théatre du Tertre, em Paris, exibe-se a peça de Máximo Gorki «Vassa Geleznova», escrita pela primeira vez em 1907 mas remodelada pelo escritor em 1936, poucos meses antes de morrer. Esta segunda versão foi apresentada na Alemanha por Brecht e agora, em Paris, por Artur Adamov. Quadro de costumes de intenção crítico-social — ou «cenas», como Gorki gostava de chamar ao seu teatro — a peça é considerada pela crítica como criação de traços simples e pouco subtis, prestando-se melhor á interpretação realista no género de Stanispavski do que ás intenções psicológicas que quadram melhor no teatro de Tchekov. A exibição, no entanto, despertou grande interesse, prestando-se a juízos muito variados que põem em jogo toda a vasta obra do romancista, do dramaturgo e do combatente político.

Uma autobiografia sensacional

Foi há pouco publicada na Inglaterra a autobiografia de Alma Mahler Werfel, que conta actualmente oitenta anos. Não é uma escritora, nem uma artista de talento, nem uma personalidade histórica de relevo. Mas possui uma qualidade de singular que confere ao seu livro um interesse surpreendente: foi casada sucessivamente com quatro maridos que tiveram lugar de relevo na cultura alemã e mundial do nosso século. O primeiro foi o compositor Gustav Mahler, que contribuiu poderosamente para a génese da musica moderna; o segundo foi Kokoschka, o grande pintor que abriu novos rumos á representação plástica da realidade logo depois de Picasso; o terceiro foi o arquitecto Walter Gropius, que o nazismo obrigou a fugir para os Estados Unidos e ali fez germinar correntes renovadoras na arquitectura; o quarto, finalmente, foi Franz Werfel, grande poeta e romancista da Alemanha «entre deux guerres», que fundou o movimento expressionista no seu país como equivalência do surrealismo francês. Extraordinàriamente bela, esta mulher que viveu na maior intimidade com quatro grandes personalidades parece não ter compreendido bem nenhuma delas, a não ser, pelos caminhos mais fáceis da sensibilidade, o poeta Franz Werfel, com quem confessa ter encontrado a felicidade matrimonial.

LV

«ENSAIOS DE DOMINC

por MÁRIO S

Ensaista e crítico de notáveis dóns, de forte e rico espírito, de brilhante agilidade intelectual, se chamou aqui, há meses, a Mário Sacramento, em face de uma pouco vitoriosa tentativa de teatro. Com redobrado vigor se relembra, agora, aqueles qualificativos perante o livro da criação estimuladora e fecunda que o ensaista e crítico acaba de publicar — reingressado nos caminhos que lhe são mais próprios. E' conforto de espírito, e até de sentimento estético, ver uma inteligência clara em plena actividade reflexiva, em ímpeto de descoberta, em força de construção ou interpretação no mundo largo das ideias. «Ensaios de Domingo» é um livro esplêndido, em que até os raros defeitos reconhecidos na análise exigente acabam por afigurar-se discordancias aleatórias de conceito ou de temperamento.

Superar, mas com vista ao real; realizar artísticamente o real mas sem nunca perder o veio das raízes profundas da inteligência, que, na realidade mergulham; sublimar a cultura e a arte, mas pela «mais íntima comunhão humana» — é a doutrina do ensaista Mário Sacramento, que neste volume dá a plena medida de uma poderosa e sã natureza intelectual. Este escritor de ideias que sabe ser profundo sem ser obscuro, que sabe ser vivo e dinamico sem trair o senso comum, que sabe ser original sem cair na fantasia difusa, é um acontecimento raro na literatura contemporanea portuguesa. Não se deixa declinar, apesar da vitalidade e fluência do seu pensamento, nos vícios tão atraentes do «raisonneur». O homem vivo, na verdade da sua experiência e na coragem da sua personalidade diferenciada, está presente nestes ensaios de tão diversos temas mas a que não falta a unidade autêntica de um espírito. Assim analisa, com firme audácia e força analítica, a degradação do mito e a anunciação do homem na plenitude da sua consciência em Camões épico; a inviabilidade da filosofia idealista como ideário na acção humana colectiva; o natura-

«SARTRE E O EXISTE

por ISMAE

precedido de um ensaio

O ensaio com que António Quadros abre o volume do pensador católico Ismael Quiles sobre o existencialismo sartriano agora apresentado em tradução de Luís Pestana, é mais uma afirmação de forte pesonalidade a caminho da sua definitiva expressão. Foi a pujança de um «eu» intelectual insatisfeito, desiludido na falência quotidiana da nossa Universidade, mas ardentemente carecido de se construir e de se realizar, que levou António Quadros para a grande vaga moderna do existencialismo. Não parece que seja feliz o encontro. O existencialismo é filosofia que se baste a si própria — que talvez, por isso mesmo não é filosofia que se baste a si mas uma forma mais temperamental do que crítica de inquietação. O existencialismo de Sartre teve de «encostar-se» a um humanismo social militante; o de Gabriel Marcel a um catolicismo impregnado de hesitações essenciais: o de Heidegger á cadeia de anulações intrínsecas que levou um dia o pensador sistemático a escamotear todo o sistema nesta implícita negação: «Só o *führer* em pessoa é a realidade alemã presente e futura e a sua lei». O que pode significar esta pseudo-ideologia de negações só na aparência afirmativas para uma consciência impetuosa e viva como a de António Quadros? Um frágil «método gnoseológico sentimental», um neo-romantismo. Não é nesta ilusão de juventude que pode fixar-se e deter-se uma natureza intelectual intrínsecamente sincera e que, por isso mesmo, tem de encontrar por si e para si a autêntica sinceridade de inteligência.

São os lances breves do reconhecimento da ilusão que conferem a este prefácio de António Quadros — obra de vivíssimo interesse de lei-

ROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

O»

'ACRAMENTO

MÁRIO SACRAMENTO

lismo de Eça de Queiroz como desforço de um romantismo da juventude; a insatisfação intelectual em Moniz Barreto; a realização estética de Cesário Verde pela ironia de fundo dialéctico; o misticismo ateu de Manuel Laranjeira; o malogro do humanismo concreto em Miguel Torga; o valor da *verdade* na obra de Redol; o realismo dialéctico de Manuel da Fonseca— e tantos outros temas de uma penetrante inteligência e de uma vigorosa cultura, igualmente abertas aos quatro ventos da *realidade pensada.*

Num artigo da «Vie Littéraire» escreveu Anatole France que o ensaismo seria, algum dia, a conclusão necessária de todas as formas e tipos de literatura. Também Fidelino de Figueiredo afirma no seu ultimo livro a convicção de que o ensaio será o género literário do futuro. E' mais fácil e confortador admitir a hipótese em face de obras como esta de Mário Sacramento, que traz nas suas páginas um vivo e sedutor alento de grande cultura europeia. *(Coimbra Editora, 1959).*

NCIALISMO»

L QUILES,
de ANTÓNIO QUADROS

tura — o seu mais alto valor sugestivo. O mais que suscita nele a pronta discordancia (a ideia de que existem culturas nacionais, culturas imperiais, povos de pensamento exclusivo, rematando na conhecida fantasia exótica da «filosofia portuguesa») não diminui o interesse destas páginas tão vivas. Ao contrário: estimula a curiosidade por um pensamento que «está a fazer-se», que se aproxima de outras portas, que já não se contenta de «atmosfera em que todos (?) os pensadores actuais respiram», que já entrevê a redenção como «assunção do vário, do multiplo e do corrupto». As paralisações ambientais, que para outros podem servir muito bem, não se ajustam a uma personalidade como a de António Quadros, ascendendo do romantismo juvenil para a maturidade crítica. *(Colecção Arcádia, série Arte. Editora Arcádia, Lisboa).*

Líquidos

Sobreviventes de noite
ao longo das
cidades

O último jardim
ao sono triangular
dos astros
o último serão
ao penúltimo espaço
fixo

A última vontade
é dos homens
de ladeiras tatuadas
sobre os olhos
silenciosamente líquidos

MARIA TERESA HORTA

«POESIAS ESCOLHIDAS»

por NATÉRCIA FREIRE

Selecção de poesias de três livros — «Horizonte Fechado», «Rio Infindável» e «Anel de Sete Pedras» abrangendo uma trajectória lírica de dez anos que se desdobram de 1942 a 1952, este volume vem facilitar o reencontro com a obra de Natércia Freire, que as actividades da publicista poderiam fazer julgar diferentemente. Reencontro feliz, porque se descobre nas páginas agora publicadas uma grande poetisa em pleno domínio dos seus dons expressivos no género que plenamente se ajusta á sua personalidade. Nas prosas correntes de jornal, quase sempre tocadas de formalismo poético e, por vezes, de um convencionalismo de emoção inadequada, não se pode evitar uma sensação frequente de desajustamento. Lendo-se a poetisa, porém, já se compreende melhor a raiz humana e pessoal dessa ambiguidade lírica na prosa — a de um temperamento literário que tem na poesia, realmente, a sua forma necessária de expressão. E então com autenticidade, com exacta harmonia, até com grandeza.

A errática melancolia, a reversão consoladora e saudosa á infancia e ao angelismo perdidos, algumas vezes a angustia do desencontro entre o sonho e a realidade, constituem o «ethos» sentimental destes belos versos de Natércia Freire. Uma arte literária de extremo requinte imprime-lhes o cunho de um magistral domínio da forma, justificando os atribuidos ecos de simbolismo, prolongado até Camilo Pessanha, que se tem encontrado na sua obra. A imagística ganharia, decerto, em ser depurada de expedientes inactuais, de elementos poéticos que se tornaram foscos pelo excessivo uso — porque uma cedência de modernidade mais viva, de originalidade fecunda e de expressão directa das divagações íntimas domina os melhores versos da reveladora colectanea. Está Natércia Freire, de resto, bem ao corrente da «civilização poética da hora presente», como se diria na conhecida fórmula de Sainte-Beuve, para colher dela — da que é autêntica poesia de hoje e não «fumisterie» de ridículas audácias — um estilo de vigorosa renovação com inteira fidelidade a si mesma.

Como Augustina Bessa Luís no romance, como Sofia Andresen na poesia e na poética literatura infantil, é Natércia Freire uma autêntica voz feminina na nossa arte literária. Se tiver a força de não «renegar a poesia», a «metade do seu ser divino», como escreve em esplêndidos versos, há-de essa voz dar-nos ainda belos acordes de poesia renovada.

Para estas «Poesias Escolhidas»

NATÉRCIA FREIRE

escreveu Jacinto do Prado Coelho um prefácio que é justo testemunho de consciência literária e que enobrece intelectualmente o seu autor e a obra a que é consagrado. *(Portugália Editora, Lisboa).*

REGISTO

● Começou a publicar-se, em fascículos, o «Romanceiro Geral do Povo Português» — meritória realização discretamente erudita e sériamente divulgadora de *Iniciativas Editoriais*. O texto literário é organizado, prefaciado e anotado por Alves Redol; o texto musical é escolhido, comentado e prefaciado por Fernando Lopes Graça; as ilustrações e o arranjo gráfico são de Maria Keil. Conjugaram-se, assim, três valores relevantes da nossa autentica cultura — a que se indentifica com as realidades e as aspirações da grei na sua indeformável verdade de hoje, que é a projecção viva da verdade de sempre — para a construção de uma obra que será nobre imagem dos nossos valores colectivos. No Livro Primeiro, ou Livro da História, que abre com este fascículo inicial, serão incluidos «romances» e histórias de assunto português (porque se há-de chamar-lhe «lusíada»?), romances de outros aspectos peninsulares e um apêndice com cantigas populares e sátiras ligadas á nossa história. Em breves linhas de abertura (os prefácios de Alves Redol e Lopes Graça serão distribuidos em posterior fascículo), assinala-se o que há de maravilhoso na «transformação contínua da natureza humana», a unidade do Mundo com «o mesmo sangue» e o significado da marcha da história, «dramática e viril, exultante e angustiada, que o homem vem a empreender, do rebanho para o homem individualizado e plural, consciente do seu lugar num mundo solidário». O «Romanceiro Geral do Povo Português» vai ser realizado com clara consciência da sua mais profunda significação humana.

● Pela Livraria Figueirinhas, do Porto, publicou o escritor João Amaral Junior, na *Colecção Juventude*, um volume de «Vidas Célebres», em que perpassam com intenção pedagógica e acerto histórico as figuras de Fernão de Magalhães, Franklin, Graham Bell,Edison, Maria e Pedro Curie, Linneu e João de Deus. Muito no estilo da «História alegre de Portugal» de Pinheiro Chagas, ou das «Noites do Avôzinho», de José Agostinho que foram edificante leitura de muitas gerações, este livro tem como maior mérito uma objectividade descritiva que só o valoriza. E as deficiências que se poderia apontar-lhe passam perfeitamente sob a capa da boa intenção que o ditou: ensinam que a vida é uma batalha que cumpre vencer com vontade brio, honra e trabalho.

● Mais quatro livros de poesia, na ronda sempre desperta do tradicional lirismo português: «Reflexos», por Ana de Riba Côa, em que são coligidos 37 sonetos de impecável construção clássica, magistralmente ritmados e traduzindo uma sensibilidade que poderá dar de si mesma imagem muito mais rica quando se libertar mais ousadamente de fórmulas convencionais ou ultrapassadas. Mas um lindo livro, que hão-de gostar de ler os bons leitores de poesia ainda presos á forma tradicional. Edição da autora.

— «Intermezzo», apresentado sob o pseudónimo enigmático de Giulietta, é escrito em prosa mas só como livro de poesia pode ser entendido e interpretado. Abre com uma fórmula de ambicioso preciosismo — «na literatura contemporanea a minha Arte é, verdadeiramente, um intermezzo» — e não faltam nas suas páginas outros artifícios; mas há em muitas delas traços finos ou emotivos que não permitem desesperar da autora desta experiência literária. A edição é apresentada pela Coimbra Editora.

— Frustração» da autoria de Afonso de Sousa, traz o cunho de uma personalidade de esplendidos relances poéticos, mas ainda indecisa e irregular. São de um forte travo de intuição lírica da realidade viva muitos dos seus versos; outros esvaem-se como meros complementos formais. Mas há na obra a presença dum verdadeiro poeta, ainda que não venha a realizar-se plenamente. Edição do autor.

— O volume «Da minha paisagem» é o terceiro livro de versos de Ulisses Duarte;e é um livro fortemente pessoal, construido com ímpeto de sentimento que corre vivo e caloroso através das palavras, que caracteriza um verdadeiro poeta e um homem. Muito do que há de melhor na poesia portuguesa contemporanea vem destas vozes pouco conhecidas sem clãs literários a servi-las, mas bem abertas á emoção das contraditórias verdades do nosso tempo. Ulisses Duarte é um autentico poeta que importa conhecer e em que há muito que admirar.

● A Livraria Figueirinhas, do Porto, trouxe ao vasto mundo dos leitores infantis, nesta época de Natal, duas obras apreciáveis do género: a reedição de «Os dois Patetas», da Condessa de Ségur, em clara e atraente realização gráfica; e a 2.ª edição de «O regresso do senhor Sabe Tudo», de Isaura Correia Santos, que, distraindo ensina e orienta para os bons valores da cultura os juvenis leitores.

● O romance «Vereis o Céu abrir-se», de Gilbert Cesbron, é muito conhecido em França como paradigma de uma literatura de inspiração religiosa que procura esforçadamente renovar os seus temas. Não é sem boas razões que o católico François Mauriac afirma que a designação de «escritor católico» está em vias de extinção. A Livraria Tavares Martins acaba de apresentar este livro significativo de Cesbron em tradução e com prefácio de Isabel da Nóbrega.

● A Coimbra Editora acrescentou á sua *Colecção Criminalidade* o volume de W. Strong Ross «O subconsciente viu os crimes». Opiniões autorizadas na especialidade asseguram que este livro é um bom expoente do seu género.

● Obras em fascículos

— Foi publicado o fascículo 18.º de «As Maravilhas Artísticas do Mundo», criação esplêndida de Ferreira de Castro para a empresa Nacional de Publicidade. Com ele termina o estudo das artes do Médio Oriente antigo e inicia-se a descrição histórica e crítica de arte grega, nos seus primórdios cretenses.

— Do «Livro das Mil e Uma Noites», em publicação de atraente aspecto gráfico promovida pelos Estudios Cor, saiu o fascículo 24.º, valorizado por interessantes desenhos de autores modernos.

— A mesma editorial apresentou o 46.º fascículo da «História ilustrada das grandes literaturas», que é o terceiro da série consagrada á literatura inglesa, com magníficas gravuras anexas.

■ *A Arcádia adquiriu os direitos para a edição em língua portuguesa de «Ulisses», de James Joyce, uma obra-prima da literatura universal.*

///

■ *Sai brevemente na «Colecção Autores Estrangeiros» da Arcádia «Palmeiras e Presidentes», de O'Henry, escritor norte-americano bem conhecido pela reviravolta aguda e inesperada no final das suas histórias.*

Ficha bibliográfica

Gil Vicente, o poeta-ourives, está a pedir há muito uma edição completa das suas obras; não só a reprodução fiel daquelas que seu filho publicou em 1562, mas de todas as obras conhecidas.

A «*Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*» foi reproduzida em edição fac-similada na Biblioteca Nacional. Essa edição traz naturalmente o visto da Inquisição. Braamcamp Freire, na sua bora monumental sobre o trovador e mestre da balança, inseriu, no frontispício, a ironia transparente: «sem licença da Santa Inquisição!».

Pois bem. Para essa edição cómpleta das obras de Gil Vicente, desaparecidos há muito Carolina Michaelis e Braamcamp Freire, e até já centenariados, há um erudito lusófilo, hoje na Sorbonne, preparado como ninguém. E' o doutor Inácio Révah. Os seus estudos sobre Gil Vicente são modelares e os autos desconhecidos até agora e por ele publicados muito vieram contribuir para o conhecimento do fundador do teatro português.

Esse conhecedor e investigador da história do nosso teatro mais uma vez apresenta agora o problema da remodelação das obras de Gil Vicente, operada por seu filho Luís Vicente. Este chamou-lhe «apuro». Até que ponto foi o «apuro» vê-se comparando o texto impresso na «*Copilaçam*», com o do «*Auto da Moralidade*», com o texto existente na Biblioteca Nacional de Madrid que o livreiro João Pires, do «Mundo do Livro» resolveu imprimir em «fac-simile» e distribuir como brinde de Natal pelos seus clientes e amigos.

O «*Auto da Moralidade*» foi composto «por Gil Vicente por contem-

"Auto de Moralidade"

de Gil Vicente

de Raul Rego

plaçam da serenissima e muito catolica rainha dona Lianor nossa senhora e representado per seu mandado ao poderoso principe e mui alto rei dom Manuel primeiro de Portugal deste nome».

O exemplar existente na Biblioteca Nacional de Madrid tem um lindo frontispício com gravura representando as barcas do céu e do inferno, e um príncipe e seu caudatário, na margem; parece que vai entrar na barca tripulada por Satanaz.

Conta oito folhas, as primeiras quatro numeradas pela frente, excepto a que serve de frontispício. Letra gótica a duas colunas por página.

Depois dos autos descobertos na sua biblioteca pelo Conde de Sabugosa, dos publicados por Carolina Michaelis, de outros publicados pelo dr. Révah, este que Ramon Menendez Pidal descobriu e comunicou a dona Carolina e só agora é publicado, tal como apareceu a primeira vez, constitui contributo importante para a bibliografia vicentina.

Ele levanta o caso da mutilação das obras de Gil Vicente, por seu filho, primeiro, pela Censura Inquisitorial depois. De todas as suas obras ressalta que, não sendo heresiarca como muitos queriam, Gil Vicente se opunha quanto podia «ao ambiente pré-inquisitorial», com plena consciência.

Daí também a admiração de todos os que tratam destas coisas: o aparecimento das obras, mesmo «apuradas» por seu filho, em 1562. O índice de 1564 não insere o nome de Gil Vicente, mas o «índice seguinte anuncia o futuro massacre da obra do poeta-ourives nestes termos: «Das obras de Gil Vicente que andão juntas em hum corpo, se ha de riscar o prologo, até que se proveja na emmenda de seus autos que tem necessidade de muita censura e reformação». O massacre foi executado na *compilação* de 1586 que é, como já foi dito, uma «ruina». Mesmo assim, século após século, num trabalho incessante, os Inquisidores ainda encontrarão textos a corrigir e a proibir na obra Vicentina».

São palavras do dr. Révah no prefácio deste lindo brinde. Quando teremos nós as «Obras Completas» de Gil Vicente, quanto possível expurgadas das expurgações estranhas?

Os pobres na gravura entre os séculos XVI e XX

(Continuação da 1.ª página)

tado do cómico que provaram, do exótico dos modos, trajos e atitudes, senão até do pitoresco e curiosidade folclóricas.

E não esqueçamos que na elaboração do processo artístico, o que domina o artista é a sensação plástica, o jogo dos contrastes, a impressão meramente estética, apreendido na simples aparência visual, ou animada em sua visão interior, aquém ou além do acontecimento ou do seu significado... Os pobres, para Rembrandt, não foram apenas a imagem real de um tipo humano, mas também um modelo do mundo estético em que se agitam. Não se lhes verde o rasto, quando o próprio artista os transfigura em patriarcas ataviados de roupas resplandecentes. E quantos modelos mais se nos deparam no decorrer do tempo, de rostos barbados ou corpos descarnados, que os artistas usaram, vestiram e animaram como se pobres fossem...

Vem isto a propósito do debatido problema de realidade e da sua interpretação em arte. Certas manifestações mais vivas, mais representativas, levam á fácil confusão entre o que poderemos chamar descrição fiel da realidade e uma atitude de observação em arte que genéricamente passa por realista. A arte holandesa do século XVII, por exemplo, objectiva na sua visão da vida e das coisas, não é social apenas por ser realista. Melhor diremos: que não é instrumento de uma realidade social.

Quando a expressão se estiliza nas formas e atitudes do classicismo também a realidade se reveste de uma roupagem que não é necessáriamente o seu natural figurino. E quando se acomoda no maneirismo da arte galante, dar-nos-á igualmente uma imagem deformada pelas gentilezas do gosto. No século XIX cada artista interpreta a mesma realidade á sua própria imagem: em Goya, um fatalismo trágico e sem concessões, nos romanticos, ao contrário, na evasão exaltada e generosa de si próprios. Nos naturalistas, a mesma realidade sucessivamente reflecte o espírito religioso de um Milet, a intenção social de um Courbet, a pura preocupação estética de um Chavannes. Nos impressionistas o sentido da realidade ganha em sensação óptica e perde em objectividade e contacto humano. E ao abrir-se o ciclo da modernidade, haverá que procurar a realidade nas vivências do próprio intelecto, no fraccionamento, desintegração ou abstracção das formas aparentes.

Há porém, em todas estas manifestações tão diversas, certas formas idênticas de apoio sobre um aspecto subjectivo de realidade. Dele parte o artista para os caminhos da expressão. Velado ou ausente que esteja o objectivo que a despertou, divergindo das formas concretas ou aparentes, a obra de arte não deslustrará por tal os seus méritos, nem perde a sua finalidade ultima.

Certos conceitos de ordem moral ou psicológica excedem muitas vezes o ambito artístico, para nele intervirem em apoio de uma razão social do tema. Uma classe dominante reclamará naturalmente de qualquer dos processos usuais de expressão ao seu alcance as imagens dos deuses e símbolos do culto que venera, o elogio ostensivo dos seus senhores e das suas obras. Esta atitude condiciona a encomenda, fazendo do artista um instrumento que exalçará a glória e as virtudes de que se adornam os seus patronos.

Bem incertas são no século XVII, por exemplo, as condições sociais do artista e mais ainda algumas das intenções que se lhes atribuem. A grande transformação que se operou nos ideais e práticas de trabalho criador, e que atingiram a sua plena expressão no século XIX, confere-lhe outra cidadania. A encomenda já não é o privilégio de uma classe, nem estará limitado por ela. Senhor da sua vontade, o artista proporá deliberadamente a sua ética. As iniquidades sociais são verberadas por vezes como um panfleto. A sátira mordaz dos caricaturistas e o riso amargo dos seus vagabundos filósofos reflectem bem o proselitismo daqueles apóstolos de uma nova causa. Vive-se o século da arte social, da relevancia na expressão artística da vida do povo, de uma sentimentalidade e de uma ética próprias. Conta-se a história dos ninguens do mundo nos variados aspectos da sua vida infima. Da inquietação moral que agita a sociedade, surgem novos tipos de heróis e de mártires, ora já consagrados pela criação literária, ora pela repercussão directa e emocional dos acontecimentos. De forma cada vez mais categórica, afirma-se um movimento de reabilitação e dignificação do homem. Nunca até então a força eloquente das imagens lhe dera tal relevo.

Entrevemos assim, embora sumáriamente tratados, problemas em que os dados a considerar são extremamente complexos, heterogéneos e de aleatória interpretação.

O propósito deste intróito não é de propor conclusões nem a escolha das estampas se guiou por qualquer critério exclusivo. Não há neste caso interesse algum em lhe limitar o ambito.

A interpretação da vida do homem não pode ser, porém, totalmente desprovida de sentimento e consciência. Está-lhe inerente o sentido de relação. A obra destaca-se com mais relevo na medida em que os olhos e o espírito alcançam o tipo social que pretende representar. Se o que sente e pensa o artista se não relaciona com o mundo em volta, a obra torna-se hermética e avessa á mensagem esperada. Não quer isto dizer que se excluem do plano artístico todos aqueles que não sentiram as inquietações sociais do seu tempo, ou que as não traduziram por formas mais ou menos aparentes. Mas dos estados de pensamento alheios á ética do tema, ou dos arroubos da pura especulação intelectualista, não cuidamos agora aqui. Homem e artista depõem no certame com a maior ou menor suficiência de expressão dos «seus» pobres. O visitante reagirá variadamente perante a mensagem. O encontro resultará da ampla convivência entre a arte e a vida.

(Do catálogo da exposição).

Gravura de Nikias Skapinakis

Quem fará parte da Academia dentro de vinte anos?

(Continuação da 1.ª página)

Daqui a vinte, a quarenta, a cinquenta anos ainda será possível haver Academias? — pergunta João Palma-Ferreira

Ao responder a este inquérito, formulo antecipadamente algumas questões a ele directamente respeitantes. Em primeiro lugar, qual é a projecção da Academia na ida cultural da Nação? Em segundo, limitando-me, embora, ao reduzido espaço da acção literária, que se deve á Academia, que tem ela feito além da instituição de alguns prémios que, verdade seja dita, também entidades particulares têm instituido sem que para tanto necessitem de uma assembleia de selectos?

Faço parte de uma geração que se habituou a desconfiar dos melhores engenhos *que o clarão da chama dá...* e da Academia apenas sei que reside num edifício vetusto, em cujas caves bafientas cursei alguns anos de friagem, bom humor e letras. Algumas vezes, ao emergir das caves, assistia á entrada dos «imortais» académicos. A alguns admirava e admiro, não por serem sócios de uma Academia, mas porque mereceram na vida o prémio maior que um homem pode desejar: o respeito. Recordo-me, sobretudo do prof. dr. Egas Moniz... que dos outros — suspeito que há muitos académicos — se porventura tenho notícia boa ou ruím, não é certamente pela fama da sua actuação. A outros, infelizmente, conheço só por serem membros da Academia...

Daqui a vinte, a trinta, a quarenta anos, muitos que hoje correm ainda tímidamente nas montras dos livreiros, no noticiário das conferências, na conversa das tertulias, terão lugar reservado nas bancadas da Academia. Quem? Poetas? Doutores? Pintores? Artistas de toda a ordem? Mas daqui a vinte, a quarenta, a cinquenta anos ainda será possível haver Academias?

«Quem fará parte, não sei. Quem eu gostaria de lá ver, sim» — diz Baptista Bastos

Quem fará parte, não sei. Quem eu gostaria de lá ver, sim: António Lopes Ribeiro e Leitão de Barros, como académicos de numero. Por causa do numero e do espadim. Por terem já larga experiência das espadeiradas. Como correspondentes o Olavo, o dr. Félix Ribeiro; Joaquim Paço de Arcos e Santos Cravina.

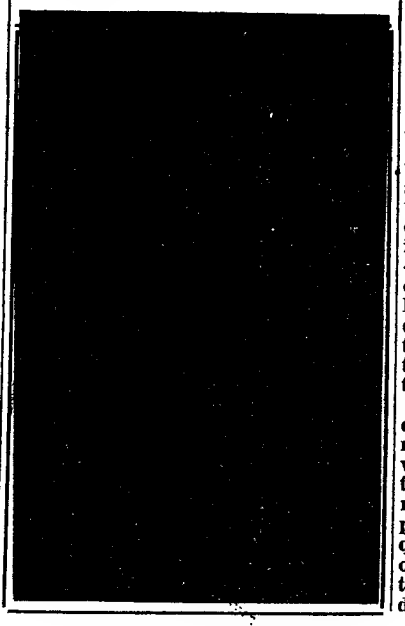
Estes quatro «apresentam uma obra e uma personalidade definidas, para lá do mérito que as evidencia». A darem-se estes sucessos, um facto me preocupa: de quem fariam os elogios académicos os novos imortais?

Revistas brasileiras

«Decimália»

Celso Cunha, o dinamico director da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro continua a sua obra infatigável de difusão da cultura brasileira e luso-brasileira que tanto devem ao seu espírito de iniciativa e á sua devoção intelectual.

O seu novo empreendimento é a revista «Docimália», que vai iniciar a sua publicação e que, pelo seu alto nível, muito contribuirá para o prestígio literário e científico do Brasil. O primeiro numero inserirá oito ensaios de alto nível que estão a ser já distribuidos em separatas e com a versão em francês. São elas: *A Crítica Literária no Brasil*, de Alceu Amoroso Lima, com um estudo, em apêndice, de Eduardo Portela; *O Positivismo no Brasil*, de Ivan Lins; *O Ensino da Filosofia no Brasil*, de Evaristo de Morais Filho; *Os Estudos Demográficos no Brasil*, de Giórgio Mortara; *Os Cultos de Origem Africana no Brasil*, de Edison Carneiro; *Os Estudos Biblicos no Brasil*, de D. Estevão Bettencourt O. S. B.; *A Previdência Social no Brasil*, de Moacir Veloso Cardoso de Oliveira; *A História Imperial do Brasil e Seus Problemas*, de João Camilo de Oliveira Torres; e *Introdução ao Estudo da Evolução Desportiva no Brasil* (Colónia e Império), de Inezil Penna Marinho.



Encontro de Verão lembrado no Inverno

(Continuação da 1.ª página)

se «debonnaire», e mandou-o embora, absolvido desse unico delito.

Só dez anos depois tornaram a encontrar-se, o escritor já glorioso e o aprendiz. Aproximava-os a comunidade de ideias e a afinidade por certos espíritos independentes. O sol brilhava ainda, o céu não era inutilmente azul! Tempos depois, numa tarde obscura, de sussurros, o Mestre traçou com a mão vigorosa, em dois livros, uma dedicatória impregnada da fé e exaltação da hora.

Por essa fé, esquiva Rachel, de novo se exilou por sete anos. Por sua vez, o antigo examinando saía pelo Mundo, levando no coração a memória daquele primeiro e deslumbrado encontro.

*

Não somos sempre justos, nem sempre tolerantes. As influências, os tempos, a razão, o sectarismo levaram-no um dia a escrever: «Diante das lágrimas que correm pela face interior do Mundo, cai-nos das mãos a pena». Pusera a acção acima da criação, O que era, ao pé dos obstáculos a vencer, a Ficção? ou mesmo qualquer profissão pessoal? O homem pertencia aos homens, e não a si mesmo, nem á sua obra. Ser escritor era apenas «uma das mil maneiras de afirmar-se homem»...

Além disso, ele era apenas um «alfacinha», que do povo das serras, das ilhas e praias e planícies, tinha apenas reminiscências de infancia e família, de férias de acaso, ou de leituras. A Cidade era a sua musa, a sua amante e o seu cárcere. Mas há muitos caminhos para atingir a verdade, não é assim? Dentro dela, somos todos irmãos. Se ao estudantinho de outrora faltava a prática de certas realidades nacionais e a intimidade dos Clássicos, sobravam-lhe outras experiências, e o fervor, embora tardio, pelo duro mister das Letras. Das faltas, como das virtudes, se fazem os homens e os escritores. E' bom que sejamos diferentes! E quem poderia imitar o inimitável?

Assim, trinta e dois anos depois daquele primeiro encontro, o aluno reconhecia que o Mestre tinha através de tudo permanecido duplamente fiel: ao seu Povo e á sua Arte, realizando o consórcio glorioso e perdurável do espírito e da acção; que a sua lição de experiência e obra era exemplar. Foi por esse tempo que, no apogeu da glória, rico de obras e de autoridade, o Mestre viu nele o principiante e lhe disse: «E's do meu arraial!»

Diante da sua riqueza de expressão e temas, inconfundível como o estilo de um Goya, e do arcaboiço possante duma obra em que revivem para sempre o Povo e a Terra, e os laços de luta, amargura e gozo que os unem, todos baixamos a voz com humildade, como ao entrar numa Capela Sixtina. Essa exemplar dedicação, esse ascetismo e paixão, têm, na sua pluralidade, alguma coisa da paixão e calvário de Flaubert ou de Joyce, mas com esta superioridade: é que mergulham na matéria-prima dum povo, e a Obra reluz, como o vinho e o amor, de alguma coisa de rustico e pagão, de soalhento e vital, como um canto dionisíaco á Vida.

A sua Natureza não é amaneirada, académica, janota: como os seus homens, que, sem serem Anjo nem Besta, participam de ambos — «homens», em suma, movidos por impulsos de paixão e interesse, ás vezes até por ideias e nobres sentimentos. A sua Obra tem o colorido e o aroma dos mostos e dos matos em flor, o hálito ardente de estios e o congelado sopro de invernos primevos, as acres emanações do trabalho, da ambição, da fome e do desejo. Melhor que a um Flaubert, seria compará-lo, pela panoramica da sua humanidade, a um Giovanni Verga, o dos «Malavóglia» e do «Mastro Dom Gesualdo», seu distante parente siciliano.

Se a via que ele até hoje percorreu é variada e sinuosa, a unidade essencial da sua Obra mantém-se: na fidelidade ao humano, na glorificação da tenacidade e sobrevivência da espécie, e na afirmação dos seus direitos fundamentais. O Homem, nele, não é um mero elemento bruto da paisagem: é o seu factor capital.

Ao cabo, assim, de quarenta e cinco anos — que, aí, correram mais depressa que os trezentos anos do fradinho! — é consolador recordar esse primeiro encontro do garoto de olhos deslumbrados e do Mestre benévolo e fecundo. E talvez que o p.e Manuel Bernardes, depois de tudo, seja melhor psicólogo e profeta do que o supomos: porque aquele quarto de hora na presença do Mestre valeu bem por toda uma vida de aspirações frustradas mas inquebrantáveis.

Terei de lhes dizer quem era o estudantinho? O Mestre, esse, era Aquilino.

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

No estranho mundo dos autómatos

Da caixa de música aos grandes «robots»

Algumas das nossas feiras habituaram-nos a ver pequenas cenas ingénuas, cheias de graça e colorido, vividas por minusculos bonecos que se moviam por acção de engenhosos mecanismos. Muitas vezes é uma breve paisagem do ideal aldeão, em que se vê o moleiro levando o seu jumento pela encosta de um monte, o padre-cura cumprimentando os fiéis á porta de uma capela, ou outros motivos do género. Outras vezes é um presépio mais ou menos completo, com muitos pastores, com os representantes dos diversos ofícios, e, claro está, com os dignos Reis Magos.

Os bonecos executam meia duzia de movimentos agitados pelas engrenagens e param. Passados instantes, novo ciclo se inicia. As rodas giram e os bonecos vivem. Representam, mas não têm alma. E' um teatro de autómatos.

Este teatro de autómatos de características bem definidas e de imaginação bem limitada entre nós, ganhou, através dos séculos, grande prestígio na Europa e no Oriente. (As caixas de musica, subproduto deste género, têm, ainda hoje, uma certa voga).

O prestígio desta forma de artesanato tornou-se verdadeiramente aristocrático, de tal modo requintados eram os complexos mecanismos imaginados para accionar os autómatos, que estes se transformaram em património exclusivo de alguns poderosos que os sabiam apreciar. Havia também os «teatros» publicos representados, normalmente, pelas pequenas cenas que se podiam, e podem ainda hoje ver, olhando para alguns monumentais relógios (de que o «cuco» é um parente pobre) que ao darem as horas fazem mover todo um complexo sistema de rodízios. E' então mimada uma cena simples, como o ferreiro malhando na sua forja ao ritmo certo das badaladas, ou então é-nos mostrado, antecedendo o soar da hora exacta, um quadro complexo e por vezes moralizador. Numa dessas cenas figura um grupo de caçadores que tenta apanhar um macaco que guarda ciosamente o livro da sabedoria que contém o segredo da felicidade. Depois de um pequeno estratagema ficou da posse do livro que se abre descobrindo á assistência que o segredo da felicidade é a saúde!

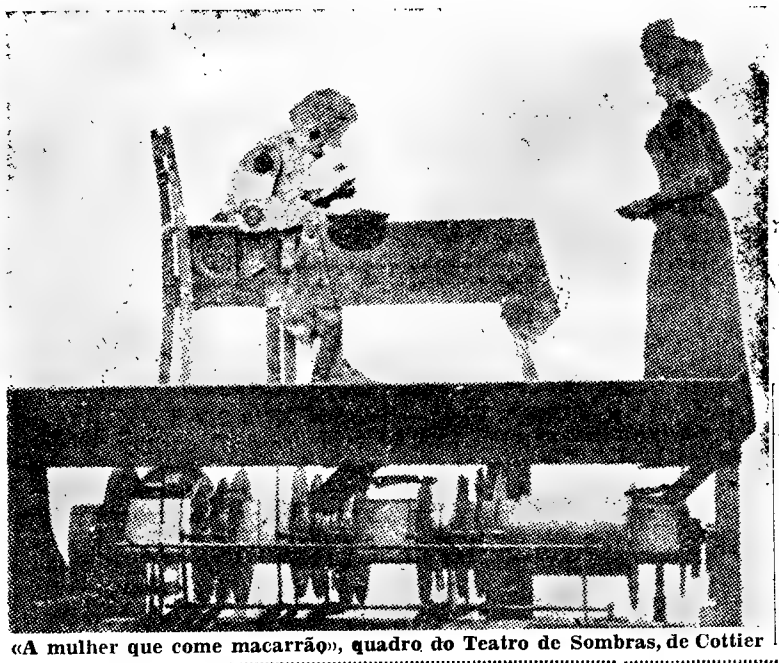
Preciosos autómatos tendo como coração mecanismos de relojoaria imensamente artificiosos, encontram-se hoje nos museus de todo o Mundo e falam-nos de um artesanato hoje quase completamente extinto, á falta de bons artífices e de melhores compradores. No século passado e nos princípios deste, os inventores lançaram grandes autómatos que macaqueavam o exterior da criatura humana e algumas das suas mais complexas reacções e são antepassados ilustres dos «robots», dos cérebros electrónicos e de toda uma complicada ciência cibernética. São célebres o assombroso jogador de xadrez, o homem do trompete, os grupos de «café», etc..

Foi temido e viveu horas de grande glória (lembremos só os golpes de teatro realizados com o seu auxílio por Cagliostro), um estranho poder mágico atribuido aos autómatos, seres sem alma, habitados, talvez, pelo diabo.

Um acidente ocorrido com Maurice Sandoz, que era senhor de uma preciosa colecção de autómatos, impressionará por certo os supersticiosos. Um desses autómatos era um mágico que respondia judiciosamente ás perguntas que lhe eram feitas por intermédio de um pequeno rectangulo de papel, que era introduzido numa gaveta ligada ao autómato. Se lhe perguntassem, por exemplo, qual era a maior felicidade, o mágico, depois dos salamaleques habituais, fazia aparecer o seguinte dístico: «Ser amado». Um dia, uma amigo de Sandoz, querendo pôr á prova a «inteligência» do mágico, apresentou-lhe um pequeno rectangulo de papel em branco. O mágico animou-se, como de costume, e, como resposta, apresentou a cabeça de uma mulher morta.

Sandoz foi o primeiro a ficar espantado, pois não conhecia esta particularidade do seu boneco. Minutos depois, telefonavam ao ilustre coleccionador anunciando-lhe a morte da mulher do amigo que o visitara. O mágico tinha-se vingado da incredulidade de um céptico.

O interior e o exterior de um automóvel: A aparência humana e o coração mecanico. Esta simpática velha nasceu na primeira metade do séc. XIX



«A mulher que come macarrão», quadro do Teatro de Sombras, de Cottier

O PRETO NO BRANCO

Recordando

Aqueles que insistem continuando a colaborar nos jornais não deviam ter leitores. Porque efectivamente o que se procura encontrar na Imprensa não são comentários, são noticias. O publico está ansioso por saber o que se passa no Mundo e como no Mundo se passam muitas coisas, todas elas importantes e ao mesmo tempo, quem pode satisfazer essa curiosidade são as agências noticiosas, é a rádio, a televisão actualmente, e os documentários dos cinemas. E todos esses serviços publicos fornecem essas noticias e, ao mesmo tempo, o comentário, a opinião, os pontos de vista das pessoas que os viram, assistiram a eles e os comentam com conhecimento directo. Por assim dizer são testemunhas presenciais, testemunhas de ver e ouvir, de visu et audito *como se diz em latim de tribunais. Depois da produção da prova seguem-se as alegações que são, por assim dizer, o comentário da prova produzida. Ora, hoje, as alegações têm que ser muito cuidadosas, cingidas aos factos, porque se assim não for, o douto magistrado presidente pode dizer ao alegante que não divague, se cinja ao assunto e até pode dizer que «o tribunal está esclarecido» e o advogado, neste caso tem dois caminhos, ou continua prejudicando a defesa e nesse caso é um mau advogado, ou, nos casos extremos, pode ser-lhe retirada a palavra. Ora eu conservo hoje a maneira de pensar do ofício que exerci muitos anos, e no qual consegui, felizmente, nunca sofrer desaires como este de me ver retirada a palavra. E esses tempos não eram tão complicados e terríveis como são os actuais! É preciso cuidado, muito cuidado, porque hoje viver é mais dificil e, como é da sabedoria das nações, viver não custa, saber é que custa muito! Posso é dar impressões, porque nisto de impressões que nem sequer chegam a ser comentários, cada um tem as que tem e escusa de as contar, porque ninguém lhas pergunta. Suponha-se, por exemplo, que eu pretendia dar uma impressão válida, da peregrinação pelo Mundo do ilustre general, diplomata e presidente da maior e mais poderosa nação do Mundo, os Estados Unidos da América. Como podia ser isso, eu que não estive lá, por onde ele passou, eu não sou de lá, não estive lá e mesmo que não fosse assim, eu sempre detestei apertos, nem gostei de me misturar com multidões ou das que aplaudem ou das que vociferam.*

Bastará considerar que eu nunca fui homenageado e também, se homenageei alguém, foi por boa vontade e para não me tornar reparado, não fossem julgar que eu não homenageava por inveja das homenagens que outros que as mereciam, recebiam. Passa pelo Mundo uma grande onda de homenagens e de desomenagear. É deixar passar a onda, no medo que ela não aumente. Pode-se lá saber no que vão dar tantas conferências, tantas viagens, tantas assembleias. A vida humana é um «film» de «suspense». E isto de estar suspenso, á espera dos acontecimentos acaba por cansar. Venho de longe, de muito longe. Chego a pasmar como ainda há gente do meu tempo. Ás vezes considero-me uma espécie de fóssil de tempos antediluvianos. Não porque seja muito velho o que tenho é durado e assistido e por isso assisto e não colaboro. Comprei o meu bilhete para assistir ao espectáculo e assisti, sem bilhete de claque. *Paguei e paguei-o bem. Não gosto da peça a que venho assistindo. Não dou palmas nem pateada. Ir ao cinema? Como? Se os próprios entendidos na matéria, escrevem que a produção também é inferior. Acho interessante a televisão. Hoje vejo pessoas que dantes apenas ouvia pela rádio. E reconheço, agora que os vejo, que era assim que eu os sonhava. A imagem que vejo corresponde á palavra que ouvia. Há muita gente feia no Mundo. Ao que eu sou um elucidativo exemplo!*

E agora me está lembrando, a despropósito, uma coisa a que assisti nos meus longínquos tempos de escolar de Coimbra. Esteve doente um homem chamado Miranda que tinha uma padaria e era uma pessoa importantissima do partido regenerador. O homem melhorou e os jornais regeneradores da lusa Atenas que publicavam diariamente os boletins da doença do homem, quando o senhor Miranda se curou, embandeiraram em arco. Estava salvo, são e escorreito o ilustre político. A Academia resolveu colaborar na manifestação ao padeiro ilustre e ilustre regenerador. E toda a Academia, ás palmas e aos «vivas», foi diante do estabelecimento onde, no primeiro andar também morava o padeiro já restabelecido, manifestar-se, fazer-lhe uma unanime manifestação da «briosa». Tanto gritou que Miranda apareceu á janela desvanecido, a agradecer a manifestação. E em coro de mais de mil vozes juvenis logo a academia na musica da «marcha real, espanhola», cantou:

—Caramba, Miranda
Que cara tão estupida
Que você tem!
Estupido, quadrupede
Grandecissimo animal

E concluia, de dedos espetados para o regenerador eleiçoeiro ilustre, que estava varado na janela, á espera da homenagem:

—Galopim eleitoral!

O pobre homem adoeceu outra vez! A Imprensa do partido indignada, concluiu que o escandalo fora preparado.

Bons tempos, meu patrão! — e que saudades tenho desse tempo!

RAMADA CURTO

J. A. RIBEIRO & C.ª L.ª
OCULISTA — Instrumentos científicos
222 — RUA AUREA — 222
Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas.

A AGÊNCIA DE COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
PREDIAL RUICAR
RUA DE SANTA MARTA N.º 27-G, 1.º ANDAR
T 53886 - 732662

APROVEITA ESTA QUADRA FESTIVA PARA CUMPRIMENTAR OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS, A TODOS AGRADECENDO A PREFERÊNCIA QUE LHE DISPENSARAM NAS TRANSACÇÕES EFECTUADAS POR SEU INTERMÉDIO

1959 - 60 ★ Festas Felizes e Boa Ano Novo próspero

VIOLANTES, LDA.

Fábrica de Sirgalia e Passamanaria
RUA DOS FANQUEIROS, 208-210

Desejam a todos os seus Excelentíssimos Clientes, Fornecedores e Amigos, muito boas festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Casa das Malas

180 — Rua Aurea — 182
JOAQUIM DA SILVA & C.ª (FILHOS)

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Ano Novo muito próspero

JOALHARIA, OURIVESARIA E RELOJOARIA
A. P. TEIXEIRA, LIMITADA
R. Barros Queirós, 68 — LISBOA — Telefone 861454

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos deseja Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

SALVADOR, LDA.

RUA DA PRATA, 198, 2.º
Agentes da SOCIEDADE DE FABRICANTES, LDA.
LANIFÍCIOS — TORTOSENDO

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um Natal feliz e Ano Novo próspero.

Telefone 2 4251

DUNKEL & ANTUNES, LDA.

Cumprimenta os Seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano próspero.

56, RUA AUGUSTA **LISBOA**

António Braz, Limitada

Antiga Casa Braz & Silva

Louças, Vidros, Esmaltes e seus derivados, por atacado e a retalho

Rua da Palma, 252, 254-A — Armazéns: Rua do Benformoso, 133-A e 133-B — Telefone 864561

Deseja aos Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

Galeria dos Modelos

Confecções — Lanifícios

J. J. PINTO, LDA.

93, Rua dos Fanqueiros, 95 — Telef. 368922 — LISBOA

Deseja aos seus Clientes e Amigos Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

Telegramas: Centenária **Telefones** 27983 — 26972, 29569 — 28108

BRAZ & BRAZ, L.DA

Travessa Nova de S. Domingos, 34 a 42

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes

FELIZ NATAL
E BOM ANO NOVO

CHAVES & REZENDE, LIMITADA

Material eléctrico e sanitário — Rádios e reparações — Revendedores da lampada «ASTRA»

VENDAS A PRESTAÇÕES

Deseja Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

22, RUA DO SÉCULO, 24
Tel. 368994 LISBOA

DISPENSA IDEAL

RUA DA PRATA, 186

Deseja aos seus Ex.mos clientes e amigos um Natal muito alegre e um Novo Ano cheio de prosperidades.

MODARTE
F. C. MATIAS
ALFAIATE

Cumprimenta e deseja Festas Felizes e um ANO NOVO muito feliz.

Av. Almirante Reis, 16, 1.º-D.
Telef.: 57221 — LISBOA

ARMAZENS DIAS

Lanifícios e Alfaiataria

161, Rua dos Fanqueiros, 163

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos desejam Boas Festas e um próspero Ano Novo.

Alfaiataria Paris

LEAL, LD.ª
Rua de S. Nicolau, 106-LISBOA

Deseja boas Festas e um Ano Feliz a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

Lotaria Nacional

VARETA

89 — R. DO CARMO — 89

Deseja Boas Festas aos seus Clientes e Amigos.

VILARINHO & RICARDO, LDA.

RUA DA PRATA, 230-232

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito feliz.

Barreira Limitada

RETROSEIROS

Desejam aos seus Ex.mos Clientes, Amigos, Fornecedores e Colaboradores, Festas muito felizes e um Novo Ano próspero.

127, RUA DA CONCEIÇÃO, 129 — LISBOA
TELEF. 25702

Os proprietários
da CASA AFRICANA

Desejam aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

RUA AUGUSTA, 161

SILVEIRA & MARQUES, LDA.

253, RUA DO OURO, 255 — Telef. 2 5664 — LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

TELEFONE 86 80 88

Pereira, Limitada

ARMAZÉM DE MERCEARIA — CEREAIS — LEGUMES — CONSERVAS — COMÉRCIO GERAL

EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Sauda os seus prezados Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando Felizes Festas e um Novo Ano muito próspero.

LISBOA **Largo do Terreiro do Trigo, 15**

A gerência da Casa Quintão

ESPECIALIZADA EM TAPETES DE BOAS MARCAS

30, Rua Ivens, 34

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, muito Boas Festas e um Ano Novo repleto de prosperidades.

O PROPRIETÁRIO
DO RESTAURANTE E PASTELARIA

A CENTRAL DA BAIXA

R. AUREA, 94-98 — Telef. 20280 e 26674

Cumprimenta os Ex.mos Clientes e amigos e deseja Boas Festas e Feliz Ano Novo.

MÓVEIS

Janel

165, R. da Palma **Tel. 863196**
76-A, R. Rodrigues Sampaio **Tel. 51695**

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um Natal Feliz.

A GERÊNCIA DA

Caixa de Crédito Caucionado, Lda.

Rua da Assunção, 88, 1.º — Telefone 25334

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando lhes Festas Felizes e Ano Novo muito próspero.

FRUTARIA BRISTOL

de MARIA LUISA GOMES

Casa especializada em frutas verdes e secas

Rua Eugénio dos Santos, 57—LISBOA—Telefone 2 463,7

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos muito Boas Festas e um Ano Novo repleto de prosperidades.

VILLALON

o poeta de "Andalucia la Baja"

José Maria Gironella escreve no diário «ABC», a propósito da corrida para a Lua, que já lá devem estar poetas andaluzes como Garcia Lorca, o da «Luna, Lunera», e que grande será o assombro dos astronautas, americanos ou russos, quando lá os encontrarem. E penso o que farão na Lua os que na Lua sempre andaram, como Lorca, e também Villalon, agora sem ciganos, Federico sem Falla que foi morrer longe, Fernando sem cavalos nem touros, ambos sem a sua gente de Granada, de Sevilha e de Huelva, ambos sem Juan Ramon, que também morreu longe, ainda que o autor de «La Vida Breve» e o de «Platero y yo» lá possam estar também.

A Garcia Lorca conheci-o pouco e através de Inácio Sanchez Mejia que nos temos lorquinos, e nos motivos musicais por Federico desenterrados da tradição popular, encontrou argumentos para os bailes da «Argentinita» e que António Marques, outro toureiro, havia de continuar com os da Piquer, e depois todos os que após surgiram Recordo que Inácio me falava no Clube Gallito, em Sevilha, quando em 1925 o convidámos para as corridas de touros em Paris, da ideia, quase impraticável, e talvez sugestão de Lorca, de ali exibirmos tantos cavaleiros andaluzes que, suas garrochas, representassem o quadro velazquenho das lanças na rendição de Breda.

A poucos passos do Clube Gallito, na «calle» Tetuan, reuniam Cañero e D. Antonio Florez, que comprou a ganaderia de Casa de Bragança, e Juan Antonio Jacobo, famoso pelo seu tipismo sevilhano, e lá aparecia Villalon, sempre de jaqueta e com esporas, como queria morrer. Fernando Villalon tinha ideias pessoais acerca da criação dos touros, mas os seus eram de uma casta que não agradava aos toureiros, e contra estes bramava na reunião, cujos componentes ignoravam a sua veia poética, até que em 1926 começaram a ser publicados os versos que guardava na gaveta, «Andalucia la Baja» e, em 1928, «La Toriada», e «Romance del 880» em 1929. Foi morrer a Madrid, em 1930, após uma operação cirurgica, e deixou inédito um ensaio, «Taurofilia Racial», e um drama, «José Fermin de Platero», e outros trabalhos que confiara a Inácio Sanchez Mejia e não se sabe onde foram parar após a morte do toureiro. Colaborara em «Papeles de Aleluyas» com Adriano del Valle, o poeta de Huelva que também deve estar na Lua porque nela sempre viveu, tão poeta que começou por percorrer Portugal com o pretexto de vender máquinas agrícolas e acabou por cá voltar como director da revista de cinema «Primer Plan», depois de publicar versos tão perfeitos como aqueles em que retratou «Manolete» na ode que começa assim: «Alli naciste torero, porque lo quiso tu sino, con tu tristeza de sance y tu empaque de obelisco». Gerardo Diego, outro amigo, felizmente ainda vivo, recolheu na sua «Antologia de Poetas Contemporaneos» os mais belos versos de Villalon, como os da «Deligencia de Carmona», «Fandanguillos de Huelva» e aqueles do «Contrabandista Valiente»: «Si no me mienta a mi madre el carabinero aleve, ni yo le quito la vida, ni me pierdo para siempre».

Villalon era filho do conde de Miraflores de los Angeles, «que lindo titulo para un poeta», profetizara sua mãe, dama da corte dos Montpensier em Sevilha, mas Fernando preferia as ciganas ás aristocratas que o admiravam, e desprezava os fidalguinhos que não entendiam de cavalos e de touros.

— «Monta como um sapateiro» — disse a um que, abespinhado, lhe perguntou como montam os sapateiros. «Montam como você!» — responde Fernando, e ali acabou a conversa porque Villalon era herculeo, e decidido.

Tinha a obsessão «do mal que causa o bloco de cem famílias cujos membros aparecem sempre actuando, em proveito próprio, entre o Governo do Estado, o abastecedor e o consumidor» — diz seu primo Manuel Halcon, a quem Fernando Villalon anunciou a Republica como inevitável: «Sinto dar-te esta notícia tão ingrata para ti, e temo a prova a que vai ser submetida a aristocracia do tiro aos pombos, para de alguma maneira a chamar, mas o Rei saberá com quem joga, pois o tiro aos pombos é um campo de apostas».

Villalon era inconformista, contraditório, enérgico e tão humano que ao famoso «Perales», que se atrevera a assaltar-lhe a casa, mandou recado para lhe vir falar e o avisou de que a Guarda Civil o procurava nas imediações.

— Deixa essa vida de perigos, dou-te emprego, cuidarás dos meus touros, terás casa e comida, e dinheiro para formares família e teres filhos, seres homem de bem.

«Perales» não aceitou porque já era tarde para mudar de vida, mas foi para Villalon o seu ultimo apertar de mão.

Tão generoso e poeta era Villalon que morreu pobre, vendendo tudo que possuia, mas pagando tudo que devia, e devia muito, e tão bondoso que bem quis solucionar o problema que um dia lhe surgiu por morte do seu administrador, um D. Hipólito que foi atropelado por um automóvel e morreu numa clínica. D. Hipolito tinha duas esposas, a legítima e a outra, e ambas disputaram de tal maneira o velório que Fernando resolveu o problema deixando que o cadáver fosse para o pátio de sua casa e velado por ambas, alternadamente. Mas o conflito surgiu quando se fechou o caixão porque ambas queriam a chave, e foi então que Villalon tomou a resolução extrema de ordenar a imediata saida do funeral, antes da hora, para acabar com a discussão. Villalon, que então era teósofo, foi descansar, mas pensando que D. Hipolito teria ainda muito que sofrer até á tranquilidade nirvanica, e que o seu corpo astral ainda andaria por ali. Efectivamente, poucos minutos depois, apareceu-lhe um criado e soltou-lhe esta enormidade que surpreenderia qualquer pessoa que não fosse espirita:

— Está lá em baixo D. Hipolito.

— Procurou por mim?

— Como havia de procurar se está morto?!

— Mas, como vem, a pé?

— Não senhor, vem no carro fúnebre porque o cemitério só abre ás três horas e ainda não é meio-dia.

— Pois aqui não entra mais. Dá uma gorjeta aos da funerária e que o passeiem por Sevilha até ás três horas.

E Sevilha assistiu naquele dia ao estranho espectáculo de um cortejo fúnebre em passeio, a fazer horas.

Da mania do espiritismo havia Villalon de se curar quando do caso de uma casa da «calle» de S. Vicente, onde se dizia que apareciam almas do outro mundo. Villalon visitou a casa, investigou e chegou á conclusão de que as aparições, com arrastar de correntes e mais temperos, eram obra de um espertalhão que queria ficar com o prédio e afastar compradores.

Villalon era católico, mas sempre tão brincalhão que, sendo ainda garoto e tomando lugar com os pais no altar-mor da capela do palácio, fazia caretas ao capelão quando este se voltava para os fiéis, e o padre tinha de fazer esforços para não se rir das partidas de Fernando, do bom Fernando. Estudara no colégio dos Jesuitas, no Puerto, condiscípulo de Juan Ramon a quem dedicou «Andalucia la Baja» com a recordação «dos tempos que passámos encarcerados», e acredito que esteja com ele na Lua, no Céu, e com Garcia Lorca, Adriano del Valle e Manuel de Falla, que fazia poesia em musica e cujo «retablo» tentei trazer ao São Luís, com a Orquestra Bética de Sevilha.

A Fernando Villalon sempre o vimos com jaqueta e esporas, e dizendo que vinha do campo, ou que ia para o campo, e creio mesmo que tinha casa em Sevilha só para ir e vir do campo. O seu tipo e indumentária não deixavam adivinhar o poeta, e D. Antonio Flores, seu companheiro de sempre na tertulia, e que uma noite levei a ouvir Gonzalez Marin declamar versos de Villalon, não cessou de me perguntar se aquelas poesias eram realmente de Fernando. E quando a notícia chegou ao campo foi tão grande a surpresa que o feitor de Villalon lhe perguntou, até escandalisado, se era verdade ser «escribano».

ROGÉRIO PÉREZ

FERNANDO VILLALON

Palavra

A chamar-vos, meu Irmão,
vi a existência passar...

A minha chamada em vão
tem cansaços de chamar.

As cantigas de outra gente
com hossanas e aleluia
passando, são novas sempre
no Tempo que se dilui...

Ouve bem, ó meu Irmão,
de hoje, de ontem, de algum dia:

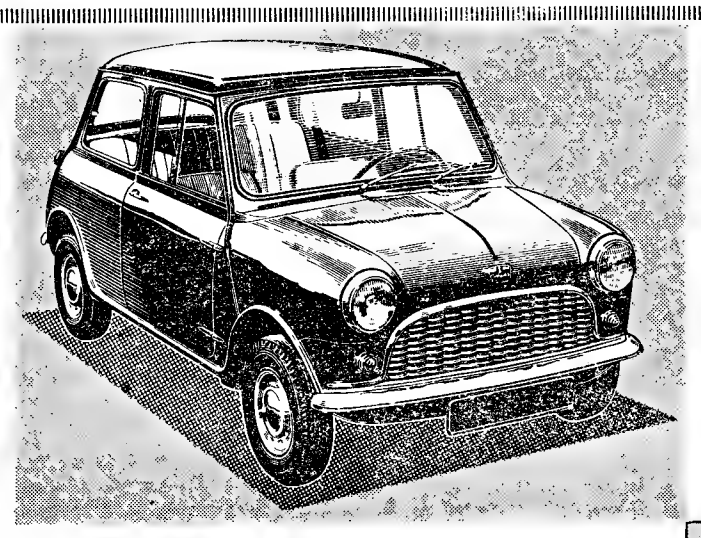
eu não quero chamar em vão!

Quero nesta eterna cantiga
que jamais foi incompleta
a vibrar nos lábios meus.

É Natal, sim, meu Amigo.

E a mensagem de um poeta
tem por si a voz de Deus!

NARÍADE GALVÃO

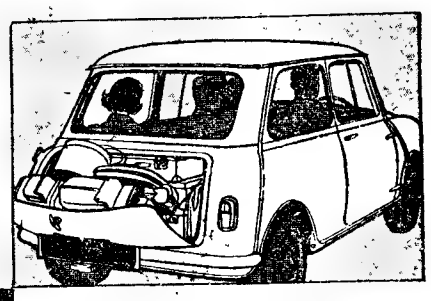


O INACREDITÁVEL

AUSTIN se7en

ESPAÇO INACREDITÁVEL NUM CARRO QUE TEM 3,05 M DE COMPRIMENTO CONFORTO EXCELENTE RESULTANTE DE NOVO TIPO DE SUSPENSÃO INDEPENDENTE ÀS QUATRO RODAS. PORTAS ESPAÇOSAS PARA FACILITAR A ENTRADA PARA OS LUGARES DE TRÁS

AS COMPRAS SÃO UMA SATISFAÇÃO COM UM CARRO QUE TEM TANTO ESPAÇO PARA EMBRULHOS NAS PORTAS, NA PRATELEIRA AO LONGO DO «TABLIER» E AINDA AO LADO E POR BAIXO DOS ASSENTOS DE TRÁS



COM EXTRAORDINÁRIAS ECONOMIA E «PERFORMANCE» E TANTO ESPAÇO PARA PASSAGEIROS E BAGAGEM O **AUSTIN SEVEN** REVOLUCIONOU O MERCADO DE CARROS UTILITÁRIOS — FAMILIARES DE BAIXO CUSTO

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS.
LISBOA - EVORA - PORTO
AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

GINGINHA
de J. MANUEL LOURENÇO CIMA
(Herdeiros)
Aguardentes, Vinhos e Licores
Rua das Portas de Santo Antão, 7
Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos, desejando-lhes Festas felizes e um ano novo muito próspero.

Rocha, Amado & Latino, Limitada
APARTADO N.º 2438 — LISBOA - 2
RUA NOVA DO ALMADA, 13 e 15 **RUA DA BOA VISTA, 54**
RUA DA PRATA, 82
Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos desejam Natal Feliz e a maior ventura no Ano Novo.

Fábrica de Papel da Abelheira

TOJAL — LOURES

Papeis e Cartolinas—Papeis Parafinados
Papeis Gomados—Sacos de papel Multi-folhas

Guilherme Graham J.or & C.a

LISBOA—Rua da Alfandega, n.° 160
PORTO—Rua dos Clérigos, n.° 6

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

S. A. R. L.

Capital realizado: Esc. 200.000.000$00
Reservas: Esc. 185.000.000$00
Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

FILIAIS: **Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.**

AGÊNCIAS: **Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.**

DEPENDÊNCIAS URBANAS:

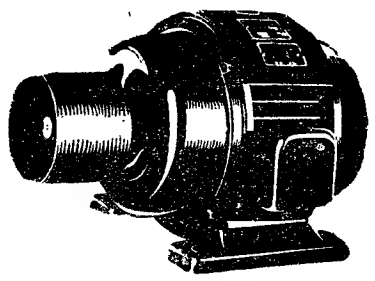
LISBOA

Alcantara, Almirante Reis, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha, Praça de Londres e Belém

PORTO

Carvalhido, Costa Cabral e Matosinhos.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS



MOTORES ELÉCTRICOS

ALTERNADORES, TRANSFORMADORES
— DISJUNTORES, ARRANCADORES —

SOC. LUSO ELÉCTRICA, LDA.
11 — CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES — 13
Telefone 668061 (5 linhas) **LISBOA**

ANTONIO ALVOEIRO & C.A

CALÇADA DO COMBRO, 34 e 36-A

Louças de alumínio e esmalte — Talheres e cutelaria — ARTIGOS DE MÊNAGE — Completo sortimento de escovas para fato, dentes, cabeça, etc. — Vassouras de diversos modelos em Palma, Piaçaba, Junco, etc.

Tampico, Cairo, Junco, Piaçaba e Palhinha para cadeiras

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos umas Festas Felizes e um Novo Ano próspero.

Telefone 21585 End. Teleg. ALVOEIRO

Loureiro & Anunes LIMITADA

ALFAIATES — Civil e Militar
Largo da Anunciada, 19 s/loja
Telefone 27574 LISBOA

Cumprimenta todos os seus clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes.

RODRIGUES

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS — SEDAS E VELUDOS

— DE —

João António Rodrigues & C.a

Rua Augusta, 76, 78, 80 — LISBOA

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: RUA DO CARMO, 98 2.°

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — ás 18 h.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — ás 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — ás 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — ás 14 h.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — ás 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, figado, intestinos e doenças ano-rectais — ás 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — ás 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações—ás 15 h.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — ás 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — ás 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sifilis — ás terças, quintas e sábados, das 14 ás 16 e 30 horas.
Prof. dr. Alen Saldanha—Raios X — ás 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — ás 16 h.

Ch. Lorilleux S. A.

FABRICANTES ESPECIALIZADOS DE
TINTAS — VERNIZES — SECANTES
para todos os processos gráficos
Novas instalações em
CABO RUIVO — OLIVAIS — Telefone 389061 - 389082
LISBOA — 6
141 anos ao serviço das Artes Gráficas

Artigos de Fantasia para Brindes — Fanqueiros, Porcelanas e Cristais
Sortimento de Artigos de Ménage, Aços Inoxidáveis—Serviços de Metal — Cutilarias

CASA DAS UTILIDADES

Fundada em 1936
54, Rua Ivens Telefone 2 86 12 LISBOA

AGENCIA BARATA

GASTÃO MENDES BARATA

REGISTADA

A primeira organização do género no País
oficialmente reconhecida pelo Governo da Nação e em edifícios próprios

OS MELHORES **E MAIS RICOS «AUTO-CARS»** FÚNEBRES
GARAGENS
— E OFICINAS PRÓPRIAS NOS SEUS EDIFÍCIOS —

SEDE NA:
194—RUA SARAIVA DE CARVALHO—202
Telefone P. B. X. 661113-665027 **PORTUGAL** **LISBOA**

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

Entre os muitos contos de Natal de todas as épocas e de todas as terras, este é, sem duvida, dos mais belos e comovedores. Uma história simples, um prodígio de humor e de ternura, como só a pena de O' Henry saberia dar-nos. Mais delicado e subtil do que Mark Twain, mas como ele de uma sorridente humanidade, O' Henry, escritor genuinamente americano, fala a todos os homens, de todas as classes, de todas as latitudes...

O presente dos reis Magos

por O'HENRY

Um dólar e oitenta e seis cêntimos, tal era o total da soma. Os oitenta e seis cêntimos eram em moedas de níquel, que Della economizara uma a uma, num difícil regateio com o merceeiro, com o homem da fruta e o do talho. Mesmo nesse momento, ainda ela se lembrava do olhar ofendido daqueles dignos comerciantes e da acusação humilhante de avareza tão claramente expressa nesse olhar, que a jovem sentia-se morrer de vergonha.

Della contou mais três vezes a sua pequena fortuna. O total estava certo: um dólar e oitenta e seis cêntimos. E no dia seguinte era dia de Natal.

Que podia fazer a pobrezinha num instante tão crítico senão deixar-se cair no próprio divã que lhe fazia as vezes de cama e soluçar? Foi o que fez... Não é a vida da maior parte das mulheres composta de soluços, de suspiros e de sorrisos? Os soluços, sobretudo, predominam.

Enquanto a jovem dona de casa, a nossa heroína, se esforça por reprimir o desgosto e deixa de chorar para exalar um doloroso suspiro, examinemos rápidamente o local.

Um golpe de vista é suficiente para classificar a habitação na categoria dos quartos mobilados a 8 dólares por semana. Quer dizer que o quarto e o seu mobiliário não tinham grande aparência. Ninguém ficaria muito espantado se lá encontrasse um untuoso representante do Exército de Salvação ou outro, mais benigno da Assistência Publica.

No pequeno vestíbulo do rés-do-chão, duas coisas curiosas chamavam a atenção: uma caixa de correio na qual seria difícil introduzir a mais pequena missiva; um botão de campainha que só o dedo de uma fada poderia fazer funcionar. Por cima da caixa do correio havia um cartão de visita escurecido, no qual acabavam por se distinguir os nomes de James Dillingham-Young.

Adivinhava-se que o Dillingham fora acrescentado durante um período de prosperidade, quando o afortunado senhor Young ganhava pelo menos os seus trinta dólares por semana. Pobre dele! O ganho reduzia-se hoje apenas a vinte dólares! E os cartões de Dillingham pareciam querer obliterar-se, para não deixarem subsistir senão um D nu, sem pretensões. De resto, quando o sr. James Dillingham-Young, regressava a casa o Dillingham era logo relegado para as Calendas. A sr.ª James Young (Della na intimidade), a jovem com quem já travámos conhecimento, acolhia invariávelmente o esposo com um «Jim» terno, enquanto lhe oferecia o asilo e o conforto dos seus braços afectuosos.

Della serenara por fim. Sentiu a necessidade de acalmar os vestígios do seu desgosto e pôs-se a dar pancadinhas na cara, um pouco ao acaso, com uma borla de pó de arroz miserável. Mas tinha o coração inchado, cheio de lágrimas. A janela atraiu-a. Olhou vagamente, sem o ver, um gato de um cinzento sujo que deambulava no alto de um muro, cinzento também, ao fundo de um beco miserável.

No dia seguinte era Natal! Esse pensamento trazia consigo outro não menos lancinante: só um dólar e 86 cêntimos para comprar um presente a Jim.

No entanto, havia meses que lutava para economizar. O quê? Aquela soma miserável! Com vinte dólares por semana nunca se pode ir longe. Della reflectia agora nisso com amargura. As despesas semanais tinham sempre excedido as suas previsões, mesmo as mais negras. Geralmente é assim. Agora, o resultado dos seus esforços estava diante dela, na sua mão: um dólar e oitenta cêntimos para comprar um presente á Jim. Ao seu Jim. Que miséria a sua! Quantas horas de encantamento não passara ela a sonhar com o presente magnífico que poderia dar-lhe. Um presente que seria belo, raro, mesmo unico, qualquer coisa que talvez fosse digna dele.

No estreito espaço entre as duas janelas estava pendurado um espelho. Era possível certas pessoas verem-se mais ou menos nele, procedendo a uma série de contorsões; mas só quem fosse muito magro e ágil ao mesmo tempo. Della, que era esbelta, adquirira rápidamente a necessária mestria.

Deixara de subito a janela e imobilizara-se diante do espelho. Os seus olhos tinham um brilho extraordinário; o rosto, pelo contrário, empalidecera-lhe terrívelmente. Com a mão habituada a esse jeito, fez tombar a sua luxuriante cabeleira, que se lhe desenrolou em cascatas quentes e movediças ao longo do corpo...

Aqui torna-se necessário um parêntese.

Devemos dizer aos nossos leitores que os James Dillingham-Young possuiam duas coisas em que tinham grande orgulho: uma delas era o relógio de Jim, um soberbo relógio de família que pertencera ao avô dele, e depois ao pai, antes de lhe caber em sorte; a outra eram os cabelos de Della. Se a rainha do Sabá tivesse morado na casa em frente, Della, sempre que lavasse a cabeça, secaria os cabelos á janela só para a enlouquecer de inveja. Se o rei Salomão fosse o porteiro do edifício, com todos os seus tesouros empilhados nas caves, Jim teria um intenso prazer em todas as manhãs tirar o relógio do bolso, na frente dele, só para o ver arrancar a barba de despeito.

Retomemos agora a nossa história.

Della tinha pois solto os cabelos e a cabeleira, descendo-lhe abaixo dos joelhos, vestia-a de ouro e de sedas mágicas. Durante um instante, ficou perdida numa admiração ingénua. E bruscamente, com um gesto nervoso e convulsivo pôs outra vez sobre a cabeça a massa ondulosa e doirada. Enquanto se penteava, teve um momento de desfalecimento. Uma atitude gelada, algumas lágrimas que cairam no asas. Os leitores já adivinharam tapete usado, tudo isso durou alguns segundos e foi a unica manifestação do seu desespero.

Della vestiu o velho casaco que a chuva repassara, pôs o velho chapéu castanho deformado pelo uso. Depois de deitar um ultimo olhar ao quarto, que a vira perfeita na sua beleza, abriu a porta e saiu. Pat! Pat! Pat! A escada depressa foi descida e Della encontrou-se no passeio. Não muito longe, á entrada da casa em frente da qual ela parou, um letreiro anunciava:

MADAME SOFRONIE

cabelos e cabeleiras de todos os géneros

Della, correndo, subiu um andar. Diante da porta onde o letreiro se repetia, parou um momento, ofegante... Depois, compondo o rosto, entrou.

Madame Sinfronie, uma forte matrona exageradamente maquilhada, embonecada, de resto, como uma rapariga, encarou-a, fria e desdenhosa.

— Quer comprar os meus cabelos? — gaguejou Della.

— Tire o chapéu para eu ver o que me oferece.

A magnífica cabeleira caiu pela segunda vez em cascatas doiradas.

— Vinte dólares — disse madame Sinfronie.

O seu olhar iluminara-se subitamente, enquanto com a sua mão hábil erguia o raro e pesado tesouro.

— Dê-mos depressa.

As duas horas que se seguiram foram de encantamento. Uma fada dera com certeza ao tempo as suas

que durante essas duas horas Della correra os melhores armazens da capital.

Duas horas depois a alegria de Della atingia o seu auge. Encontrara por fim o famoso presente. Exactamente o presente para Jim. Em parte alguma havia coisa semelhante. Verdade evidente, visto que todos os armazens tinham sido visitados.

Esse presente era uma corrente de relógio, de platina, cuja própria distinção proclamava a qualidade. Nada desse excesso de metal que parece ostentação; nada dessa ornamentação gritante, tão vulgar. A corrente era em tudo digna do relógio. Logo que a vira, Della ficara conquistada. Aquela corrente era feita para Jim. Era discreta e distinta como ele. Custava caro, muito caro; mas Della não hesitara. Tinha pago os vinte e um dólares que lhe pediam e apressara-se a regressar a casa com oitenta e seis cêntimos no porta-moedas. Com o relógio preso numa corrente assim, poderia ver as horas sempre que lhe apetecesse e isso apetecer-lhe-ia sem duvida muitas vezes. Della notara que ele consultava amiude ás escondidas o seu belo relógio porque tinha vergonha da horrivel correia de cabedal a que ele estava preso.

Quando Della chegou a casa, a sua alegria acalmou-se a pouco e pouco e deu lugar á prudência. Pegou nos ferros de frisar, aqueceu-os no fogão de gás e pôs-se a reparar, na medida do possível, as devastações que o seu amor e a sua generosidade haviam tornado necessárias. Ocupação terrível, cujas dificuldades ela não dissimulava.

Depois de quarenta minutos de um trabalho encarniçado, a cabeça de Della ficou literalmente coberta de caracois pequeninos e compactos que a faziam parecer-se com um menino de escola. Olhou-se ao espelho e o seu olhar crítico e impiedoso calculou os danos.

— Se o Jim não me matar imediatamente, dirá que pareço uma figurante de revista. Mas que podia eu fazer? — gemeu. — Que podia eu fazer com um dólar e oitenta e seis cêntimos?...

As sete horas, preparou o café e pôs a caçarola em cima do fogão, a fim de preparar as costeletas do jantar.

Jim nunca vinha atrasado. Della pegou outra vez na corrente do relógio e apertou-a na palma da mão. Sentou-se a um canto da mesa, o que ficava mais perto da porta. Reconheceu os passos de Jim logo que ele começou a subir a escada. Teve um horrível aperto no coração e sentiu o sangue latejar. Tinha o hábito de dizer pequenas orações silenciosas para as coisas quotidianas mais simples. Desta vez, balbuciou:

— Meu Deus, fazei com que ele me ache tão bonita como dantes.

Jim tinha aberto a porta. Entrara. Fechava a porta atrás de si. Parecia muito magro e o seu ar, principalmente, era muito sério. Pobre rapaz! Só com vinte e dois anos e já tinha que sustentar um lar! Precisava de um sobretudo novo e as suas mãos nuas — não trazia luvas—estavam gretadas pelo frio.

Jim dera alguns passos... De subito, o seu rosto ficara gelado. Os seus olhos fixavam Della com uma insistência intolerável, e ela não não lia neles nenhum dos sentimentos que esperava. Não esse olhar não exprimia a cólera nem a surpresa, nem o desapontamento, nem o horror. Della não chegava a compreendê-lo, e esse olhar intenso, bizarro, aterrorizava-a.

Como se quebrasse um feitiço, Della levantou-se da cadeira e correu para Jim.

— Jim, meu querido! — gritou ela. — Não me olhes assim, suplico-te. Cortei os cabelos e vendi-os, porque não podia passar o dia de Natal sem te oferecer um presente.. Claro que os meus cabelos crescem outra vez... Não é verdade que não te importas, que isto não tem muita importancia?... Não pude fazer de outra maneira... Jim! Jim! Tu bem sabes como os meus cabelos crescem depressa... Jim! Querido Jim! Diz-me depressa «Feliz Natal!» e sejamos felizes. Oh! tu não és capaz de adivinhar que presente magnífico eu tenho para ti!...

Jim parecia acordar de um pesadelo.

— Tu.. tu cortaste os cabelos? — gaguejava ele, como se, apesar de um exame laborioso, ainda se não tivesse rendido á evidência.

— Estão cortados e vendidos, — repetia Della. — Já não te agrado? Mesmo sem os meus cabelos, não continuo a ser a tua mulherzinha que te ama, Jim?... Meu Jim!...

Jim passeou o olhar em volta, depois encarou novamente Della.

— Dizes que os teus cabelos se foram? — perguntou com um ar absolutamente idiota.

(Continua na 46.ª página)

Afinidades e desencontros

entre Camilo Pessanha e Venceslau de Morais

que se evadiram com as suas desilusões

para o estranho mundo do exotismo asiático

-- por CÉSAR DOS SANTOS

O livro de Venceslau de Morais, «Paizagens da China e do Japão», traz esta comovida e expressiva dedicatória:

«Nos baldões da vida bohemia, na confusa sucessão dos dias e das scenas, acontece que os factos, as coisas, os individuos, invocados pela pobre memoria exhausta, vão perdendo pouco a pouco as suas qualidades intensivas, as suas cores, os seus contornos, a sua feição propria, emancipando-se do real, como uma página de aguarella desmerece, solta e perdida no espaço e voando com as brisas; diluindo-se por fim n'uma emoção generica, vaga indefinivel, — a saudade. — A essas duas grandes saudades, Camillo Pessanha e João Vasco, dedico hoje este livro. — Kobe, 19 de Abril de 1901 — *Wenceslau de Morais*».

É-lhes dedicado, ainda, o capítulo do mesmo volume: «A Caricatura no Japão», e a Pessanha outra crónica evocadora, de impressionismo japonês, «A Primavera».

Camilo Pessanha exaltava, liberalmente, o valor de Morais, entre os eminentes cultores do exotismo nipónico na literatura: «Notáveis prosadores (basta lembrar, de entre os contemporaneos, Lafcadio Hearn, Wenceslau de Moraes e Pierre Loti) têm celebrado condignamente os encantos dos países exóticos». (*Macau e a Gruta de Camões*). E dedicou-lhe pelo menos uma das suas admiráveis poesias, hoje incluida na segunda edição de «Clépsidra», com o título sugestivo: «Viola Chinesa».

Para Venceslau de Morais, uma das raras devoções literárias, à margem dos idolatrados japonizantes, que envolvia tanto de admiração como de sentido afectivo, era Camilo Pessanha, de quem se tornou amigo na convivência íntima em Macau, onde o magoado poeta, tocado de fundas nostalgias pelo exotismo e a magia do ambiente oriental, se refugiou com a sua neurastenia, que já em Coimbra, nos tempos de estudante, quando António Nobre por ali alardeava da sua contagiante tristura, marcava de um cunho singular a personalidade e os versos originais desse bardo indolente, de «alma lânguida e inerme».

Venceslau de Morais quis transformar-se em japonês; e, ao modificar a personalidade, não só adoptou costumes e hábitos orientais, como «vestiu o quimono moralmente»

A cinza do tédio

Morais sofreu, de certo modo, a influência literária do grande poeta, em especial através dos seus penetrantes ensaios sobre a arte, a literatura e a civilização da China, que incluem a tradução de poesias; e fez, também, motivo literário de assuntos chineses e da permanência de Camões em Macau. No livro «Traços do Extremo Oriente» figura um artigo intitulado «A Gruta de Camões», escrito, aliás, trinta e quatro anos antes do admirável estudo de Pessanha.

Conheceram-se na longínqua colónia asiática. Ali, Camilo Pessanha (o bacharel em Direito, dr. Camilo de Almeida Pessanha) vivia as mesmas horas de tédio na enervante burocracia, consumidas nas repartições oficiais, em reuniões do Conselho do Governo da Província, cumprindo as funções inerentes aos cargos de conservador do Registo Predial e juiz substituto da Comarca, como auditor nos Conselhos de Guerra ou leccionando no Liceu. Nascido em Coimbra (7-XI-1867), onde decorreu a sua juventude melancólica, impregnando-se da tristeza envolvente daquela paisagem emotiva, concluida a formatura não tardou a abalar para o Oriente. Veio, por mais de uma vez, á Metrópole, em gozo de licença ou por determinação da Junta de Saude, mas tinha-se identificado com o meio, subjugado, também, pela magia daquelas paragens e só ali poderia viver, nessa espécie de hipnose que era como a evasão de si próprio, sob a torturante angustia das aspirações contrariadas, da infância inditosa, ante a inutilidade confessa de «uma pobre vida amargurada». A poderosa influência das «propensões mórbidas», reactivadas no ambiente do exotismo chinês, e o predomínio do «sentimento de longínqua esperança ou o remoto desejo frustrados» nos complexos da sua psique molestada, originaram, «como segunda natureza, um estado de permanente renuncia ou desistência, consubstanciado com a própria vida pessoal, e fez de C. Pessanha um inadaptado á vida social activa e a qualquer modalidade de trabalho construtivo e persistente, inclusivamente o literário» — assinala Túlio Ramires Ferro.

Profundamente orientalizado, isto é, readaptado a uma nova existência subjectiva no *clima* mais consentâneo com a sua verdadeira personalidade moral, entranhou-se no ambiente chinês e ser-lhe-ia impossível transplantar-se a outras paragens ou regressar á origem, de onde partira para se refugiar, com a alma dolorida, na «longínqua miragem do sonho, cintilante de exotismo». Assim, promovido, em 25-1-1913, a juiz de 1.ª instância e colocado na Comarca de Moçambique, novo diploma, promulgado em 22 de Março, anulava aquela decisão. O dr. Camilo Pessanha continuava a exercer as funções de conservador do Registo Predial e deixava de ser considerado candidato á Magistratura Judicial do Ultramar. Lá ficou exilado em Macau, onde, em 1926, acabou os seus dias que, há muito, se consumiam na «inerte passividade da morte», nas «miragens do nada», como resvalando, «em suave declive, para o oceano do Aniquilamento» — para a inefável serenidade do ambicionado *Nirvana*. Faleceu em 1 de Março daquele ano, de tuberculose pulmonar, segundo a certidão de óbito.

Autobanido do *país perdido*, onde *viu a luz*, pelas pungentes mágoas gravadas, de nascença, no subconsciente, ficou cativo na enleante sedução do exotismo oriental, mas conservando a «vibrátil emotividade portuguesa», sempre palpitando na sua poesia, pois, como ele diz, «a inspiração poética é emotividade, educada desde a infância, e com profundas raízes, no humus do solo natal», e que transparece nos refinamentos da sentimentalidade lírica, na veemência passional, na perpétua e constante melancolia; e nesse nostálgico anseio, ideação da saudade, onde há o orgulho lusíada, na rememoração do enlevo do adolescente através da comunicabilidade e da sugestão da paisagem e das tradições nacionais, reflectidas, em perfeita semilitude, na cidade portuguesa do Extremo Oriente:

«É Macau a unica terra do ultramar português em que as estações são as mesmas da Metrópole e sincrónicas com estas. É a unica em que a Missa do Galo é celebrada em uma noite frígida de Inverno; em que a exultação da aleluia nas almas religiosas coincide com o alvoroço da Primavera—Páscoa florida com a alegria das aves novas ensaiando os seus primeiros voos: em que a comemoração dos mortos queridos tem lugar no Outono. Mais ainda: em Macau é fácil a imaginação exaltada pela nostalgia, em alguma mesga de pinhal, menos frequentada pela população chinesa, abstrair da visão dos prédios chineses, dos pagodes chineses, das sepulturas chinesas, das misteriosas inscrições chinesas, destacando a cada canto em rectângulos de papel vermelho, das águas amarelas do rio e da rada, onde deslisam as lentas embarcações chinesas de forma extravagante, com as suas velas de esteira fantasmáticas, e criar-se, em certas épocas do ano e a certas horas do dia, a ilusão de terra portuguesa. Quem estas linhas escreve teve, por várias vezes (há quantos anos isso vai!), deambulando pelo passeio da Solidão a ilusão, bem vivida, apesar de pouco mais duradoira que um relâmpago, de caminhar ao longo de uma certa colina da Beira Alta, muito familiar á sua adolescência». (*Macau e a Gruta de Camões*, in. «*China — Estudos e Traduções*»).

Encontros e desencontros

O que melhor define o caso impressionante desse grande exilado português, absorvido pela civilização chinesa, penetrado da filosofia negativista do Budismo, são—como diz Túlio Ramires Ferro—«as suas penosas inibições de abúlico, indiferente até ao insulto; a sua atonia moral, «a desproporção entre a sua sensibilidade estética e a efectividade moral», para lhe aplicar o que ele atribuiu aos Chineses que tão fraternalmente soube compreender: os ultimos anos da sua pobre vida de excêntrico, solitário e deprimido, que busca no ópio, preparado por uma chinesinha, e na inércia dos longos ócios domésticos, prefiguração do aniquilamento nirvânico, o olvido do tempo e uma euforia artificial» —, que se eram, por um lado, abstracção da realidade agressiva, a fuga aos martirizantes complexos inibitórios, o afundamento na apatia dissolvente, não obstaram, por outro, ao requinte da sensibilidade poética e a uma gloriosa e fulgurante radiação do seu admirável talento, a irromper da bruma crepuscular, impregnando-o do irremediável desalento ante a ilusória e angustiante realidade encarada por ele com magoada e desdenhosa indiferença, flagelando-a pelo contundente sarcasmo.

Camilo Pessanha (sentado, á direita), com Carlos Amaro e Lucio dos Santos (de pé)

No caso especial de Camilo Pessanha e Venceslau de Morais, evadidos do Ocidente para o exílio voluntário nos países de empolgante exotismo, antevistos em sonho, notam-se, desde a origem e depois exacerbados por influências do ambiente, pelas agruras da existência, pela incompreensão que os cerca, frisantes analogias, afinidades sentimentais, semelhantes complexos e mórbidas tendências que propendem para a solidão, a renúncia e o desalento dos desterrados. Os refinamentos da sensibilidade, o sentido estético, a agudeza do espírito, as faculdades compensadoras da anormalidade fundamental são mais vincadas, intelectualmente, no singular poeta da «Clépsidra», afeiçoado, por solicitações do temperamento e absorventes curiosidades mentais ao meio oriental. Aí procura a sua alma mortificada a suprema quietude na grande abstracção dissolvente do *Nirvana*. Inadaptado, também, ao meio e ao clima moral do torrão pátrio, opera-se nele o estranho fenómeno que distingue Lafcadio Hearn e outros raros Europeus daqueles evadidos do Ocidente que são totalmente absorvidos pelas *mágicas e irresistíveis seduções do mundo asiático*. Embora orientalizado, a sua personalidade revigora-se na terra estranha e dominadora, mantendo-se consciente e paradoxalmente europeu, melhor português, como uma aberrativa e formosa florescência a desabrochar, ao contacto com o exotismo percussor, do caule que ramifica á esplendorosa luz do Oriente, mas cujas raízes mergulham no humus que lhe alimentou o ser. A poderosa sugestão do ambiente chinês, a influência da civilização fulgurante, da sua filosofia religiosa foram para Pessanha aquilo que, relativamente, ao magoado poeta do «Só» e das «Despedidas», a permanência em Paris representa no requinte da sentimentalidade lusíada, pois, segundo observa Guilherme de Castilho, no ensaio «António Nobre», para este «a França é como o cataléptico necessário sob a acção do qual, a pouco e pouco, vai ganhando corpo a saudade do exilado, a nostalgia das coisas da sua pátria distante» — para Camilo Pessanha, um *país perdido*.

É fácilmente compreensível tudo que coincidia em Camilo Pessanha e Venceslau de Morais — e também quanto os afastava, mantendo um abismo entre ambos.

Espiritualidade e sentimentalismo

Aquilo que, nos versos de Pessanha, são imagens de sonho, fantasia, devaneio poético, efeito artístico da emotividade amorosa—«tenho entre as mãos as tuas mãos pequenas, as tuas mãos tão brancas d'anemia» —, afigura-se a Morais a mesma tendência empolgan-

CAM

te da sua
em que os p
nesas são di
mo também,
tria eleita, c
um forasteir
seu fado o c
nho a si pr
— «Ser teu
sei o caminh
ro». E nem
era retrogr
sentimento r
Morais do c
nem o poeta
aquele se c
de plangênc
ressoa, lúgu
nas páginas
Ó-Yoné e Ko

Em Vence
sas, as razõ
são mais ta
seu drama, a
pensões, em
lhantes, da
também com
acção dinâm
res empreen
tica, vêm d
sentimentais
do nele se c

Pessanha
preendida n
como força
existência, d
mundo trans
irrealizadas,
alma, temas
ca, erguendo
antevendo u
do fugidio,
perficialíssim
clarão da ve
perca a acu
analíticas e
na objectivi
das realidade
blemas trans

Pela elevaç
la envergad
singularidade
pelo que nel
nal no exoti
atraente, in
aproxima-se
dio Hearn,
étnica com
mental do *D*

(Continu

Camilo Pessanha e Venceslau de Morais conviveram intimamente em Macau, subjugados pela fascinação do exotismo asiático, mas em conflito com o meio, agravado por questões resultantes da ligação com mulheres chinesas, que lhes deram filhos. Vêem-se, na gravura, o poeta da «Clépsidra» e o impressionista do «Dai-Nippon» (sentado), quando ambos viviam naquela cidade portuguesa do Extremo Oriente.

CAMILO PESSANHA

te da sua mórbida sensualidade, em que os pés e as mãos das Japonesas são diabólica fascinação; como também, eterno repelido na pátria eleita, onde há-de ser sempre um forasteiro, julga semelhante ao seu fado o drama do poeta, estranho a si próprio em toda a parte — «Ser teu companheiro? / Não sei o caminho. / Eu sou estrangeiro». E nem a saudade de Pessanha era retrogradação, decadentismo, sentimento negativista que desviam Morais do curso da sua existência, nem o poeta faz da tristeza, de que aquele se contamina, um cântico de plangência fúnebre, como ela ressoa, lúgubre e entenebriante, nas páginas de *O Bon-odori* e de *Ó-Yoné e Ko-Haru*.

Em Venceslau de Morais as coisas, as razões que o atormentam são mais tangíveis, as origens do seu drama, além das *mórbidas propensões*, em muitos pontos semelhantes, da inépcia fundamental, também comum a ambos, para a acção dinâmica, até para os vulgares empreendimentos da vida prática, vêm do *agro das desilusões* sentimentais — e em desilusão tudo nele se consome.

Pessanha faz da sua dor, compreendida na amplitude universal como força geradora da própria existência, dos seus desenganos no mundo transitório, das aspirações irrealizadas, das inquietações da alma, temas de meditação filosófica, erguendo-se ás alturas do ideal, antevendo uma esperança para lá do fugidio, das mundanidades superficialíssimas, um esplendoroso clarão da verdade eterna, sem que perca a acuidade das faculdades analíticas e de crítica penetrante na objectividade racional em face das realidades constantes e dos problemas transcendentes.

Pela elevação do pensamento e pela envergadura intelectual, pela singularidade da sua arte poética, pelo que nele permanece de original no exotismo de que se exorna atraente, inalterável ao tempo, aproxima-se muito mais de Lafcádio Hearn, apesar da afinidade étnica com o impressionista sentimental do *Dai-Nippon*.

(Continua na 42.ª página)

CEU DE DEZEMBRO...

O encanto do Natal

por GRACIETTE BRANCO

Para suportar as lutas e decepções da Vida, a Humanidade envolve-se no encanto do Natal e, durante umas belas e prolongadas horas, volta a ser criança, a encher o coração de esperanças e ilusões, criando as quimeras maravilhosas da Infancia!

Até as mulheres e os homens que já conheceram o sabor das lágrimas e a desolação da tristeza, esses próprios têm os olhos a rir e o coração a pulsar, quando contemplam a árvore do Natal e param perante as montras resplandecentes de luz e de coisas belas.

Mesmo que não possam comprar, gozam, espiritualmente, o encanto divino de Dezembro.

Quando chega o dia 24, dir-se-ia que a própria atmosfera nos envolve com doçura e que — mal desce a noite — se avistam os anjos brincando com as estrelas e o perfil da Virgem assoma ás janelas do Céu!...

O Homem abandona o velho envólucro terreno —, que tantas vezes lhe pesa! — veste o bibe branco de menino, enfeita a Árvore e o Presépio e a alegria canta em todos os países do Mundo!

Esquecem-se egoísmos, ódios, invejas e as lutas pelo lugar ao Sol, porque o Sol brilha, igualmente, em todos os lugares...

A alegria marca um «rendez-vous» na Vida, a todos aqueles que possuem um coração ardente, cheio de Fé, de optimismo ou, pelo menos, de tranquilas resignações.

Durante todo o ano o homem caminha sobrecarregado de preocupações e encargos, esquecido da beleza espiritual e criando, em sua volta, o grande silencio, imposto pela meditação profunda.

Se o Natal não surgisse, ele continuaria vergado ao peso das responsabilidades, alheio á grande parcela de encantamento que a Vida nos oferece. Quantas vezes não lhe passa despercebida a graça inocente dos filhos, a palavra amiga e carinhosa da mulher, a transparência virginal de uma manhã de Maio ou a poesia embriagante de uma noite de luar e de estrelas...

Ele caminha alheio a tudo, os olhos do espírito abertos a preocupações e cerrados ao encanto que o rodeia. Entra em casa e o seu sorriso cansado não significa felicidade nem esperança! A Vida é, por vezes, bem dura e bem cruel e, quantas vezes, nem nos concede o prazer natural de podermos saborear aquilo que realizámos!

Mas o oásis de Beleza e de Paz, lá está á espera, em Dezembro...

E' já bem reconfortante sabermos que a existência nos oferece, uma vez por ano, uns dias de luminosa esperança!

O coração do homem desperta e tranquiliza-se. Depois, ele que durante todo o ano caminhou mudo e absorto, sorri, ri e canta, apertando nos braços os filhos queridos, cujas graças são para ele uma maravilhosa revelação...

Trocam-se lembranças, mesmo modestas... Uma simples flor, uns versos de amor, uns beijos — e toda a Humanidade ri e canta, embalada no mistério espiritual da Presença Divina.

Nestes dias sublimes de Natal, até aqueles que navegam no mar da Vida, á deriva, deslumbrados pela chama ardente das paixões terrenas, sentem que a consciência lhes está despertando para a grande Verdade das Almas e erguem o olhar surpreendidos e maravilhados para o milagre do Presépio, sentindo que o Mundo não caminha ás escuras e que Deus existe e se revela, docemente, em todas as existências do Universo. Eles sentem, subitamente, uma força infinita, que se estende para além do tempo...

Para os pobres, cuja miséria, nestes dias, é sempre minorada com esmolas de alimento e agasalho; para os que trabalham sem descanso, arrastando uma existência de preocupações, afastados de esperanças e quimeras; para os descrentes, que desconhecem o alto objectivo da Vida e apenas sabem colher dela os frutos proíbidos, renegando a saude espiritual — para todos, grandes e pequenos, idealistas e cépticos — o Natal representa um facho luminoso de Fé, despertando, em todos os corações e em todas as consciências, a beleza espiritual da humildade cristã, do Amor, do Perdão e da Crença.

Jesus volta á Terra, envolto nas neblinas e neves de Dezembro, perdoando-nos os pecados, amparando-nos nas trevas e lançando-nos nas almas a semente do Amor e a gota de luz espiritual da sua divina bênção!

Num rápido minuto — quando nos debruçamos sobre o simbólico estábulo onde sorri o Deus-Menino —, toda a Verdade e objectivo da existência se nos revelam, subitamente, e compreendemos que a Vida efémera bem pouco é, comparada á eterna e que, da humildade das nossas atitudes, da pureza e justiça dos nossos pensamentos e acções, depende a vitória sobre a vida que mais não é do que a elevação das nossas consciências.

Vale a pena meditar, tranquilamente, no exemplo da humildade que nos deu Jesus. Se formos humildes, simples e justos, a vida cantará em nossos corações, pois só desejaremos aquilo que esteja ao alcance das nossas mãos.

O alimento divino fortalece-nos para a Vida e prepara-nos para a Eternidade.

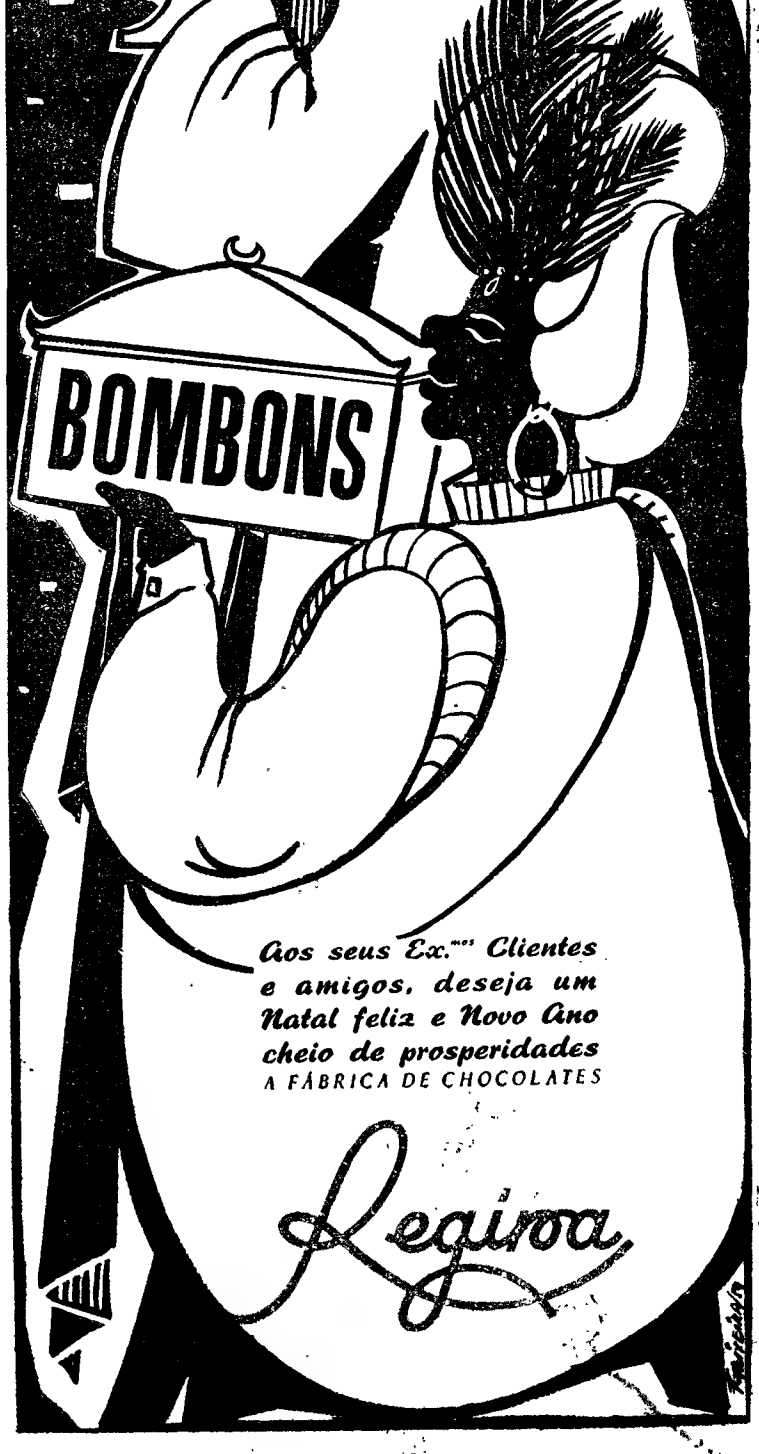
Abençoado Natal! Luz reveladora da graça imortal do Espírito — demora-te entre nós, fica entre nós, para que não esqueçamos nunca, que, para além do palmo de terra que é o Mundo em que vivemos, existe um mundo de extensão infinita, ao qual transportaremos, dentro de nós próprios, as nossas vitórias ou os nossos pecados — o Céu ou o Inferno!

UM NOVO NÚMERO
da revista «Colóquio»
da Fundação Gulbenkian

O numero 5-6 da revista «Colóquio», editada sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian e sob a direcção dos professores e escritores dr. Reinaldo dos Santos e dr. Hernani Cidade, com a cooperação gráfica de Bernardo Marques, constitui mais um repositório valioso de trabalhos culturais de alto interesse. Abre a esplêndida edição com um extenso estudo de Reinaldo dos Santos sobre «A paisagem e o naturalismo dos segundos planos nos primitivos portugueses», acompanhado de numerosas e modelares ilustrações alusivas. Ao ilustre historiador de arte devem-se também, no presente numero, artigos sobre a ceramica turca da colecção Gulbenkian, as obras de Guardi na mesma colecção e o Museu de Arte Sacra da Baía. Sobre matérias de arte são ainda publicados um estudo de Matos Sequeira, «Josefa de Ayala em Obidos», um sugestivo documentário da dr.ª Irene Quilhó relativo á casa dos Viscondes de Asseca, em Sintra, comentários de exposições, etc.

Nas páginas de literatura deste numero de «Colóquio» incluem-se uma «Carta do Brasil», pelo dr. Hernani Cidade; «Morte no Agreste», por Cyro dos Anjos; correspondências literárias da Checoslováquia, Estados Unidos e Paris; um estudo, também de Hernani Cidade, sobre «O conceito de barroco á luz da experiência portuguesa»; o ensaio de Eduardo Lourenço «Tempo e Poesia»; artigos de Santana Dionísio, João de Freitas Branco, João Maia, Dieter Woll, Georges Listopad, Nuno de Sampaio e Vera Pilkington; poemas de Alberto de Lacerda e António Gedeão. As secções habituais de bibliografia e comentários, por Oscar Lopes e Hernani Cidade, e de noticiário, completam o numero da revista agora distribuido.

Na colaboração artística salientam-se belos desenhos de Bernardo Marques, Martins Correia, Dordio Gomes e Julio Pomar, bem como fotografias modelares de Mário Novais e de especialistas estrangeiros. A revista «Colóquio» prossegue, assim, uma carreira cultural que já lhe conferiu lugar de excepção nos valores nacionais pelo nível das colaborações e pela qualidade da realização gráfica.



Escola de Condução Oriental
RUA MORAIS SOARES, N.º 64
LISBOA
Apresenta a todos os seus alunos e ex-alunos os seus cumprimentos de feliz Ano Novo.

Camilo Pessanha e Venceslau de Morais

(Continuação da página central)

Venceslau de Morais bem o reconhecia e proclamava-o, ao exaltar o talento do poeta, apontando-lhe a doentia indolência, ao mesmo tempo que estabelecia confrontos ilógicos e insistia na pecha, resultante do seu complexo inferiorizador, de amesquinhar os méritos próprios com absurdo exagero. Dizia ele, em carta a um amigo (16-VI-1921); «O que é que sou como litterato? Uma nulidade; 1/2 duzia de amigos (não mais) lêem os meus escriptos com agrado, por estima, não pelos seus meritos, que não teem. O dr. Camillo Pessanha, sim; é uma intelligencia da mais fina tempera, litterato subtilissimo, embora pouco productor (Por circunstancias diversas)».

A improdutiva apatia que Morais nota no poeta era também um traço comum das suas afinidades, embora no desalentado carpidor dos males imaginados, da saudade incurável, alimentada com o voluptuoso masoquismo em que se embebem as páginas tristes de «O-Yoné e Ko-Haru», fosse uma renúncia absoluta, o aniquilamento moral, e não o refúgio do poeta no seu intimismo onde os sonhos e as inquietações se elevam a luminosas alturas em busca do destino transcendente.

Enquanto Venceslau de Morais tivesse morrido, ficando vivo, ao praticar o que elé chamava «um suícidio moral», quando se enterrou no Japão, muralhado de silêncio, evadido do contacto humano, ferozmente repelido, para conviver com os seus fantasmas, reavivando desenganos e inibições, alimentando-se da mórbida saudade dos seus frustrados amores, Camilo Pessanha, também triste, desiludido, tolhido por uma frouxidão que lhe quebrava o ânimo de reagir, preferia eximir-se, por almejada e consciente evasão da exterioridade molestadora, ao convívio entediante para se acolher no isolamento onde ele criara um outro mundo de emoções vividas — porque vivia a realidade da ilusão.. «É que» — esclarece o poeta — «a solidão intelectual e o suposto prosaismo da vida real não aniquilam a inspiração senão dos que a não têm própria, daqueles cuja imaginação se alimenta parasitàriamente das falsas e convencionais emoções de uma psicologia de pacotilha, corrente na boémia dos meios chamados intelectuais».

A génese da poesia de Camilo Pessanha

A poesia, que foi a mais alta expressão do talento de Camilo Pessanha, a plena realização do sonho e das aspirações concentradas no seu universo interior, define-a assim o extraordinário poeta: «Arte essencialmente subjectiva, a poesia (para alguns dos seus mais delicados cultores quase tão exclusivamente subjectiva como a música), impossível é dar-se a conhecer indirectamente o valor estético das suas obras, como o é fazer-se compreender a beleza de uma sinfonia ou de uma romança, por outra maneira que não seja fazendo-a ouvir. São tão diferentes, tão complexos, e de importancia tão variável, os elementos de que resulta a euritmia poética que, em verdade não pode ser ainda feita a sua análise (e só essa mereceria o título de crítica científica), mesmo em relação aos mais altos monumentos da poesia, cuja luminosa simplicidade alcançou o condão de dominar os séculos».

Verdadeiramente, a poesia de Camilo Pessanha, não na sua concepção imaginada, mas na realização, na transposição da emotividade subjectiva para a exteriorização em expressões interpretativas ou formas harmoniosas, identifica-se com a personalidade moral do poeta, que tendia para a dissolução, para a evasão da realidade, buscando reencontrar-se e viver no sonho. A parte da sua obra materializada na simbolização gráfica ficou dispersa por alguns jornais ou em raros manuscritos, versos muitas vezes ditados a insistências de amigos, pois, como testemunha João de Castro Osório, o poeta escrevia as suas poesias «apenas quando levado a isso por imediato motivo sentimental ou para as dar a público». A outra parte, que inclui verdadeiras preciosidades, poemas dos mais belos da língua portuguesa, cujo conteudo é a própria substância humana do poeta na emanação da sua essência espiritual, só poderia atingir a divinização do ideal poético tornando-se *quase exclusivamente subjectiva*, tornando-se audível, polarizando-se em visões brumosas e fulgurantes, como se opera o fenómeno da música visual, isto é, fazendo-se ouvir pela voz do poeta, que recitava, «com o seu impressionante, misterioso, estranho modo de dizer»; e, quando exteriorizava as angustias intimas, o desesperado desânimo, os queixumes da alma dolorida, «com a dicção impressionante de quem, chorando, arrasta as palavras, infundindo-lhes uma vibração plangente».

É sabido que Pessanha não escrevia os seus versos; resultavam de paciente e premeditada elaboração. Fadado para ser poeta, aquilo *acontecia-lhe*, os poemas, brotando, espontâneos, nos momentos de inspiração, de febre criadora, ficavam cingidos á sua alma, gravados na memória de portentosa retentiva, corporizando a inquietação, os anseios incompreendidos, as magoadas nostalgias, a dor, «lei da existência deste poeta, e o ritmo modulador da sua poesia», em estranhas imagens, em sensações ignoradas que nos transmitem a profunda emotividade dos sentimentos pressentidos, as vagas aspirações idealizadas, tudo o que há de imaginado, sentido e vivido nas amplitudes e profundidades insondáveis do ser.

A par de uma alta capacidade de elaboração mental, a atonia das faculdades realizadoras tornava-o inepto para a actividade de imediata concretização dos seus desejos pessoais, deixando-se penetrar da perversora languidez, abandonando-se ao marasmo das existências contrariadas — como que a flutuar no torpor da indiferença e do desânimo irremediável.

«Nunca existiu, que eu saiba, um manuscrito da obra inteira do Poeta» — diz João de Castro Osório — «Em tudo quanto deixou escrito ou publicado foi sempre necessária a intervenção de outrem para o levar á concretização ou, melhor, exteriorização da sua obra». E foi numa das vindas de Pessanha á Metrópole, em 1916, que Castro Osório, então jovem estudante, pôde, no decorrer das reuniões íntimas familiares ás quais o poeta se associava, recolher algumas das admiráveis poesias, por ele compostas nas suas concentradas deambulações de solitário, vividas na realidade do sonho, ditadas umas, escritas outras de memória.

Nem tudo se salvou da obra de Pessanha mas o que ficou — devido, ainda a afeiçoados admiradores, entre eles os poetas Carlos Amaro e Alberto Osório de Castro, condiscípulo de Pessanha e também inebriado pelas mágicas seduções do Oriente, onde permaneceu alguns anos — basta para perpetuar o talento excepcional do estranho poeta, tão singular, tão original, tão subtil e humanamente compreensivo, mesmo com os referidos exotismos e as suas visões crepusculares, entre os maiores, e dos raros inovadores da poesia portuguesa nos tempos modernos.

Antagonismos abismais e afectividade saudosa

Quando apareceu o livro de Morais «Paizagens da China e do Japão», cinco anos depois de remetido o original aos editores, a dedicatória aos dois amigos, Camilo Pessanha e João Vasco, duas *grandes saudades* dos tempos vividos em Macau, onde os três foram professores do Liceu, já não significava um afectuoso aceno de simpatia, com o público testemunho de cordial homenagem. Venceslau de Morais, que se malquistara com quase todos os amigos, tratando-os, depois, injustamente e não poupando até os mais dedicados a ironias e remoques causticantes, estava também de mal com Pessanha e Vasco. E, ao aparecer o livro, escrevia do Japão--já ali exilado voluntàriamente, mas, ao tempo, exercendo ainda funções consulares em Kobe — a um dos confidentes em Portugal, assinalando o facto de constituir «a parte mais engraçada do livreco ser dedicada a dois patuscos», nem mais nem menos os dois ex-amigos, que, ausentes do seu convívio, tinham sido para ele duas *grandes saudades* — «amigos que deixaram já de ser amigos, o que equivale á morte, na esfera dos afectos».

Incompatibilizado com eles e ainda que se lhes referisse, por vezes, acrimoniosamente, ficou-lhe, porém, alguma coisa da muita afeição por ambos, transparecendo sob o disfarce da indiferença, da mera curiosidade ou no sincero desgosto, quando a morte veio apagar ressentimentos, quase sempre infundados e nascidos de pequenos incidentes que a irritabilidade e os desvairamentos na sua esverdeada agonia avolumavam até ás proporções de conflitos insanáveis, avivando a saudade que nunca fenecera no seu pobre coração pungido de amarguras e desenganos.

Além dos casos da sensibilidade pessoal de Morais, fácilmente afectada por qualquer ligeira beliscadura ou incompreensão momentanea, próprio quanto a Camilo Pessanha havia, entre aquilo que os afastava, como factor susceptível de desentendimento, a desenvolver um antagonismo insanável, a posição de ambos em face dos povos do Extremo Oriente pelos quais cada um deles se afeiçoou. Pessanha apreciava a civilização chinesa com esclarecido espírito interpretativo, a ponderação e a penetrante subtileza de um talento perscrutador, estruturado na cultura ordenada, de apurado sentido crítico. E o intelectual dedicava aos Chineses compreensiva e fraternal simpatia, envolvendo-os no amplo conceito de dignidade humana com que o homem superior distingue o semelhante.

Contudo, embora o poeta, o pensador, tivesse os seus ideais, os sonhos que tocavam o excelso, o homem não se libertara das inferioridades lamentáveis, que, por vezes, lhe enegreciam a alma. A par da admiração pela arte, a cultura, a filosofia da China milenária, da sincera estima pelo povo, havia nele — reminiscências da acentralidade remota — a invencível incompatibilidade rácica, que a consciência esclarecida fazia por neutralizar, mas sem poder dominar o asco instintivo ao *Amarelo*.

A posição de Venceslau de Morais, em relação aos povos do Extremo Oriente, divergia em absoluto de Camilo Pessanha. Nipónamo exaltado, idólatra e incondicional partidário do poderio agressivo do Japão imperialista, que admirava com apaixonado fervor até o extremo facciosismo, tratava a China e os Chineses, nos seus escritos, com impressionante desprezo e acirrada e injusta antipatia, não lhe inspirando a miséria da pobre gente obscura e sofredora mais do que um repulsivo *enjoo amarelo*.

O feitio sarcástico de ambos e o azedume refervente em Morais, neurótico, impulsivo, conflituoso, criaram as complicações e o atrito. Mas não houve ponto de honra ou ofensa grave nas questões pessoais que os agastaram, pois o autor do «Dai-Nippon», propenso ao ressentimento, aos persistentes despeitos, deixou sempre transparecer, com mágoa íntima pelo apartamento e a votiva admiração pelo poeta, o interesse, a simpatia, o afecto que dedicara aos velhos amigos — *duas grandes saudades* inalteráveis.

CESAR DOS ANTOS

(De um ensaio sobre o Drama de Lafcadio Hearn e Venceslau de Morais no Japão).

BOAS-FESTAS

COM VINHO DO PORTO:

o presente que todo o mundo aprecia

Figueiroa Rego, L.da

RUA DA PRATA, 209 a 213

RUA DA ASSUNÇÃO, 34 a 38

LISBOA

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos desejam Boas-Festas e um Ano Novo muito próspero.

Restaurante Palmeira

Rua do Crucifixo, 69 a 73

Telefone 28372

A Gerência e empregados cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Em ALGÉS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na AGÊNCIA CULTURAL, Avenida Combatentes da Grande Guerra.

ARTIGOS PARA BRINDES
DECORATIVALAR
J. R. ASCENÇO
Louças, Vidros, Talheres e Utilidades
108, Calçada da Estrela, 110 — Telef. 664826 — LISBOA
1, Rua de S. Bernardo, 3
Cumprimenta os Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

ALFAIATES, COSTUREIROS E CAMISEIROS
ALFAIATARIA DANDI, LIMITADA
AV. ALMIRANTE REIS, 75, 1.º D. — TELEF. 52102
Cumprimentam os seus Ex.mos CLIENTES e AMIGOS, desejando-lhes FESTAS FELIZES, e participam que reabriram o seu estabelecimento com orientação técnica de Jorge Pinto.

Ferragens e Ferramentas
RAFAEL LOPES, LDA.
Rua de S. Paulo, 43-47—Travessa dos Remolares, 50 a 52
— LISBOA —
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

Cordeiro & Domingues, Lda.
R. Poço dos Negros, 155-157 — Telefone 66 3694
ARMAZENISTAS DE BACALHAU, ARROZ E LEGUMES
Cumprimentam e desejam Festas Felizes e Ano Novo cheio de prosperidades aos seus Ex.mos Clientes.

CASA RIBEIRO
SIRGUEIRIA
Rua Ivens, 48 — LISBOA — Telefone 366708
Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um feliz Natal e um Ano Novo muito próspero.

Sapataria Versailles
RUA DE SANTA JUSTA, 96
Cumprimenta os seus amigos e clientes desejando-lhes um Novo Ano muito próspero.

Carlos Martins
Deseja Boas Festas e um Ano Novo muito feliz aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

D. J. SILVA, LTD.
VINHOS DE COLARES V. S. (VISCONDE SALREU)
Rua Barata Salgueiro, 15, 1.º
Deseja Boas Festas a todos os seus estimados Clientes e Amigos e um Novo Ano repleto de prosperidades.

A FLÔR DO INTENDENTE
RUA DA PALMA, 318 e LARGO DO INTENDENTE, 59
TELEFONE 52761
CERVEJARIA DAS BEIRAS, LDA.
RUA DO BENFORMOSO, 282 — TELEFONE 730318
PRIMAVERA DO BENFORMOSO
RUA DA PALMA, 316 e RUA DO BENFORMOSO, 225
TELEFONE 52761
Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um novo Ano próspero.

EXACTA LDA.
OCULISTA
Depositária das lentes Zeiss
R. DAS PORTAS DE SANTO ANTAO, 50 — Telef. 27932
Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos um Feliz Natal e próspero Ano Novo.

Farmácia Ferrão, L.da
Desejais um ano com satisfação aplicai o famoso *Calicida Ferrão*
Director técnico *G. H. Louraço*
RUA DA MOURARIA, 12 A 16
Deseja a todos os Ex.mos Clientes e Amigos um Novo Ano muito próspero.

MAGINA
Restaurante, Cervejaria e Tabacaria
Esmerado serviço — Vinhos especiais—aperitivos escolhidos
Largo do Regedor, 17
R. das Portas de Santo Antão, 9
Deseja aos seus estimados clientes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

IBAC
INSTITUTO DE BELEZA E ARTE COSMÉTICA
Praça do Chile, 7, r/c
Telef. 53327
A gerência e o seu pessoal desejam a todas as suas Ex.as Clientes, um Natal Feliz e Ano próspero.

Domingos Dias Junior
Casa fundada há 100 anos
Calçada do Combro, 20 — LISBOA. Executa com perfeição qualquer trabalho em Joalharia, Ourivesaria, Prataria, Relojoaria, Aparelhos de precisão, Grafonólas, etc., etc.

Lanifícios de Coimbra, Ltd.
MATOS MENDES
Rua dos Fanqueiros, 240-242 e mesma rua, 215
Telefone 23738
Deseja muito Boas Festas e um ano feliz a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos.

Santos, Catita, Limitada
OURIVESARIA - JOALHARIA
R. Eugénio dos Santos, 44
Desejam a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos festas felizes e um ano de prosperidades.

A. S. Baeta
OURIVES-JOALHEIRO
65 — Rua do Ouro — 67
Deseja Boas Festas e um Ano feliz a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

Auto Cais Sodré, Lda.
Praça Duque da Terceira, 9
Telefone 2 6733
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.

A União
Fábrica de Espelhos de ANTÓNIO DA SILVA DORES, LD.a
R. Luz Soriano, 23-A
Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos boas festas e um novo ano próspero.

Lâmpadas LUMIAR
Motores ENAE
A Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica deseja a todos os seus Ex.mos Amigos e Clientes muito Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

Rolamentos e chumaceiras
STEYR
PRAZERES & GOMES
TELEFONES 660017
LISBOA — Rua da Boa Vista, 51-53
Desejam Boas Festas e um ano feliz a todos os seus clientes e amigos.

Manuel Maximiano Marques
SUCESSOR DE
Manuel Marques & Adrião
19 — Rua Nova do Desterro — 27
Deseja aos Ex.mos Fregueses e Amigos, Boas Festas e um Novo Ano próspero.

J. V. Feijó, Limitada
Ourivesaria e relojoaria
Desejam festas muito felizes aos seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores e um Novo Ano muito próspero.
RUA DA PRATA, 299 a 303
PRAÇA DA FIGUEIRA, N.º 18-A
TELEFONE 21896 **LISBOA**

Casa MAX
183-A — R. D. ESTEFANIA — 193-F
2-A — AV. PRAIA DA VITÓRIA — 2-D
Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano Feliz.

Almeida & Viana, L.da
(UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL)
DA MARCA **BIZERBA**
RUA DAS FLORES, 94-96
Cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos, desejando-lhes um Novo Ano feliz.

COSTA & DIOGO, LDA.
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 4-A, 4-C — Telefone 43315
Depósito de Tabacos Nacionais e Estrangeiros
Sucursal — TABACARIA NINA — Avenida Almirante Reis, 2-G
Desejam Boas Festas e Ano próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

«Agricultural Summer»

AGRO, LDA.

71-A — RUA DE SÃO PAULO — 71-B

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e feliz Ano Novo.

A. M. SILVA

ARMEIRO

Cumprimenta, desejando aos seus amigos e clientes Festas Felizes e próspero Ano Novo.

Rua da Betesga, 1
L. Praça da Figueira, 17, 2.º — LISBOA
Telefone 31313-31314

TINTURARIA PIRES BRANCO

FUNDADA EM 1835

45 — CALÇADA DO CARMO — 47

(Em frente á Estação do Rossio)

Telefone 21860

Deseja muito Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

JOSÉ MARIA GOMES & IRMÃO

ARMAZÉM DE SUCATAS

Novas instalações: Rua do Arco — Alcantara, n.os 34-46
LISBOA — Telefone 66614/33191

Compra e vende aos melhores preços toda a qualidade de sucatas de ferro e metais

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, umas Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

ADÃO

CAMISEIROS — Rua Augusta, 240 — Tel. 366118 PPC

Aos Ex.mos Clientes desejam Boas Festas e Feliz Ano Novo

Organizadora de Leilões, Lda.

Leilões em todos os géneros

Escritório e Armazens

RUA ALVES TORGO, 18 — Telef. 73 04 12 — LISBOA

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

Auto Guerra Junqueiro

de TEIXEIRA & COUTINHO, LDA.

AGÊNCIA OFICIAL «SKODA»

AUTOMOVEIS E FURGONETAS DE VARIAS MARCAS E MODELOS

Avenida Guerra Junqueiro, 1-B e 1-C—Telefone 721906—LISBOA

Dominguez & Lavadinho, L.da

Desejam aos seus prezados clientes e amigos um novo ano muito próspero.

Rua da Assunção, 79 a 85
Rua dos Sapateiros, 135 a 143
LISBOA

Viuva José da Silva, Lda.

SERRALHARIA MECANICA
156, Rua de S. Lázaro, 158
Telefone 52666

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um ano feliz.

CARIMBOS DE BORRACHA E METAL — NUMERADORES E DATADORES

A. S. MUSGUEIRA, Lda.

R. Augusta, 108 — LISBOA
Telef. 2 65 03

Deseja Boas-Festas aos Ex.mos Clientes.

A. NEGRITA Lda.

Fábrica de Torrefacção e Moagem

Rua Maria Andrade, 18—Lisboa
Telefone 843653
Teleg.: TORREFACTOS

Cumprimenta os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes um feliz Ano Novo.

Zacarias C. Franco

GRAVADOR

CARIMBOS-GRAVURAS

Telefone 30956 — 6, Rua da Vitória, 6—(Junto á Rua dos Fanqueiros) — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e Feliz Ano Noco.

Carlos Neves

GRAVADOR

FÁBRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GÉNEROS
Rua Augusta, 177 — LISBOA
TELEFONE 2 0138

Felicita todos os seus Amigos e Clientes e deseja-lhes festas felizes e um Novo Ano próspero.

COELHO

PELEIRO

Rua dos Retroseiros, 85

Desejam a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas-Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades.

LANIFICIOS

Nova Lisboa

Casacos, Tailleurs, Samarras, Gabardinas, Sobretudos, Casacos Sport

125, R. dos Fanqueiros, 127
Telef. 20261 — L I S B O A

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal Feliz e um Novo Ano cheio de prosperidades.

JESUS AMOEDO GARRIDO, LDA.

RUA DA MADALENA, 54
Telefone 29655

Com loja e armazens de sacaria, cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

H. VAULTIER, & C.A

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

CALEÃO

MARTINS & ROCHA, LDA.

Deseja Boas Festas, e um Ano Novo muito Feliz aos seus clientes e amigos

«O TRABALHO»

Companhia de Seguros

Deseja a todos os seus Ex.mos Segurados, Congéneres, Delegados, Agentes e Colaboradores, um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

EVARISTO DOMINGUES, LDA.

Avenida D. Carlos I, 75 e 77 — LISBOA

TELEFONE 662227 — Endereço telegráfico BACALHAU

Deseja Festas Felizes aos seus Ex.mos Clientes e Amigos e um Ano próspero.

GELOSIAS, LDA.

ESTORES

Deseja Festas Felizes e um Ano Novo próspero a todos os seus Amigos e Clientes.

RUA MARIA ANDRADE, 11 **TELEFONE 84 61 02**
AV. GOMES PEREIRA, 105 **TELEFONE 78 04 07**

FRITZ CAMISEIRO

RUA DA ASSUNÇÃO, 42

Deseja aos seus Amigos e Clientes Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

Soares & Rebelo, Lda.

Especialistas de sementes de hortaliças, flores e pastos

Rua do Amparo, n.º 2 — LISBOA

Desejam a todos os seus Amigos e Clientes Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

Artísticos ramos de noiva

FLORISTA CHIC

SEMPRE AS MAIS LINDAS FLORES

POÇO DO BORRATÉM, 16 — Telefone 866017 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos clientes festas felizes

A GERÊNCIA DAS

Tinturarias Unidas de Portugal

Sede: Rua Tomás da Anunciação, 38-A — Tel. 665567; com as suas sucursais na Rua Maestro António Taborda, 64, 64-A—Telef. 666435, Rua Sant'Ana á Lapa, 158-B — Telef. 666995 e Rua Infantaria 16, n.º 77-A — Telef. 687157

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

Agência de Anúncios EVA

Rua Nova do Almada 68 Telef. 22250 24824 — LISBOA

Cumprimenta os seus prezados clientes e amigos desejando-lhes Festas muito felizes.

Grande Armazém de Víveres

de JERÓNIMO TAVARES DA SILVA

Cumprimenta todos os seus Excelentíssimos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo feliz.

278 Rua da Prata, 288 (Esquina da Rua da Betesga)
Telefone 22345

Torre Eiffel

CAMISARIA, GRAVATARIA E NOVIDADES

104, Rua do Carmo, 106

Desejam Boas Festas e Ano Feliz aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos

OS GERENTES DA

Discoteca Universal, L.da

RUA DO CARMO, 51-C PRÉDIO NOVO
TEL. 34726 LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, BOAS FESTAS e um novo Ano repleto de FELICIDADES.

Almeida & Viana L.da

(ÚNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL)
DA MARCA BIZERBA

RUA DAS FLORES, 94-96 — L I S B O A — TEL. 28932

Cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos, desejando-lhes um Novo Ano feliz.

Pastelaria S. João, Lda.

AV. PARIS, N.º 3-A — TELEF. 725600

A GERÊNCIA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano próspero.

AFONSO SERGIO & C.A

Funileiro, Canalizador, Torneiro de Metais e Electricista
NIQUELAGEM E CROMAGEM

12-A, 12-B, Rua Edite Cavel, 14-A, 14-B — Lisboa — Telef. 849435

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e Ano Novo muito próspero.

MARQUES, SEQUEIRA, LDA.

ARMAZEM DE LANIFICIOS

Telefone 28851 Praça da Figueira, 4-2.º

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Armazéns da Betesga, Lda.

Praça da Figueira, 15 e 15-A
Telefone 21898

Rua dos Douradores, 222-1.º

ARMAZEM DE FAZENDAS POR ATACADO

COMPLETO SORTIDO EM LÃS, ALGODÕES, SEDAS, MALHAS, CAMISARIA

Desejam aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos, Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

Confeitaria Primor

DE

RIBEIRO & ALVES, Limitada

Pastelaria, Confeitaria e Conservaria. — Serviço de lanches para casamentos, baptizados, ceias e banquetes

101, Rua dos Cavaleiros, 103
Telefone 28238 LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e Novo Ano próspero.

A. da Cunha Rosa

FOLHA, CHUMBO, ESTANHO, ZINCO, CHAPA ZINCADA E ARCO PARA EMBALAGENS

RUA DA PRATA, 56 — Telegramas: ROSAFOLHA
Telef.: 2 67 44 — LISBOA

DROGARIA DE

Viúva Coelho, Lda.

(Antiga Casa Pimenta)

Óleos, tintas, pinceis, gessos, vernizes, anilinas, petróleo, camurças, perfumarias e produtos químicos

38-E, Calçada do Combro, 38-F

TELEFONE 21168

DUCAL

CAMISARIA — CHAPELARIA

Deseja a todos os seus Ex.mos
RUA AUREA, 190 e 192

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

Francisco Pinto, L.da

Proprietário da Casa do
PÃO DE LÓ

77 — RUA DA PRATA — 79
Tel. 25989

Deseja a todos os Ex.mos Clien-Clientes e Amigos Festas felizes e novo ano próspero.

ARMAZENS DE PARIS, L.da

R. dos Fanqueiros, 217 — 219
Telef. 24926

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal feliz e um Novo Ano cheio de prosperidades.

ALFAIATES
LANIFÍCIOS
CONFECÇÕES

Borges & Saraiva, Ld.

Desejam a todos os Clientes umas Festas Felizes.

203, Rua dos Fanqueiros, 205
Telefone 2 90 00 — LISBOA

pelaria pampas

Carlos Martins, Lda.

Deseja Boas-Festas e um Ano Novo muito feliz aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

CASA Gama L.DA

LOTARIAS

RUA DO AMPARO, 1-B — LISBOA

Deseja Boas Festas e um Ano cheio de prosperidades aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

Perfumaria «VOGUE»

RUA DO OURO, 254

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

SAPATARIA PRESIDENTE, LTD.

Rua 1.º de Dezembro, 11 a 13 — LISBOA — Telef. 23770

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um Novo Ano próspero.

Casa Travassos, Ltd.

RUA DA PALMA, 43 — ROSSIO, 42 e 43

Cumprimenta os seus numerosos Amigos e Clientes, desejando-lhes um Natal feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

SOUSA

Cumprimenta afectuosamente as suas excelentíssimas clientes, desejando-lhes um Natal alegre e um Novo Ano muito próspero.

CHIADO, 76-78 — LISBOA — Telefones 29101-33439

TREZENTOS

CAMISARIA

RUA DO CARMO, 100

Cumprimentam os seus clientes e amigos com desejos de Boas Festas e Ano Novo muito feliz.

OURIVESARIA DO DUQUE

CAIÇADA DO DUQUE, 19-B (próximo á estação do Rossio)
Telefone 36 86 30 — LISBOA

OURO — PRATA — JOIAS

A casa que mais barato vende relógios das melhores marcas
Executa com a maior brevidade todo o trabalho de ourivesaria

Desejam aos seus Amigos e Clientes Festas felizes e um Ano Novo próspero.

O presente dos reis Magos

(Continuação da 39.ª página)

— Não os procures, — respondeu Della. — Repito-te que estão vendidos... Vendidos... E pagos, se isso te interessa... Esta noite é a consoada, meu querido... Não vais ficar com cara zangada, visto que os vendi por tua causa... Tu sabes, —acrescentou com uma gravidade e uma doçura inefáveis que teriam conquistado o coração mais ciumento—os cabelos da minha cabeça não estavam contados; mas quem poderá contar o amor que tenho por ti?!... Jim! Posso cozer as costeletas?...

Saindo enfim do seu estado de transe, Jim voltou a ser o Jim normal. Apertou a jovem nos braços apaixonadamente.

Voltemo-nos e durante dez segundos admiremos discretamente o vaso imitando Sèvres que enfeita o aparador na direcção oposta. Um quarto a oito dólares por semana ou um palácio que custa um milhão por ano? Quando o amor entre nele, quando o amor nele floresce, qual é a diferença? Um matemático, um homem de espírito, podiam tentar resolver o problema e encontrar-lhe-iam uma solução... que seria, naturalmente, falsa. Como não somos matemático nem homem de espírito, contentemo-nos com a nossa imaginação. Os reis Magos, como todos sabem, tinham trazido com eles as dádivas mais magníficas; mas a mais bela das dádivas, aquela em que pensamos, não estava nos seus cofres, nem nas suas sacolas. Na continuação compreender-se-á isto mais claramente.

Jim tirara um pacote do bolso interior do sobretudo. Poisou-o desajeitadamente em cima da mesa.

— Não te enganes, Della. Pelo que me diz respeito, não é um corte de cabelos nem uma ondulação nem um «shampoing» que poderão fazer com que te ame menos. Mas, se queres abrir este pacote, compreenderás imediatamente porque durante um momento eu pude parecer-te um imbecil...

Dedos impacientes e ágeis depressa desamarraram o pacote. Ah! aquela guita! E tanto, tanto papel!...

Della soltara um grito de alegria. Mas ai, esse grito foi imediatamente seguido por gemidos prolongados... Foi necessário todo o amor, todaa ternura de que ela era capaz, para evitar qualquer nova desgraça... Della soluçava agora e as lágrimas banhavam-lhe o rostozinho ardente. Porque em cima da mesa estavam, esplêndidas, as travessas: as duas travessas para a frente e para trás da cabeça que Della pudera admirar na montra de uma loja da Broadway e que há muito desejava apaixonadamente. Agora estavam ali, diante dos seus olhos, em sua casa. Que travessas magníficas, na verdade! A tartaruga era translucida; as joias que a guarneciam eram extremamente belas; o seu tom harmonizava-se perfeitamente com os cabelos que deviam enfeitar... Aquelas travessas tinham custado muito caro, Della sabia-o; lembrava-se como o seu coração fora invadido, ao vê-las, por uma inveja secreta e infernal; e quantas vezes se desviava do seu caminho para ir contemplá-las, tão próximas e tão fora do alcance para as suas mãos. Teria sido louca se pensasse que elas podiam algum dia ser suas. Louca ia-se ela tornar agora que, sendo suas as travessas, já não existiam as tranças sumptuosas que elas iam adornar...

Della apertou o presente contra o peito. Levantou a cabeça com dificuldade e, murmurou, esboçando um débil sorriso:

— Os meus cabelos crescem tão depressa, Jim!

Depois soltou dois gritinhos:

— Oh!... Oh!...

Acabava de se lembrar de que Jim não vira ainda o seu presente. Estendendo a mão aberta, como o teria feito uma criança tímida, mostrou-lho. Toda ela irradiava uma tal felicidade que na palma delicada a corrente de metal precioso pareceu ter um novo brilho.

— Que bonita corrente, não é, Jim? Corri toda a tarde para a encontrar. Ah, agora poderás ver as horas cem vezes por dia, se te apetecer... O teu relógio... Dá-me o teu relógio... Quero ser eu própria a prendê-la.

Em vez de obedecer, Jim deitou-se no divã e cruzou as mãos por baixo da cabeça.

— Della — disse, numa voz que queria tornar firme — vamos pôr de lado durante algum tempo os nossos presentes de Natal... São na verdade belos demais. Vendi o relógio para poder comprar as travessas... Se agora tu pusesses as costeletas ao lume?...

Os Magos inventaram a arte de dar presentes pelo Natal... ou no dia de Ano Novo. Os que eles deram eram sem duvida presentes de valor.

Mas estas duas crianças ingénuas que, com a imprudência própria da sua idade sacrificaram uma á outra tesouro mais precioso, mostraram-se mais magnificentes do que os Magos. De todos aqueles que deram e que hão-de dar, que receberam e que hão-de receber um presente, foram eles e ficá-lo-ão sendo os mais ajuizados, porque sabiam que, se receber é uma alegria, dar é uma alegria maior ainda.

A' margem da semana

Circulo Musical

Completou o Círculo de Cultura Musical vinte e cinco anos de bons serviços, prestados a todos que consideram a arte musical necessária á vida, a esse gozo elevado e subjectivo, que é ao mesmo tempo instintivo e espiritual, que cada um sente a seu modo, com as suas preferências, mas entusiasma, consola, suaviza mágoas, traduz alegria ou tristeza, que nos faz sorrir e chorar, e que é a mais sugestiva de todas as artes, a mais universal, pois não precisa de ser traduzida e traz ao nosso coração a voz do Mundo inteiro, com os seus anseios, as suas dores, as suas paixões...

Temos seguido atentamente estes vinte e cinco anos da vida do Círculo, pertencemos ao numero dos sócios fundadores, a convite da saudosa senhora e artista que foi Elisa de Sousa Pedroso. Recordamo-la sempre com admiração, não só como pianista eximia, mas pela sua energia e vontade em fundar esta obra que tem levado a cultura musical não apenas ás cidades do continente, mas ás nossas ilhas e províncias ultramarinas.

A quantos concertos temos assistido, com solistas e maestros notáveis, e a alguns deles se seguia recepção dos artistas e de alguns convidados em casa da presidente do Círculo, dando-nos horas encantadoras, no convívio de pessoas das mais afamadas no mundo artístico!

No primeiro concerto desta temporada, como princípio ouvimos a consagrada orquestra de Bamberg, dirigida pelo notável maestro Rudolf Kempe, em S. Carlos. A unidade da orquestra, a perfeita execução, a qualidade do som e a expressiva regência encantaram-nos deixando-nos profunda impressão.

No intervalo, o Círculo de Cultura Musical foi condecorado pelo Chefe do Estado, que assistiu ao concerto. A honra, assim dispensada, abrangeu todos que nesta obra têm trabalhado com competência e boa vontade.

Cumprimentamos o actual presidente, duque de Lafões, e desejamos ao Círculo a brilhante continuação das suas temporadas, para nosso contentamento e para bem da sua acção artística e salutar, pois a boa arte dá grande contributo para a elevação humana, pela sua influência benéfica, espiritual e civilizadora.

MARIA DE CARVALHO

António A. Teixeira, Ldá.

IMPORTAÇÃO

Bebidas nacionais e estrangeiras

e Produtos alimentares

EXPORTAÇÃO

81, Rua Damasceno Monteiro, 83 — Tel. 842299-841953

— LISBOA —

E SUAS REPRESENTADAS

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, agradecendo as atenções dispensadas e desejando FESTAS FELIZES e um **Ano Novo** muito próspero

Sempre novidades aos melhores preços do mercado

TUDO PARA DECORADORES E ESTOFADORES

SÓ PARA REVENDA

Jorge Ferreira & Carvalho, Lda.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 16-2.º

Telefone 23072 LISBOA

Manuel da Costa

OFICINA DE PINTURA

Letreiros, Tabuletas, Brasões, Monogramas a Ouro e Prata

4, Travessa do Carmo, 4

(Próximo do Chiado)

Telefone 28327 — LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um Natal feliz e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Banco Borges & Irmão

S. A. R. L.

PORTO LISBOA

Instituição fundada em 1884

Capital e Reservas — Esc. 134.000.000$00

Dependências no Porto — Bonjardim (Casa Antiga) — Sá da Bandeira — Infante D. Henrique — Costa Cabral — Campanhã — Carvalhido — Foz do Douro — Boavista — Carlos Alberto e Costa Cabral (Areosa)

Dependências em Lisboa — Praça dos Estados Unidos da América — Avenida Fontes Pereira de Melo e Rua Pascoal de Melo.

AGÊNCIAS — Braga, Setúbal, Ovar, Matosinhos, Amarante, Lourosa e Gondomar — POSTO em Vilar Formoso.

Correspondente no Rio de Janeiro — **Banco Borges**

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Manuel J. Monteiro & C.ª, Lda.

UTILIDADES ELECTRO-DOMÉSTICAS E DE GÁS

REPRESENTANTES DAS MARCAS:

PRESTOVATE * COLUMBUS

ELTROLUD * VAILLANT

BACKOFIX * FRI-FRI

SCHOTT * FALKS

JUNEX * JUNO

DESEJA BOAS FESTAS E UM ANO PRÓSPERO AOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS

Telef. 366061 — Telegramas « M O N G O »

L I S B O A — RUA DOS CORREEIROS, 140

Empresa Industrial de Tintas, Lda.

FÁBRICA PORTUGUESA DE TINTAS DE IMPRESSÃO

Rua da Cascalheira, 33 – Alcantara – Lisboa

Tel. 638008